



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**

**A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA-INSTITUIÇÃO
E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**

LINHA DE PESQUISA: Educação, Sociedade e Cultura

FABIANE DE OLIVEIRA CORDEIRO

**Goiânia
2018**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**

**A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA-INSTITUIÇÃO
E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**

Esboço de Dissertação apresentado como requisito parcial à obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, sob a orientação do Prof. Dr. **Romilson Martins Siqueira**, na linha de Pesquisa “Educação, Sociedade e Cultura”.

**Goiânia
2018**

C794f

Cordeiro, Fabiane de Oliveira

A função social da escola[recurso eletrônico]: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada/ Fabiane de Oliveira Cordeiro.-- 2018.
258 f.; il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018
Inclui referências f. 172-188

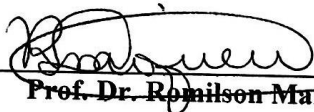
1. Escolas - Função social - ensino fundamental.
2. Família - Escolas - Crianças. 3. Família - Aspectos sociológicos. 4. Família - Instituição. I.Siqueira, Romilson Martins. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 37.064(043)

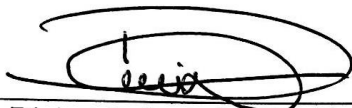
**A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA-INSTITUIÇÃO E SUAS
TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 13 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues / PUC Goiás



Profa. Dra. Sheila Santos de Oliveira / IFG



Prof. Dr. Rodrigo Fideles Fernandes Mohn / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Daniela da Costa Britto Pereira Lima / UFG (Suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, João Cordeiro Sobrinho e Joana de Oliveira Cordeiro.
Sem vocês, esse sonho não seria possível. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, ao grande mestre, àquele que me pegou na mão, me carregou no colo e me trouxe até aqui.

Gratidão aos meus pais, João Cordeiro Sobrinho e Joana de Oliveira Cordeiro, pelo amor, carinho, pela paciência, por terem acreditado no meu sonho e me apoiado na realização deste.

Gratidão à minha irmã de sangue, Adriana de Oliveira Cordeiro, que nos bastidores me auxiliou na realização desse mestrado.

Gratidão à minha irmã de coração, Luciana Santos Andrade, por tantas conversas e pelo apoio nos momentos de angústias

Gratidão a meu filho, Luis Augusto Cordeiro Sena. Minha ausência e a minha falta de paciência não eram entendidas, mas saiba que essa determinação, esse esforço, foi sempre pensando em você. Te amo muito!

Gratidão ao meu esposo Leonardo Alves de Oliveira Sena, pelo amor e pela paciência, por compreender as minhas ausências e, mesmo não as compreendendo, mesmo assim esteve presente.

Gratidão aos meus sobrinhos, João Guilherme Cordeiro Nogueira e Ana Beatriz Cordeiro Nogueira, pelo carinho e pela paciência.

Gratidão eterna ao meu orientador, Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira, pela dedicação, paciência, pelo apoio, pela confiança e por ter possibilitado uma nova visão de educação e dos estudos das crianças.

Gratidão à Profa. Dra. Sheila Santos de Oliveira e aos professores doutores, Divino de Jesus da Silva Rodrigues e Rodrigo Fideles Fernandes Mohn, que muito contribuíram com seu conhecimento, sua sabedoria e seus apontamentos valiosos para o aprimoramento desta dissertação.

Gratidão à amiga Vilma Ribeiro de Almeida, pelo ombro amigo, incentivo e pelas broncas.

Gratidão ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Cultura e Educação na Infância (GEPCEI), pelos momentos de estudos e pelo aprendizado.

Gratidão aos professores, professoras, colegas e servidores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em especial aos professores da Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura.

Gratidão aos sujeitos da pesquisa: crianças, pais e professores da escola municipal, estadual e privada, pela disponibilidade de tempo e pela contribuição para realização desta pesquisa. Obrigada pelo acolhimento, pela receptividade e confiança durante toda a coleta de dados da pesquisa.

Gratidão aos amigos e amigas da Escola Estadual Major Alberto Nóbrega, que carinhosamente estiveram comigo nesse período.

Gratidão à Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás, pela licença para aprimoramento.

Gratidão a todos aqueles que, embora não nomeados, me brindaram com seus inestimáveis apoios, em distintos momentos: muito obrigada! Todos vocês são coautores deste trabalho.

TOCANDO EM FRENTE

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco sei,
Ou nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia todo mundo chora
Um dia a gente chega e no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

(Almir Sater e Renato Teixeira)

RESUMO

O presente trabalho, inscrito na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Goiás, tem como objeto de pesquisa a função social da escola a partir da relação família-escola. Procura elucidar o problema de pesquisa a partir da seguinte questão: qual a função social da escola nas vozes de diferentes sujeitos que compõem a ação educativa: criança, família e escola? Desta forma, objetiva-se compreender como família e escola atribuem sentido e significado na formação da socialização das crianças. Para entender esses pressupostos, toma-se como referencial de estudos e pesquisa os fundamentos do materialismo histórico-dialético. Os referenciais teóricos que nortearam essa pesquisa foram: Ariès (1981); Pôster (1979); Engels (1984); Saviani (1991, 2000, 2007, 2014); Brandão (2002, 2006); Charlot (1996, 2005, 2013); Foucault (1999), dentre outros com os quais foi possível estabelecer diálogo crítico. Para os procedimentos de coleta de dados foram utilizadas entrevista semiestruturada com pais, professores e grupo gestor e atividades de desenhos e rodas de conversa com crianças do 1º ano do ensino fundamental de escolas pública municipal, pública estadual e particular do município de Goiânia. O trabalho está organizado em quatro capítulos: o primeiro capítulo aborda as construções históricas e sociais da família, escola e infância. No segundo capítulo, toma-se como referência o olhar das crianças sobre a família e sobre a escola. No terceiro capítulo, apreendem-se as questões do olhar dos pais sobre o valor da família e da escola para seus filhos. O quarto capítulo se baseou nas vozes do grupo gestor e dos professores para compreensão do papel da família na relação com a escola e dos sentidos e significados atribuídos a esta pelo olhar da escola. O resultado desse trabalho indicou que, para os sujeitos pesquisados, a escola apresenta como principal função social preparar os sujeitos para o trabalho e, vinculada a isso, uma possibilidade de sucesso pessoal. Reafirma, também, a participação dos pais pela cultura de não participação e reforça a ideia de parentalidade, marcando a identidade do trabalho docente.

Palavras-chave: Função social. Relação família-escola. Família. Escola. Criança.

ABSTRACT

The aim of the present study, registered in the Education, Society and Culture research line of the Post-Graduation Program in Education of PUC Goiás, is to research the social function of the school based on the family-school relationship. It seeks to elucidate the research problem from the following question: what is the social function of the school in the voices of different subjects that make up the educational action: child, family and school? Thus, the objective is to understand how the family and the school attribute sense and meaning to the formation and socialization of children. In order to understand these presuppositions, it takes as reference of studies and research the foundations of historical-materialism dialectic. The theoretical references that guided this research were: Ariès (1981); Pôster (1979); Engels (1984); Saviani (1991, 2000, 2007, 2014); Brandão (2002, 2006); Charlot; Foucault (1999), among others with whom it was possible to establish a critical dialogue. For the data collection procedures, a semi-structured interview was used with parents, teachers, management group and drawing and also conversation activities with children of the 1st year of elementary school of municipal public, state and private public schools of the municipality of Goiânia. The work is organized into four chapters: the first chapter deals with the historical and social constructions of the family, school and childhood. In the second chapter it takes as reference the children's look at the family and at school. In the third chapter the questions about the parents' gaze on the value of family and school for their children are seized. The fourth chapter was based on the voices of the management group and teachers to understand the role of the family in the relationship with the school and of the senses and meanings attributed to it from the school look. The result of this work indicated that for the studied subjects the school has as its main social function to prepare the subjects for work and, linked to this, a possibility of personal success. It also reaffirms the participation of parents in the culture of nonparticipation and reinforces the idea of parenting, marking the identity of the teaching work.

Keywords: Social function. School-family relationship. Family. School. Child.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Família tradicional nuclear – rede estadual	63
Figura 2	Família tradicional nuclear – rede privada	63
Figura 3	Desenho da família criança da rede estadual – Eu, minha mãe, minha irmã e minha avó	65
Figura 4	Desenho da família da criança da rede municipal – Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã	66
Figura 5	Desenho da família criança da rede municipal – Mãe, criança, irmã menor, irmão maior	70
Figura 6	Desenho da família: criança da rede estadual - Criança, mãe, irmão, pai	70
Figura 7	Desenho da família de uma criança da rede privada – Eu, minha mãe, meu pai e minha avó	71
Figura 8	Desenho da família por uma criança da rede municipal – Eu, minha mãe, meu pai e meu cachorro	75
Figura 9	Desenho da escola criança da rede estadual	81
Figura 10	Desenho da escola criança da rede estadual	81
Figura 11	Desenho da escola criança da rede municipal	82
Figura 12	Desenho da escola criança da rede privada	82
Figura 13	Desenho da escola criança da escola municipal	82
Figura 14	Escola para criança da rede municipal	86
Figura 15	Escola para criança da rede municipal	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Desenhos de família: como é constituída a sua família?.....	62
Quadro 2	Concepção de família: quem faz parte da sua família?	64
Quadro 3	Concepção de família: desenhe sua família	67
Quadro 4	Concepção de família: como é sua família?	69
Quadro 5	Concepção de família	71
Quadro 6	Concepção de família: membros da família	75
Quadro 7	Para você, para que serve a escola?	78
Quadro 8	Para você, para que serve a escola?	80
Quadro 9	Importância da escola	83
Quadro 10	Para você, para que serve a escola?	84
Quadro 11	Coisas importantes para se fazer na escola	87
Quadro 12	O que você gosta e o que você não gosta de fazer na escola?.....	89
Quadro 13	O que as crianças pensam sobre a percepção dos pais em relação à escola	91
Quadro 14	O lugar da aprendizagem: quem acompanha a criança	92
Quadro 15	O lugar da aprendizagem na escola: o que é aprender	93
Quadro 16	O lugar dos professores na escola	94
Quadro 17	O lugar dos professores na escola	95
Quadro 18	O lugar dos professores na escola	95
Quadro 19	Concepções de família: o que é família?	98
Quadro 20	Como você vê a importância da família na formação da criança?	100
Quadro 21	Concepções de família: o que é família pra você?	102
Quadro 22	Como você vê a importância da família na formação da criança?	103
Quadro 23	Como você vê a importância da família na formação da criança?	105
Quadro 24	Qual a função social e o significado da escola na educação dos seus filhos?	108
Quadro 25	O que significa a escola para você?	110
Quadro 26	O que significa a escola para você e para seu filho?	111

Quadro 27	Por que a escola é importante para você? E para seu filho?.....	112
Quadro 28	Qual é a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?	114
Quadro 29	Qual a função social (significado) da escola na educação dos filhos?	114
Quadro 30	Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?	115
Quadro 31	O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos?	117
Quadro 32	O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos?	118
Quadro 33	O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos?	119
Quadro 34	O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos?	120
Quadro 35	O lugar da família na escola	122
Quadro 36	O lugar da família na escola: relacionamento família x escola	123
Quadro 37	O lugar da família na escola: participação na escola	124
Quadro 38	O lugar da família na escola: participação da família na escola	125
Quadro 39	O lugar da família na escola: importância da família na escola	126
Quadro 40	O lugar da família na aprendizagem da criança	127
Quadro 41	O lugar da família na aprendizagem da criança: acompanhamento dos estudos	128
Quadro 42	Olhar dos pais: como você acha que a escola vê os pais	128
Quadro 43	Concepções de família	134
Quadro 44	Papel dos pais na vida da criança	137
Quadro 45	O que a família pensa sobre a escola	139
Quadro 46	Concepções de família	142
Quadro 47	Como você vê a importância da família na formação da criança?	143
Quadro 48	Concepções de família	144
Quadro 49	O lugar da escola: a função social	146

Quadro 50	O lugar da escola	147
Quadro 51	O lugar do professor na sociedade, a importância para as famílias	149
Quadro 52	O lugar do professor: importância para as famílias	151
Quadro 53	O lugar da família na aprendizagem das crianças	153
Quadro 54	O lugar da família na aprendizagem das crianças.....	154
Quadro 55	O lugar da família na escola	157
Quadro 56	O lugar da família na escola: estratégias para participação	159
Quadro 57	O lugar da família na escola: o que eles pensam sobre a escola?	161

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
CAPÍTULO I	
FAMÍLIA, ESCOLA E INFÂNCIA COMO CONSTRUÇÕES HISTÓRICOS-CULTURAIS	33
1.1 Família: marcas históricas e sociais	33
1.2 Escola, infância e criança: interfaces em torno da compreensão de família	49
CAPÍTULO II	
“UMA ESCOLA PARA APRENDER E SER ALGUÉM NA VIDA”	59
2.1 Uma família que não cabe no papel: desenhos de família	59
2.2 Estudar, aprender e comportar: a escola na ótica das crianças	76
2.3 O lugar da família na escola: como as crianças veem as expectativas dos pais	89
CAPÍTULO III	
“AINDA SOMOS OS MESMOS E VIVEMOS COMO OS NOSSOS PAIS”	96
3.1 “Porque família é a base de tudo”: afeto, moral e pertencimento, marcando a ótica dos pais	96
3.2 Escola da reparação social e da socialização	105
3.3 “Eles estão no lugar de segundo pai e segunda mãe”: simbiose entre o ofício de pais e o ofício de professores	115
CAPÍTULO IV	
“CRIANÇA NÃO TEM PROBLEMA, CRIANÇA TEM FAMÍLIA”: O QUE DIZEM OS GESTORES, COORDENADORES E PROFESSORES	130
4.1 Entre modelos e papéis familiares: a família na perspectiva da escola.....	130
4.1.1 “Estruturadas e desestruturadas” – rótulos marcando perfis	131
4.1.2 Expectativas marcando a confusão de papéis sociais destinados aos pais	135
4.1.3 Família boa é família que educa	140
4.2 Sentidos e significados atribuídos à escola	143
4.2.1 Uma escola do conhecimento ou do acolhimento?.....	144
4.2.2 (Des) valorização do professor e novas formas de atuação.....	147

4.3 O lugar da família.....	152
4.3.1 Para reforçar a aprendizagem	152
4.3.2 Para participar dos eventos	155
4.3.3 Visto pela ótica da negatividade	159
SÍNTESES E PROBLEMATIZAÇÕES	163
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICES	188
APÊNDICE A: Entrevista semiestruturada gestor, coordenador, professor	189
APÊNDICE B: Entrevista semiestruturada pais/responsáveis	191
APÊNDICE C: Roteiro de condução para roda de conversa com as crianças	193
APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Pais/Responsáveis	194
APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Gestor/Coordenador/ Professor	197
APÊNDICE F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Pais/Responsáveis	200
APÊNDICE G: Autorização de uso de imagens das crianças	203
APÊNDICE H: Termo de Assentimento	204
APÊNDICE I: Síntese da pesquisa: a ótica das crianças	205
APÊNDICE J: Síntese da pesquisa: a ótica dos pais e responsáveis	216
APÊNDICE K: Síntese da pesquisa: a ótica dos gestores, coordenadores e professores	240

APRESENTAÇÃO

[...] as características mais pessoais e particulares da vida íntima do indivíduo permanecem obscuras, somente se tornando sinais significativos quando são remetidas à origem no corpo medicamente significante da família. Logo a família é o segredo do indivíduo (PÓSTER, 1979, p. 22).

O presente trabalho de pesquisa tem como **objeto de investigação** a função social da escola, a partir da relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada.

A **justificativa** para a construção deste trabalho advém do interesse da experiência profissional de 17 anos de trabalho em escolas da rede pública. Nesse período, senti a tensão da relação família-escola pelo olhar de professora, pela escuta como coordenadora e como gestora. Enquanto professora, vivia questionando como os pais viam a escola e qual era o valor da educação na vida de cada um. Enquanto coordenadora e gestora, ouvi os pais, busquei encontrar “respostas” às dúvidas dos professores, mas também vi o despreparo dos pais com a educação dos filhos e os problemas sociais engendrados nas dificuldades apresentadas nessa relação. Essas tensões suscitaram o desejo de entender um pouco do porquê do distanciamento, da não presença, da não participação da família, do sentido e do significado que a escola tem para a família e que a família tem para escola, aspectos essenciais para se consolidar uma ação compartilhada.

Em 2014, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura e Educação na Infância (GEPCEI) da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás, cujo projeto intitulado “O que as crianças pensam sobre o mundo” objetiva compreender quais os sentidos e significados atribuídos pelas crianças e alguns aspectos que revelam o mundo físico e social. A participação e as discussões do grupo geraram mais inquietudes no que tange ao olhar, ao sentido que as crianças apresentam da família, do adulto-criança, da escola e do significado que essas relações trazem.

Já no caso desta pesquisa, muitas são as formas pelas quais se pode apreender a função social da escola a partir de diferentes sujeitos do processo educativo. Todavia, como a opção metodológica desta pesquisa foi dar voz aos sujeitos, não haveria forma de apreensão melhor se não aquela que possibilitasse aprender esta função social a partir dos sentidos e significados que estes sujeitos trouxeram em suas falas.

Isto implica dizer que o objeto da pesquisa, a função social da escola, é constituída e constituinte dos sentidos e significados que os sujeitos constroem historicamente em relação a este objeto. Portanto, esta pesquisa recorre aos estudos vigotskianos para entender as

mediações que envolvem a trama das relações em que esses sujeitos estão inseridos quando nos referimos à relação família-escola. Entende-se, aqui, que a busca pelos sentidos e significados não pode ser vista como formas particulares ou individualizadas a partir das quais cada sujeito vê o mundo. Antes disso, são formas de compreender e ver o mundo e a si mesmos. Assim, toma como ponto de partida as falas e suas formas de sentido e significado. Todavia, o ponto de chegada são os significados socialmente referendados histórica e culturalmente.

Quando se propõe uma reflexão sobre qual sentido e significado da função social da escola, a partir da relação família e instituição, é necessário voltar todos os esforços teóricos para compreender aquilo que constitui as categorias “sentido” e “significado”. Aguiar e Ozella (2006) destacam que estas categorias não podem ser vistas ou compreendidas desvinculadas uma da outra, visto que compõem unidade de contrários. Uma não é sem a outra, embora ambas sejam diferentes e possuam suas singularidades.

Para entendermos o processo de constituição dos sentidos e dos significados, recorreremos aos estudos da Psicologia Histórico-Cultural, tendo como referência os escritos de Vigotski (2001, 2003). Essas categorias ocupam lugar central por serem constitutivas da relação pensamento e linguagem e por exporem aspectos que permitam a constituição do pensamento.

Vigotski (2003) buscou entender as relações entre pensamento e linguagem a partir do estudo da fala, compreendida como algo maior que a palavra. Compreender o significado das palavras requer um exercício elaborado do pensamento, trazendo e utilizando a função da memória.

Para esse autor, o pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da consciência humana. A relação entre pensamento e linguagem não se restringe simplesmente às palavras, mas resulta da interação social com o meio no qual vive, onde vai se transformando ao mesmo tempo em que também transforma a história, a sociedade e a cultura de seu tempo. Logo, a linguagem é considerada primeiramente como instrumento de comunicação e, em seguida, quando apropriada, se converte no desenvolvimento da consciência do sujeito. Deste modo, transformado em linguagem, o pensamento reestrutura e modifica (VIGOTSKI, 2001) o modo ser, pensar e agir do sujeito.

Nesse sentido,

a relação entre pensamento e palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vai e vem do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra passa por

transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema (VIGOTSKI, 2003, p. 157).

Porém, para que essa transição se concretize, é necessário que a palavra passe pela mediação dos sentidos e significados. Os significados correspondem aos produtos da história, que permitem a comunicação, uma vez que se referem aos conteúdos instituídos e convencionados historicamente, ou seja, “para compreender a fala de alguém, não basta entender suas palavras; é preciso compreender seu pensamento, que é sempre emocionado; é preciso apreender o significado da fala” (AGUIAR, 2001, p.130).

Vigotski afirma que “[...] a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio” (2001, p. 398). Para ele, é no significado que ocorre a transição do pensamento para a palavra, sendo definido como um fenômeno verbal e intelectual. O significado de uma palavra está relacionado a uma generalização ou a um conceito.

o significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (VIGOTSKI, 2001, p. 398).

É importante ressaltar que essa relação entre palavras e significados não é fixa, nem imutável, mas depende das produções históricas e sociais vivenciadas por cada sujeito, sofrendo variações de acordo com o contexto.

Quanto ao sentido de uma palavra, este, para Vigotski (2003), é construído social e historicamente, a partir das experiências com o mundo, determinado pela situação imediata e pelo contexto psicológico no qual a palavra está sendo enunciada.

Assim, Vigotski (2001) explica que:

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada.

[...] nunca sabemos o sentido completo seja lá do que for e, conseqüentemente, o sentido pleno de nenhuma palavra. A palavra é a fonte inesgotável de novos problemas. O sentido de uma palavra nunca é

completo. Baseia-se, em suma, na compreensão do mundo e no conjunto da estrutura interior do sujeito (p. 465-466).

Os sentidos não se reduzem aos significados. Estes são mais singulares, subjetivos, possuem uma estrutura semântica própria, são mais flexíveis, aproximam-se mais da subjetividade e expressam todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos do sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Desse modo, para compreender os sentidos e significados da função social da escola pelo olhar da criança, da família e da escola, é necessário conhecer os sujeitos em suas condições sócio-históricas por uma concepção que considere a unidade simbólica e emocional além da experiência social, em uma relação na qual o pensamento não seja concebido como uma função cognitiva, mas sim como uma função de sentido do sujeito com base no que já é partilhado na cultura.

A partir do exposto, depreendemos que a pesquisa trabalha em uma perspectiva de compreender a criança, a família e a escola em um contexto sócio-histórico. As mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas no mundo contemporâneo, relacionadas principalmente à globalização, têm interferido na função social do papel da família, o que impacta diretamente nas relações estabelecidas na escola. Do ponto de vista científico, essa relação tem sido fonte de pesquisas em diferentes campos disciplinares, como o da história, da ciência social, da psicologia e, principalmente, da sociologia.

A família e a escola são as principais instâncias sociais nas quais a criança está inserida e no interior das quais se constroem os processos de sua socialização, primariamente no meio familiar e, secundariamente, na escola. Durkheim (1978) define assim a socialização:

ação, exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente, se destine (p. 4).

Cunha (2000), considerando que tanto a família como a escola são instituições sociais, propôs uma significação para família e a escola embasada justamente nesse caráter comum de ambas, “imbuídas da missão de conduzir pessoas, levando-as do lugar e do estado em que se encontram no presente para um espaço futuro, supostamente melhor, mais desejável, superior” (CUNHA, 2000, p. 447).

Ao longo da história, a relação entre essas a família e a escola nem sempre ocorreu de modo harmônico e em complementaridade. Tal relação é vista ainda hoje como um desafio e vem sendo modificada segundo o contexto social e de acordo com as mutações vivenciadas tanto pelas famílias quanto pelas escolas.

Mas quais apontamentos permitem justificar a pesquisa? Primeiro pela importância que a escola exerce na vida da criança e o papel que tem na família. Neste sentido é primordial escutar a família, a escola e a criança sobre o que cada uma pensa sobre a outra e qual o papel que a família e/ou a escola tem no processo formativo/socializador da criança. Da mesma forma, há que se investigar: qual o sentido da escola para as famílias? Qual o sentido das famílias para a escola? Qual o sentido que a criança apresenta na relação entre a escola e as famílias? Qual o sentido do papel social da família e da escola e quais são suas participações nesse processo?

Para a construção do **estado do conhecimento** sobre o tema, ressalta-se o momento de levantamento e análise desse objeto nas produções acadêmicas. É importante destacar que, no âmbito desta temática, vários estudos já foram realizados. A partir da busca por trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* inscritos no banco de teses da Capes, compreende-se como outros estudos abordaram a criança, a família, a escola e suas relações. A busca no acervo da Capes objetivou facilitar o acesso as informações sobre teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação do país que fazem parte do Portal de Periódicos da Capes/MEC. Para a construção do estado de conhecimento sobre o tema, realizou-se o levantamento das produções realizadas e inscritas em um período de cinco anos (2011 a 2016), e foram estabelecidas as seguintes palavras-chave: infância, criança, família, escola, função social, sentido e significado. Encontraram-se os seguintes trabalhos:

✓ A tese de Gilmar Lupion Moreno, defendida em 2012, com o título *A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina*. O objetivo da pesquisa foi investigar como os professores, as famílias e a equipe gestora concebem a relação entre si e quais as estratégias que a escola usa para viabilizar a parceria entre escola e família. A pesquisa foi realizada em uma escola privada e outra pública. Na escola pública, mostrou-se que, diante da diversidade de arranjos familiares existentes, a escola sente necessidade de discutir com os professores e a equipe técnica para que as crianças e suas famílias recebam um tratamento respeitoso e adequado, independentemente de sua especificidade. Ressaltou-se que a informação e a comunicação, juntamente com a tarefa de casa, ainda são os instrumentos que garantem a

participação e a confiança dos pais com a escola. Na escola particular, a pesquisa mostrou ações criativas de participação das famílias, porém ainda existe uma lacuna nessa participação. Suscitou-se, ainda, nas famílias, uma necessidade de formar um grupo de pais, almejando criar um espaço a mais para trocarem ideias sobre a educação de seus/suas filhos(as).

✓ A tese produzida pela pesquisadora Lúcia Aparecida Parreira, com o título *Famílias e Educação: parceiras?* teve a pesquisa realizada em 2013 e teve como objetivo refletir, pela da ótica das famílias, o espaço da educação infantil como espaço de participação ativa das famílias no processo educacional de seus filhos. Essa pesquisa qualitativa busca subsídios para uma reflexão sobre a importância da parceria entre as famílias e a escola na formação integral do ser humano, iniciada na educação infantil, primeira etapa da educação básica. A autora optou pela educação infantil, pois é o primeiro espaço de educação e cultura no qual as famílias participam, vendo neste uma oportunidade de demonstrar a possibilidade de efetivar ações efetivas de uma cultura de participação. Neste sentido, o trabalho concluiu que existe uma possibilidade de construção de cultura participativa dos pais por meio do conhecimento da história das famílias. Para realização da pesquisa, entrevistaram-se as famílias das crianças de 0 a 5 anos, atendidas no Centro Municipal de Educação Infantil do município de Barretos, São Paulo.

✓ A tese de Alessandra de Oliveira Capuchinho Gomes, defendida em 2014, intitulada: *A função social da escola: uma análise das significações constituídas pelos gestores, professores, pais e alunos de uma escola pública paulista*, fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica, investigou a função social atribuída à escola, vista pelos diversos “atores sociais” por ela acolhidos: equipe gestora, funcionários, pais e alunos. Essas significações são estabelecidas de acordo com a realidade social dos sujeitos. Foi possível verificar que as significações da equipe gestora, dos professores e das funcionárias sobre a função social da escola é fortemente marcada por uma concepção naturalizante e estigmatizada da criança e da família. Concluiu que a função da escola deve estar equilibrada entre uma função sistêmica de preparar cidadãos que possam, ao mesmo tempo, desenvolver suas qualidades para a vida em sociedade. O estudo permitiu entender que não é possível encontrar uma significação única para a função social da escola, mas que existem várias significações e que, algumas vezes, estas são ambíguas.

✓ A tese escrita em 2014 pelo pesquisador Demóstenes Neves da Silva, com o título: *Significações de pais e professores sobre a relação família-escola: as armadilhas de um (des)encontro*, objetivou compreender as significações construídas por pais e professores

sobre a relação família-escola, a partir das práticas dessa relação. A análise dos dados indicou, ausência de fatores que funcionem como promotores da relação, identificando-se apenas propostas promotoras desses fatores. As divergentes significações de pais e professores sobre a relação apontaram para um distanciamento entre as duas instituições de origens, histórias, propósitos, culturas e saberes diferentes, com dificuldades de ambas as partes para promover a aproximação e que vivenciam verdadeiras armadilhas de um (des)encontro na própria relação.

✓ A dissertação escrita em 2014 por Meire Viana Pavani, com o título: *Um estudo sobre a relação família-escola em contextos diversos*: a ótica dos pais analisou as concepções que as famílias têm sobre a participação na vida escolar dos filhos, como se dá essa participação e quais as estratégias empregam para realizar o acompanhamento escolar deles. O estudo buscou conhecer a dinâmica familiar frente à escola, identificando suas expectativas relacionadas à educação formal, como veem o chamamento que a escola faz para sua participação, como se disponibilizam para isso e como se organizam para o acompanhamento. A pesquisa foi realizada com as famílias de crianças que foram matriculados no ensino fundamental na rede privada e pública em um município do Vale do Paraíba, região metropolitana de São Paulo. Os resultados apontam que há participação dos pais na escola e no acompanhamento escolar dos filhos, e que estes ocorrem em níveis distintos, determinados pela ocupação profissional dos pais e pela concepção de acompanhamento escolar construída no processo de socialização.

✓ A pesquisa de dissertação: *A função social da escola pública brasileira*: um estudo exploratório, do ano de 2015, da pesquisadora Graziela Dantas Graciani, objetivou realizar um estudo exploratório sobre a função social da escola pública brasileira, tendo por base a pesquisa bibliográfica e a análise dos relatórios oficiais e reflexões sobre o Programa Bolsa Família, principalmente porque, para o recebimento desse benefício, exige-se como contrapartida obrigatória a matrícula e a frequência escolar. A pesquisa partiu do pressuposto de que a escola pública brasileira foi, gradualmente e de forma irreversível, assumindo funções para além de suas atribuições didático-pedagógicas e para as quais não existe, no país, uma sistemática de avaliação. Apontando para outra perspectiva, a pesquisadora concluiu que a função social da escola pública brasileira está estreitamente vinculada à promoção de direitos civis, sociais e políticos decorrentes da adesão do Brasil aos tratados e às convenções internacionais de direitos humanos. Assim, possibilita-se que as chamadas políticas públicas compensatórias fossem transformadas em políticas sociais fortemente entrelaçadas com a política educacional. Desta maneira, entende-se que a escola pública

brasileira precisa e deve assumir funções sociais claramente definidas nas políticas públicas e sociais do Estado brasileiro, pois, assim, a escola e o professor poderão se dedicar apenas às atribuições didático-pedagógicas.

✓ A dissertação de Luana Maria de Oliveira, com o título: *A relação família-escola nos periódicos científicos brasileiros (2000-2013)*, defendida em 2015, analisou, por meio de pesquisa em artigos científicos, a caracterização da relação família-escola no início do século XXI. Essa análise foi realizada a partir da contextualização política, econômica e cultural da sociedade atual, buscando compreender as relações entre Estado, família e escola. Após o levantamento bibliográfico, a pesquisadora optou pela “análise de conteúdo” (BARDIN, 2009) como técnica de análise dos 46 artigos encontrados. As categorias reveladas após a análise destacaram: os tipos de relação família-escola; responsabilidade pela aproximação; principais dificuldades enfrentadas na relação; formas de relação família-escola; funções sociais da família e da escola, práticas familiares e práticas escolares. Os resultados evidenciaram que a parceira família-escola é o caminho para que tenhamos uma educação de qualidade, igualitária, prezando o desenvolvimento integral do sujeito, de forma igualitária, por meio do diálogo, do respeito e da complementaridade no processo educativo da criança e dos jovens, para o seu desenvolvimento e participação em sociedade.

As pesquisas tomaram temáticas sob diversos vieses e foi possível constatar que os estudos apresentados trazem contribuições significativas acerca do campo de conhecimento da função social da escola vinculada a relação família-escola. Verificamos a relevância dessa pesquisa pela presença de pouca produção acadêmica que abordasse diretamente o objeto dessa pesquisa (criança, escola e família) e principalmente por ter a oportunidade buscar ouvir as vozes das crianças por elas mesmos.

Em relação ao **método de análise**, cabe aqui a ponderação de que escolher um referencial de método implica apreender o objeto de estudo à luz das discussões da produção humana e de seus nexos constitutivos na história, no movimento, na contradição de classe e na ação e na atividade humana. Assim, um caminho teórico se constituirá a partir de uma postura epistemológica que envolverá uma concepção de homem, de sociedade e da relação homem-mundo, ultrapassando o mundo sensível, o aparente.

Sendo assim, os objetos de estudo desta pesquisa dialogam com os fundamentos do materialismo histórico-dialético. Estes resultam da produção humana, sendo que o pensamento do sujeito está implicado no movimento de construção da materialidade histórica de vida dos homens em sociedade, numa relação de unidade, tendo como ideia central a

apreensão da realidade e a práxis, síntese teórico-prática, transformadora da estrutura histórica e socialmente construída:

a lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto de pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma de pensamento (ela é, assim, abstrata). Por aí, pode-se compreender o que significa dizer que a lógica dialética supera por inclusão/incorporação a lógica formal (incorporação, isto quer dizer que a lógica formal já não é tal e sim parte integrante da lógica dialética). Com efeito, o acesso ao concreto não se dá sem a mediação do abstrato. Assim, aquilo que é chamado lógica formal ganha um significado novo e deixa de ser a lógica para se converter num momento da lógica dialética. A construção do pensamento se daria pois da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto (SAVIANI, 1991, p.11).

É preciso transpor o nível da aparência, buscando, em um movimento dialético, apreender o real a partir de suas contradições e relações entre singularidade, particularidade e universalidade. Neste ínterim, esta pesquisa tem o compromisso de considerar as contradições e os antagonismos, a denúncia, o devir, a totalidade e a unidade que envolvem o objeto em questão.

Em relação ao **referencial teórico** desta pesquisa, algumas categorias de estudo foram ponto de partida para a apreensão do objeto: infância, família e escola. Refletir sobre a relação criança-família-escola possibilita uma reflexão crítica sobre qual é o lugar da criança nessa relação em um diálogo com autores da Sociologia da Infância, Sociologia da Família, Antropologia, História, dentre outros.

Para compreendermos criança e infância na modernidade é importante fazermos uma incursão na história de como estas categorias foram se constituindo e como estas mudanças refletiram na concepção de infância, visto que, na estrutura e dinâmica, não pode ser considerada única e acabada.

Com o intuito de entender a instituição familiar é necessário atermos aos estudos do historiador francês Philippe Ariès (1981) que, em seu clássico livro *História social da família e da criança*, nos mostra o que significa o “sentimento de infância” que surgiu com a modernidade. Apesar de ter recebido algumas críticas, principalmente por trazer um certo discurso sobre a “descoberta do sentimento de infância”, como se não houvesse infância antes de seus estudos e também por tomar um modelo de família-criança-família burguesa a partir dos estudos iconográficos francêss, o seu trabalho foi um marco nos estudos da infância e da família ao longo dos tempos. Segundo Ariès (1981), para se compreender a figura da família

centrada na infância, é preciso primeiramente entender o aparecimento e a evolução do sentimento de infância, para depois entender a evolução do sentimento de família.

O autor relata como foi se consolidando a concepção de infância:

na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o *sentimento de infância* não existia, o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à *consciência da particularidade infantil*, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (ARIÈS, 1981, p. 156, grifos nossos).

Para ele, a particularidade infantil não surgiu de uma hora para outra, mas no transcurso da Idade Média para a Idade Moderna:

a descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÈS, 1981, p. 65).

Vários aspectos que foram relatados nos estudos de Ariès (1981) ressaltavam a inexistência do sentimento de infância, dentre eles: obscura noção de idade; ausência de um termo próprio para designar a criança; traje da época; participação das crianças na vida adulta e também o infanticídio, o abandono e o envio das crianças às amas de leite.

Em cada tempo histórico, Ariès (1981) relata o sentimento que os adultos iam nutrindo e manifestando em relação às crianças e como esses aspectos eram transformados. A partir dos estudos do autor, podemos admitir que o aparecimento de um sentimento moderno de infância surgiu do fato de que esse “interesse pela infância não é senão uma forma, uma expressão particular desse sentimento mais geral, o sentimento da família” (ARIÈS, 1981, p. 210).

Com o surgimento do “sentimento de família”, começou-se a estabelecer uma separação entre adultos e crianças, marcada pela educação mais rígida desde os primeiros anos, mostrando um renovado interesse em relação a ela. Nesse sentido,

essa concepção reagia ao mesmo tempo contra a indiferença sobre a infância, contra um sentimento demasiado terno e egoísta que tornava a criança um brinquedo do adulto e cultivava seus caprichos, e contra o inverso deste último sentimento, o desprezo do homem racional (ARIÈS, 1981, p. 87).

Então, o interesse pela criança torna-se privatizado, ou seja, a criança que antes frequentava os espaços dos adultos agora está confinada a espaços privados: domésticos e especializados (escolas, internatos, creches, entre outros).

Com isso, a família, reafirma o sentimento de proteção, e o sentimento de relações íntimas intensifica-se com a ascensão da burguesia e a privatização das relações sociais.

Segundo Sarmento (2007, p. 26), “as concepções construídas historicamente sobre a infância, baseadas numa perspectiva adultocêntrica, tanto esclarecem como ocultam a realidade social e cultural das crianças, sendo, portanto, necessária a ruptura com o modelo epistemológico sobre a infância até então instituído.” Durante anos, as crianças eram consideradas seres sem importância, sem estatuto social nem autonomia.

Nesse contexto, considera-se que as crianças aprendem e se desenvolvem nas interações e práticas cotidianas a elas disponibilizadas e por elas estabelecidas, com adultos e crianças de diferentes idades: “o sujeito se constitui enquanto subjetivação e internalização da objetividade social e a sociedade se constitui enquanto muitas e diferentes expressões objetivadas dessa subjetividade” (RESENDE, 2007, p. 43).

Desse modo, tomar a criança como sujeito é refletir sobre sua relação com a sociedade e no modo como essa criança e a sociedade se constituem mutuamente. Essa relação social é marcada por uma tensão, em que a criança se compõe como ser histórico – na qual historicidade e história são tomadas num fluxo dinâmico e cultural e como produção humana.

Portanto, ouvir a criança desde a relação com a família e a escola é entender que as crianças são sujeitos de direitos e atores sociais, e que não há como não falar da relação sujeito-sociedade sem considerar os aspectos que envolvem a subjetividade humana, constituída e constituinte da relação social. Isso ocorre porque a família é uma instituição social que vai se concretizando e se transformando pelas condições materiais, históricas e culturais do meio social em que se relaciona, e ao mesmo tempo estas revelam formas e finalidades diversificadas numa mesma época e lugar.

Como primeira mediadora entre o ser humano e a cultura, a matriz de aprendizagem humana integra a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo, e é nela que percebemos o mundo e nos situamos nele. Nessa aprendizagem, formamos a nossa identidade social, desenvolvemos nossa socialização básica,

valores, ideias e normas interiorizados ao longo de um processo de socialização vão constituindo um sistema simbólico ou de representações

que é constantemente reelaborado na vida cotidiana, possibilitando a construção da identidade do ser (OLIVEIRA, 1999, p. 50).

Como espaço complexo, a família “se constrói e se reconstrói histórica e cotidianamente por meio das relações e negociações que se estabelecem entre seus membros e outras esferas da sociedade e entre ela e outras esferas da sociedade, tais como Estado, trabalho e mercado” (MIOTO, 2010, p. 3).

Nesse contexto, refletir sobre a família é entender a complexidade que essa instituição carrega, pois suas transformações afetam suas estruturas e também os campos de relações que ela estabelece. Também proporciona a construção da primeira identidade e se insere nas relações sociais, tanto em nível emocional e cultural quanto socioeconômico.

Para Zamberlam (2001, p. 83), “a família, como forma de os homens se organizarem para sua sobrevivência, tem passado por mudanças que correspondem às mudanças da sociedade”, e tais mudanças não significam um enfraquecimento da instituição familiar, mas sim o surgimento de novos arranjos familiares.

Desse modo, afirma-se que, apesar das relações familiares terem sido revolucionadas, elas ainda são uma instituição que se conserva enquanto se moderniza e mantém traços conservadores. Por meio das experiências familiares e da convivência em sociedade, o sujeito estrutura formas de subjetivação que modificam as futuras relações familiares e os sistemas sociais que o rodeia, dentre estes, a escola.

Por fim, a escola, desde a sua origem, é marcada por uma contradição profunda diante do discurso ideológico igualitário, que vê na instauração do direito à instrução para todos um meio de suprimir as distinções de classe (GILLY, 2001). Frequentar a escola é um imperativo social, visto que deixar as crianças fora da escola é passível de sanções aos que não cumprirem essa normativa. Todavia, ainda que impere a força da lei, na realidade, muitas crianças ainda continuam sem frequentar as escolas.

A escola não se encontra deslocada da sociedade e se revela com a função social de aproximar o homem do saber, de desenvolver potencialidades e de contribuir para a emancipação humana, sobretudo, intelectual. A escola, na perspectiva de Durkheim (1978), é um fato social e, como tal, se impõe coercitivamente ao sujeito que, para seu próprio bem, sofrerá a sua ação educativa, integrando e solidarizando-se com o sistema social em que vive.

Destarte, Durkheim (1978) afirma que a escola como fato social proporciona um espaço narrativo privilegiado, cumprindo um objetivo antropológico de educação muito importante, que é o de garantir a continuidade da espécie, socializando, para as novas gerações, as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento da cultura da

humanidade. A sua função de instituição de socialização das novas gerações aparece de forma conservadora, assegurando a reprodução social e cultural como requisito de sobrevivência à sociedade.

Segundo Perez Gomez (1998), o processo de socialização na história da humanidade consiste na transmissão das conquistas sociais construídas historicamente, o que é essencial para a garantia de sobrevivência das futuras gerações. A esse processo se dá o nome de educação.

Por ser constituída e constituinte das relações sociais, a educação se caracteriza "na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente, nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classes" (FRIGOTTO, 1999, p. 25). Portanto, pensar a escola e sua função social implica repensar o seu próprio papel, sua organização e principalmente os atores que a compõem (família, professores e a criança).

Para Durkheim (1978), a socialização escolar é antes de tudo uma educação moral, cujo programa abrange três elementos: os dois primeiros referem-se à disciplina e ao vínculo com o grupo, fundando-se em uma separação entre o mundo escolar e o mundo social, e o terceiro é a formação da autonomia da verdade.

Nesse sentido, a educação é um processo de transmissão cultural no sentido amplo do termo (valores, normas, atitudes, experiências, imagens e representações), trazida para o ambiente escolar e que vai transformando o sujeito.

Já em relação ao **problema desta pesquisa**, realça-se as seguintes questões que nortearam o estudo: qual a função social da escola nas vozes dos diferentes sujeitos que compõem a ação educativa? Que aspectos configuram a relação família e instituição a partir seus sentidos e significados?

Partindo da problemática em questão, o objetivo geral, então, foi compreender como a família e a escola atribuem sentido e significado a escola na formação/socialização das crianças. Já os objetivos específicos foram: investigar as concepções que as famílias demonstram com relação à escola e da escola com relação à família; entender os sentidos que as crianças atribuem a esses dois contextos educativos; identificar os sentidos e significados da função social da escola sobre os diferentes olhares: a família, a escola e a criança.

Quanto à **metodologia de pesquisa**, ressalta-se que a produção do conhecimento requer que se compreendam o contexto e o significado dos fenômenos. Para isso é necessário "um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros" (MARCONI;

LAKATOS, 2003, p. 83). Assim, tomou-se para estudo a metodologia de pesquisa com abordagem qualitativa, lembrando que refere-se à pesquisa qualitativa como um ponto de partida para o estudo do homem em sua especificidade humana. Tal abordagem metodológica parte do conhecimento dos homens como sujeitos históricos, datados, concretos, delineados por uma cultura, na qual criam e recriam, produzem e reproduzem a realidade social, sendo constituintes e constituídos dessa realidade (TRIVINOS, 1987).

Os critérios, procedimentos e instrumentos para iniciar a pesquisa e chegar às categorias de análise foram:

1. Encaminhamento do projeto ao conselho de ética da universidade para aprovação e consentimento.
2. Seleção das escolas a serem pesquisadas na cidade de Goiânia. Os critérios para escolha das instituições foram: a) três escolas na mesma região de Goiânia, sendo uma pública municipal, uma pública estadual e uma privada. Logo, optou-se pela região de Campinas por ser um dos bairros historicamente mais antigo e importante da capital, tendo um grande número de comércio, residências e instituições de ensino infantil, fundamental e médio; b) definição por uma turma do 1º ano do ensino fundamental de cada escola, uma vez que se intuía estar mais latente as expectativas de pais, crianças e da escola. O foco da pesquisa foi centrado nas escolas que atendiam o 1º ano do ensino fundamental; c) apresentação do projeto de pesquisa à Secretaria de Estado de Educação e à Secretaria Municipal de Goiânia para autorização para efetivar a pesquisa. Na escola privada, o projeto foi apresentado ao gestor.
3. Escuta da escola nas pessoas dos gestores, coordenadores e professores. Esta escuta foi realizada por meio de entrevista¹ semiestruturada. As entrevistas aconteceram na própria escola, com agendamento prévio junto à equipe gestora.
4. Entrevista² com os pais para comparar as ideias apresentadas nas concepções. As entrevistas aconteceram na escola após a apresentação do projeto e o consentimento dos pais em participarem.
5. A coleta dos dados com as crianças se deu a partir de desenhos e rodas de conversa com roteiro³ pré-definido, a fim de compreender o que pensavam sobre a família e a escola. Este processo partiu dos seguintes encaminhamentos: a) Um encontro para que as crianças conhecessem a pesquisadora. Este primeiro encontro teve um caráter mais

¹Apêndice A.

²Apêndice B.

³Apêndice C.

lúdico e informativo; b) uma sessão de desenhos sobre o tema; c) uma roda de conversa com todas as crianças sobre os desenhos.

Como a carta de anuência da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e da Subsecretaria Metropolitana de Goiânia, contatamos com os dirigentes das instituições para apresentarem a proposta de pesquisa. Os dirigentes prontamente disponibilizaram a escola para efetivarmos a pesquisa. Em relação às entrevistas com gestores, coordenadores e professores das redes pública municipal e estadual, fizemos um cronograma de entrevista conforme o planejamento da professora regente e disponibilidade da gestora e coordenadora.

Na rede privada, a pesquisadora visitou várias escolas para apresentar a proposta de pesquisa. Em algumas ficávamos apenas no contato com a coordenação e em uma possível resposta posterior. Infelizmente houve alguns “nãos”, principalmente por se tratar do tema relação escola-família. Após várias visitas em diferentes escolas, uma coordenadora se dispôs a nos ouvir e, após autorização da diretora, concordou em participar da pesquisa.

Para o contato com os pais da rede pública, ficou acertado que, no primeiro momento de reunião com os pais, apresentaríamos o projeto de pesquisa e prestaríamos esclarecimentos referentes ao estudo (objetivos, metodologias, entre outros). Nas reuniões, após esclarecimentos, conseguimos a disponibilidade para participação em média de seis a nove pais. Nesse momento ficou acordado que a pesquisadora iria entrar em contato posterior para agendamento da entrevista semiestruturada individual e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴. Nos contatos feitos posteriormente, tivemos dificuldades em marcar as entrevistas, visto que os pais sempre tinham alguma atividade que os impossibilitava de participar da entrevista. Para efetivarmos as entrevistas, tivemos que marcá-las de acordo com os horários disponíveis deles, e isso incluía noturnos. Nessas instituições, tanto municipal quanto estadual, conseguimos entrevistar cinco responsáveis pelas crianças.

Em relação à rede privada, após vários contatos por e-mail, a escola disponibilizou um horário na reunião de entrega de notas (em um sábado) e nos convidou para participar. Fomos apresentadas aos pais presentes e prestamos esclarecimentos sobre o projeto. Nesse mesmo dia, conseguimos entrevistar seis responsáveis pelas crianças.

Com a coordenadora e a professora da rede privada, marcamos a entrevista com eles de acordo com os horários vagos. Em alguns momentos, essas entrevistas tiveram que ser

⁴ Apêndices de D, E, F.

remarcadas ou finalizadas em outro momento, devido a alguns passeios e eventos que já estavam no calendário. A diretora não participou da entrevista. Segundo a coordenadora, ela autoriza essas atividades de pesquisa, mas não encontra disponibilidade para participar, sendo representada pela coordenadora. As entrevistas foram gravadas para posteriores transcrição e análise dos dados.

As crianças cujos pais concordaram em participar da pesquisa foram automaticamente selecionadas para as rodas de conversa, sendo cinco de cada rede pública e seis da rede privada. Após apresentação aos pais do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da autorização do uso de imagens⁵, estes foram assinados pelos seus respectivos representantes legais.

Após autorização dos pais, fizemos um cronograma com as professoras para efetivarmos a pesquisa com as crianças. No primeiro contato, apresentamos a pesquisa para as crianças e solicitamos a assinatura do termo de assentimento⁶ para aqueles que desejavam participar. Nas redes públicas, todas as crianças autorizadas demonstraram interesse em participar. Na rede privada, das crianças autorizadas, uma não se interessou em participar, então respeitamos a sua vontade. Nossos contatos eram semanais e ficávamos em torno de 50 minutos nas atividades artísticas e na roda de conversa; todos os momentos foram gravados e filmados para posteriores transcrição e análise.

Já em relação ao **método de exposição**, os capítulos foram organizados a partir do entrecruzamento dos dados da pesquisa e do levantamento das categorias de análise. Estes contribuíram para a definição e o aprofundamento dos estudos e a organização dos capítulos da dissertação, que assim foram estruturados:

No capítulo I, “Família, escola e infância como construções histórico-culturais”, discorre sobre a construção sócio-histórica da família, da escola e da infância, uma vez que estas três categorias foram tomadas como centrais na análise deste trabalho.

O capítulo II, denominado “Uma escola pra aprender e ser alguém na vida”, trata dos sentidos e significados da função da escola sob a ótica das crianças. Tomou como referência aquilo que as crianças trouxeram sobre o que entendem da família, da escola, de seus objetos de trabalho, da relação família-escola e do modo como a escola/os pais/sociedade veem seus professores.

⁵ Apêndice F e G

⁶ Apêndice H.

Já o capítulo III, “Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”, tem como objetivo central discutir a significação de família por ela mesma e entender por essa ótica o papel da escola.

O capítulo IV “Criança não tem problema, criança tem família: o que dizem os gestores e professores?” discute os sentidos e significados da relação família e escola, sob a ótica da equipe gestora das escolas (diretores, vice-diretora, coordenadora e professores). A análise dos dados tomou como ponto de partida o olhar desses profissionais para a família e a relação deles com a escola.

CAPÍTULO I

FAMÍLIA, ESCOLA E INFÂNCIA

COMO CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

É ilusório pensar que se possa realizar uma família de pares iguais numa sociedade em que a humanidade não é autônoma e na qual os direitos humanos ainda não tenham sido realizados numa medida mais concreta e decisiva do que a atual (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 147).

O presente capítulo tem como objetivo discorrer sobre a construção sócio-histórica da família, escola e infância, uma vez que estas três categorias são tomadas como centrais na análise deste trabalho. Estas são apreendidas no conjunto das mudanças ocorridas na sociedade, em seu tempo/espaço cultural, marcado por um cenário de inúmeras transformações advindas nas últimas décadas, dentre elas a reconfiguração do modelo econômico/social. Esse modelo alterou profundamente as concepções de criança, as relações no interior das famílias e sua própria organização e, como consequência, a maneira como as famílias se relacionam com a escola. Assim, objetiva discorrer sobre as compreensões acerca do conceito da família, seu contexto histórico e seus desenhos e o lugar da criança no contexto desta instituição, bem como compreender a inter-relação entre família, escola, infância e a criança como construções histórico-culturais.

1.1 Família: marcas históricas e sociais

A construção da ideia de família se concretiza e se transforma ao longo da história. Desde a Idade Média, até os dias de hoje, verifica-se que ela foi marcada por traços/modelos sociais, econômicos, políticos e culturais na sociedade. Pela sua importância e complexidade, a família é uma categoria que está no cerne de vários enfoques epistemológicos: “é tão complexo que é objeto de estudo de várias disciplinas de conhecimento. Há o olhar histórico, o sociológico, o antropológico, o político, o psicológico, entre outros” (SAYÃO; AQUINO, 2006, p. 15). Em cada um destes enfoques está presente uma concepção diferenciada. Muitos autores têm se debruçado sobre o estudo da família, dentre eles: Philippe Ariès (1981), Theodor W. Adorno; Max Horkheimer (1956), Christopher Lasch (1991), Mark Pôster (1978), Maximo Canevacci (1981), Jacques Donzelot (1986), dentre outros. Deste modo é no

diálogo com alguns desses autores que este trabalho buscará compreender como a família vem se constituindo e se afirmando como espaço/instituição central na formação, educação e socialização.

A família é uma instituição universal, porém, resguarda especificidades históricas, locais, singulares e culturais, as quais são advindas do tempo histórico, da sociedade e da cultura em que está inserida. É um espaço de socialização primária dos sujeitos. É o *locus nascendi* das histórias pessoais, primeiro agente socializador do ser humano:

é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos, instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade, espaço privado que se relaciona com o espaço público (LOSACCO, 2003, p. 64).

Conceituar família parece aparentemente fácil, possível a qualquer pessoa, pois existe “a tendência em identificar a noção de família com as ‘nossas’ referências pessoais e uma dificuldade de se afastar de concepções preestabelecidas” (SARTI, 2004, p.16). No entanto, empiricamente, estudá-la é ir além da própria percepção, é compreendê-la pelas análises mais complexas, de acordo com o contexto social de cada sociedade e em cada época histórica e socialmente construída de acordo com as normas culturais (LÉVI-STRAUSS, 1986 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 23).

Tomada em sua acepção mais comum, o conceito de família pode ser traduzido de forma primária. No Dicionário Houaiss (2001), o vocábulo família é definido em várias formas. Primeiramente, como grupo de pessoas que vive sob o mesmo teto (pai, mãe e filhos), posteriormente que tem uma ancestralidade comum e, ainda, como grupo de pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção e com o reflexo das mudanças na sociedade contemporânea. O dicionário decidiu redefinir o verbete família, que trará a seguinte conceituação: núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária.⁷

Todavia, se tomado em sua acepção mais científica, “em sua origem a palavra família não significa o ideal, *famulus*, significa escravo doméstico” (ENGELS, 1984, p. 61). Segundo Engels (1984), esse termo foi criado na Roma Antiga para designar um conjunto de empregados de um senhor, incluindo os escravos e parentes. Família passou a ser utilizada

⁷ Disponível em:

<<http://www.ibdfam.org.br/noticias/5990/Dicion%C3%A1rio+reformula+conceito+de+fam%C3%ADlia%22>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

também para denominar o grupo de pessoas que vivia numa casa, unido por laços de sangue e submetido à autoridade de um chefe comum sobre a mulher, os filhos, os escravos e que ainda detinha o poder de vida e morte sobre eles.

Nessa perspectiva, “[...] o primeiro passo para estudar a família deveria ser o de ‘dissolver’ sua aparência de naturalidade, percebendo-a como criação humana mutável” (BRUSCHINI, 1990, p. 31). Tomar este pressuposto como ponto de partida para essa reflexão implica considerar que a família “não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está socialmente mediatizada, mesmo em suas estruturas mais íntimas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 133).

Logo, conceituar família torna-se uma abstração indeterminada, visto que é necessário compreendê-la no seu aspecto plural, conectada na totalidade das transformações econômicas, sociais e nos processos de configurações na relação entre passado, presente e futuro.

Dessa maneira, refletir sobre a família é entender a complexidade que essa instituição abarca, suas tensões e marcas teóricas que afetam suas estruturas e os campos de relações que ela estabelece, uma vez que essa instituição é plural e controversa. A família, além de ser a garantia de um mundo civilizado, é considerada como produtora e reprodutora de problemas sociais, transformando-se num *locus* de conflito e dominação (HORKHEIMER, 1999).

Diante de tais questões, sente-se necessário debruçar sobre a gênese dessa instituição em algumas dimensões. Tomada do ponto de vista histórico e social, é necessário compreender a família em seu processo de historicidade, ou seja, apreendê-la em suas rupturas e continuidades que marcam suas dialéticas sociais/culturais ao longo do tempo. A história da família não é o acúmulo deste objeto na história, mas, acima de tudo, do movimento histórico que ela vem desenvolvendo. Neste sentido, é necessário redimensionar a compreensão do que foi, do que é e do que está transformando a família, entendendo-a ao longo da história humana, pois ela “é a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ‘nós’ a quem aprendemos a nos referir” (REIS, 1989, p. 99).

Com o intuito de compreender a família hoje é importante fazer uma trajetória histórica da sua origem, da sua estruturação, das formas de organização, afinal, se reconhece que existe continuidade entre o tradicional e moderno, mas, para entendê-las, é necessário considerar as rupturas dentro da história (GIDDENS, 1991).

Um dos estudos que contribuiu para a compreensão atual das relações familiares foi do historiador francês Phillipe Ariès. Por meio da história da arte, da iconografia⁸, o autor

⁸O autor utilizou de forma magistral grande variedade de documentos produzidos na Idade Média (séculos V-XV) e na Idade Moderna (séculos XV-XVIII), tais como quadros e gravuras deste último período. Explorou

retratou o processo histórico que configurou o lugar da família e a construção do sentimento social pela criança até a emergência do sentimento de família.

Segundo Ariès (1981), na Idade Média as famílias “não podiam alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos” (p. 231), pois eram consideradas uma “realidade moral e social, mais que sentimental” (ARIÈS, 1981, p. 231). Isso contribuiu para a pouca consciência de sentimento na família. Sendo assim, “as crianças eram entregues a outras famílias que não as de origem, sendo consideradas aprendizes” (ARIÈS, 1981, p. 226). Elas faziam atividades domésticas que eram confundidas com atividades de aprendizagem ou formas de educação, uma vez que “era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não a seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir” (ARIÈS, 1981, p. 228). Essa era a regra comum para a aprendizagem das crianças: a participação na vida do adulto.

O conceito de família desse período era o da linhagem, ou seja, o desejo do sujeito não pertencia a si e não havia individualidade. O interesse da família, das gerações passadas e futuras, sobressaía ao individual, sendo o sujeito responsável pela continuação do ciclo biológico das gerações. O sentimento de linhagem caracterizava-se pela extensão dos laços de sangue e não levava em conta a coabitação e a intimidade. O público e o privado não se diferenciavam, e a rua “era um prolongamento dessa vida privada, o cenário familiar do trabalho e das relações sociais” (ARIÈS, 1981, p. 198). Sendo assim,

nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para o setor privado. A família cumpria uma função – assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade. Os mitos, como o do amor cortês (ou precioso), desprezavam o casamento, enquanto as realidades como a aprendizagem das crianças afrouxavam o laço afetivo entre os pais e filhos (ARIÈS, 1981, p. 27).

Ariès realça que, no século XVI, e principalmente no século XVII, o sentimento de família emergia com a presença das crianças no cotidiano das famílias, fato que passou a intensificar os laços afetivos, já que a criança começou a ser o centro das atenções e das preocupações familiares. Iniciou-se, assim, uma transformação: as crianças começaram a ser paparicadas.

Nesse sentido, a família conjugal moderna, caracterizada pelo sentimento de família, surgiu com o fim da linhagem e o fortalecimento da união entre pais e filhos, possibilitados pelo sentimento da infância. Desta forma,

também tapeçarias, tratados de moral e civilidade, diários, cartas, biografias de reis e de santos, testamentos, contos e muitas outras fontes.

esse sentimento está muito ligado também ao sentimento da infância. Ele afasta-se cada vez mais das preocupações com a honra da linhagem ou com a integridade do patrimônio, ou com a antiguidade ou permanência do nome: brota apenas da reunião incomparável dos pais e filhos (ARIÈS, 1981, p. 223).

Logo, Ariès (1981) refere-se a um sentimento de família que iniciou um traço mais privado e íntimo. Neste sentido, aquela representação de família extensa, agora, é constituída apenas pelos pais e filhos, intensificando os laços afetivos. Por meio destes, a criança se tornou o centro das atenções e das preocupações familiares, marcando a preocupação, o cuidado e o carinho entre os sujeitos.

Segundo Ariès (1981, p. 267), “deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos”. A família começa a manter a sociedade à distância e torna-se espaço de privacidade e de permanência das crianças junto aos pais, diferenciando o espaço do trabalho com o espaço doméstico:

outrora, vivia-se em público e em representação, e tudo era feito oralmente, através da conversação. Agora, separa-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: a cada uma é determinado um local apropriado como o quarto, o gabinete ou o salão (ARIÈS, 1981, p. 185).

Essas diferenciações internas, entre o espaço do trabalho e doméstico, transformaram a família em sua forma e estrutura e consolidaram a passagem da família medieval para a família moderna.

Assim, a casa tornou-se “um lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos” (ARIÈS, 1981, p. 162-163), espaço de conforto, intimidade, discrição e isolamento, onde se demonstra o “sentimento de família”.

A partir do século XVIII, segundo Ariès (1981),

a família moderna [...] separa-se do mundo e opõe à sociedade, o grupo solitário dos pais e filhos. Toda energia do grupo é consumida na educação das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças mais do que a família (p. 115).

Marca-se, aqui, o lugar da família nuclear burguesa, que começa a se compor e a se estender como modelo a toda a sociedade: “grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, [...] é a família moderna” (ARIÈS, 1981, p. 270).

Essa nova concepção de família é marcada pela expansão escolar, que era oferecida aos filhos como preparação para a vida. Passa-se a admitir, dentro das famílias, a igualdade dos filhos na transmissão dos bens familiares e, portanto,

respeito pela igualdade entre os filhos de uma família é uma prova de um movimento gradual da família-casa em direção à família sentimental moderna. Tendia-se agora a atribuir à afeição dos pais e dos filhos sem dúvida tão antiga quanto o próprio mundo, um valor novo: passou-se a basear na afeição toda a realidade familiar (ARIÈS, 1981, p. 235).

Da mesma forma, essa nova compreensão de família começa também a demarcar papéis de gênero e questões de poder em seu interior. Sendo assim, a autoridade do pai torna-se maior e para a mulher fica a responsabilidade da casa e dos filhos, uma relação baseada em “hierarquia e subordinação, poder e obediência” (MATURANA, 1993 *apud* SZYMANSKI, 2000, p. 24). Neste cenário, a “família torna-se a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder monárquico” (ARIÈS, 1981, p. 214).

Se, por algum tempo, a ideia de família foi limitada aos nobres, burgueses, artesãos e lavradores ricos,

com a inserção da escola, da privacidade, e com a manutenção das crianças junto aos pais e o sentimento de família valorizado por instituições – especialmente a Igreja, a família nuclear burguesa começa a se compor, e a vida familiar foi crescendo, estendendo-se a toda a sociedade (ARIÈS, 1981, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 25).

Para Adorno e Horkheimer (1973, p. 137), a história apresenta “várias formas de família, geográfica e socialmente definidas, que foram se constituindo independente umas das outras e podem mesmo chegar a cristalizar-se, contemporaneamente, numa mesma sociedade”. Então, ao longo da sua evolução histórica, a instituição familiar revelará características de abstração indeterminada, mas poderá também existir características “comuns as suas diferentes formas históricas” (DELMOND, 2015, p. 44).

Como nos estudos de Ariès (1981), Pôster (1979) articulou sua pesquisa por uma revisão histórica das transformações familiares que vão tecendo o contexto das famílias até chegar à família moderna. Para Pôster (1979),

a família é o lugar onde se forma a estrutura psíquica e onde a experiência se caracteriza, em primeiro lugar, por padrões emocionais. A função de socialização está claramente implícita nesta definição, mas a família não está sendo conceptualizada primordialmente como uma instituição investida na função de socialização. Ela é, em vez disso, a localização social onde a estrutura psíquica e proeminente de um modo decisivo (p. 161).

Desse modo, para além de uma visão histórico-dialética, é necessária também uma visão panorâmica das mudanças ocorridas na família, tendo como ponto de partida a vida cotidiana, com enfoque na organização interna da família e na relação entre família e sociedade. A análise dessa relação possibilita entender as relações de poder e afeto, as especificidades que existiram nos diferentes modelos de famílias e que refletem na dinâmica da família moderna e na sua função reprodutora.

Pôster (1979) apresenta quatro modelos estruturais de família: família aristocrática (patriarcal) e camponesa dos séculos XVI e XVII, família proletariada (formada pela classe trabalhadora e pelo emblema da Revolução Industrial) e burguesa (modelo nuclear), que se estabeleceram desde o século XIX.

Mas, por que classificar a família em modelos estruturais? Entende-se por estrutura “um sistema organizado que aceita um conjunto finito de transformações estruturais, conservando sempre a sua organização” (ALARCÃO, 2006, p. 40). Justifica-se, então, a classificação, porque é por meio da estrutura que a família vai construindo uma identidade própria, definindo o funcionamento, a função, os comportamentos e as interações entre seus membros, sendo determinado no tempo, no espaço geográfico e no tempo histórico e social.

Baseado nisso, ao descrever cada um dos modelos, Pôster (1979) mostra como o modelo burguês se sobrepôs aos modelos aristocrático e camponês, impactando a classe trabalhadora numa época de quebra de padrões. Segundo ele, o modelo burguês de família se colocou como ditador dos padrões e normatizou o modo de se (con)viver em áreas urbanas e na modernidade.

Nessa perspectiva, far-se-á uma breve caracterização dos modelos aristocrático, camponês e proletariado e nos aprofundaremos na família burguesa.

A família aristocrática (séculos XVI e XVII) tinha como modelo a família europeia, formada por parentes, dependentes, criados e clientes. Estes conviviam em grandes castelos e se relacionavam de forma hierarquizada com papéis fixados por rígidas tradições, porém, sem privacidade, pois eram locais públicos e políticos. A família aristocrática era formada por um agrupamento de 40 a 200 pessoas (inclusive não consanguíneos e agregados). Os aristocratas “consideravam-se parte de uma rede de relações de parentesco ou linhagem cuja preservação era de suprema importância” (PÔSTER, 1979, p. 197). Assim, o destino da linhagem dependia dos casamentos para manter as propriedades da família, herdar e assegurar as riquezas.

Como Ariès (1981), Pôster (1979) mostrou que se dava pouco valor à privacidade, domesticidade, ao amor parental e aos cuidados com a criança. As crianças “eram consideradas pequenos animais, não objetos de amor e afeição” (PÔSTER, 1979, p. 198). Outro dado importante era o alto índice de mortalidade infantil, tamanha a precariedade nas condições sanitárias. Os bebês nobres eram amamentados por amas de leite, formando seus primeiros vínculos com alguém que não pertencia à família, visto que a função e “os cuidados com os filhos eram considerados abaixo da dignidade de uma dama aristocrática” (PÔSTER, 1979, p. 198). Sendo assim, a vida emocional da criança não girava em torno dos pais, mas de um grande número de pessoas adultas, como amas de leite, criados e outros adultos do castelo. Então, os primeiros vínculos das crianças eram formados por alguém fora do círculo familiar.

As famílias camponesas viviam em aldeias e não eram extensas. Mesmo havendo a família nuclear, o grupo social era mais significativo, existindo uma dependência muito grande com a aldeia, uma vez que esta regulava os casamentos, o namoro, os enterros. Segundo Pôster (1979, p. 186), “a autoridade social não estava investida no pai da casa, mas na aldeia”, tudo era fiscalizado e sancionado pela aldeia.

A mulher trabalhava no campo, e seu serviço era necessário para a sobrevivência da família. A criação dos filhos não ocupava o centro da vida conjugal, mas havia uma alta natalidade. O papel na criação dos filhos era destinado a outras mulheres mais velhas e por moças mais novas: “apesar de viver em pequenas unidades nucleares, a família, camponesa, tendo toda sua vida voltada para fora de si, também desconhecia e não valorizava a domesticidade e a privacidade” (REIS, 1989, p. 108). Observa-se que, tanto na família camponesa como na aristocrática, os hábitos higiênicos eram pouco fiscalizados, e existe uma alta mortalidade de crianças. Não havia controle da vida sexual, e a sexualidade infantil era reconhecida publicamente. A criança “desenvolvia um agudo senso de normas sociais, externas [...]” (PÔSTER, 1979, p. 200) à custa de açoite e punições às transgressões, que levavam ao esmagamento da autonomia e ao enfraquecimento do ego.

Mesmo com diferenças marcantes, esses dois modelos de família apresentavam a mesma base valorativa que se concentrava na formação de sujeitos preparados para ascender o novo sistema econômico liberal.

O outro modelo é a família trabalhadora ou proletariada que surgiu com o desenvolvimento urbano, visto que os trabalhadores do campo migraram para as cidades modernas, dando início à industrialização: “a estrutura da família sofreu transformações espetaculares num período de menos de dois séculos [...] sob condições de angústia social e

econômica [...]. Os salários fabris eram tão baixos que, tipicamente, toda a família tinha de trabalhar para garantir a subsistência” (PÔSTER 1979, p. 210).

De acordo com Pôster (1979), essa estrutura familiar atravessa três etapas distintas, que vão da constituição até a adoção do modelo burguês. Na primeira etapa, com a industrialização, as famílias viviam uma época de pobreza socioeconômica, com condições de trabalho, de moradia e de higiene precárias e alto índice de mortalidade infantil. Os filhos do proletariado eram criados sem a atenção e fiscalização da mãe (PÔSTER, 1979). Eles eram amamentados ao peito forçosamente por mães subalimentadas, exaustas e preocupadas. As mães e as crianças também precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família. Crianças a partir de 10 anos trabalhavam em torno de 14 a 17 horas diárias. Neste cenário, observa-se que elas mantiveram alguns costumes camponeses com o intuito de resistir à opressão determinada pelo capitalismo.

Na segunda metade do século XIX, houve uma melhora de vida nas cidades, por consequência da melhoria das condições de vida operária entre os mais qualificados. Começou a aproximação aos padrões burgueses, que consistiam em impor os padrões morais e as ideias de assistência materna, domesticidade, privacidade e outras. Houve, ainda, uma diferenciação entre os papéis sexuais: as mulheres passaram a ficar mais em casa cuidando dos filhos, e os homens mais tempo trabalhando na fábrica. Esta etapa marcou também uma grande independência dos filhos em relação aos pais.

Em meados do século XVII e início do século XIX, seguindo a evolução das estruturas familiares, destaca-se o modelo de família burguesa ou nuclear. Nasceu na Europa pré-industrial e se estabeleceu “[...] como a estrutura familiar dominante na sociedade capitalista [...] frequentemente adotada como norma para todas as outras estruturas familiares [...]” (PÔSTER, 1979, p. 186). Os padrões dominantes da família burguesa eram claramente diferentes dos modelos até então existentes: não mais extensos, mas sim, nucleares, e “limita-se à unidade conjugal de pais e filhos [...]” (PÔSTER, 1979, p. 159).

Já no século XX, a família proletariada mudou-se para os subúrbios das cidades, causando um rompimento com a vida em comunidade. A esposa isolava-se no lar, valorizando a privacidade e a domesticidade. Nesse período, a família começou a se preocupar com o futuro e a educação dos filhos. Simultaneamente, a família proletariada acentuou a autoridade paterna e o conservadorismo e, com isso, um século depois, já não se diferenciava da família burguesa, adotando plenamente o padrão ou o modelo desta família: “isso significa que houve um aburguesamento ideológico da classe operária no que concerne à vida familiar” (REIS,

1989, p. 109). Esse aburguesamento foi marcado pelo aumento do autoritarismo e pelo conservadorismo

Os novos padrões não eram mais nada do que uma família fechada em si mesma, uma vez que “o que acontecia na família não era da conta de ninguém” (PÔSTER, 1979, p.189). Havia uma separação entre o mundo do trabalho e o mundo familiar, entre o público e o privado, estabelecendo “[...] a domesticidade, o amor romântico e o amor maternal, todos construídos em torno da privacidade e do isolamento [...]” (PÔSTER, 1979, p. 13).

Outra mudança importante acentuada por Pôster (1979, p. 187) são as relações entre os casais que “eram regidas por vigorosas divisões de papéis sexuais”, nos quais o homem, na função de provedor, é autoridade livre e dominante. Já a mulher, na função de cuidadora do lar e das crianças, passou a ser totalmente dependente do marido.

Isolada em seu lar, tinha a função exclusiva de cuidar da vida doméstica, da organização da casa e da educação dos filhos. A mulher dedicava-se inteiramente ao filho e, além de gerar, também precisava amamentar e cuidar da higiene das crianças. Com os avanços da medicina, a regra era a atenção constante às crianças, o que contribuiu, sobremaneira, para a baixa mortalidade.

A educação familiar dada à criança era pautada a partir de um padrão de regras que mesclava autoridade e amor com os pais. Esse amor investido nas crianças, em busca de uma perfeição moral, era exigido sob pena de castigos corporais. Acreditava-se que a imposição de uma educação pautada na autoridade do pai geraria um sujeito burguês “auto motivado [sic] para enfrentar um mundo competitivo, tomar decisões independentes e bater-se pela aquisição de capital [...]” (PÔSTER, 1979, p. 193).

Dessa forma, “a ordem familiar econômica burguesa repousa, em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos” (ROUDINESCO, 2003, p. 38). A família, portanto, cumpria a função de reprodução da ideologia, modelando o desenvolvimento de papéis sociais dos seus membros.

Outra leitura histórica e social da família pode ser encontrada na obra do filósofo Engels (1984), denominada *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.⁹ Nesta obra, o autor, inspirado nas obras do antropólogo Morgan, escreve sobre a “reconstituição da forma primitiva da família através dos sistemas de parentesco” (ENGELS, 1984, p. 91), enquanto constatação formal e social de laços biológicos, e também sobre o casamento como

⁹ Esse livro foi escrito por Engels em 1884, tendo como base as anotações deixadas pelo falecido Karl Marx sobre as investigações de Lewis H. Morgan, publicadas no livro *Ancient Society (Antiga Sociedade, 1871)*.

“característica de continuidade e sistematicidade da instituição família” (CANAVECCI, 1981, p. 55).

Engels (1984) ressalta um diálogo fecundo do materialismo histórico com a antropologia, na tentativa de compreender o desenvolvimento das formas da família, da propriedade e do Estado desde a pré-história, tendo como base a produção dos meios de existência (trabalho e produção do próprio homem enquanto construção histórica).

Para Morgan, “a família é o elemento ativo, nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado” (*apud* ENGELS, 1984, p. 30).

Essa evolução está diretamente ligada ao progresso dos meios de existência e de relações, apoiado na perspectiva de que “a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família, de outro” (ENGELS, 1984, p. 02).

De acordo com a concepção de evolução humana desenvolvida por Lewis H. Morgan, o desenvolvimento humano acontece por meio de estágios pré-históricos sucessivos e unilineares, chamados de estado selvagem, barbárie e civilização, que se subdividem em fases inferior, médio e superior, pois “todo progresso da humanidade coincide, de modo mais ou menos direto, com as épocas em que se ampliam as fontes de existência” (ENGELS, 1984, p. 22).

Segundo Morgan (*apud* ENGELS, 1984), tais estágios pré-históricos correspondem às famílias: consanguínea, punaluan, sindiásmica, patriarcal e monogâmica, que se configuram da seguinte forma:

- a família consanguínea, ao estado da selvagem;
- a família sindiásmica, ao estado da barbárie;
- a família monogâmica, ao estado da civilização.

Engels (1984) salienta que a diferença entre os tipos de famílias não é bem definida, mas que ainda assim esse estudo desnaturaliza a família monogâmica. De acordo com Morgan (*apud* CANEVACCI, 1981, p. 56), “[...] a ideia de família foi o resultado de uma evolução, através de estágios sucessivos de desenvolvimento, dos quais a família monogâmica constituiu a última forma [...]” e “[...] cada uma dessas famílias teve uma longa vida nas tribos da humanidade, com períodos de infância, de maturidade e de decadência [...]” (MORGAN *apud* CANEVACCI, 1981, p. 61).

A família consanguínea é considerada o primeiro tipo de família. Ela está estruturada a partir do acasalamento dentro de um mesmo grupo, revelando que as reproduções dos grupos familiares se davam por meios endógenos, ou seja,

todos os avôs e avós, nos limites da família, são maridos e mulheres entres si; o mesmo sucede com seus filhos, quer dizer, com os pais e mães; os filhos destes, por sua vez, constituem o terceiro círculo de cônjuges comuns; e os seus filhos, isto é, os bisnetos dos primeiros, o quarto círculo (ENGELS, 1984, p. 37-38).

Após a proibição do relacionamento sexual entre pais e filhos, surgiu a família punaluaana, que excluiu a relação sexual entre irmãos, migrando os enlaces conjugais para o casamento com várias irmãs, carnis e colaterais, no interior do grupo (ENGELS, 1984). Neste contexto, os homens poderiam se casar somente com um elemento de outro grupo, relacionamento conjugal ou matrimônio por grupo, um círculo fechado de parentes consanguíneos, instituindo, assim, a *gens*:

círculo fechado de parentes consanguíneos por linha feminina, que não se podem casar uns com os outros; e, a partir de então, este círculo fechado se consolida cada vez mais por meio de instituições comuns, de ordem social e religiosa, que o distingue das outras gens da mesma tribo (ENGELS, 1984, p. 44).

O terceiro arranjo familiar seria a “sindiásmica” ou de casal. A união acontecia entre casais que já se formavam por pares, de duração mais ou menos longa; o homem tinha uma mulher principal, já que a poligamia e a infidelidade eram direitos dos homens, e exigia-se das mulheres o dever de fidelidade. Este tipo de família tinha como característica a convivência de vários casais no mesmo espaço e sob a autoridade matriarcal. O vínculo conjugal poderia se dissolver facilmente por qualquer uma das partes e, como antes, ainda se considerava a linhagem feminina, ou seja, os filhos pertenciam exclusivamente à mãe, sendo as mulheres as senhoras do lar.

Porém, com o aumento das riquezas das famílias e a conversão em propriedade particular em privada, a família matriarcal recebeu um grande golpe: ao assumir uma posição de poder diante dos negócios, o homem destituiu as *gens* do matriarcado.

Para Marcassa (2006):

foi preciso que as mulheres efetuassem a passagem ao casamento sindiásmico para que os homens introduzissem a estrita monogamia, com efeito, somente para as mulheres. E isso foi possível porque no matrimônio sindiásmico, além da verdadeira mãe passa a existir a figura do verdadeiro

pai, que se torna o proprietário, não só da sua força de trabalho, mas dos meios de produção e dos escravos. E à medida que a posição do homem ganha mais importância em função do aumento das riquezas, tal vantagem passa a interferir na ordem da herança e da hereditariedade, provocando a abolição do direito materno à filiação em prol da filiação masculina e do direito hereditário paterno (p. 86).

Com essa abolição, a posição da mulher converteu-se a servidora, escrava de luxúria e instrumento de reprodução dos homens (ENGELS, 1984). Com a instituição da exclusividade de poder nas mãos do homem, surgiu a família patriarcal, que assumiu a “organização de certo número de sujeitos, livres ou não livre, numa família submetida ao poder paterno de seu chefe” (ENGELS, 1984, p. 61).

Da família sindiásmica originou a família monogâmica (ENGELS, 1984). Ao contrário da família sindiásmica, a família monogâmica solidifica os laços conjugais, que não podem ser dissolvidos por nenhuma das partes e, assim, garantem o reconhecimento da paternidade e a transmissão hereditária da propriedade, com o intuito de preservação da propriedade privada.

A monogamia traz um grande progresso na história, mas ao mesmo tempo carrega em sua essência um retrocesso, visto que o desenvolvimento vem carregado de opressão-repressão imposta a uns em função do bem-estar de outros.

Os matrimônios eram diferentes entre as classes sociais; os menos favorecidos financeiramente viviam a monogamia total, com o amor sexual, sem opressão sobre as mulheres. Já as classes dominantes, como não podiam deixar de pensar na manutenção ou no aumento da propriedade privada, viviam uma união de conveniência. Ao homem era concedido o direito à infidelidade conjugal, e à mulher esse ato era revertido em rigoroso castigo. Neste sentido, Engels (1984) argumenta que

a monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário ela surge sob a forma de escravidão de um sexo pelo outro. Como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito redigido em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: “a primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos (p. 70).

Ele considera essa divisão social como sendo o primeiro antagonismo de classes e também a primeira opressão de classe em que o homem oprime a mulher. Para Toledo (2008, p.16), “é no lar que se reproduz a ideologia da sociedade burguesa patriarcal, onde toda criança nasce aprendendo a respeitar ‘a autoridade paterna’ e ver na mulher um ser inferior e

destinado a servir aos demais.” Essa situação é marcada pela discrepância social do lugar ocupado pelo homem em relação à mulher, na legitimação da infidelidade masculina, dentre outras.

Engels (1984), reafirmando os estudos de Morgan, conclui que:

a única coisa que se pode responder é que a família deve progredir na medida em que progrida a sociedade, que deve modificar-se na medida em que a sociedade se modifique; com sucedeu até agora. A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema. Tendo a família monogâmica melhorado a partir dos começos da civilização e, de uma maneira muito notável, nos tempos modernos, é lícito pelo menos supor que seja capaz de continuar seu aperfeiçoamento até que chegue à igualdade entre os dois sexos. Se, num futuro remoto, a família monogâmica não mais atender às exigências sociais, é impossível predizer a natureza da família que a sucederá (p. 91).

Compreender a família monogâmica é entendê-la como peça fundamental na economia e na ideologia da produção e reprodução social, pois “a família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais” (ENGELS, 1984, p. 80).

Nessa perspectiva, para entender a família na contemporaneidade é preciso compreender que as necessidades impostas pela sociedade implicam constantemente novas formas de organização familiar. Oliveira (2009) afirma que a família vem sofrendo transformações desde a Revolução Industrial, quando as modificações ocorridas no meio e modo de produção geraram tensões econômicas e sociais, que refletiram diretamente na constituição da sociedade, alterando as relações de poder, convivência e sobrevivência.

A família constitui-se, a partir do pensamento burguês, em nuclear (pai, mãe e filhos), chamada também de tradicional ou patriarcal. Tornou-se hegemônica nas referências empíricas e simbólicas, tida como estável, e assegurava e fornecia o código moral em posições e papéis segregados pelo pai e pela mãe. Porém, com a estruturação do sistema capitalista mundial, a família nuclear sofreu interferência, que pode ser sintetizada nos estudos de Fávero (2007):

o modelo de família nuclear, que se estabeleceu como padrão no ocidente, começou a mudar, ainda que de forma desigual, em suas diversas regiões. Embora não tenha afetado todas as partes do mundo igualmente, de maneira geral aumentou a tendência de famílias chefiadas por mulheres e de pessoas vivendo sozinhas. A mudança na relação entre os sexos, um dos pontos centrais da revolução cultural, foi marcada pelo direito ao divórcio, nascimentos ilegítimos, aumento de famílias com apenas um dos pais (uma

maioria de mães solteiras), além do aumento das uniões consensuais – com predomínio dos laços afetivos em detrimento da formalização da união. Também se caracterizou pela ampliação da cultura juvenil, com acentuado abismo entre gerações, revelado pela desvalorização de regras e valores da geração mais velha, implicadoras de controle do comportamento humano. Em síntese, a família tradicional teve seus laços afrouxados nas várias classes sociais (p. 120).

Os estudos sobre a família indicam que, a partir do século XX, particularmente nos anos 1960, foi possível estabelecer alguns traços que marcaram o surgimento da ideia de uma “família contemporânea” ou “pós-moderna”, onde existe uma união de duração relativa entre sujeitos com foco nas relações íntimas ou na realização sexual (ROUDINESCO, 2003).

Grandes mudanças ocorreram nas últimas décadas, como: a redução no número de membros das famílias; uma maior mobilidade migratória; a diminuição do espaço de autonomia das crianças (principalmente com a violência); o tempo menor de convivência entre os membros devido ao trabalho; o aumento da participação feminina na força de trabalho; o declínio da união formal e a tendência das famílias a serem menos estáveis; os padrões de dependência entre gerações que sofreram modificações; as unidades familiares que se apresentavam mais individualizadas e nucleares; a diversidade étnica, religiosa e étnica mais presente nas famílias; as mulheres que se tornaram chefes de famílias e a acentuada mudança na dinâmica dos papéis parentais e nas relações de gênero (RIZZINI; PILOTTI, 2009, p. 29-32). Estas mudanças afetaram as famílias, provocando alterações na estrutura e na dinâmica de suas relações, contribuindo para uma nova concepção contemporânea de família.

Todo esse cenário alterou a dinâmica das relações familiares, sendo que estas sofreram mudanças significativas naquilo que os antigos padrões tradicionais das concepções de família tinham como definido. Levando-se em conta a perspectiva dialética para a compreensão das transformações pelas quais a família tem passado, é possível considerar a coexistência da família como objeto de idealizações e de uma realidade em que esses ideais são abalados a ponto de negar-se a existência de um só modelo “adequado”, já que “a família contemporânea comporta uma enorme elasticidade” (SARTI, 2003, p. 25).

Na história da humanidade, nota-se que as famílias assumiram matrizes distintas e, no decorrer da década de 1980, e que segue até hoje, as mudanças na configuração/organização e funcionamento das famílias têm sido profundas e permanentes. Isto tudo em função das mudanças na atividade produtiva, na organização do trabalho e também nos processos educativos e de socialização das novas gerações (PETRINI, 2005).

Por conta dessas transformações, o modelo familiar nuclear foi se pluralizando, deixando de ser um modelo hegemônico:

na sociedade contemporânea, a família é considerada um valor ideal que a maioria da população cultiva. No entanto, nestas últimas décadas, a família passa por grandes mudanças, que a tornam particularmente vulnerável. Estão mudando o modo de entender e o modo de viver o amor e a sexualidade, a fecundidade e a procriação, o vínculo familiar, a paternidade e a maternidade, o relacionamento entre o homem e a mulher (PETRINI, 2003, p. 60).

No entanto, essas transformações não diminuíram a importância da família como “célula mater” da sociedade, como uma referência segura à qual nenhuma pessoa estaria disposta a renunciar (ROUDINESCO, 2003).

O crescimento das novas configurações familiares, dos tipos ou retratos de família, põe em questão a hegemonia da família nuclear, uma vez que ela acompanha somente o processo de mudança que surge em torno da família contemporânea. A família nuclear, embora seja o modelo idealizado e reproduzido culturalmente em nossa sociedade, não corresponde na totalidade ao único modelo de família hoje. Contraditoriamente, os modelos alternativos não foram ainda compreendidos e aceitos pela sociedade.

São várias as transformações decorridas dos modelos familiares identificados na sociedade. Vários pesquisadores de diversas áreas têm buscado identificar e compreender esses modelos, porém, é importante ressaltar que não é viável a generalização ou o enquadramento dos diferentes modelos em determinada família. Esses modelos alternativos à família nuclear seguem padrões de autoridade e hierarquia e procuram suprir as necessidades afetivas e materiais de seus membros (REIS, 1984; SARTI, 1996 *apud* ARAUJO, 2006, p. 72).

As novas representações, de acordo com Kaslow (2001 *apud* SZYMANSKI, 2002), apresentam nove tipos de acordos que podem ser considerados “família”, sendo:

- 1) família nuclear, incluindo duas gerações, com filhos biológicos;
- 2) famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações;
- 3) famílias adotivas temporárias (Foster);
- 4) famílias adotivas, que podem ser bi-raciais ou multiculturais;
- 5) casais;
- 6) famílias monoparentais, chefiadas por pai ou mãe;
- 7) casais homossexuais com ou sem crianças;
- 8) famílias reconstituídas depois do divórcio;

9) várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo (KASOLOW, 2001, p. 37 *apud* SZYMANSKI, 2002, p. 10).

Essa elasticidade das composições familiares elenca respostas inovadoras às situações sociais, econômicas, políticas e culturais, às quais as famílias foram e são submetidas no decorrer do tempo histórico. Neste ínterim, não se pode identificar a família como o modelo ideal e único, , mas sim “famílias”, pois o uso do termo no plural considera as diferentes formas em que ela tem se constituído. Esses novos arranjos familiares trazem consigo novas responsabilidades para cada indivíduo que compõe a família, funções definidas a partir da particularidade de cada família, e não baseadas em funções predeterminadas ou práticas tradicionalmente delegadas ao homem e à mulher. Vê-se, assim, que estes papéis se modificarão com o tempo e serão definidos dentro de um processo, que são as transformações e a modificação constante da sociedade.

É importante ressaltar que, mesmo diante de várias configurações, a família não deixa de ser um “porto seguro” tanto para seus membros quanto para a lógica da sociedade capitalista.

1.2 Escola, infância e criança: interfaces em torno da compreensão de família

A imagem da criança é [...] a imagem elaborada por um adulto e por uma sociedade que se projeta na criança, de uma criança que se procura identificar com o modelo criado por essa projeção. Compreende-se bem, portanto, que essa imagem evolua historicamente (CHARLOT, 2013, p. 169).

Para empreender uma reflexão sobre família, escola, infância e criança é importante contextualizar o sentido e significado destas categorias nos estudos contemporâneos. Toma-se como ponto de partida para estas reflexões o entendimento de que estas categorias são históricas e sociais, portanto, frutos das relações humanas em processos objetivos e subjetivos.

Ao longo do seu desenvolvimento, o ser humano vai se apropriando de experiências sócio-históricas exercidas pelas gerações precedentes, que o ajudarão a superar os limites impostos pela sociedade. Com isso, pode-se dizer que a criança vai apropriando os significados culturais que já haviam sido criados social e historicamente antes do seu nascimento, e “essa apropriação e essa objetivação geram no homem novas necessidades e

conduzem a novas formas de ação, num constante movimento de superação por incorporação” (DUARTE, 2007, p. 23). Saviani (2007) afirma que:

o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (p. 154).

Se por um lado a categoria escola é tomada como categoria de análise neste estudo, por outro, não se pode descola-la daquilo que a constitui universalmente. Ou seja, é preciso toma-la como constituinte e constituída na/da categoria educação. Em seu sentido mais ampliado, por educação pode-se compreender o ato educativo que acontece em qualquer ambiente: na rua, na casa, na escola, na família, na igreja, na vida das pessoas e na sua interação com a sociedade. Segundo Brandão (2006, p. 7), “ninguém escapa da educação [...] todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.”

Como expressão da vida social, a educação é

uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em casa, na sociedade. Formas de educação produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2006, p. 10).

A educação é inerente à formação do ser humano e independe de sala de aula e de professor para que aconteça. Ela precisa ser compreendida a partir de uma ótica conceitual ampla, não restrita apenas a unidades escolares. Ela se associa:

a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar para produzir outros saberes, técnicas, valores, etc. (LIBÂNEO, 2001, p. 157).

Esses saberes, técnicas e valores são assimilados por meio de modelos de comportamentos, tais como “modelos de trabalhos, de vida, de troca, de relações de afetividade, de relações de autoridade, de conduta religiosa, etc.”, (CHARLOT, 2013, p. 56). Eles se manifestam por toda parte, mas “particularmente na escola, instituição especializada na qual as crianças de nossa sociedade recebem grande parte de sua educação” (CHARLOT, 2013, p. 217), principalmente o conhecimento científico.

Então, “a educação é mais antiga do que a escola, [...] é mais arcaica do que a escola, [...] é a educação a origem e o princípio da escola e não vice-versa” (FERNANDES, 2013 *apud* CÔELHO, 2013, p. 33). Nas comunidades primitivas, a educação tinha lugar como socialização das crianças e acontecia mediante participação nas funções da coletividade das atividades dos adultos. A aprendizagem derivava das ideias e dos sentimentos, passados pelas gerações anteriores e no interesse do grupo. A partir de modificações nas relações sociais e também com a passagem do modo de produção artesanal para o fabril, durante a Revolução Industrial e Burguesa, surgiu a necessidade de espaços de “aprendizagens ou de preparação” de indivíduos para atender as exigências da sociedade capitalista. A família não é suficiente para educar e é necessário, portanto, escolarizar.

Nessa época, a escola era um “local de aquisição de técnicas fundamentais e de transmissão de saber e não um meio visando à formação sistemática e integral da personalidade” (CHARLOT, 2013, p. 230), não sendo automaticamente considerada educativa. Nascida historicamente como local de instrução, essencialmente religiosa, a escola, a partir dos séculos XVI e XVII, criou meios e aspirações pedagógicas, se transformou em local de educação e tornou-se “instituições sociais que pensam a si mesmas não como sociais, mas como culturais” (CHARLOT, 2013, p. 231).

Então a escola se tornou uma instituição especializada na cultura escolar, Paro (2010) afirma,

[...] a educação consiste na apropriação da cultura. Esta, entendida também de forma ampla, envolve conhecimentos, informações, valores, crenças, ciência, artes, tecnologia, filosofia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua transcendência da natureza [...] visa à formação do homem em sua integralidade (p. 23).

Nesse sentido, Charlot (2013, p. 251) diz que “a escola não se organiza em função da vida social, mas com referência a certa concepção da cultura, da natureza humana e da infância”. Ela deriva de atividade coletiva produzida a partir de uma organização flexível adaptável aos contextos sociais e históricos.

A escola preocupa-se com a “transmissão mais eficaz de modelos e das normas de comportamento, dos fundamentos éticos do controle pulsional e das ideias sociopolíticas” (CHARLOT, 2013, p. 62) e foca em responder às exigências e expectativas da sociedade, em “domesticar” os instintos de crianças que, de outra forma, poderiam prejudicar o bom andamento do sistema vigente.

Corroborando com esses conceitos, Paro (2007, p. 55) diz que a escola “é uma agência que propicia a apropriação do saber historicamente produzido” e que ela também é “uma instituição que deve preparar para a consciência política e para a cidadania” (PARO, 2007, p. 57).

Nessa perspectiva é importante pensar a escola em uma relação dialética, na qual, ao mesmo tempo que ela é ruptura, também é continuidade da sociedade (CHARLOT, 2013). E, ainda, ao mesmo tempo em que ela exerce o papel de mediadora entre o sujeito e a sociedade, ela mascara o verdadeiro papel da educação escolar, que é servir o interesse das classes dominantes.

Já em relação à infância e à criança, historicamente essas concepções se constituíram na relação com os adultos. No estudo realizado por Ariès (1981), a noção de infância pode ser compreendida como um sentimento social/histórico que foi tomando diferentes significados ao longo do tempo e que ganhou uma nova conotação na sociedade contemporânea, a partir das relações sociais às quais elas eram sujeitas. Para o autor, a infância sempre existiu, todavia, sua percepção como categoria social só foi instaurada em meados do século XII e XVI, com a gênese do(s) “sentimento(s) da infância”. A conscientização da importância da infância e das especificidades desse momento na vida do sujeito representou um momento de transformação na maneira de enxergar as particularidades infantis em detrimento ao mundo do adulto.

A ideia de infância foi se estabelecendo pela concepção moderna de infância, agregando à criança a noção de cidadão, com direitos e com a proteção especial. Na nova acepção de infância, “a criança passou a ser uma pessoa com atributos característicos – suscetibilidade, vulnerabilidade, inocência – os quais exigiam um período de formação afetuosa, protegido e prolongado” (LASCH, 1991, p. 27). Sendo assim, a criança passou a ser entendida “enquanto cidadão-sujeito de direitos que, por estar em um importante momento de seu desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual, deve ser assumida como prioridade e responsabilidade da família, do Estado e da sociedade” (ARAÚJO, 2006, p.49).

Nesse caso, a substituição da família por outras agências socializadoras (escola, igreja, profissionais de assistência) condiciona a criança a normas impostas por essas instituições,

limitando as funções da família e treinando as crianças para lidarem com um mundo imprevisível. Como afirma Lasch (1991, p. 169), “a importância da família para a socialização entra em declínio: a criança ‘orientada para o outro’, desde pequena forçada a aprender a conviver com o grupo, cresce sob a influência dos meios de comunicação, da escola e de seus pares”.

Um importante marco histórico nesse aspecto chama a atenção para o final da década de 1990, quando o campo de estudos da Sociologia da Infância¹⁰ fez duras críticas ao modelo de socialização. Neste, as crianças e as infâncias eram reguladas socialmente, rompendo “com as abordagens tradicionais da socialização” e “propõe um novo paradigma para os estudos sociais da infância da criança” (MARCHI, 2010, p. 2 e 4).

As principais críticas desse campo de estudo afirmavam que as crianças não eram agentes passivos e apenas receptores dos processos adultocêntricos. Porém, os estudos da Sociologia da Infância estabelecem uma distinção entre crianças e infâncias, nos quais as crianças são sujeitos que transformam e são transformadas, alteram e são alteradas, reproduzem e produzem cultura. Já a infância é uma categoria geracional, do tipo social, que não pode ser apreendida sem outras mediações: etnia, classe, gênero, raça etc. Esta distinção ajudou a construir a afirmação da criança como atriz de pleno direito e da infância como construção social, na qual possibilita olhar e escutar as crianças no modo como vivem sua infância; “pensar a criança dessa forma propõe não determinar o foco de análise para o externo que seria o indivíduo ou a sociedade, mas tencionar o lugar onde ambos possam se constituir reciprocamente” (SIQUEIRA, 2011, p. 95).

Refletindo sobre infância e criança, percebe-se que “as concepções de infância e criança têm sido abordadas como sinônimas, ou seja, ao falar de infância, fala-se de criança, ou vice-versa” (SIQUEIRA, 2011, p. 23), pois,

não é possível deixar de apreender na criança a infância, muito menos de reconhecer que na infância há uma expressão da criança, mas as duas categorias não são as mesmas. Ambas se constituem como categorias históricas e sociais, mas a criança revela o indivíduo e a infância revela o tempo em que esse indivíduo se constitui e constrói a sua história (p. 23).

Corroborando com essa definição, Sarmento (2005) salienta que o conceito de infância é marcado por questões políticas e econômicas e que “a infância é historicamente construída a

¹⁰Campo de estudo da Sociologia que defende as categorias infância e criança como construções históricas/sociais/culturais e suas mediações com outras como geração, raça, etnia, classe etc. Para saber mais, ver Sarmento e Gouvea (2008).

partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade” (SARMENTO, 2005, p. 365).

Segundo Charlot (2013), as concepções que nortearam ou têm norteado a infância configuram-se como um processo dinâmico de ações e reações entre a criança e o adulto. Assim, as contradições do comportamento infantil não são consequências de uma dupla natureza, mas sim expressões das relações entre adultos e crianças dentro de um determinado contexto, que “mostram sua relação com um tempo que foi construído nas mediações daquilo que expressa o poder e a soberania adultícia para com o tempo da infância” (SIQUEIRA, 2011, p. 24).

Sendo assim, “a ideia de infância traduz, ela também, um ideal social dessocializado: não somente ela não passa de um corolário da ideia de natureza humana, mas ainda o adulto e a sociedade nela projetam suas aspirações e recusas” (CHARLOT, 2013, p. 137). Então, não é possível apreender o que de fato é a infância sem situá-la no campo de tensão entre o natural e o social, entre o universal e o singular, revelando-se a condição de negação da criança na particularidade e da infância em sua universalidade.

Quando se explicita a universalidade da infância, revela-se o que constitui seus traços existentes em todos os tempos e lugares sociais, ou seja, a infância é uma construção humana, desde que o homem se reconheça no que se denomina humano e nos modos com se instauram o sujeito e a humanidade. A condição universal da infância implica reconhecer que as crianças se fazem crianças na História, mediante o fortalecimento de seus processos de igualdade e alteridade. Na singularidade da infância está presente a universalidade. A singularidade da infância revela uma criança no tempo de viver a infância, cujo processo se dá na perspectiva de um desenvolvimento, fortemente movido pelo desejo de construir experiências significativas na história. Trata-se de dar voz à criança para que ela fale sobre seu contexto, suas relações, seus modos de vida (SIQUEIRA, 2011).

Dessa maneira, a concepção de infância ocorre na forma como as contradições “dissimulam a relação da criança com o adulto e com a realidade social” (CHARLOT, 2013, p. 104), imputando à criança uma situação de “desordem”. Nesta, ela é vista como inocente e má, perfeita e imperfeita, dependente e independente, herdeira e inovadora, naturalizando a relação da criança com o adulto, ideologizando e mistificando o que o adulto nela projeta, exprimindo a contradição presente na própria sociedade, que é o desejo de continuidade e a necessidade de renovação.

Isso significa pensar a criança como um ser em construção, e não como uma representação social materializada em uma concepção, tensionando o lugar em que o sujeito e a sociedade possam se instituir reciprocamente. Não há sujeito sem sociedade, como não há sociedade sem sujeito. Assim, nesse espaço de construção social, deve-se lembrar que ela é construída pela relação histórica, política e científica, e que nesse processo deve considerar sua pluralidade e heterogeneidade.

Considerando a pluralidade e a heterogeneidade, entende-se que a infância é um tempo social da vida que se difere em cada criança, determinado pelo contexto de cada uma dentro da sociedade, da comunidade e da família.

Desse modo, verifica-se que não existe uma única concepção de infância e criança, mas, infâncias plurais, em diferentes contextos culturais e sociais. Como reafirma Siqueira (2011), não existe uma única concepção de criança, mas crianças no plural, uma vez que cada sujeito se estabelece – e assim a sua história – num tempo humano, político, econômico, social e cultural determinado, sendo, assim, construtoras ativas do seu próprio lugar na sociedade contemporânea.

Desse modo, afirma Siqueira (2011):

[...] a **infância é**, de fato, uma construção social que se dá num tempo da vida marcado por singularidades e universalidades no plano natural-social e lógico-histórico e **a criança é**, de fato, um sujeito cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas de desenvolvimento e suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente determinada (p. 186, grifos do autor).

Concordando com essas concepções, Sarmiento (2008, p. 22) salienta que “a Sociologia da Infância propõe o estabelecimento de uma distinção analítica no seu duplo objeto de estudo: as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância como categoria social do tipo geracional, socialmente construída.” Portanto, a Sociologia da Infância defende uma concepção que vem se afirmando e se constituindo nos dias de hoje. Trata de ver a criança como protagonista¹¹ ou ator social de sua própria história, com capacidade de produzir culturas específicas e sentidos pessoais para a sua existência.

É importante destacar que, ao discutir o protagonismo infantil, é preciso considerá-lo como um processo social, como ser histórico-cultural que interage com seus pares e com o mundo, modificando a si mesma e o mundo ao seu redor.

¹¹Para Gaitán (1997, p. 85), o protagonismo infantil é “o processo social mediante o qual se pretende que meninos, meninas e adolescentes desempenhem o papel principal em seu próprio desenvolvimento e de sua comunidade, para alcançar a realização plena de seus direitos, atendendo ao seu melhor interesse”.

Nesse sentido, que lugar pensar a criança na família? Entende-se que a concepção de criança e infância é sempre vista pela ótica do adulto e, portanto, sofre alterações de acordo com o contexto histórico que ela vive. Esse modelo é constituído por uma concepção burguesa de mundo, onde se valorizam produção, propriedade privada, família.

Então, pensar a infância e a criança é buscar evidências no primeiro vínculo que ela vive: a família. Como salienta Siqueira (2011, p. 186), “é na família, como primeira instância educativa que acolhe a criança que se pode se tornar possível outra infância”.

Reforçando esse entendimento, nos estudos de Ariès (1981), reconheceu-se que o tempo da infância é um tempo social e historicamente construído com a criança sendo inserida na sociedade dos adultos, vivendo de acordo com a organização social de cada tempo. Nesse sentido,

se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 2003, p. 19).

A família assume importante papel na socialização primária e no processo de mediação com o mundo, com a sociedade. Na família se dá a relação com os adultos. Esta relação envolve uma dependência, característica da infância que está presente nas diversas classes sociais, em qualquer sociedade. Siqueira (2011, p. 51) lembra que “as crianças precisam de uma atenção especial dos adultos no processo de prover as condições de sua existência na infância”.

Segundo Charlot (2013), esta dependência é social, todavia, muitas vezes é mascarada em nossa sociedade como uma dependência natural, na qual os adultos são dominantes e, por isso, devem se submeter a ela. Esta tese é justificada pela sociedade que advoga o fato de que a criança não domina seu comportamento e está suscetível. Então, cabe à sociedade protegê-la e discipliná-la, pois ela é excluída das decisões em todos os âmbitos. Bernard Charlot (2013) diz ainda que “a criança representa o reflexo do que os adultos querem e temem eles próprios tornarem-se” (p.168), a partir dos modelos disponíveis que o próprio mundo adulto criou.

Nessa perspectiva, Qvortrup (1995 *apud* NORONHA, 2011) aponta alguns paradoxos do desajuste entre a sociedade infantil e a adulta:

1. Os adultos querem e gostam de crianças, mas têm-nas cada vez menos, enquanto a sociedade lhes proporciona menos tempo e espaço.
2. Os adultos acreditam que é benefício, quer para as crianças, quer para os pais passarem tempo juntos, mas vivem cada vez mais vidas separadas.
3. Os adultos

gostam da espontaneidade das crianças, mas estas veem as suas vidas ser cada vez mais organizadas. 4. Os adultos afirmam que as crianças deveriam estar em primeiro lugar, mas cada vez mais são tomadas as decisões a nível económico e político sem que as mesmas sejam levadas em conta. 5. A maior parte dos adultos acredita que é melhor para as crianças que os pais assumam sobre elas maior responsabilidade, mas, do ponto de vista estrutural, as condições que estes têm para assumir este papel deterioram-se sistematicamente. 6. Os adultos concordam que se deve proporcionar o melhor início de vida possível às crianças, mas estas pertencem a um dos grupos menos privilegiados da sociedade. 7. Os adultos concordam que se deve ensinar às crianças o significado de liberdade e democracia, mas a sociedade limita-se a oferecer preparação em termos de controle, disciplina e administração. 8. Os adultos atribuem geralmente às escolas um papel importante na sociedade, mas não se reconhece como válida a contribuição das crianças na produção de conhecimentos. 9. Em termos materiais, a infância não importa aos próprios pais, mas antes à sociedade. Contudo, a sociedade deixa os custos por conta dos pais e das crianças (p. 95).

Os paradoxos citados evidenciam um tipo de organização de sociedade na qual se produz uma ambivalência nas atitudes sociais perante os adultos e as crianças. Conforme Siqueira (2011, p. 177), é necessário fazer um alerta a fim de não provocar a “ilusão de que a criança, por si só, seja capaz de autodeterminar-se”. Ela não pode atuar sozinha e necessita da presença adulta. Estabelece, assim, que o adulto desempenhe seu poder e invente uma ideologia de justificação da hierarquia etária (CERVINE; BURGER, 1991 *apud* ARAUJO, 2006, p. 47). Esta hierarquia está relacionada com a criança e com a forma como a família lida com a sua formação e educação.

Segundo Qvortrup (1999), a familiarização da infância não é somente uma concepção ideológica acerca do lugar que as crianças devem ocupar, mas, também, um modo metodológico de despojar as crianças do seu direito a serem notadas, de sua condição plural e polissêmica na contemporaneidade. Desta forma, deve-se considerar a sua visibilidade e suas ações na sociedade e permitir que ela seja reconhecida em suas condições particulares, singulares e plurais. Portanto, ouvi-la em sua polifonia¹² e saber entendê-la como alguém apto a transformar o espaço e o tempo histórico, social e político.

Nesse campo de tensão em que a criança se apresenta como um ser histórico, historicidade e história são entendidas como processos dinâmicos e culturais e tratadas como produções humanas. No contato com o outro, sendo idêntico ou não, a criança é sujeito que amplia e diversifica sua identidade e sua cultura.

Dessa forma,

¹²De acordo com o dicionário de língua portuguesa, polifonia é uma palavra que vem do grego e significa “de muitas vozes”. Fonte: *Dicio*: Dicionário online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>.

compreender a criança a partir de si mesma e de seu construto cultural é importante para desvelar suas diferentes representações na sociedade, sejam estas pelas diversas concepções de infância e criança ou pela delimitação das idades da infância, o que está em questão é o não é apenas o adaptar-se ou assimilar regras, hábitos e valores dos adultos, mas os significados que as crianças atribuem ao mundo que as cerca (SANTOS, 2015, p. 52).

Destarte, então, ao se retratar a constituição histórico-social da criança, não se pode perder de vista que suas identidades estão marcadas pelas questões sociais; portanto, sinalizadas por processos educativos e culturais. À vista disto é imprescindível a escuta de suas vozes para se apanhar as suas singularidades e respeitar as crianças como sujeitos humanos.

Esse capítulo buscou, portanto, contextualizar a instituição família, considerando os aspectos históricos que impactaram o desenvolvimento e a constituição tanto do sentimento de família quanto do sentimento da criança. Automaticamente, esses aspectos refletiram a sua organização e configuração, gerando, no início dos tempos modernos, uma preocupação com a educação. Assim, o capítulo abordou reflexões sobre a educação escolar, a infância e a família como construções sociais. Em vista disso, faz-se necessário abrir campos de discussões e reflexões sobre o que essas categorias expressam a partir da ótica das crianças. E é sobre esse aspecto que o próximo capítulo versará.

CAPÍTULO II

“UMA ESCOLA PARA APRENDER E SER ALGUÉM NA VIDA”

O presente capítulo trata dos sentidos e significados da função da escola sob a ótica das crianças. Toma como referência aquilo que as crianças trouxeram sobre o que entendem da família, da escola, de seus objetos de trabalho, da relação família-escola e do modo como a escola, os pais e a sociedade veem seus professores. Esta discussão não se descola do que foi explanado no capítulo anterior, que trata, sobretudo, de aproximar as discussões sobre a família, a criança e a escola, com base nas reflexões estabelecidas na interação das crianças com seus principais espaços de socialização: a família e a escola. Isto implica falar que não são acontecimentos que se estabelecem *a priori*, mas que surgem nas diferentes concepções de educação e sociedade.

2.1 Uma família que não cabe no papel: desenhos de família

Ao pesquisar e analisar a família pela ótica das crianças, não se pode deixar de entender os novos paradigmas da infância, que consideram as crianças como sujeitos de direito, nos quais ela é tratada como ator social e a infância como construção social e geracional na sociedade (MONTANDON, 2001; SIROTA, 2001). A partir desse novo paradigma, a criança na infância contemporânea contribui, à sua maneira, para conservação e transformação da sociedade. Neste aspecto, Pinto e Sarmento (1997) salientam que:

o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (p. 25).

Nesse caso, entender a concepção de família pela ótica das crianças significa apreender aquilo que a sociedade tem construído em torno da infância, uma vez que a infância expressa uma categoria social que manifesta as relevantes contradições, ambiguidades e os paradoxos de uma sociedade em mudança: “a infância influencia e é influenciada, altera e é alterada, transforma e é transformada na relação com as demais categorias sociais” (SIQUEIRA, 2011, p. 132).

É preciso ouvir a criança, saber compreendê-la como alguém capaz de transformar o espaço e o tempo histórico, social e político, respeitando as especificidades individuais e contextuais de gênero, a classe, etnia e história. E é com base nesses princípios que uma reflexão sobre família e escola enseja compreender como as crianças percebem, sentem e pensam essa relação, desde a “particularidade histórica e da universalidade humana [...] como um ser em construção em condições específicas e determinadas” (RESENDE, 2007, p. 30). A questão que se coloca às crianças procura se contrapor à ideia de infante, “aquele que não fala”, como um sujeito que tem possibilidade de entender suas condições particulares, singulares e plurais. Esta se falando aqui da criança como sujeito social, “cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas de desenvolvimento e suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente determinada” (SIQUEIRA, 2011, p. 186).

Desse modo, Sarmento (2005, p. 363) salienta que a geração é “uma categoria estrutural relevante na análise dos processos de estratificação social e na construção das relações sociais”, ou seja, falar da voz da criança é falar também daquilo que constitui sua identidade e alteridade. Estes processos, construídos sob bases geracionais, permitem dizer da criança, mas também da sociedade. Sendo assim,

o conceito de geração não só nos permite distinguir o que separa e o que une, nos planos estrutural e simbólico, as crianças dos adultos como as variações dinâmicas que nas relações entre crianças e entre crianças e adultos vai sendo historicamente produzido e elaborado. Por outras palavras, a “geração” é um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrónico, a *geração-grupo de idade*, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos atores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a *geração-grupo de um tempo histórico definido*, isto é o modo como são continuamente reinvestida de estatutos e papéis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os actores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto (SARMENTO, 2005, p. 366).

Assim, nos contextos existentes, as crianças produzem diversas maneiras de interpretar o mundo, ou seja, ao ver a imagem do outro, se confronta com o que lhe é semelhante e com o que lhe é diferente e compreendem o mundo ao seu redor, demarcando o que se define por alteridade. Para Zanella (2013 *apud* CABRAL, 2014, p. 117), esse encontro com o outro se pauta mediante a escuta da diferença, o que gera estranhamento e possibilidade de novas aprendizagens pelos modos de ver, sentir e conhecer que são impostos às crianças. Zanella (2013 *apud* CABRAL, 2014, p. 117) entende que as relações de alteridade e reconhecimento com o outro fazem com que sejam tensionadas essências que movem o encontro com a

diferença e trazem condições de transformação entre os sujeitos. Logo, o reconhecimento das relações de alteridade entre as crianças contribui significativamente para a compreensão dos aspectos que constituem os traços de reiteração nas culturas infantis. Cultura essa que é produzida na relação da criança com a cultura na qual está inserida e na relação de diálogo entre os adultos e os pares que a cercam.

Nesse contexto é importante ressaltar o valor das relações entre as gerações, entre os pares, porque “há que se entender a fertilidade da categoria geração como algo que, em si, já postula um lugar importante na constituição da historicidade humana” (SIQUEIRA, 2011, p. 181), onde se instala a subjetividade em um tempo cronológico: passado-presente-futuro.

Destarte, a pesquisa propôs conhecer as famílias das crianças e verificar qual a concepção que as próprias crianças trazem “da primeira formadora da nossa identidade social” (REIS, 1989, p. 99): a família. Ao participarem de momentos de desenhos e rodas de conversas, as crianças tiveram a oportunidade de expor os sentidos e significados do tema proposto, e essas atividades foram guiadas por um roteiro de perguntas.

Usou-se o desenho na pesquisa por este ser um recurso bem familiar para a criança, no qual há a possibilidade de expressar ideias e sentimentos, como disparador da conversa, um facilitador do diálogo. Pires (2007, p. 136) afirma que o “o desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo que primeiro vem à cabeça, aquilo que é mais óbvio para a criança”. Falar sobre o desenho, proporcionando um momento de diálogo, é outro recurso metodológico que ajuda as crianças a se sentirem à vontade com a pesquisadora.

No desenvolvimento das atividades, que incluía um desenho da família, foi observado o prazer que as crianças tiveram em desenhar a sua família e também falar da sua composição. Sentiram-se à vontade para falar sobre elas e demonstraram aceitar as diferentes organizações sem distinções. Nos desenhos, observou-se que a realidade de famílias que a criança vivencia pauta em diversos arranjos familiares, porém, observou-se que, independente de rede de ensino, o modelo hegemônico da família tradicional nuclear (pai, mãe e filho) idealizada e romantizada que a sociedade ainda preconiza é o arranjo que predomina sobre os demais modelos que há nessa pesquisa.

Quadro 1 - Desenhos de família: como é constituída a sua família?

Crianças da rede pública municipal	%	Crianças da rede pública estadual	%	Crianças da rede privada	%
Família tradicional nuclear	60	Família tradicional nuclear	80	Família tradicional nuclear	80
Família monoparental	20	Família monoparental	10	Família monoparental	20
Família reconstituída	20	Família reconstituída	10	----	---

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Os dados do quadro 1 reafirmam os resultados do Censo Demográfico (2010) de que o número de mulheres responsável pela família subiu de 22,2% para 37,3% (IBGE, 2018). Esse tipo de família chamada de monoparental é constituída por um genitor, nessa pesquisa tem a mãe como responsável. O Censo Demográfico (2010) indica ainda que houve um aumento nas famílias com modelo reconstituída(16,3%), onde a criança vive com um dos genitores em um outro casamento. Observa-se ainda no quadro 1, que esse tipo de família de formação familiar foi constatado apenas nas escolas da rede pública, não sendo constatado no grupo pesquisa da escola privada, isso não significa que não exista famílias com esse formato nessa rede. É importante ressaltar que os diferentes desenhos de família aparecem independentes da classe social, ou seja, da rede de ensino. Conforme Sarti (2004), a “família” pode ser vista por diferentes referenciais culturais e sociais.

A realidade do quadro 1, foi confirmado nos desenhos das crianças, a maioria desenhou famílias tradicionais nucleares e foi constatado uma média de 1 a 2 filhos por famílias, como os dados do Censo Demográfico (2010) trouxeram.



Figura 1: Família tradicional nuclear – rede estadual.

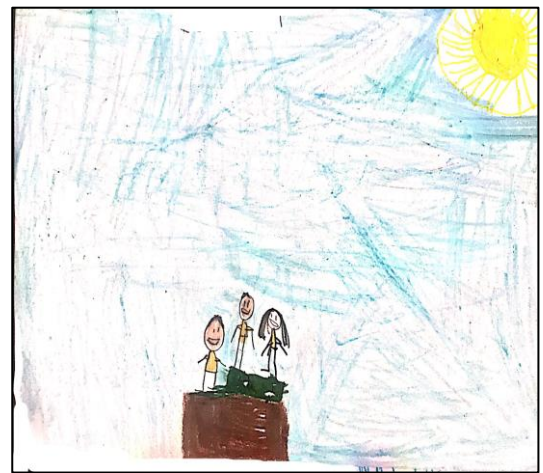


Figura 2: Família tradicional nuclear – rede privada.

A sociedade ainda tem a visão “arcaica” e sacralizada de que a família tradicional é o modelo ideal. Essa concepção é sustentada pela indústria cultural¹³ e pela lógica do consumo, em apelo constante para a restauração da família-ideal (KEHL, 2003 *apud* CARDOSO, 2010). Segundo Sarti (2003), a idealização familiar é ao mesmo tempo reforçada por visões

¹³O conceito de indústria cultural foi cunhado em 1940 por Theodor Adorno, em coautoria com Marx Horkheimer, na obra *Dialética do esclarecimento*. Esse termo serve para designar o modo de fazer cultura, a partir da lógica da produção industrial, com a finalidade de “desviar” os olhares da população aos problemas, não promover um conhecimento, e sim consumo (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

psicológicas, pedagógicas, religiosas e jurídicas que favorecem a perpetuação de um ideal de família.

Dessa maneira, Sarti (2003) reflete que:

embora a família continue sendo objeto de profundas idealizações, a realidade das mudanças em curso abalam de tal maneira o modelo idealizado que se torna difícil sustentar a ideia de um modelo ‘adequado’. Não se sabe mais, de antemão, o que é adequado ou inadequado relativamente à família. No que se refere às relações conjugais, quem são os parceiros? Que família criaram? Como delimitar a família se as relações entre pais e filhos cada vez menos se resumem ao núcleo conjugal? Como se dão as relações entre irmãos, filhos de casamentos, divórcios, recasamentos de casais em situações tão diferenciadas? Enfim, a família contemporânea comporta uma enorme elasticidade (p. 25).

Já Roudinesco (2003, p. 153) assegura que, “apesar de todas estas mudanças sofridas, a família vem se comportando bem, garantindo a reprodução das gerações e que não está à beira do seu processo de destruição ou dissolução”, como alguns autores dizem. Ela pode até estar em “crise”, porém, como diz Singly (2007), o matrimônio, os papéis sexuais, a divisão do trabalho e as relações hierarquizadas de autoridade não desaparecem. O autor ainda reafirma que “a família não desaparece, mas ela muda de sentido” (SINGLY, 2007, p. 170).

Contudo, essa “mudança de sentido” não interfere no valor que lhe é dado. Fica claro que a família é “uma instituição social historicamente condicionada e dialeticamente articulada à estrutura social na qual está inserida” (MIOTO, 1997, p. 128), como vemos no quadro abaixo.

Quadro 2 - Concepção de família: quem faz parte de sua família?

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual
<p>Pedro: Minha irmã, minha mãe e eu. Pronto (moram com ele).</p> <p>Pedro: Mas eu não vou desenhar só ela, eu vou desenhar meu pai, minha irmã, minha outra irmã que é mais velha.</p> <p>Pesquisadora: Mas seu pai não mora na sua casa não?</p> <p>Liz: Separados?</p> <p>Pedro: É porque eles tavam namorando aí se separou.</p>	<p>Lucas: A minha irmã, minha avó, meu tio que tá pra São Paulo, minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: Todo mundo mora na sua casa?</p> <p>Lucas: Essas todas que eu te falei.</p> <p>Lucas: Ahhh, eu não moro com o meu pai.</p> <p>Pesquisadora: Lucas onde seu pai mora?</p> <p>Lucas: É no Tocantins, eu acho.</p> <p>Pesquisadora: Você já viu ele?</p> <p>Lucas: Eu já fui pra casa dele.</p> <p>Pesquisadora: De vez em quando ele vem te ver?</p> <p>Lucas: Ele só fica lá, eu só fui lá uma vez.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

As crianças da pesquisa demonstram que “ao recriar a cultura dos adultos [elas] criam suas próprias culturas” (MORAES, 2010, p. 120, que vão se constituindo no confronto “com uma reordenação dos termos da vida cotidiana propostos e/ou impostos pela ordem e a lógica dos adultos” (BRANDÃO, 2002, p. 201). Isso pode ser observado na fala das crianças em relação ao relacionamento dos pais, que não namoram mais, e na ausência do pai junto à sua família.

A fala “ahhhh, eu não moro com o meu pai” (Lucas - Quadro 2, rede estadual) expressa uma justificativa pela diferença de sua família, ou seja, “eu tenho pai, mas eu não moro com ele”. Essa expressão reverbera o entendimento de que, para as crianças, a família tem que ser composta por pai, mãe e filho. Para a criança, a família envolve a proximidade, a relação, a presença, o pertencimento: “são da família aqueles com quem se pode contar, quer dizer, aqueles em que se pode confiar” (SARTI, 2003, p. 33). A voz polifônica da criança aqui é a voz que ressoa o modo como a sociedade vê a família, ainda caracterizada pela figura tradicional nuclear presente no ideário social. Ela revela, “no imaginário social, marcas da estrutura tradicional” (GOMES, 2004, p. 119).

Lucas¹⁴ cita o pai, mas não o coloca como membro da família (Figura 3). O critério “presença” parece que prevaleceu na identificação familiar da criança, afirmando o que Sarti (2004, p. 18) diz: “a família não se define, portanto, pelos sujeitos unidos por laços biológicos, mas pelos significantes que criam os elos de sentido nas relações, sem os quais essas relações se esfacelam, precisamente pela perda, ou inexistência de sentido”. Nesse caso, o pai é referência de família, mas não é contado como membro, pois existe uma tensão entre morar e ser da família. A criança convive em uma família extensa, mas na expressão artística é representada apenas pela mãe, irmã, por ele e pela avó.

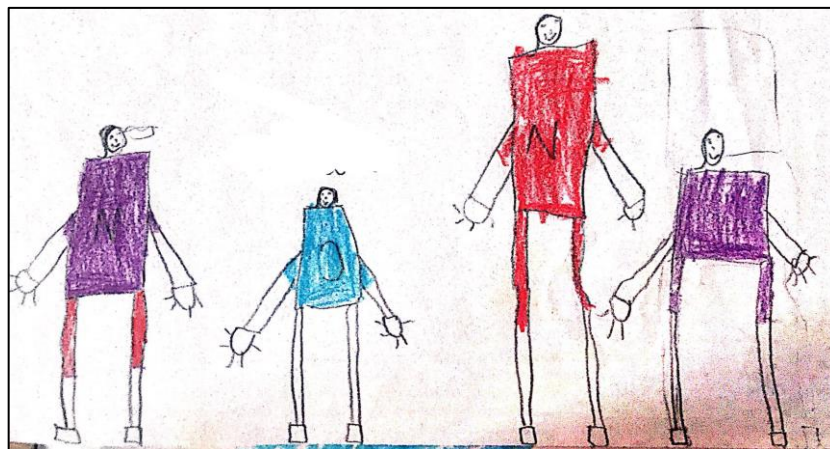


Figura 3: Desenho da família da criança da rede estadual – Eu, minha mãe, minha irmã e minha avó.

¹⁴ Todos os nomes dos sujeitos citados nesta pesquisa são fictícios.

Para Oliveira e Muniz (2002):

a família transforma-se no sentido de que se acentuam as relações de sentimentos entre os membros do grupo: valorizam-se as funções afetivas da família, que se torna o refúgio privilegiado das pessoas contra a agitação da vida nas grandes cidades e das pressões econômicas e sociais. É o fenômeno social da família conjugal, ou nuclear ou de procriação, onde o que mais conta, portanto, é a intensidade das relações pessoais de seus membros (p. 13).

Já a fala da criança Pedro, da rede pública municipal, explicita que a sua família tem características que muito se aproximam das monoparentais. Da mesma forma, a criança também argumenta que vai desenhar o pai e a irmã mais velha, considerando, mesmo que não estejam na mesma casa, que eles fazem parte da família (Figura 4, fala quadro 2). Isto implica dizer que “se os laços biológicos unem as famílias é porque são em si, significantes” (SARTI, 2004, p. 18).



Figura 4- Desenho da família da criança da rede municipal – Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã, minha outra irmã e meus cachorros.

No diálogo entre Liz e Pedro, notam-se elementos de movimentos de separação dos pais. Sendo assim, Pedro afirma que “os pais estavam namorando e agora não estão mais”. Pode-se inferir nesse diálogo que as crianças, enquanto atores sociais, “formulam interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, e o fazem de modo distinto para lidar com tudo que as rodeia” (SARMENTO, 2005, p. 373).

A relação das crianças com os novos desenhos familiares soa como uma “coisa” natural. Isto pode ser apreendido na fala de Liz e Pedro (Quadro 2, rede municipal) quando deixam explícito como são as relações entre os adultos hoje, entendendo que as interrupções

nos relacionamentos podem acontecer. Essa postura confirma o que Pinto e Sarmiento (1997) afirmam:

o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (p. 25).

Nesse entendimento, as diversas interpretações que surgem da concepção de família deixam claro que o olhar das crianças vai além do que está arraigado na sociedade, principalmente em relação à questão de que o modelo ideal é o da família nuclear tradicional. A diversidade de arranjos familiares é comum, não é tratada com estranheza e elas a aceitam, sem distinções.

Quadro 3 - Concepção de família: desenhe sua família

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
Liz: Eu quero fazer a minha família aqui em Goiânia, eu tenho outra família lá no Pará e uma lá da Bahia. Porque a da minha mãe é lá de Bahia e o do meu pai é do Pará e eu tenho outra aqui. Depois você me dá mais papel pra eu desenhar a minha família do Pará e da Bahia?	Marcos: Eu não moro com a minha família toda não, eu só moro com a minha mãe, meu pai, meu irmão mora em outro lugar.	Igor: Minha avó, eu, minha mãe.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Para as crianças, a ideia de família ultrapassa as fronteiras da casa, que é sempre referência para eles; vai além da fronteira do estado, da constituição pai e mãe e da consanguinidade. Portanto, é aquela que “não cabe no papel”, derruba os muros da casa, da distância, e deixa transparecer que o amor, o afeto, vai além da convivência, da relação e da proximidade diária. Essa noção de territorialidade familiar traduz aquilo que se defende neste trabalho de que, quando “as crianças recriam o mundo, o fazem a partir do mundo que lhes é apresentado, um mundo de adultos. São agentes de mudança, mas também da continuidade” (PIRES, 2010, p. 152).

Quando foi solicitado que as crianças desenhassem “quem é sua família”, as crianças interagiram entre elas e trouxeram algumas dúvidas. As dúvidas eram se poderiam desenhar quem está próximo, com quem convivem ou apenas as pessoas de laços de sangue. Todavia, de imediato, a maioria relacionou a família com os membros de casa (Quadro 3, rede

estadual), pois ela representa “tudo aquilo que se soma e define a nossa ideia de “amor”, “carinho” e “calor humano [...]” (DAMATA, 1987 *apud* BAKMAN, 2013, p. 49).

Percebe-se que, para as crianças, a ideia de família é aquela que ela considera como seu, de pertencimento, de acolhida, de afetividade e geração. Família, para a criança, não é aquela que está no código ou que está descrita no modelo. Segundo Bakman (2013), para defini-la, explicá-la ou descrevê-la, a criança usa categorias que se podem chamar de “camadas-categorias”.

Essas “camadas-categorias” muitas vezes se sobrepõem, se combinam ou apontam em direções diversas. Bakman (2013, p. 48) diz que “as camadas-categorias revelam que podemos falar de várias famílias ao mesmo tempo, quando estamos falando de uma família,” ou seja, existem várias dimensões de família numa só família, e as crianças enxergam muitas formas de ver sua família e as demais famílias. As camadas para elas demarcam afetos e distinções que estão relacionadas com as suas experiências pessoais: da família-casa, família-casa-convivência, família-amor, família-escolhida.

No momento dos desenhos da família, quando surgiram as dúvidas, as crianças relacionaram a família aos critérios e significados constituídos por cada uma delas: toda a família, os que moram na mesma casa, os que moram no mesmo terreno ou os que moram em outro estado. Esses são os elementos que as crianças usam para identificar quem é a sua família.

Nesse sentido, as ideias de camadas-categorias são retratadas na fala das crianças, quando apresentam dúvidas de quem realmente são os membros da sua família e a partir dos caminhos usados pelas crianças para chegarem à identificação do que é família para cada um deles. Isto pode ser notado no Quadro 4:

Quadro 4 - Concepção de família: como é sua família

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Pesquisadora: E você Lara como é constituída a sua família?</p> <p>Lara: Ihhh tem muitoooo.</p> <p>Lara: Minha mãe, meu pai, eu, o Thiago, o Gabriel, minha avó, meu avô, meu primo, meu outro primo. Risos. Umas dez pessoas.</p> <p>Pesquisadora: Mora tudo próximo?</p> <p>Lara: Ahhh e dois cachorros.</p> <p>Pesquisadora: Você mora na mesma casa que o vovô e a vovó? Como é que é?</p> <p>Lara: Eu tenho duas casas, porque a casa minha é aqui e a casa do meu avô é aqui (uma casa na frente – da avó – e outra casa no fundo – dela).</p>	<p>Pesquisadora: É quem que tá faltando aí pra fazer?</p> <p>Marcos: Ehh tá faltando minha vó.</p> <p>Marcos: Meu tio que eu tenho uns 40 tios também, tá faltando meu outro tio.</p> <p>Pesquisadora: E você vai desenhar todos os tios, você quer desenhar todinha a sua família ou só a que mora mais pertinho de você?</p> <p>Marcos: Só a que mora mais perto de mim.</p>	<p>Pesquisadora: Fala Igor quem é a sua família?</p> <p>Igor: Minha avó, eu, minha mãe.</p> <p>Ricardo: É só.</p> <p>Igor: É só, eu e minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: Quem são essas pessoas Igor? (em relação ao desenho)</p> <p>Igor: Elas são três, elas são bonzinhas.(a criança falou assim)</p> <p>Pesquisadora: Quem é essa aqui, essa aqui e essa aqui;</p> <p>Igor: Esse sou eu.</p> <p>Pesquisadora: O cabelo é igualzinho hein, e essa aqui é a mãe?</p> <p>Igor: Não é o meu pai, essa é que é a minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: E tá faltando alguém aí da sua família?</p> <p>Igor: Ah não!! (expressão de esquecimento) é minha vó.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa a partir atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Os relatos de Lara (Quadro 4, rede municipal) e Marcos (Quadro 4, rede estadual) definem a família, no primeiro momento, para além da casa. No caso de Lara (Quadro 4, rede municipal), figura a primeira relação de família que veio à sua cabeça. Ou seja, todos que vivem próximo a ela: “ihh eu tenho muitoooo” (Lara). A fala ainda retrata uma família extensa, mas com a ressalva de que todos não moram juntos: “eu tenho duas casas” (Lara - Quadro 4, rede municipal) e todos vivem próximos no mesmo terreno.

Embora a primeira concepção de família de Lara tenha sido aquela que considera a proximidade territorial e a quantidade extensa de pessoas que ela entende fazer parte desse grupo, seu desenho (Figura 5) não correspondeu ao seu argumento. Ao contrário, seu desenho

retratou uma concepção de família ligada aos laços consanguíneos e circunscrita àqueles que conviviam com ela em casa. Isto confirma o que diz Sarti (2004) sobre a importância das relações sanguíneas na definição daquilo que nomeamos como família.

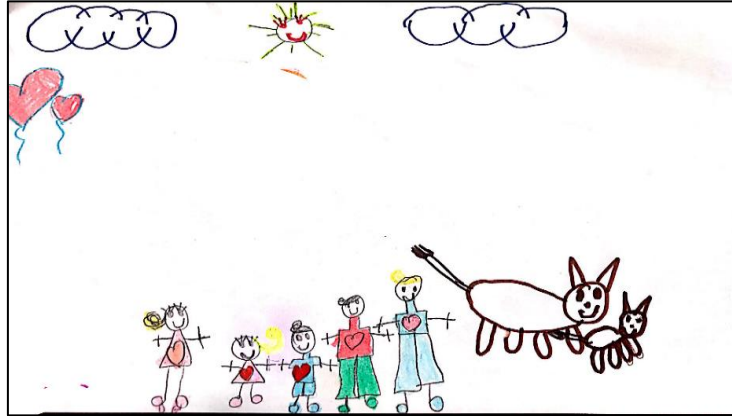


Figura 5: Desenho da família da criança da rede municipal – Mãe, criança, irmão menor, irmão maior, pai e animais de estimação.

O mesmo acontece com a criança Marcos (Figura 6); no seu universo particular nomeia a sua família como aquela em que se consideram todos os “40 tios”. Todavia, em seu desenho, ele retrata somente aqueles familiares que estão próximos, com quem convive todos os dias, que moram na sua casa ou próximo, como os avós e o irmão, que é apenas filho da mãe.



Figura 6: Desenho da família: criança da escola estadual – Criança, mãe, irmão, pai, avó e avô.

Sendo assim, verifica-se que a casa é o “lugar no qual e pelo qual” os integrantes das famílias se definem e sustentam sua existência social como pessoa (MARCELIN, 1999 *apud* DUARTE; GOMES, 2008, p. 170). Para ele, a casa é a referência para identificação de quem e quais são as pessoas que representam o universo familiar.

No momento em que foi proposto falar sobre quem é a família, a criança da rede privada, citou ele, a mãe e a avó, representada de acordo com a fala pelo modelo de camada família-casa-convivência (BAKMAN, 2013). Porém, ao se deparar com a definição e

explicação do desenho (Quadro 4, Figura 7), ele relaciona seu pai e o primo. O pai é separado e não convive com ele na mesma casa, fazendo visitas esparsas. Isso, segundo Bakman (2013, p.76), reforça a ideia de que o desenho por si “não é suficiente para se compreender o pensamento da criança. O desenho interage com a discussão e nos ajuda a compreender o todo, discurso e prática se constroem mutuamente”.

Percebeu-se, durante todo o momento da roda de conversa, a necessidade de a criança apresentar, em sua família, o pai, mesmo que ele só venha umas poucas vezes, “só em julho”, como a própria criança relatou.

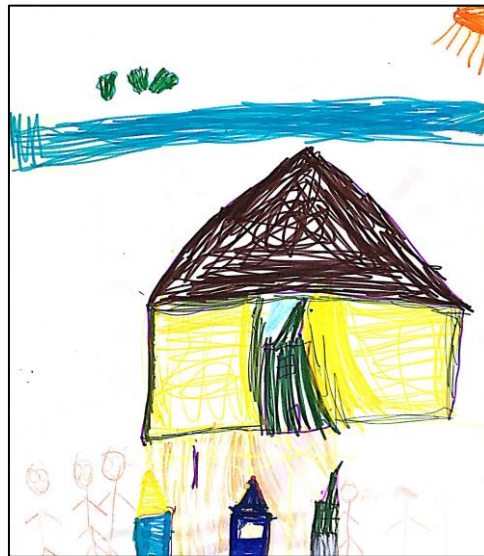


Figura 7: Desenho da família de uma criança da escola privada – Eu, minha mãe, meu pai e minha avó.

Essa criança da rede privada (Figura 7) vive em uma família monoparental, com a presença da mãe e da avó e a ausência do pai. A presença-ausência do pai na relação familiar vivida pela criança trouxe certo conflito entre a realidade vivida e o discurso, confirmando o desejo de uma idealização de família (OLIVEIRA, 2009). O relato abaixo ilustra esse conflito apresentado pela criança.

Quadro 5 - Concepção de família: como é sua família

Crianças da rede privada

Pesquisadora: E pra você, o que é família Igor?

Igor: A minha família é ‘bonzinha’. Oh, de vez em quando meu outro papai busca eu.

Yara: Você tem dois pais?

Igor: Sim, o Márcio e o Danilo (um é o irmão da mãe e o outro é o pai).

Igor: O meu pai todo dia fica é na casa dele, só tem uns dias que o meu pai vem pra minha casa e volta pra casa dele.

Fonte: Dados coletados na pesquisa a partir atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

A criança, a todo momento, fala do tio, irmão da mãe, que é considerado pai, uma vez que o pai biológico não está presente na família com frequência. Ainda assim, a criança faz questão de ressaltar a presença dessas figuras na sua estrutura familiar.

Das crianças da rede privada e que participaram da pesquisa, Igor era o único que não tinha uma família nuclear tradicional, ficando a dúvida se ele trouxe a figura do pai biológico, em função do padrão “vivenciado” pelos colegas. Como pesquisadora, observei que a situação pode ter gerado um incômodo na criança que, a todo momento, reforçava a constituição da família e a presença do pai. Na entrevista, a mãe havia afirmado que o pai da criança era ausente e, para ele, aquela situação não gerava desconforto. Segundo Szymanski (2002),

as mudanças na composição familiar, sua visibilidade e o aceite da sociedade (como, por exemplo, a legalização da união entre homossexuais) exigem que se leve em conta o reflexo daquelas na sociedade mais ampla, nas formas de viver em família, nas relações interpessoais. O mesmo é válido para as famílias nucleares que têm que assimilar o impacto dessas transformações (p. 10).

Algumas das reflexões de Szymanski (2002) podem ser apreendidas a partir de estudos em um bairro de São Paulo. A autora descobriu que as famílias apresentam uma ambiguidade no discurso sobre a forma de família. Ela concluiu que há no ideário familiar dois significados: uma família pensada e a vivida. A primeira baseada na tradição, e a outra nos modos habituais de agir dos membros. O distanciamento dos modelos familiares (pensado e vivido) varia de família para família e depende de aspectos, como: capacidade crítica das pessoas, condições sociais e culturais, dentre outros.

Essa concepção ilustra muito bem a concepção de família trazida nos relatos e no desenho (Figura 7), quando Igor elegeu o tio como pai, pois, como relata a criança, o pai mora longe e só vem de vez em quando vê-lo. Esta é a família vivida. Neste caso, a figura do pai é ausente, e Igor deixa transparecer que, mesmo ausente, essa figura lhe é importante. Reafirma, portanto, que a família pensada seria a “ideal”. Igor mora com a mãe e a avó. No transcorrer da pesquisa, Igor teve muitas dificuldades em apresentar a família real. A todo momento queria apresentar a família ideal (ideal pra quem?). Suas falas durante a pesquisa citavam que a família dele era constituída pela mãe, avó, por ele e pelos dois pais. Seu desejo de ter uma família “tradicional” como a dos colegas, com um pai presente, e com um vínculo nuclear coeso e dentro dos padrões, seria para Igor um lugar de afirmação perante o grupo.

A presença e a existência da figura paterna na fala de Igor são imperativas para reafirmar o sentido de pertença: “eu também tenho pai”! Ou seja, eu tenho uma família tradicional nuclear, uma família pensada. Ao mesmo tempo, comparece a figura de um pai ausente que, “de vez em quando ele busca eu” (Igor). Estas reflexões permitem compreender que:

o mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo. Desconsiderar isso é ter a vã pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa de força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar (SZYMANSKI, 2000, p. 27).

O relato da criança trouxe outras indagações à pesquisadora: de que forma as crianças estão considerando esses novos formatos? Qual a importância para a criança de se ter uma família nuclear? Quais os sentimentos estão implícitos quando se diz que “de vez em quando ele busca eu”? (Igor).

Segundo Szymansky (1992 *apud* YUNES, 2001), a incorporação de novas crenças, expectativas e valores à cultura familiar irá depender do grau de abertura aos grupos de influência, tais como amigos, grupos de trabalho e a comunidade. Deste modo, o formato da pesquisa e os arranjos familiares dos colegas podem ter suscitado na criança um desejo de família diferente da vivida, pois seu grupo, naquele momento, era composto por crianças que vivenciavam um arranjo familiar onde existia a presença do pai.

Nos relatos das crianças, uma figura importante que foi citada como parte das novas configurações familiares foram os avós. Os avós assumiram papéis nas famílias de cuidado afetivo, educação e até de sustento econômico, parcial ou total dos netos, sendo uma “solidariedade familiar intergeracional parece estar sendo exigida, cada vez mais, como recurso potencial para o enfrentamento das demandas sociais e econômicas que desafiam a família para encontrar saída” (VITALE, 2003, p. 98).

Nas três redes de ensino pesquisadas, foram identificados avós convivendo ou cuidando das crianças. O aumento da expectativa de vida da população, a necessidade das mães de entrarem no mercado de trabalho, o aumento dos divórcios e a monoparentalidade podem ser alguns fatores que determinaram os novos papéis dos avós e a sua presença nas cenas familiares, conforme exposto por Vitale (2003),

as mudanças nos laços familiares e a vulnerabilidade que atinge as famílias demandam novos papéis, novas exigências para essas figuras, personagens que ganham relevo não só na relação afetiva com os netos, mas também como auxiliares na socialização das crianças ou mesmo no seu sustento, mediante suas contribuições financeiras (p. 94).

Presencia-se, hoje, um estreitamento no vínculo entre avós e netos (SAMPAIO, 2008; SEGALLEN, 1996). Eles participam efetivamente da criação dos netos para que mãe e pai

possam desempenhar suas funções profissionais e, em alguns casos, acabam por exercer tanto o apoio afetivo e moral quanto o suporte financeiro parcial ou total para seus filhos e netos.

A mobilidade intergeracional é uma tendência principalmente quando há uma separação conjugal ou quando os pais optam pela guarda compartilhada. Nestes casos, os avós das crianças, maternos ou paternos, dão suporte aos cuidados diários dos filhos, enquanto os responsáveis cumprem a jornada de trabalho. Nesta pesquisa, essa informação foi reafirmada, visto que, no caso das crianças que vivem próximas às avós, são justamente lares com arranjos monoparentais.

Moragas (2004) afirma que a importância do papel dos avós reside na capacidade de transmissão de experiência de vida e sabedoria e no suporte afetivo, porém, para algumas famílias, essa função se estende desde o suporte educacional ao financeiro. Em um estudo realizado com famílias da cidade de Goiânia, Cupolillo, Costa e Paula (2001) verificaram que a maioria dos avós, com maior ou menor frequência, cuida, cria e educa seus netos. Os avós muitas vezes exercem funções anteriormente atribuídas à figura da mãe, tais como proteger, alimentar, ensinar e brincar.

Alguns estudos (DIAS; SILVA, 2003; PINTO; RODRIGUES, 2006; SAMPAIO, 2008 *apud* CARDOSO, 2010) destacam pontos importantes na relação entre avós e netos. São eles: maior satisfação de vida; acompanhamento do neto nas atividades dos avós; preservação do passado histórico da família, dos valores transmitidos ao longo de gerações; resolução de conflitos entre os netos e os próprios filhos; apoio necessário ao comportamento dos netos no meio escolar; laços de amor e afetividade devido ao contato frequente entre as duas gerações. Desta forma, “os avós, os grandes esquecidos da sociedade, são as novas figuras familiares” (ATTIAS-DONFUTT; SEGALLEN, 1998 *apud* VITALE, 2003, p. 94).

Outro dado importante desta pesquisa diz respeito aos animais. Quando se perguntou às crianças sobre o que é família e quem faz parte dela, os animais de estimação foram lembrados nas falas e nos desenhos. Bakman (2003) chama essa categoria de família-escolhida. Fazem parte dela aqueles que se podem eleger e adotar. Sendo assim, os animais de estimação apresentam, na atualidade, importantes significados para as famílias e para crianças pesquisadas. Eles são considerados como membros da família: o membro que a gente adota, convive e dá amor. O tema foi abordado nas discussões com as crianças da rede pública municipal, conforme exposto a seguir:

Quadro 6 - Concepção de família: membros da família
Crianças da rede pública municipal

Pedro: O cachorro não faz parte da família.

Liz: Eu acho.

Pesquisadora: Por que você acha que o cachorro não faz parte da família?

Pedro: Porque não.

Pesquisadora: E vocês meninas, acham que o cachorro faz parte da família?

Lara: Simm, eles protegem a gente.

Liz: Eu sim! Ele não pode ser um ser humano, mas muito bem, ele pode ser se a gente pensa que ele é. Ele é nosso amigo, mas ele vai ser nosso amigo pra sempre até nossa vida acabar.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Nos desenhos, a figura dos animais, majoritariamente dos cachorros, ganha centralidade e destaque até pela proporcionalidade no tamanho. Isto demonstra que os desenhos infantis tendem a reafirmar que as escolhas são fundamentais para recolocar estes animais no lugar de um ente parental, conforme demonstra a figura abaixo:



Figura 8: Desenho da família por uma criança da rede municipal – Eu, minha mãe, meu pai e meu cachorro.

Os animais de estimação são presença constante nas famílias pesquisadas (Figuras 4, 5, 8), sendo que o valor dado aos animais está na mesma ordem daquele atribuído a outros membros da família (Quadro 6). Segundo Eckstein (2000 *apud* CARVALHO; PESSANHA, 2013, p. 624), os benefícios da relação com um animal de estimação surgem pelo fato de este fornecer amor, segurança e/ou suporte emocional para os membros da família. Esse sentimento foi confirmado no diálogo com uma das crianças pesquisadas: “ele vai ser nosso amigo pra sempre até nossa vida acabar” (Liz - Quadro 6).

As falas das crianças deixam evidente que uma das características para os animais serem membros da família está relacionada à função de que eles “protegem a gente”. Isto reforça o entendimento de que o lugar da família é o lugar do cuidado, o lugar de proteção. É interessante pensar que os animais de estimação na família sempre apresentam um vínculo de afeto e convivência, relacionado à possibilidade de escolha, como se fosse um “amigo que vai

ficar até a nossa vida acabar”. Ou seja, como a família, são laços que não se quebram, que se reestruturam para se adaptar às mudanças e novas configurações, porém, mantêm a função inicial dos laços afetivos.

Perelson (2006), apoiando-se nos estudos de Carol Levine, especialista americana em bioética, contribui com um exemplo interessante que amplia o modo de pensar o tema. Ela define que os membros de uma família são sujeitos que, por nascimento, adoção, casamento ou engajamento explícito, compartilham laços pessoais profundos e têm mutuamente o direito de receber e o dever de fornecer, na medida do possível, diversas formas de apoio, especialmente em caso de necessidade. Desta forma,

nas recomposições familiares, a indefinição ou a ambiguidade das fronteiras, que delimitam os contornos das famílias, torna o sistema de parentesco mais flexível, permitindo aos indivíduos liberdade suficiente para determinarem quem faz ou não parte de suas relações familiares. E esta questão não diz apenas respeito à ordem do social, isto é, aos padrastos, quase irmãos ou avós-sociais, mas também se coloca nas relações construídas na ordem do biológico (LOBO, 2009, p. 67).

Seus estudos ainda vão além e incluem os animais de estimação nessa relação. Na concepção das crianças, os animais são integrantes da família, pois por eles se tem um vínculo de afeto, cuidado e convivência. Essa é a família escolhida, adotada, e é isso que é determinante para que a criança conceda o que é a família para ela.

Dessa maneira, observa-se que o conceito e a configuração de família têm se transformado de acordo com a realidade social, reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, e que as “variáveis como **consanguinidade, continuidade ao longo da vida, relacionamento heterossexual, divisão da mesma casa, etc.**, por si só, não definem o que seja **família**” (DESSEN, 2010, p. 211, grifo da autora).

Segundo Biasoli-Alves e Moreira (2007), a família não é uma entidade estática, mas um organismo social mutante, cooperador, atuante, adaptado, envolvente, que mantém um processo constante de interação com os diferentes níveis do ambiente social em que se insere. Então, a família continua sendo um espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e de proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente da configuração familiar ou da forma como vem se organizando. Portanto, a família de hoje não é mais nem menos perfeita do que aquela de ontem: ela é outra, porque as circunstâncias são outras (DURKHEIM, 1975).

2.2 Estudar, aprender e comportar: a escola na ótica das crianças

Depois da família, a escola é considerada a instituição social mais importante para as crianças, pois surge como “instituição que completa o papel educativo da família” (RELVAS, 2000, p. 113-114). Todavia, nem sempre foi assim. Segundo Ariès (1981), a escola passou a fazer parte da vida das crianças a partir do momento em que ela deixou de ser considerada “adulto em miniatura” e começou a ser reconhecida como um ser distinto que necessitava de ser educado e disciplinado.

A aprendizagem adquirida na vivência com os adultos agora teria um espaço específico: os colégios, a escola. As escolas eram instituições fechadas que isolavam as crianças com o objetivo “de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 107).

Até esse momento, a escola preocupava-se com a aprendizagem dos princípios morais e comportamentais e como “proteger os estudantes das tentações da vida leiga” (ARIÈS, 1981, p. 111). Entre os séculos XVIII e XIX, a família começou a se preocupar com a educação formal da criança (higiene, cuidados com o corpo, bons modos, educação moral) e transferiu para a escola a função da educação em nome do Estado. A escola ocupa-se com a moralização da criança por meio de uma disciplina autoritária, enfatiza o conhecimento indireto, ao invés da experiência, e com primazia da disciplina sobre o afeto molda a criança para o mundo dos adultos.

Esse processo de transferência de ensino, da família para a escola, ou seja, da esfera privada para a esfera pública, deve ser analisado dentro da perspectiva econômica, visto que, com uma nova sociedade, surgiu uma nova organização social: o capitalismo.

Segundo Moreira e Vasconcelos (2003, p. 169), “com o desenvolvimento do capitalismo, consolidou-se a separação entre as esferas pública e privada, cabendo ao Estado a administração da esfera pública e das relações de produção. Enquanto isso, a família se responsabilizava pela esfera privada, pelo espaço doméstico e pela reprodução das condições de sobrevivência”. Neste panorama, “a criança deixa de ser objeto de interesse, preocupação e ação no âmbito privado da família e da igreja para tornar-se uma questão de cunho social, de competência administrativa do Estado” (RIZZINI, 2008, *apud* SIQUEIRA, 2011, p. 64).

Diante disso, a escola “não pode dar às crianças uma educação que não tenha relação com as realidades sociais.” (CHARLOT, 2013, p. 220). Por este contexto, a escola carrega em suas funções a preservação e a transformação de valores e conhecimentos, a formação da

personalidade, a reprodução da cultura, a socialização e a atualização do saber. A escola assume o lugar social no qual as crianças se apropriam dos saberes, normas e valores instituídos como dominantes na sociedade. A tarefa da escola é, portanto, ajudar a criança a se tornar adulto, conforme exposto nos dados da pesquisa.

Essa é uma perspectiva nos permite compreender que a rede municipal dá uma ênfase maior na aquisição da leitura e escrita, parecendo que a atividade fundamental da escola é a leitura e a escrita. Para a rede privada, a escola é um lugar para aprender, com ênfase, os objetivos, quais sejam: a nota, ir pra faculdade ou ficar inteligente. Para as crianças, existe uma preocupação “mais com exames e aprovações do que com a apreensão do saber e com o gosto pelo conhecimento, alia-se a meta essencial de preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular universitário” (PARO, 2001, p. 35).

Quadro 7 - Para você, para que serve a escola?

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Lara: Aprender.</p> <p>Pesquisadora: Aprender e o que mais?</p> <p>Lara: Eu? É aprender a ler e [...].</p> <p>Pedro: Escrever.</p> <p>Liz: Pra aprender a ler, escrever e escrever cursiva. E aprender a se comportar.</p> <p>Lara: Que ela é muito boa que ela faz a gente aprender a ler e escrever cursivo também. A aprender a escrever o nome completo.</p>	<p>Crianças: Pra estudar.</p> <p>Paula: Pra aprender a ler.</p> <p>Isabela: Porque a gente tem que fazer a tarefa pra gente crescer, estudar, presta atenção muito bem na professora.</p>	<p>Yara: Pra aprender matemática.</p> <p>Pedro Henrique: Pra aprender. Eu vou estudar até ir pra faculdade.</p> <p>Yara: Pra tirar nota boa. A Pro ensina português, ciências, história, geografia e matemática.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Fica claro que as crianças das redes pública ou privada assimilam e constroem sua concepção de escola a partir “de modelos vigentes na sociedade” (CHARLOT, 2013, p. 56). O seu contato varia de acordo com o meio social ao qual pertence, tendo a família como instituição principal. Neste sentido, considerando a sua classe social, a criança apresenta “concepções diferentes da vida, do trabalho, das relações humanas, etc” (CHARLOT, 2013, p. 57) e também da importância da educação na sua vida.

As falas das crianças da rede pública expressam indicativos fortemente atrelados a uma visão pragmática de educação, na qual o ato de “aprender a ler e escrever” pode estar fortemente carregado da cobrança social que estas mesmas crianças têm vivido (Quadro 7 - Criança da rede pública municipal). Segundo Ireland *et al.* (2007, p. 204), “uma hipótese a ser considerada é a de que ler e escrever são atividades que simbolizam o se tornar grande”.

As crianças da rede privada apresentam uma concepção de escola voltada para um aprendizado mais sistematizado e com o objetivo de “preparar o indivíduo para ocupar um lugar na divisão social do trabalho” (CHARLOT, 2013, p.71). Tomam a escola como espaço para “aprender pra chegar na faculdade” (Quadro 8 – Criança da rede privada) e não conseguem entender qual o significado da escola e da educação, “mediação indispensável para a cidadania” e “atualização histórico-cultural dos cidadãos” (PARO, 2001, p. 22). Tornam-se, então, “**instrumento, meio** para que a economia e os indivíduos alcancem seus objetivos e metas” (COÊLHO, 2013, p. 62, grifos do autor).

Confirmando essa afirmação, Luckesi (1994) diz que, de acordo com a sociedade, o objetivo da educação escolar consiste em organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os sujeitos se integrem na máquina do sistema social global, ao mercado de trabalho.

A escola relaciona-se apenas com a aquisição de saber, os conteúdos, como citado pela aluna da rede privada “a pro ensina português, ciências, história, geografia e matemática” (Quadro 8), “nega o direito ao aprendizado e ao cultivo de pensamento, da reflexão crítica” (COÊLHO, 2013, p. 63) e reafirma o papel estereotipado da escola de educar para o mercado do trabalho, atendendo as exigências e os interesses do Estado.

A concepção de vigilância e poder ajuda a compreender a concepção ainda existente entre as crianças, que entendem que escola é um lugar para “aprender a se comportar” (Quadro 8 – Criança da rede pública municipal). Para estas crianças, se não houver cumprimento das ordens, haverá punição. Sendo assim, o “aprender está associado também a prestar atenção e obedecer” (IRELAND, 2007, p. 318), como citado no diálogo no quadro a seguir.

Quadro 8 - Para você, para que serve a escola?

Crianças da rede pública municipal
<p>Liz: E aprender a se comportar.</p> <p>Pesquisadora: Como a escola ensina a gente a comportar?</p> <p>Lara: Ela vai lá no quadro [...] vai lá e faz a gente ler.</p> <p>Pedro: E vai ensinando a gente, e vai ajudando a gente a ler até a gente conhecer e conseguir. Ela vai lá (a professora) e faz shiiiiiii, shiiii.</p> <p>Luis Felipe: E dando tarefa.</p> <p>Pedro: E é claro né, a gente não vem pra escola pra ficar de boca aberta.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa a partir atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Esse modo de ensinar da escola, priorizando a autoridade e o poder dos professores, como cita o aluno, serve para “aprender a se comportar” (Criança da rede pública municipal). Então, aprender engloba comportar, prestar atenção na professora. Neste aspecto, observa-se que o entendimento das crianças é que a escola é responsável para “preparar o indivíduo para a vida social” (CHARLOT, 2013, p. 220) e, assim, o faz afastando da sociedade, que o corrompe. O poder disciplinar é regra fundamental da organização escolar: é “luta cultural contra todas as formas de corrupção que a criança traz em si mesma” (CHARLOT, 2013, p. 237).

Para entender essa relação de poder e saber, tomam-se como base os estudos de Foucault (1999). Ele situou seus estudos no sistema de punição presente desde a Idade Média, com o objetivo de compreender como ocorria a regulação humana. Foucault (1999) identificou que os métodos de punição, como técnicas de poder, seriam uma forma de humanizar as pessoas, ou seja, produzir corpos dóceis, eficazes economicamente e submissos politicamente.

Para Foucault (1999), a mecânica do poder estava diretamente ligada ao controle do corpo, do tempo e da vida dos sujeitos, sendo que o corpo “é o obstáculo número um a toda boa educação, porque sua influência sobre o espírito engendra o erro e o vício” (CHARLOT, 2013, p. 237).

Centralizados no corpo, esses mecanismos de poder eram efetivados na família, nos hospitais, nas prisões ou nos quartéis, como um sistema de vigilância, controle e domínio institucional, que buscavam “ligar o indivíduo aos aparelhos de produção, formação ou correção” (FOUCAULT, 2003, p. 114).

A escola da modernidade continua com uma organização de espaço, que traduz a manutenção desse poder disciplinador e regulador de corpos: a disposição das filas e carteiras

dos alunos individuais, a presença do professor à frente, a classificação das crianças por idade, conforme pode ser observado nas Figuras 9 e 10, a seguir:



Figura 9: Desenho da escola criança da rede estadual.

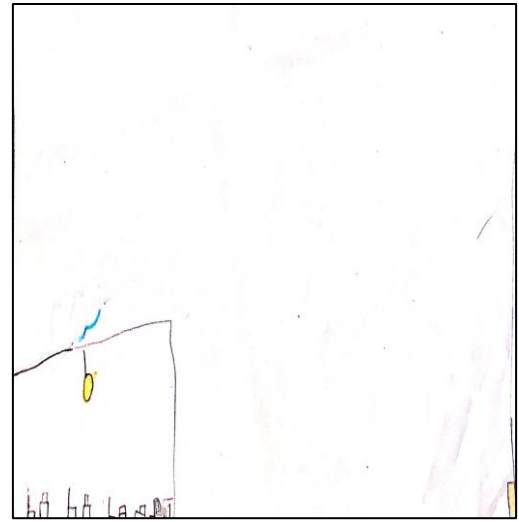


Figura 10: Desenho da escola criança da rede estadual

As falas das crianças expostas no quadro acima reafirmam a visão disciplinadora da escola. No diálogo entre as crianças, nota-se a presença da postura do poder na sala. A atitude da professora de estar na frente, o reforço pela tarefa e as ações que para eles remetem e ensinam a comportar expressam “o que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer, determinando se o indivíduo se conduz ou não como deve, conforme ou não à regra” (FOUCAULT, 1999, p. 88). Isso tudo expressa o sentimento de uma criança: “a gente não vem pra escola pra ficar de boca aberta” (Quadro 8 - Pedro).

É evidente que as crianças entendem que obedecer é uma regra normal e aceitável: “a escola, com seus mecanismos disciplinares, leva as pessoas a aceitarem o poder de serem punidas e também punir” (CRUZ; FREITAS, 2011, p. 46), a aprenderem a seguir os modelos sociais impostos. Esses mecanismos, ao longo dos tempos, com raras exceções, são reproduzidos: “espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio” (FOUCAULT, 1999, p. 34), o planejamento das disciplinas com filas, com ordem para falar, postura nas carteiras, sentados em uma grande parte do tempo, tarefas repetitivas etc., no formato de que tudo está voltado para o controle, a vigilância e o disciplinamento:

a disciplina é luta cultural contra todas as formas de corrupção que a criança traz em si mesma. Ela é, de início, de desconfiança em relação ao sensível, ao corporal. O corpo é o obstáculo número um a toda a boa educação,

porque sua influência sobre o espírito engendra o erro vício. A disciplina não é, pois, simplesmente organização do trabalho e obediência ao professor, ela é também controle corporal, isto é, silêncio e domínio dos movimentos (CHARLOT, 2013, p. 237).

Então, “é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões” (FOUCAULT, 1999, p. 73). E é isso que fica expresso nos desenhos das crianças, conforme as Figuras 11, 12 e 13, a seguir:



Figura 11: Desenho da escola criança da rede municipal.

Figura 12: Desenho da escola criança da rede particular

Figura 13: Desenho da escola criança da rede estadual

Para Foucault (1999), o estabelecimento de horários rígidos, repetitivos e constantes na escola é proposto como uma forma de utilização integral de tempo e uma manutenção do poder disciplinar. Segundo Oliveira (2008, p. 53), “o controle do tempo é um dos elementos-chave na disciplina, pois é preciso que haja uma qualidade do tempo empregado, que produz uma regularidade no tempo disciplinar, impondo uma rotina escolar”.

Percebe-se que esse modelo de funcionamento histórico ainda permanece nos dias atuais e que a escola delega ao aluno a condição de aprendiz. Por isso, considera-se a escolarização como um fato naturalizado nas nossas vidas (SACRISTÁN, 2005). Com a naturalização da escolarização, a reorganização dos cuidados da família em torno da criança e a “institucionalização da criança”, desenha-se o “ofício de criança”, primordialmente concebido como “ofício de aluno” (SIROTA, 2001; PERRENOUD, 1995).

De acordo com Marchi (2010):

os conceitos de ‘ofício de criança’ e ‘ofício de aluno’ devem ser compreendidos no quadro interpretativo do paradigma da infância/criança como construções sociais. Tendo-se dado o encontro destas categorias dentro de um mesmo meio (a escola), ambas remetem aos ‘processos de invenção’ e de modelagem de programas, regras, instrumentos e práticas pedagógicas que fazem da escola o lugar, por excelência, da criança (p. 190).

Para Sacristán (2005, p. 32), o aluno é uma “invenção” que surge na medida em que a escola se configura como um espaço/tempo para “acolher, assistir, moralizar, controlar e ensinar em grupos as crianças”, enquadrando-a nos papéis esperados para ela. Perrenoud (1995) argumenta que, na escola, a criança se ocupa de atividades que caracterizam um ofício (aprender as regras do jogo da escola: pintar, recortar, escrever, contar, desenhar, ler, jogar, estudar, comportar etc.), pois nela ele “trabalha” (estuda) em uma atividade reconhecida universalmente, “ser aluno”, na qual tem que se estar disposto a exercer um papel que revela tanto conformismo quanto competência (SIROTA, 1993 *apud* por MARCHI, 2010, p. 47). Conformismo no sentido de que entende a necessidade da escola, mas que em relação das normas existe um incomodo, pois tem que obedecer, esperar a vez.

Quadro 9 - Importância da escola

Criança da rede pública municipal

Pesquisadora: Para você, porque é importante vir à escola?

Gabriel: É importante, mas é chata porque a gente tem que ficar esperando a nossa vez.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

A fala de Gabriel, exposta no Quadro 9, traz uma tensão entre a importância da aprendizagem e o controle que a escola impõe, entre o “ofício de aluno” e o “ofício de criança”. Segundo Sacristán (2005, p. 32), à medida que a escola se caracteriza como um espaço/tempo para “acolher, assistir, moralizar, controlar e ensinar em grupos as crianças”, o ofício de aluno é “inventado”. Então, o controle da fala, controle do corpo, controle do horário e controle do tempo são normatizados e se ajustam à disciplina do corpo e da mente no ambiente escolar, assim diz Sirota (1993 *apud* MARCHI, 2010):

O ‘ofício de aluno’ pode ser definido antes de tudo como a ‘aprendizagem das regras do jogo’ escolar. Ser ‘bom aluno’ não é somente assimilar conhecimentos, mas também estar disposto a ‘jogar o jogo’ da instituição escolar e estar disposto a exercer um papel que revela tanto conformismo quanto competência (p. 47).

Diante dessas normas, Sarmiento (2011) avalia que:

a criança ‘morre’, enquanto sujeito concreto, com saberes e emoções, aspirações, sentimentos e vontades próprias para dar lugar ao aprendiz, destinatário da ação adulta, agente de comportamentos prescritos, pelo qual é avaliado, premiado ou sancionado (p. 588).

Dessa forma, a escola torna-se desinteressante, “chata” (Quadro 9 – Gabriel), pois carrega uma postura tradicional, com raiz nos estudos de Foucault (1999), e um modelo “formal envolvido numa concepção academicista e disciplinadora” (SARMENTO, 2005, p. 29), que inibe a participação das crianças e o exercício de autonomia. Deste modo, Sarmiento (2000) afirma “que no desempenho do “ofício de aluno”, as crianças são levadas a executar tarefas que não escolheram, que muitas vezes não lhes interessam e cujo sentido nem sempre compreendem”, como bem explanou a criança no Quadro 10.

Perrenoud (1995) menciona que, por “ofício de aluno”, pode ser considerado o primeiro trabalho que a criança se submete, uma vez que, ao entrar na escola, ela se ocupa de atividades que podem ser caracterizadas como ofício e trabalho, um trabalho tão rotineiro como os outros, uma preparação para inserção social. Esse trabalho é um investimento das famílias para que os filhos conquistem o sucesso tanto escolar quanto social. Neste, as crianças criam estratégias que permitem incorporar hábitos, disposições, padrões de comportamento, valores e formas que refletem o futuro. Este futuro tem como foco a conquista de um diploma. Para Charlot (2013, p. 253), o diploma significa a autenticação social do progresso cultural e permite a inserção do sujeito em certo lugar da sociedade, que geralmente tem como foco a ascensão social e competência.

A expectativa de que por meio da escola a criança adquirirá competências e habilidades que poderão proporcionar um futuro profissional e a sonhada ascensão social é também uma concepção trazida pelas crianças pesquisadas, conforme os dados do quadro a seguir:

Quadro 10 - Para você, para que serve a escola?

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
Liz: A minha mãe fala que é importante pra nos arrumar serviço, ela que nos ensina a ler e escrever.	Marcos: Praaa, se formar. Isabela: Vai ser adulto. Lucas: E pra ser alguém na vida também. Paula: Pra trabalhar e ver as coisas.	Yara: Pra você passar e ser muito inteligente. Ricardo: ela faz a gente ficar muito inteligente. Pedro Henrique: [...] é ir pra faculdade.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Por meio dos dados apresentados no Quadro 10, vê-se que as crianças associam a escola a um espaço de transformação social, que proporcionará saberes e habilidades para

alcançarem um objetivo: “se formar”, “arrumar serviço”, “ser alguém na vida”, “ir pra faculdade”.

Nesses termos, a escola assume ser um lugar necessário para se preparar para o mundo do trabalho e a formação para a intervenção na vida pública, como constata Sarmiento (2011, p. 588): “com a escola, a infância foi instituída como categoria social dos cidadãos futuros, em estado de preparação para a vida social plena”.

Essa concepção hegemônica que legitima a escola como espaço que proporciona uma melhor perspectiva de vida profissional tem origem histórica. Com o começo do processo da industrialização e com os avanços científicos e tecnológicos, houve a necessidade de mão de obra qualificada. A educação dos filhos, que era responsabilidade integral da família, passa a ser dividida com a escola. Destarte, a escola assume a educação formal, tendo como tarefa central a reprodução da divisão social do trabalho e dos valores ideológicos dominantes, especificamente direcionados às exigências do capitalismo. Para Young (2007), o objetivo das escolas nas sociedades capitalistas é ensinar à classe trabalhadora qual é o seu lugar.

Essa função é bem clara para as crianças da rede pública quando afirmam que a escola serve “pra nos arrumar serviço” (Quadro 10) e “pra trabalhar” (Quadro 10 - Marcos). As duas falas reafirmam o papel de reprodutora que a escola assume no decorrer da história.

Na rede privada, as crianças identificam a função da escola para além da formação profissional. Para elas, a escola lhes propicia a aprendizagem e legitima o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois serve “pra ser muito inteligente” (Quadro 10 - Yara).

Esse contexto remete ao pensamento de Perez (2012),

a educação escolar, mesmo com a democratização do acesso ao ensino, sempre foi diferenciada entre os segmentos sociais, pois, para as classes dominantes, a escola é considerada um meio de formação intelectual e acadêmica. Já para as camadas populares, a escola é vista como um meio de qualificação para o trabalho e mobilidade social (p. 13).

Nesse sentido, conforme Haecht (2008, p. 34), a escola reflete seu papel social de “reprodução dos saberes e dos saber-fazer exigidos pela divisão do trabalho” e indica, ainda, o papel de cada sujeito conforme sua camada de origem.

Analisando as vozes das crianças, entende-se que elas reproduzem as vozes dos adultos e dos seus pares, que se encontram “submetido [sic] ao mercado de trabalho regido pelas leis do sistema capitalista” e que vivem um conflito social entre uma classe dominante e uma classe dominada (CHARLOT, 2013, p. 61). Vivendo esse contexto familiar, as crianças

reproduzem as expectativas que são esperadas dela quando encaminhadas para a escola. Sendo assim, é impossível pensar a escola e a criança fora do seu contexto histórico.



Figura 14: Desenho da escola criança da rede municipal



Figura 15: Desenho da escola criança da rede municipal

A pesquisa ainda objetivou saber das crianças quais são as coisas importantes para se fazer na escola. Nas três redes pesquisadas, as crianças elencaram as seguintes atividades: estudar (mostrando e reforçando a ideia de que estudar é a atividade primordial e principal da escola); ler e escrever (legitimando a função da escola quanto à sua especificidade no campo da leitura e escrita), e o brincar (atividade produtora de cultura infantil). Os desenhos (Figuras 14 e 15) e os relatos reafirmam a tensão e o prazer proporcionados pelo espaço escolar. Os desenhos trouxeram representações do espaço escolar como um espaço colorido, dinâmico e onde envolve muito amor entre colegas e a professora, mas é também um espaço de ordem, local da obediência e respeito. A pesquisadora propôs ouvir o que as crianças acham mais importante na escola e, aleatoriamente, elas foram elencando as atividades. O Quadro 11 elucidava estas escolhas:

Quadro 11 - Coisas importantes para se fazer na escola

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
Brincar	Brincar	Brincar
Estudar	Estudar	Estudar
Ler e escrever	Ler e escrever	Ler e escrever
Escrever cursivo	Educação física	Informática
Educação física	Ver filme	Parque
Comer	Recreio	
<p>Destaques importantes dados pelas crianças</p> <p>Enzo: Brinca pouco e estuda.</p> <p>Pedro: É porque eu gosto de estudar, escola é muito bom. E também porque é legal e tem muita diversão: tem educação física, tem o recreio e também é bom porque não passa fome.</p> <p>Lara: Que ela é muito boa que ela faz a gente aprender a ler e escrever cursivo também. A aprender a escrever o nome completo.</p>	<p>Destaques importantes dados pelas crianças</p> <p>Isabela: Oh tia sabia que é muito importante é estudar?</p> <p>Lucas: O recreio, a educação física, ahhhh, o dia especial (a gente assistiu um monte de coisas, a gente fez só uma tarefa).</p> <p>Isabela: Eu gosto do recreio, eu gosto de estudar e ainda mais eu gosto de fazer tarefa.</p> <p>Paula: Aprender a ler, aprender a ler os livros.</p>	<p>Destaques importantes dados pelas crianças</p> <p>Ricardo: [...] porque é muito divertido porque a gente pode brincar também.</p> <p>Igor: Estudar muito.</p> <p>Pedro Henrique: A informática.</p> <p>Ricardo: Brincar no parque, estudar um pouco.</p> <p>Yara: A pro ensina português, ciências, história, geografia e matemática e ela ensina que tem que aprender muito senão não sai bem nas provas e tira 0.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

O quadro traz informações que se convergem e, entre estas, estudar e aprender, na concepção das crianças são elementos centrais na relação com a escola e reafirmam o valor dos processos educativos na sua escolarização.

Os dados divergentes entre as redes estão relacionados com a realidade social de cada uma, quando uma criança cita que “é bom porque não passa fome”, entendendo-se que o valor da educação para essa camada social é diferenciado. A escola é muito mais que um espaço para adquirir conhecimento é um espaço onde se pode ter oportunidade de alimentar, pois pode ser que esse seja o único espaço onde a criança tenha para alimentar. Na escola privada, observa-se que as crianças citam as disciplinas e as relacionam com o saber sistematizado, a escola sendo visto com um outro olhar, o da oportunidade, o da construção de conhecimento específicos. Nota-se a visão diferenciada da função da escola: a rede pública centraliza a

importância, a função da escola na aprendizagem de leitura e escrita, ou seja, a noção de aprendizagem para essas crianças ainda está restrita ao básico, à visão antagônica da função da escola para cada contexto social e rede privada apresentar uma visão voltada as disciplinas como um todo, ao conhecimento mais amplo. Confirmando essa situação, Libâneo (2012) afirma que:

o dualismo da escola brasileira em que, num extremo, estaria a escola assentada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada aos filhos dos ricos, e, em outro, a escola do acolhimento social, da integração social voltada aos pobres e dedicada, primordialmente, a missões sociais e assistência e apoio às crianças (p. 16).

Outro fato importante na escola, segundo a fala das crianças, é que a educação física, o parque e o recreio representam o brincar na escola, o estar “livre”. Para Corsaro (2011) e Sarmiento (2008), a brincadeira é a forma como as crianças produzem as culturas da infância. O brincar está presente na vida das crianças de forma universal e, através dele, as crianças se constituem sujeitos sociais e culturais, além de serem parte de um processo “de apropriação, ressignificação e reelaboração da cultura pela criança. É uma forma de cultura infantil e que é, ao mesmo tempo, produzida por uma cultura mais ampla” (CORSINO, 2012, p. 76-77). O brincar é “dotado de significação social e se configura como uma aprendizagem” (BROUGÈRE, 1998), segundo o autor a cultura lúdica é constituída por “ [...] um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível. (BROUGÈRE, 1998, p.3)

As crianças pesquisadas colocam o brincar no campo do desejo, como uma coisa que gostariam de fazer na escola, apesar de as escolas proporcionarem pouco tempo para isso. A fala de uma das crianças pesquisadas elucida esse fato: “na escola brinca pouco e estuda” (Quadro 11 - Enzo).

Na contramão dessa perspectiva, acredita-se que, conforme salienta Silveira (2002), a brincadeira possibilite que a criança experimente, crie, recrie, invente, descubra e lance mão de suas habilidades. A escola não consegue usar esse recurso como metodologia para a aprendizagem e para despertar o interesse da criança. O Quadro 12, a seguir, também é elucidativo do sentido atribuído pelas crianças à escola:

Quadro 12 - O que você gosta e o que você não gosta de fazer na escola?

Crianças da rede pública municipal		Crianças da rede pública estadual		Crianças da rede privada	
Gosta	Não gosta	Gosta	Não gosta	Gosta	Não gosta
Educação física	Castigo	Brincar	Leitura porque eu não sei ler não.	Estudar.	Eu não gosto quando o Ricardo fica falando que eu demoro nas tarefas.
Tarefas	Ficar esperando a vez.	Estudar	Quando o sinal bate pra começar a aula.	Eu gosto de desenhar.	Eu menos gosto do parquinho porque às vezes eu fico suado.
Recreio		Recreio.	Ficar sem recreio-castigo.	Fazer animais.	Eu não gosto só de quando o colega bate em mim.
O lanche		Educação física	Não ficar brincando.	Estudar com a minha professora.	Eu não gosto de briga.
Estudar		O dia especial – sem fazer tarefa.	É não ficar conversando com o outro.	Brincar no parque.	Eu menos gosto das provas de matemática porque na prova de matemática no meu boletim eu tirei 9,8.
Brincar		Fazer tarefa.	É ficar sem filme.	Educação física	Não gosto do parque.
Adoro fazer prova.		Fazer tarefa no livro de matemática e de português.		Informática	
Eu gosto de fazer tarefa, tarefa é bom.		Passeio		Eu prefiro prova de português, é mais fácil.	

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio das atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Analisando o quadro 12, pode-se verificar que as respostas relacionadas ao que a crianças “gostam na escola” expressam o brincar como atividades mais citadas. O olhar das crianças está centralizado em momentos que podem participar de momentos lúdicos. Fica nessa análise questionamentos de como as crianças reconhecem o espaço escolar, afinal os momentos mais interessantes então centralizado em atividades que não estão relacionadas as salas de aula. O que revela o gostar dessas atividades? Por que os momentos de atividades didáticas não foram mencionados? Penso que devemos entender que os momentos do brincar são onde as crianças têm oportunidades constituir e construir cultura lúdica de sem norma, onde se sentem livres.

Já em relação àquilo que as crianças “não gostam”, o que predominou foram os castigos. Esses castigos estão relacionados nas falas das crianças “ficar sem recreio”, “não conversar com o outro”, “ficar sem filme”. Essas variedades de opiniões nos permitem formular alguns questionamentos, tais como o que eles entendem sobre a função da escola? Qual o papel da escola para as crianças pesquisadas? O que realmente podemos fazer na nossa escola? Essa pesquisa não tem a intenção de responder a esses questionamentos mas é importante destacar que essa pode ser o tema de uma nova pesquisa, afinal fica claro que as práticas autoritárias e as atitudes vivenciadas pelas crianças podem ser consideradas violência simbólica, o que nos leva a entender a necessidade de ouvir as crianças para possibilitar a escola mudanças que reflitam um outro olhar para a escola.

2.3 O lugar da família na escola: como as crianças veem as expectativas dos pais

Família e escola constituem duas instituições importantíssimas na vida da criança. Elas se relacionam com um foco: a educação. Em uma sociedade caracterizada pelo modelo neoliberal, a educação é a garantia de retomada de crescimento e de solução das desigualdades sociais e, sendo assim, educação e escola estão voltadas para atender o capital. Nesta perspectiva, os pais entendem que o sucesso escolar aumenta a oportunidade de triunfar na vida e ainda é um recurso para garantir o futuro. Com isso, os pais carregam expectativas muito grandes em relação a essas instituições.

Analisando as vozes das crianças sobre o lugar que a família ocupa na escola, algumas questões foram feitas às crianças: O que as crianças acham que seus pais falam-pensam sobre a escola? Como as crianças veem a presença dos pais ou responsáveis na escola? E, ainda, se as crianças acham importante que seus pais participem das reuniões na escola.

Quadro 13 - O que as crianças pensam sobre a percepção dos pais em relação à escola

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Pedro: Ela pensa que é muito bom pros filhos.</p> <p>Liz: Ela acha que é muito legal e que é muito bom.</p> <p>Luis Felipe: Bom pra mim estudar e fazer tarefa também.</p> <p>Enzo: ... a minha mãe acha que a escola é bom pra mim estudar, aprender a ler e escrever.</p> <p>Liz: Porque se a gente não aprender a ler e nem escrever no trabalho, se a gente quiser arrumar um bom emprego como é que a gente, pooode, se a gente quiser trabalhar de secretaria.</p> <p>Gabriel: Meu pai só fala que a escola é importante.</p>	<p>Paula: Meu pai não fala nada, a minha mãe fala pra não faltar a aula.</p> <p>Marcos: A. minha também</p> <p>Isabela: Pra estudar.</p> <p>Marcos: Pra ler.</p>	<p>Pedro Henrique: A minha fala pra mim ficar comportado.</p> <p>Igor: A minha fala pra eu estudar muito.</p> <p>Ricardo: Que tem que ir bonitinho.</p> <p>Yara: Que tem que fazer as tarefas direitinho.</p> <p>Pedro Henrique: Que aqui é legal! Que eu aprendo muito.</p> <p>Yara: Eles falam pra mim que é muito legal estudar na escola porque tem coisas pra brincar e aprende muito e aí a cabecinha fica cheia de coisas.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio das atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

As crianças da rede pública municipal ouvem dos pais que a “escola é importante” (Quadro 13 - Gabriel) e que “é bom pra mim” (Quadro 13 – Enzo, rede municipal) e que “cabecinha fica cheia de coisas” (Quadro 13 – Yara, rede privada). Observa-se na fala das crianças que os pais reconhecem o valor fundamental que a escola tem na vida delas. Confiam na escola como espaço de educação e principalmente como preparação para a vida profissional. Como diz uma criança: “porque se a gente não aprender a ler e nem escrever no trabalho, se a gente quiser arrumar um bom emprego, como é que a gente, pooode!” (Quadro 13 – Liz, rede pública municipal).

Em seus estudos, Tfouni *et al* (1993) confirmaram o que foi dito pelas crianças, que consideram que a escola poderá garantir ascensão social e uma vida melhor, principalmente para as classes menos favorecidas. Concordando com estes estudos, Biasoli-Alves (2004, p. 93) argumenta que “a importância da escola está no fato de que ela é vista como garantia de uma vida boa no futuro”.

Nos segmentos das redes públicas municipal e estadual, as crianças afirmam que os pais veem a escola como espaço para construir o conhecimento focado no aprender a ler e escrever. Esta expectativa dos pais está relacionada com o fato de as crianças estarem no 1º ano do ensino fundamental. A leitura e a escrita para essas camadas populares têm um valor histórico maior, pois “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso” (FERREIRO, 2007, p. 20-21). Ou seja, mais um instrumento para o reconhecimento de um futuro melhor.

O Quadro 14 demonstra como as crianças percebem a presença dos pais no acompanhamento das rotinas e atividades escolares.

Quadro 14 - O lugar da aprendizagem: quem acompanha a criança

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Pesquisadora: Quem te ajuda na tarefa da escola.</p> <p>Pedro: Minha mãe e meu pai, né.</p> <p>Lara: A minha é eu, meu pai e minha mãe.</p> <p>Pedro: Tem vez que meu pai já começa a ler eu já sei o que é aí eu vou lá e faço.</p> <p>Luis Felipe: eu também faço a tarefa sozinha.</p> <p>Liz: Porque na hora da prova o meu pai não vai estar nem a mãe.</p>	<p>Pesquisadora: Quem te ajuda na tarefa da escola?</p> <p>Lucas: Minha mãe quando ela chega do trabalho e com a minha irmã, às vezes.</p> <p>Paula: A minha mãe quando tá difícil.</p>	<p>Pesquisadora: Quem te ajuda na tarefa da escola?</p> <p>Pedro Henrique: Minha mãe e meu pai de vez em quando.</p> <p>Igor: Minha mãe e meu Mauro. Os dois só faz tarefa quando tem tarefa.</p> <p>Vitor: Às vezes minha mãe, às vezes meu pai.</p> <p>Yara: Com a minha mãe, minha irmã e meu pai. Toda vez que eu faço só uma pergunta pra minha mãe, meu pai grita comigo, eu só faço uma pergunta pra saber o que é a tarefa, aí meu pai já grita, Yara faz a tarefa logo, ele faz desse jeito.</p> <p>Ricardo: Só meu irmão, minha irmã e eu.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

A partir da análise do Quadro 14, percebe-se que a maioria das crianças cita a participação dos pais no acompanhamento das tarefas, mostrando que hoje existe uma participação maior da figura do pai nessa atividade, mesmo que seja, como diz as crianças, “só de vez em quando”. Na entrevista, não se concordou com essa ideia, visto que a maioria das entrevistas foi com mães; nas redes públicas, houve a presença de pais (um em cada rede

de ensino), e na rede privada só mães foram entrevistadas. Esses dados mostram que, mesmo pequeno, hoje já é uma realidade a presença do pai na escola, principalmente no acompanhamento das tarefas, papel que durante algumas décadas foi exercido apenas pela mãe.

Para uma das crianças, o momento da realização da tarefa é um momento em que envolve certa tensão, pois, segundo ela, “eu só faço uma pergunta pra saber o que é a tarefa, aí meu pai já grita, Yara faz a tarefa logo” (Quadro 14 - Yara). A tarefa de casa serve, para a criança, como reforço do que foi aprendido, devendo ser um momento de reafirmação da aprendizagem, e não de tensão e castigo, não cumprindo a função para a qual veio manter os pais informados e envolvidos na aprendizagem do filho.

Outra questão importante feita às crianças diz respeito ao lugar da aprendizagem na escola. Neste sentido, perguntou-se às crianças o que significava aprender. Com base no Quadro 15, abaixo, é possível compreender que as crianças entendem que aprender depende da atenção da criança, do sair bem nas provas, de conhecer coisas novas.

Quadro 15 - O lugar da aprendizagem na escola: o que é aprender

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Gabriel: Aprender é conhecer coisas novas.</p> <p>Gabriel: Eu aprendi a ler e escrever, eu também aprendi o que é réptil, eu não sabia o que era réptil, mamífero.</p>	<p>Lucas: Aprender é tudo.</p> <p>Pesquisadora: Como você aprende tudo?</p> <p>Lucas: Como nerd que sabe tudo do espaço.</p> <p>Paula: Aprender é tudo, é só aprende prestando atenção na aula.</p>	<p>Yara: É importante aprender porque a gente tem que sair bem nas provas e a gente tem que ser muito inteligente.</p> <p>Pedro Henrique: Estudar, aprender muito.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

A partir do olhar da criança, subentende-se que a escola realmente cumpre o papel de disciplinar e que os pais são os auxiliares nessa ação. E a aprendizagem? Onde fica? Foi perguntado às crianças o que seria essa aprendizagem, como aconteceria se os pais ajudassem nas atividades da escola e se havia dentro de casa alguma conversa sobre o que eles aprenderam na escola.

Para essas questões, as respostas das crianças, a partir dos três segmentos, demonstram que a aprendizagem está vinculada a um objetivo principal: para as crianças da rede municipal é o conhecimento científico (Quadro 15). Já as crianças da rede pública estadual entendem a

aprendizagem como uma atividade muito importante, e que o objetivo principal é o conhecimento que promove uma nova mudança de postura, ou seja, “ser nerd” (Quadro 15 - Lucas), que seria ser inteligente. Assim, as crianças reconhecem a possibilidade de realizar conquistas: “forma, torna-se adulto” (Quadro 15 – Marcos e Izadora) e “ser alguém na vida né” (Quadro 15 - Paula). Já para as crianças da rede privada, a aprendizagem e o aprender reforçam a ideia de inteligência. Entendem que já sabem, mas que precisam aprender, e essa aprendizagem está vinculada à questão da prova, às notas.

Outra questão que a pesquisa suscitou às crianças foi como elas percebem o modo como os pais veem a professora e sobre o trabalho dela. As respostas foram:

Quadro 16 - O lugar dos professores na escola

Crianças da rede pública municipal	Crianças da rede pública estadual	Crianças da rede privada
<p>Lara: Muito boa.</p> <p>Liz: Ela pensa que ela é muito boa.</p> <p>Pedro: Que ela é muito boa, que ela nos ajuda a estudar e aprender.</p> <p>Enzo: Do mesmo do Alex.</p> <p>Luis Felipe: Do mesmo do Enzo.</p>	<p>Marcos: Que ele é bom.</p> <p>Pesquisadora: Por quê?</p> <p>Marcos: Porque ele ensina.</p>	<p>Yara: Ela pensa que a pro é muito legal e que ensina a gente muito, e eles pensa que a pro ensina muito pra mim porque eu sempre tiro 10.</p> <p>Igor: Ela pensa que a pro Sonia é boazinha, legal, deixa a gente brincar no recreio.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio das atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

Para a maioria das crianças, a professora é vista com uma pessoa boa, que exerce a função de ensinar além, é claro, de deixar brincar. Na comparação dos segmentos, não houve diferenciação na fala sobre o olhar dos pais em relação à professora. Como as vozes das crianças são vozes polifônicas, os dados dos Quadros 16 e 17 reverberam o sentido que as crianças também atribuem à professora. Este olhar reforça a confiabilidade que o profissional deixar transparecer, sendo a professora aquela que cuida e dá carinho (Quadro 17 - Lucas). Este remete à ideia de que a escola é tida como a extensão da casa.

Quadro 17 - O lugar dos professores na escola
Crianças da rede pública

Crianças da rede pública
Pesquisadora: Pra você, quem é a professora?
Lucas: É minha segunda mãe (RPE).
Pesquisadora: Me fala coisas que vocês pensam da professora. Você desenhou a professora. Deixa eu ver sua professora, hum, e esse coração, o que significa?
Lara: Que ela ama eu. A proooooofessora é minha vida (RPM).

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio das atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

As falas das crianças retratam uma voz polifônica que reproduz a fala do adulto, quando ela diz que a professora “é a minha segunda mãe”, como é possível observar no quadro 18, na fala de Lucas. As crianças revelam a voz da sociedade, que não vê o professor como um profissional, mas um cuidador, executor de tarefas. Os pais, segundo as vozes das crianças, transferem para o professor o papel afetivo da família e esquecem que esse profissional é um sujeito que estudou para assumir aquela função e, como tal, tem uma identidade profissional.

Essa visão é concebida porque, para os pais, a escola seria a extensão de casa, e o professor teria que exercer o papel de “segunda mãe”. Mais uma vez existe uma visão deturpada da verdadeira identidade do professor, que é “ensinar”.

Quadro 18 - O lugar dos professores na escola

Crianças da rede privada
Pesquisadora: Me fala coisas que vocês pensam da professora.
Ricardo: Ela é muito educada com a gente.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio das atividades de roda de conversa com as crianças (2017).

José Manoel Esteve (1999 *apud* XAVIER, 2014) explica o porquê dessa visão:

essa sensação de mal-estar a um conjunto de mudanças sociais que ocorreram nos últimos anos, tais como o advento da escola de massas, o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola, a mudança nas expectativas em relação ao sistema de ensino e o aumento das exigências em relação ao trabalho do professor, provocando a ruptura do consenso em torno dos objetivos do ensino, do papel da escola e das funções do professor (p. 837).

Historicamente, a profissão de professor sempre foi vista como um ato vocacional, uma espécie de sacerdócio leigo. Com isso, a função do magistério não obteve o *status* formal

de profissão, percebendo-se que o estigma valorativo sempre permeou a imagem e o significado da profissão. Essa situação agravou-se a partir da Revolução Industrial e, com as intensas transformações, surgiram novas concepções em relação ao ensino e ao papel determinante da educação no processo de desenvolvimento da sociedade. Estas contribuíram para a exacerbação do papel dos docentes e, conseqüentemente, para que não se criasse um conjunto de normas próprias de uma profissão, a exemplo de como ocorreu em outras áreas.

Nesse sentido é importante destacar que a identidade profissional dos professores ainda não foi definida, segundo fatores dos quais Enguita (1991) diz que vão ao contrário dessa luta, pois por se tratar de uma categoria profissional heterogênea, o seu crescimento numérico está concentrada nas mãos das empresas privadas e com excessivas regulamentações. Essas regulamentações conseqüentemente geram perda de autonomia ao docente, o que influencia diretamente nos cortes de gastos sociais e na repercussão de menores salários. Outra fator é a feminização do setor e visão de o trabalho docente é uma atividade extra doméstica, como emprego provisório e segundo salário.

Entende-se, portanto, o porquê das crianças trazerem essa concepção de escola, esquecendo da profissionalidade do professor e de que a sua função central é a ação pedagógica centrada na formação de cidadão atuante na sociedade. Desta maneira, o sentido da afetividade influencia o papel da aprendizagem, porém não pode ser confundido como uma relação além da função profissional.

O capítulo em questão buscou compreender os sentidos e significados da relação família e escola sob a ótica das crianças. Compreender essas instituições a partir da definição individual e particular e, posteriormente, relacioná-las com o que a família e a escola passam para elas é uma forma de entender o verdadeiro papel que a escola tem para cada criança. Sendo assim, buscar-se-á, no próximo capítulo, apreender dos pais questões similares que permitam confrontar as expectativas dos diferentes sujeitos.

CAPÍTULO III

“AINDA SOMOS OS MESMOS E VIVEMOS COMO OS NOSSOS PAIS”

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais
(BELCHIOR)

O presente capítulo tem como objetivo discutir a significação de família por ela mesma e entender por essa ótica o papel da escola. O ponto de partida para esta reflexão é a concepção de família que os pais trazem, visto que a esta é "a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade" (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 175). Sendo a família a mediadora da criança entre o mundo físico e o social, busca-se, neste capítulo, discutir qual o valor que esta instituição social tem na vida da criança e qual a relação com a socialização secundária, a escola.

3.1 “Porque família é a base de tudo¹⁵”: afeto, moral e pertencimento, marcando a ótica dos pais

O primeiro contexto social que a criança conhece e com o qual se socializa é a família. Nela estão presentes os processos de interação, a vivência dos valores sociais e culturais, a formação que é transmitida pelas gerações anteriores, a vivências das relações interpessoais, o afeto, dentre outras coisas. Deste modo, na família, as crianças encontram laços de sobrevivência objetiva e subjetiva que as auxiliam na sua constituição enquanto seres sociais.

Para Rey e Martinez (1989 *apud* ZAPAROLI; MATTAR, 2011, p. 8), “a família [...] representa, talvez, a forma de relação mais complexa e de ação mais profunda sobre a

¹⁵ Fala de um dos pais e responsáveis entrevistados.

personalidade humana, dada a enorme carga emocional das relações entre seus membros”. Então, sempre que se fala em “família”, subentende-se a identidade e o espaço mais íntimos da existência de cada indivíduo. Conforme Carvalho e Pereira (1994, p. 5) é como “tocar no *locus* que dá origem à nossa história”.

Sendo assim, o significado de família, para a maioria dos nossos entrevistados, está baseado no que dispõe o art. 226 da Constituição Federal de 1988, que “a família é a base da sociedade” (BRASIL, 1998). Alguns entrevistados, tanto da rede pública quanto privada, relataram que “família é a base de tudo” (Quadro 19). A utilização da menção, que parece soar como um “clichê”, é apenas uma forma de apreensão daquilo que é constitutivo e marcante nessa instituição.

Quadro 19 - Concepções de família: o que é família

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R¹⁶: Tudo né, porque tem os filhos [...].</p> <p>J: A família pra mim é tudo, porque desde quando eu era pequeno meu pai saiu de casa eu tinha 5 anos, então eu sempre quis ter uma família.</p> <p>L: Família é a base de tudo.</p> <p>T: [...]é o apoio em tudo.</p>	<p>C: [...]família pra mim é a base de tudo na vida da gente.</p> <p>A: [...] família pra mim, é a minha base, é onde eu me fortaleço mesmo.</p> <p>N: Família pra mim é a base de tudo [...]. É a família um lugar de aconchego, de paz e assim a família é tudo eu sempre digo é tudo.</p> <p>A: É onde eu tenho amor, carinho e é meu porto seguro</p>	<p>A: [...] ambiente onde um cuida do outro, cuida, ajuda, protege, ensina, engrandece o outro.</p> <p>EL: Família pra mim é a base de tudo.</p> <p>W: [...] mas pra mim acima de tudo é base, é o fundamental pra vida. É o porto seguro, é confiança, é respeito, é amor, é fraternidade, é perdão, paciência, é todo um grupo de coisas boas [...].</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Mas o que é uma base familiar? Concorde-se com Silva (1998 *apud* ZAPAROLI; MATTAR, 2011, p.11) quando ele diz “que a família é fonte de apoio, afeto, moral e de formação de valores, que são necessários para a formação humana das pessoas.”

Entende-se que, para os entrevistados, a palavra “base” remete à ideia de que esta instituição social é o *locus* onde se dá a interatividade por um vínculo de afeto, preponderando o sentimento de pertencimento e compartilhamento entre os seus: “é o ponto de referência

¹⁶Foi utilizada a letra inicial do nome dos pais e responsáveis para manter o sigilo.

central do indivíduo; uma espécie de aspiração à solidariedade e à segurança, que dificilmente pode ser substituída por qualquer outra forma de convívio social” (TEPEDINO, 1999, p. 326).

Logo, cabe ressaltar que é na família que os valores afetivos e materiais desenvolvem, proporcionando a educação formal e informal. É na família que o sujeito absorve os valores éticos e humanitários, os laços de solidariedade, como diz um dos entrevistados: “um lugar de aconchego, de paz” (Quadro 19, rede pública estadual). Da mesma forma, a família opera na construção dos vínculos geracionais: “é também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais” (KALOUSTIAN, 1988, p. 12).

Quando a família é nomeada como a base de tudo, os sujeitos entendem a família como um espaço onde o convívio social e cultural é norteado principalmente pelas relações de afeto, que se baseiam no amor, na solidariedade, no carinho, na atenção, proteção e onde são compartilhados todos os sentimentos de pertença. O afeto ainda está associado às bases iniciais de construção do sujeito e aos mais variados significados adquiridos por sua existência, como os que foram relatados pelos pais no quadro acima, particularmente na rede privada.

Apoio, amor, carinho, porto seguro e confiança foram pontuados como características da família (Quadro 19). Essas palavras, referendadas pelos pais entrevistados, justificam aquilo que, segundo Sawaia (2003, p. 43), pode ser nomeado como “a principal força que explica a permanência da família na história da humanidade.”

Esse sentimento de família, explicitado por Ariès (1981), foi constituído a partir do momento em que uma nova estrutura econômica exigiu uma nova organização familiar com foco na expansão e na consolidação industrial, promovidas pelo advento do capitalismo: a nuclear burguesa.

Nesse caso,

a proibição do trabalho infantil, a extensão dos períodos de escolaridade obrigatória e a criação dos sistemas de seguridade social – fizeram com que os filhos deixassem de representar, para os pais, uma perspectiva de aumento da renda familiar ou de recurso contra suas inseguranças no momento da velhice (NOGUEIRA, 2006, p. 159).

Eles se tornaram a figura central da família, e esses elementos contribuíram para constituírem relações de afeto e de cuidados, razão de viver, modo de realização pessoal e familiar.

Com essa visão, a família volta para o seu interior, inaugura o sentimento de amor conjugal e intimidade familiar (ARIÈS, 1981), deixando os filhos de serem futura “força de

trabalho (para os desfavorecidos), ou como garantia de sucessão (no caso dos favorecidos)” (NOGUEIRA, 2006, p. 159), passando de “elo da cadeia geracional” a “centro da afetividade familiar” (LARACENO, 1997 *apud* NOGUEIRA, 2006, p.159).

Diante disso, pode-se pensar a família “com a tarefa de abrigar e educar um novo homem, que se pautasse pelos ideais de liberdade, igualdade, individualismo e respeito à propriedade privada” (ARAUJO, 2006, p. 180), orientando-o para um comportamento social ético e ajudando-o a desenvolver seu senso crítico, argumentando e respondendo seus questionamentos.

Prado (1985 *apud* CABRAL, 2014, p. 65) afirma que a família, “além de ser um tecido fundamental das relações entre os sujeitos em sociedade, constitui-se por um conjunto de papéis socialmente definidos, ou seja, a vida dos sujeitos, crianças que pertence a determinada família reflete o que a sociedade espera dela”.

Nesse contexto, os entrevistados consideram que, para se ter uma formação “ideal”, é necessário ter caráter, instruir, ter estrutura familiar, limite e direcionamento, ou seja, ter valores éticos e morais para poder viver em sociedade. As falas do Quadro 20 abaixo são elucidativas dessas ideias:

Quadro 20 - Como você vê a importância da família na formação da criança?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>D: É importante, é porque questão de caráter a gente tem que passar pro filhos da gente família é importante nisso. A formação começa em casa a escola ajuda, mais em casa.</p> <p>J: É fundamental a família, mas também é a família que faz o caráter. O caráter da criança é formado em casa.</p>	<p>A: [...] a família que vai instruir, ela que vai tipo ensinar tudo que a criança necessita, ela que vai conduzir [...].</p>	<p>A: a família é a base da formação da criança...</p> <p>G: A estrutura é o início de tudo.</p> <p>W: Ah, eu acho que é tudo, eu acho que sem a família não dá pra criança seguir sozinha [...] é limite e direcionamento [...].</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Quando perguntado aos pais como eles veem a importância da família na formação das crianças, eles consideram que o papel principal da família como instituição responsável pela socialização primária das crianças é auxiliá-la na formação do caráter. Concordando com essa afirmação, Zaparoli e Graciano (2011, p. 38) dizem que é “competência dos pais, que são

os primeiros educadores, formarem o caráter do sujeito visando o desenvolvimento de sua consciência crítica e possibilitando a avaliação de seus atos.”

Desse modo, as falas dos pesquisados reverberam a postura disciplinadora que a sociedade impõe ao sujeito e que sutilmente prega a necessidade de “torna-se plenamente homem” (CHARLOT, 2013, p. 237), escapando da corrupção da sociedade. Só assim, de acordo com Charlot (2013), a sociedade reconhece o papel da família na formação ética e moral dos sujeitos.

Machado (2009 *apud* ZAPAROLI; MATTAR, 2011) destaca que:

os princípios éticos da base familiar são parâmetros que norteiam a vida de seus membros em todas as situações e caminhos, proporcionando base para uma existência digna, produtiva, com segurança e paz. Assume inclusive, a responsabilidade ética fundamentada no valor do ser humano com direitos e deveres, visando educar, reeducar e direcionar para o bem, colaborando na construção de uma sociedade mais justa e de paz, sendo também primordial na porcentagem que constitui o todo de uma sociedade, pois é no seio da família que o ser humano aprende a ser ‘verdadeiramente humano’ (p. 38).

Assim, os pais entendem que a família tem a função de ser o “limite e direcionamento” das crianças (Quadro 20, rede privada), pois, com sua função de “instruir” (Quadro 20, rede pública municipal), possibilitará a constituição de um sujeito com educação moral, legitimada pela internalização de valores e regras que formam os cidadãos.

Segundo La Taille (2006, p. 47), “a moralidade humana é o palco por excelência onde afetividade e razão se encontram, via de regra sob a forma do confronto”. Então, entender a moralidade e o desenvolvimento da moralidade é um aspecto para compreender o processo de educação e socialização do ser humano, pois, para Kant (1974), o homem, por natureza, não é um ser moral (*Kein moraliches wesen*), mas torna-se moral por meio da socialização e da educação familiar.

De acordo com Kant (1974, p. 384), “o que o homem é ou deve vir a ser moralmente, bom ou mau, deve fazê-lo ou sê-lo feito por si mesmo. Ambos devem ser um efeito de seu livre arbítrio”. Daí a importância da educação: o homem é resultado desse processo. É uma construção.

Kant (1996) aponta que o sujeito moral atravessará o seguinte processo educativo:

Disciplinamento – procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria;

Desenvolvimento da cultura – abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos;

Incremento da prudência – cuidar que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade [...] A esta espécie de cultura pertence a que se chama propriamente civilidade;

Moralização do sujeito – não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins (p. 26-27).

Destarte, a família busca transformar a criança em um “ser culturalmente dono de si mesmo” (CHARLOT, 2013, p. 236), um homem ideal, disciplinado para atuar na sociedade. Isso fica evidente nos dados da pesquisa quando os pais remetem à criança um devir a ser pautado na ideia de “caráter”.

Da mesma forma, alguns pais que participaram da pesquisa expressam que assumem uma postura de acompanhamento e valorização escolar das crianças porque não tiveram experiências positivas em suas trajetórias familiares: ausência de pai, adoção, abandono. Neste sentido, os entrevistados demonstram que as marcas familiares que carregam transformam o sentido de ser e ter família. Todavia, compreendem que, na educação dos filhos, uma relação diferenciada precisa ser construída, a fim de que estes últimos não vivenciem o que os pais vivenciaram. Isto pode ser observado nos relatos:

Quadro 21 - Concepções de família: o que é família pra você?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual
<p>J: [...] meu pai saiu de casa eu tinha 5 anos, então eu sempre quis ter uma família talvez pra tratar melhor do que meu pai tratou de nois [...] minha mãe foi guerreira.</p> <p>[...] eu sempre trabalhei pra ter família.</p> <p>L: Família você constrói pra ter por toda a vida toda. Eu não tive pra te falar a verdade, então estou tentando passar isso por meus filhos [...]. [...]eu não quero dar pro meus filhos a criação que eu tive.</p>	<p>A: Eu já vivi sem família, eu sei o antes e o agora, então eu prefiro o agora, né.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Alguns pais entrevistados atribuíram certo ressentimento da família de origem, ou porque não tiveram uma família. Para eles, as experiências negativas não podem ser transferidas aos filhos. Em função disso, afirmam que pretendem passar para os filhos um exemplo melhor de família. Com base nas suas próprias histórias de vida, criam expectativas

nas famílias que estão constituindo. Segundo Romanelli (1997), a família corresponde a um lugar privilegiado de afeto, no qual estão inseridos relacionamentos íntimos, expressão de emoções e de sentimentos; então, o que é diferente disso não é tido como ideal.

A partir do que os entrevistados relataram, entende-se que “a família constitui uma referência simbólica fundamental que organiza e ordena sua percepção de mundo social, dentro e fora do mundo familiar” (SARTI, 2003, p. 34), e que a ausência dessas referências gera marcas profundas nos sujeitos. Essas marcas são reflexos da raiz histórica da nossa sociedade que ainda idealiza um padrão de família, o modelo tradicional nuclear de pai-mãe-filho.

As estruturações familiares diversificadas (recompostas, extensas) foram relatadas, na maioria, nos entrevistados da rede pública, confirmando que as instabilidades das uniões conjugais se apresentam mais nos segmentos menos privilegiados da população. Isso desencadeia rearranjos que incluem a rede de parentesco como alternativa para garantir a existência da família (SARTI, 2003). A maior parte das famílias da rede privada era formada pela família tradicional nuclear.

Aquelas que não apresentam essa configuração são rotuladas como “desestruturadas” e são consideradas uma anomalia. Essa concepção de intolerância diante dos novos desenhos de família foi percebida na fala dos pais da pesquisa, que carregam uma concepção estereotipada de que, para que a família cumpra o seu papel, ela tem que ter o modelo tradicional nuclear de família:

Quadro 22 - Como você vê a importância da família na formação da criança?

Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>N: Se você vê uma família que ela é desestruturada, que digamos assim pais separados ou uma convivência na família que há brigas. Você pode ver que a criança não é bem estruturada, você vê que ela é uma criança, um pouco assim revoltada ou até mesmo, digamos assim ela não é aquela criança, o comportamento dela é outro, é totalmente diferente.</p>	<p>G: A estrutura, é o início de tudo, se for uma família desestruturada a criança tem que ter uma cabecinha bem boa, mas como ela acaba vendo aquilo como certo e se a família for desestruturada aquilo ela carrega como certo pro resto da vida.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

As famílias “desestruturadas” às quais os pais se referem são as incompletas, ou seja, falta um dos cônjuges. São as recompostas, as extensas, aquelas que não apresentam, como dito anteriormente, uma configuração tradicional nuclear, burguesa, patriarcal. Essa definição

de “desestruturada” mostra a intolerância atribuída a essas famílias, atribuindo à “desestruturação” a incapacidade para cumprir com o papel esperado por uma família.

Para Pereira (2008), a família continua sendo:

forte, porque ela é de fato um *locus* privilegiado de solidariedades, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, porque é nela que se dá, de regra, a reprodução humana, a socialização das crianças e a transmissão de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas ela também é frágil, pelo fato de não estar livre de despotismos, violências, confinamentos, desencontros e rupturas (p. 36-37).

Aquilo que se nomeia ausência de um dos membros familiares ou ausência de vínculos familiares também é rotulado pela sociedade em geral como “famílias desestruturadas”. São chamadas assim porque, para a sociedade, estão fora do modelo-padrão, do modelo ideal de família, que ainda está sedimentado no imaginário coletivo:

a família nuclear, heterossexual, monogâmica e patriarcal, vendida pela mídia por meio da imagem do casal feliz numa união estável, filhos amorosos, vivendo o cotidiano com divisões sexuais de papéis e obrigações claramente definidas, e todos confortavelmente instalados numa casa com flores nas janelas e recendendo ao cheiro da comida farta e recém-saída do fogão (TOLEDO, 2007, p. 25).

A fala dos pais aproxima-se do que se ouve na sociedade: um modelo ideal ainda legitimado, apesar das mudanças impostas pela sociedade capitalista, o modelo hegemônico nuclear.

Na fala dos pais entrevistados (Quadro 22), existe uma correspondência imediata que assim se configura: família desestruturada (associada à separação, monoparentais, rearranjos familiares, falta de amor, pobreza, constituída por avós e crianças) e crianças desestruturadas (particularmente em seu comportamento social).

Essa compreensão demonstra uma concepção errônea sobre o processo de constituição da subjetividade da criança, uma vez que sua formação depende de outras mediações (culturais, sociais, econômicas e, também, familiares), e não da sua estrutura familiar. Portanto, há que ser questionada a correspondência entre um desarranjo de desenho de família e um desarranjo de personalidade.

De acordo com Garbó (2013), o termo “desestruturado” traz uma conotação negativa para fazer referência àqueles grupos que não respondem ao modelo tradicional de família (pai, mãe e filhos). Estes são desvalorizados pelo contexto educativo e social, embora haja, nesses

grupos, adultos responsáveis que assumem a educação, os cuidados com as crianças e, conseqüentemente, as funções educacionais.

Essa tendência talvez se justifique pela dificuldade de a sociedade aceitar essas diversidades de arranjos ou pelo fato de que, quando se busca significar família, não se consegue desvencilhar da nossa própria experiência familiar, ou seja, “os valores acham-se entranhados na cultura e sua assimilação é lenta, constante e profunda, de tal modo que transformações drásticas levam muito tempo para se efetivarem” (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 239).

Esse não é o caso da entrevista de uma mãe da rede privada (Quadro 23) que, quando questionada sobre a formação da criança, assim se manifesta:

Quadro 23 - Como você vê a importância da família na formação da criança?

Pais da rede privada
W: [...] não importa se é com pai, se com pai e mãe, se é só com mãe, se é só pai, não importa, dando amor é tudo, educação, explicando o que é certo, o que é errado, isso que é mais importante [...]

Fonte: Dados coletados na pesquisa a partir de entrevista semiestruturada com a família. (2017)

Essa mãe tem uma concepção mais aberta e entende que a criança não precisa de uma família com um padrão instituído pela sociedade (pai, mãe e filho). O formato da família não pode determinar a formação da criança. O que determina é o amor, o afeto e a proteção, “não importa que configuração a família assuma, o sentido de pertença, o de ter sido gerado num ambiente de amor e acolhimento, que dá condições para um desenvolvimento saudável, é que vai fornecer para o sujeito o sentido da palavra família” (ALVES, 2014, p. 20).

Da mesma forma, essa conceituação toma “um processo de construção subjetiva; uma experiência peculiar a cada sujeito” (ALVES, 2014, p. 20). Então, é inadequado afirmar que exista uma configuração ou um modelo certo, ou errado, ou “desestruturado” de família na sociedade contemporânea, devendo-se dizer que existem famílias.

Para Sarti (2004, p. 100), “a família, seja como for composta, vivida e organizada, é o filtro através do qual se começa a ver e significar o mundo”. Isto implica dizer que as formas de significação do mundo pela criança implicam uma releitura também do mundo que os adultos apresentam e como constroem significados.

Bastos, Alcântara e Ferreira-Santos (2002) afirmam que, no ambiente familiar, existe um “fluxo de práticas e rotinas, dentro da qual são socializados e construídos significados culturais e padrões de interação que se tornam o material de que é feito o estilo singular de cada família e cada pessoa” (p. 98).

Sendo assim, para a sociedade, a família tem a responsabilidade de ser modelo, pois é nela que a criança se orienta para ter comportamentos que serão considerados adequados para os padrões que a sociedade determina, “uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 238).

Para José Filho (1998),

a família tem uma importância fundamental não apenas no âmbito da reprodução biológica, mas principalmente, enquanto mediadora de seus membros com a sociedade. Ela proporciona a construção de nossa primeira identidade e nos insere nas relações sociais, tanto no nível emocional, cultural, como sócio-econômico. A família é o primeiro referencial e permeia toda a nossa existência (p. 15).

Então, a família tem o papel principal e inicial de educar as crianças para que “tenham um futuro melhor”. Para isso é necessário que elas estudem, pois, para todas as camadas sociais, mas principalmente para as camadas sociais mais pobres, o estudo é a esperança de um futuro melhor, de se conquistar uma profissão, sendo esta melhor que a dos pais.

3.2 Escola da reparação social e da socialização

Desde o surgimento da escola, existe uma relação muito estreita com a família no que se refere à educação das crianças e dos jovens (ARIÈS, 1981). A família e a escola são espaços de conhecimento e de socialização das novas gerações. A família, como primeira instância educacional, é responsável pela educação informal. Nela se aprende a “cultura familiar particular, impregnada de valores, hábitos, mitos, pressupostos, modos de interpretar o mundo que definem modos específicos de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências para a constituição do sujeito” (SZYMANSKI, 2007, p. 22-23). Já a escola é responsável pela educação formal, o saber sistematizado socialmente e “[...] é entendida como a promotora de educação mais sistematizada, apresentando finalidades próprias para o desenvolvimento do ser humano e para a constituição de sua personalidade” (PEREZ, 2012, p. 14).

Dessen e Polônia (2007, p. 22) afirmam que a escola e a família são espaços de desenvolvimento sociais, onde “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”.

Assim, essas instituições historicamente e socialmente interligadas se “esforçam em utilizar os meios mais eficazes pra atingir as finalidades educativas perseguidas pela sociedade” (CHARLOT, 2013, p. 62).

Sendo assim, a escola foi instituída com o objetivo de:

igualdade entre as pessoas, progresso das nações, desenvolvimento econômico, justiça social, difusão dos conhecimentos em defesa da valorização da razão – e do conhecimento escolar – como modo de ser e estar no mundo (BARBOSA, 2007, p. 1059).

Porém, em face das mudanças sociais, políticas e econômicas, marcadas pela globalização e pelo capitalismo, a educação exige que a escola seja um local que promova a autonomia e desenvolva as potencialidades humanas, com foco no emprego e mercado de trabalho.

Contrário a essa lógica, Brandão (2006) salienta que:

a educação (como tantas outras coisas da vida e dos sonhos de todos os homens) perde a sua dimensão de **bem de uso** e ganha a de um **bem de troca**. Ela não vale mais pelo que é e pelo que representa para as pessoas. Não é mais um **dom do fazer** que existe no ensinar o saber que é um outro dom de todos e que a todos serve. A educação **vale** como bem de mercado (p. 93, grifos do autor).

Com isso, “naturalmente, as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital” (MÉSZÁROS, 2005, p. 42). Neste contexto, as escolas passam a valorizar a formação de trabalhadores autônomos e sujeitos flexíveis, “**conformados** às necessidades da manutenção e reprodução de uma sociedade subordinada à lógica estruturante do capital” (DONENCIO, 2014, p. 40, grifo do autor).

Em um pensamento contrário à lógica do atrelamento educação-mercado, Mézáros (2005) acredita que a educação poderá funcionar como um mecanismo para emancipação humana. Ele ainda afirma que “a educação não deve qualificar o homem para o mercado, mas para a vida” (MÉSZÁROS, 2005 *apud* DONENCIO, 2014, p. 42).

Por esses motivos, os pais veem na educação uma oportunidade de ascensão social e acreditam que, enviando os filhos para a escola, alcançarão o sucesso profissional e pessoal. As respostas dos pais no Quadro 24 ilustram bem essas expectativas:

Quadro 24 - Qual a função social e o significado da escola na educação dos seus filhos?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>L: É muito importante é a herança que a gente deixa pra eles, são os estudos.</p> <p>T: [...] é igual eu falo pra eles se eles não estudar o futuro deles é nenhum. Porque eu até brinco com eles porque hoje até pra barrer rua “cê” tem que ter estudo.</p>	<p>E: Porque a escola é a base também pra criança, é a base de tudo pra ele começar, pra ele se identificar, é isso.</p> <p>N: [...] a escola ensina algo que eu não posso ensinar, a escola prepara o meu filho para o mundo.</p>	<p>F: A escola favorece o aprendizado, faz eles querem aprender, abre a mente deles.</p> <p>W: [...] conteúdo, eu considero, informação, socialização, desenvolvimento intelectual [...] [...] acho que a gente tem os anseios quando a gente manda pra escola.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os pais afirmam que o sucesso dos filhos depende da educação, pois esta os prepara para o “mundo” e dela depende o “futuro deles” (Quadro 24). Então, a educação se torna uma oportunidade de mudar a perspectiva de vida. A educação tem um caráter ideológico, um papel estruturante na sua relação com a sociedade. As famílias consideram que a escola é o caminho para um futuro melhor, “[...] que servirá como elemento de legitimação e distinção social” (SETTON, 2005, p. 80-81).

De acordo com os dados da pesquisa, apesar de as famílias serem e terem realidades sociais diferentes, o discurso sobre a importância da escola não diverge. A expectativa dos pais em relação à escola está no sucesso das crianças. Esse dado é confirmado nos estudos realizados por Zago (2011), que contemplam o processo de escolarização nos meios populares, com famílias de baixa renda, ocorrido no período de 1991 até 1998. Os resultados da pesquisa de Zago (2011, p. 23-24) apontam que, assim como os demais estratos sociais da sociedade, a população de baixa renda também reconhece a “[...] educação escolar como requisito básico para responder às exigências do mercado de trabalho e, sobretudo, como possibilidade de romper com as condições de pobreza familiar”. A pesquisadora afirma ainda que, para essa parcela da sociedade, a importância da escolarização dos filhos está fundada em dois pilares:

o que corresponde a uma lógica prática ou instrumental da escola (domínio de saberes fundamentais e integração ao mercado de trabalho) e outro, voltado para a escola como espaço de socialização e proteção dos filhos do contato com a rua, do mundo da droga, das más companhias, indicando a inseparabilidade entre instrução e socialização (ZAGO, 2011, p. 24).

Para os pais, a escola tem um papel fundamental na vida das crianças, pois o sucesso escolar representa para alguns deles uma ruptura com a estrutura social atual, os “anseios” (Quadro 24) de que haverá “uma evolução do indivíduo e modificação de suas relações com o ambiente social” (CHARLOT, 2013, p. 70).

Segundo Cordié (1996 *apud* DONENCIO, 2014, p. 65), “desde cedo a criança ouve a demanda que lhe vem dos pais: ela deve aprender, ser bem sucedida.” Assim, os pais “orientam a educação de seus filhos em função de objetivos que são iminentes a sua sociedade e a sua classe social” (CHARLOT, 2013, p. 71).

Os pais pesquisados “supõe que a educação concebida como fenômeno cultural prepara o indivíduo para a vida em sociedade” e que, a partir do conhecimento proporcionado por ela, “o indivíduo será preparado para ocupar um lugar na divisão social do trabalho” (CHARLOT, 2013, p. 120).

Como aponta Zago (2007), o desejo dos pais de que a educação constitua um processo de elevação social/econômica encontra sentido quando se reconhece que:

um motor importante dessa motivação está sustentado na demanda do mercado de trabalho e, de forma recorrente, no desejo de superação da condição familiar, apoiado na crença do ensino superior como possibilidade de acesso à ocupação mais qualificada, de melhor remuneração e prestígio social. Mas as mudanças não são unicamente de ordem econômica e profissionalizante, elas representam também uma ‘mudança subjetiva’ (MARIZ *et al.*, 1999, p. 326), de reconhecimento social, ampliação de conhecimento e participação na sociedade (ZAGO, 2007, p. 14).

A escola ensina conhecimentos que a família não pode ensinar: “coisas para o mundo” (Quadro 24 – rede estadual, N.). Ela prepara a “criança para uma vida social ideal” (CHARLOT, 2013, p. 125). Neste contexto, a criança passa a ser “determinada pela sua condição histórico-social. Além disso, enquanto sujeito da história, a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social” (MIRANDA, 2001, p. 131).

Então, para os pais, principalmente da escola privada (Quadro 24), a função da escola “favorece o aprendizado, faz eles querem aprender, abre a mente deles” (Quadro 24 – Rede privada, F.); “é indispensável para conseguir superar as exigências impostas pelo capitalismo e pelo sistema produtivo em um mundo globalizado, onde o conhecimento é a ferramenta por excelência que todo cidadão precisa dominar” (ALVES, 2014, p. 81).

A fala dos pais retratada no Quadro 25 sistematiza a representação que a escola tem na vida deles:

Quadro 25 - O que significa a escola para você?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>D: Pra mim a escola não foi muito bom não. Apesar de não ter trazido boas lembranças é importante.</p> <p>J: A escola posso dizer é um degrau muito importante, né na carreira dele na vida dele, no aprendizado dele e é uma arma muito poderosa que agente os pais tem, é uma arma muito poderosa que a gente não pode deixar de usar.</p> <p>L: [...] eu não tive muita paciência, já que eu não tive paciência e cabeça pra estudar, eu quero que eles estudam pra não passar o que eu tô passando hoje.</p>	<p>E: Risos, eu não tenho muito estudo não, mas pra mim a escola é tudo, sem a escola agente não é nada, né?</p>	<p>F: ... facilitar o conhecimento porque tem muita coisa que a escola abre e que depois eles vão praticando e aprendendo mais, a escola favorece o aprendizado, faz eles querem aprender, abre a mente deles.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Conforme exposto nos dados desta pesquisa (Quadro 25, rede pública), os pais buscam na escola o caminho para uma vida melhor, um lugar que querem para os filhos, que possibilitará transformação social e também a construção do conhecimento. O conhecimento na visão dos pais abre a mente e auxilia as crianças a quererem sempre mais (Quadro 25, rede privada).

A concepção de que a escola seja transformadora faz com que a família que não teve oportunidade na escola, ou que mesmo que tivesse tido oportunidade, mas não conseguiu alcançar o sucesso, busque nos filhos o sucesso não alcançado. Assim, “as histórias de luta em suas vidas hoje se transformaram em histórias de lutas para o sucesso escolar de seus filhos” (LEITE, 2016, p. 133). Isto implica considerar que “a criança é, para o adulto e para a sociedade, quem eles constroem e quem mudará aquilo que eles construíram” (CHARLOT, 2013, p.168).

A partir dessa visão, a escola passa de espaço de saber para o de inserção social, “uma arma poderosa para o futuro” (Quadro 26 - rede pública municipal, J.). Pela fala citada anteriormente, reafirma-se aqui aquilo que La Madelaine já explicitou: “não conheço arma mais perigosa que o saber nas mãos do povo” (CHARLOT, 2013, p. 314). As famílias

populares veem o único caminho para se tornarem aptos a atender as exigências do mercado de trabalho. Altera-se o sentido da escola. Muda-se seu *ethos*. Segundo Charlot (2005), essa lógica que associa a escola ao desenvolvimento econômico foi propagada pela ideologia capitalista. Assim, afirma Charlot (2005):

essa predominância da lógica econômica produz igualmente um efeito profundamente negativo: pouco a pouco, a ideia se impõe como uma evidência, inclusive para os jovens e para seus pais, de que se vai à escola para se ter mais tarde um bom emprego, para subir na escala social. [...] A escola como espaço de saber e de cultura desaparece aos poucos, dando lugar à escola como meio de inserção profissional e de acesso ao dinheiro (p. 139).

Para os pais entrevistados, a escola é um espaço que poderá propiciar oportunidades às crianças, sejam elas quais forem: de conhecimento, profissional, pessoais ou de acolhimento social. Isso pode ser evidenciado no quadro a seguir:

Quadro 26 - O que significa a escola para você e para seu filho?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
J: [...] é um degrau muito importante, né na carreira dele na vida dele, no aprendizado dele.	N: [...] é um lugar que ensina coisas boas.	G: [...] é a parte que vai contribuir pra desenvolver pro mundo [...]. F: [...] então a escola desperta o conhecimento, né.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Nessa perspectiva, os pais consideram a escola como um lugar de transformação, onde a criança poderá se “desenvolver para o mundo” (Quadro 26 - rede privada, G). Diante disso, os pais afirmam que a escola vem em primeiro lugar, pois na nossa sociedade “o sujeito só é sujeito e não um sujeito pelo reconhecimento que vem do sucesso que tem tanto no plano pessoal quanto no profissional” (DONENCIO, 2014, p. 66). Os pais entendem que as dificuldades que enfrentam hoje são reflexos de vidas difíceis, relacionadas à falta de estudos, e acreditam que os filhos vão conseguir ser o que eles não conseguiram e poderão ter um futuro promissor desde que estudem. Nesta situação está implícito o sonho do pai no sucesso dos filhos.

Partindo desse princípio, os pais se preocupam com aquilo que entendem ser o objeto real da aprendizagem: a formação profissional e o desenvolvimento social. Isso fica claro na fala dos pais, expressa no quadro 27, particularmente da rede privada.

Quadro 27 - Por que a escola é importante para você? E para seu filho?

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>D: [...] a escola é formação de hoje em dia, estudo é tudo, é o único meio da gente chegar, conseguir ter as coisas, uma vida melhor, poder dar uma vida melhor pro filhos.</p> <p>J: É a ferramenta muito importante pro desenvolvimento dele.</p>	<p>C: [...] pra aprender, pra conviver, aprender a respeitar os outros, viver em grupo, se socializar acho que a escola é importante pra tudo isso.</p> <p>N: É importante porque nela ele está aprendendo a viver, a enfrentar desafio, cê entendeu, está aprendendo a romper barreiras, a lutar pelos seus objetivos, a ser alguém.</p>	<p>F: A escola torna a gente muito maior, assim, através da escola você aprende e te abre um leque de oportunidade pro mundo [...] se você quiser ser um homem bom, trabalhador, a escola ela é importante.</p> <p>EL: [...] ela ajuda a continuar na educação que eu venho dando dentro de casa né?</p> <p>G: Além da socialização, também do aprendizado, da parte pedagógica [...].</p> <p>[...] você tem que aprender, se você não aprender você não vai conseguir arrumar um trabalho.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

A rede privada reforça a concepção de que a escola é importante para ser “um bom trabalhador” e “pra arrumar um trabalho” (Quadro 27 - rede privada, F.). Essa ideia também encontra ressonância na fala dos pais da rede municipal, que entendem que a educação ajuda os filhos a “conseguir ter as coisas” (Quadro 27 – rede pública municipal, D.). As falas citadas anteriormente reduzem a função da escola apenas a fins utilitários, como uma profissão e, conseqüentemente, um bom emprego. Essa visão consolida o discurso ideológico neoliberal, que faz com que as pessoas acreditem que a posição social depende da escolaridade. Então, o papel essencial da escola fica subsumido na preocupação de servir ao capital: “a preparação para o trabalho tem significado sempre para o mercado, com prejuízo de funções mais elevadas da escola” (PARO, 2001, p. 25). Essa concepção não se preocupa imediatamente com a criança, com a formação pessoal, visto que o que se aprende agora será relegado ao futuro para arrumar um trabalho. A maioria dos pais não vê que o “saber” é necessário para a construção de uma mediação entre a escola e a profissão, uma vez que “aquilo que se tenta ensinar-lhes na escola não faz sentido em si mesmo, mas somente para um futuro distante” (CHARLOT, 1996, p. 56). Neste ínterim, o mínimo de conteúdo cultural que a criança se apropria na escola perde sua relevância, porque, segundo Laval (2004), as competências que

atendem ao mercado passam a ser mais importantes, isto é, a escola capacitaria os indivíduos apenas de um saber prático que atendesse o mercado, favorecendo o trabalho alienado.

Os pais da rede pública enfatizam em sua fala que a escola ajuda as crianças a “romper barreiras, a lutar pelos seus objetivos” e também a “aprender a respeitar os outros, viver em grupo” (Quadro 27 – rede pública estadual, N. e C.). Com essa concepção, os pais confirmam o que diz Paro (2001, p. 22): “a escola reserva a tarefa de contribuir, na sua especificidade, para atualização histórico-cultural dos cidadãos, que implica uma preparação para viver bem”, sendo ela “uma mediação indispensável para cidadania” (PARO, 2001, p. 22).

Apenas um entrevistado ressaltou a importância da “parte pedagógica”, a aprendizagem, o conhecimento, e é relatado como importante: “além da socialização, também do aprendizado, da parte pedagógica [...]” (Quadro 27 - rede privada, G.). A questão pedagógica é pouco lembrada, pois, no entendimento dos pais, na escola ainda existe a premissa de que “a família educa e a escola ensina (instrui)” (IRELAND *et al.*, 2007, p. 204).

Outro fator que se pode apreender dos dados a partir da fala dos pais é o papel socializador da escola. A escola, como segunda instância socializadora, proporciona à criança um aprendizado significativo, fundamental para sua identidade. A pesquisa destaca que a escola é importante para a formação das relações sociais, a socialização, e que ela está embasada, segundo os pais, no aprender a “conviver”, “enfrentar desafios”, “respeitar”, “viver em grupos” (Quadro 27).

Por socialização Durkheim (1978) chama a:

ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (p. 41).

Durkheim (1978) destaca ainda que:

a sociedade se encontra, a cada nova geração, como que diante de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e social, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação. Ela cria no homem um ser novo (p. 42).

Segundo Charlot (2013), as ideias defendidas por Durkheim (1978) são também aquelas a partir das quais a sociedade e a família entendem ser a função da escola, ou seja, a

socialização dos sujeitos. Assim, a escola proporciona à criança a aprendizagem de conviver e socializar com os diferentes, proporcionando a “integração da criança em um mundo” (CHARLOT, 2013, p. 274). Os entrevistados desta pesquisa também relacionaram a importância desse processo de socialização na escola:

Quadro 28 - Qual é a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?

Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>A: [...] a socialização que foi de suma importância também.</p>	<p>A: [...] é um ambiente em que ele vai ter contato com pessoas diferentes, até eu falei como ele é mais tímido, assim, a questão de aprender a ta com pessoas diferentes, a conversar, aprender a respeita as diferenças [...].</p> <p>W: [...] socialização, desenvolvimento intelectual eu acho que é essa função da escola é parceria.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Contrária à lógica da integração/socialização imputada à escola, Miranda (2001) faz duras críticas ao que se nomeia como processos de socialização/integração escolar: “[...] o processo de socialização só pode ser tratado como um processo evolutivo da condição social da criança, considerando a sua origem de classe” (MIRANDA, 2001 *apud* SIQUEIRA, 2011, p. 144).

Sendo assim, esta pesquisa concorda com Miranda (2001) quando afirma que os valores, as ideias e as normas interiorizadas, ao longo do processo de socialidade, são realizadas em um movimento dialético de rupturas e continuidades históricas e sociais, junto a diversas instâncias socializadoras, sendo a escola e a família as principais.

Da mesma forma, as falas dos pais ainda encaminham as análises desta pesquisa para outra função destinada à escola “junto da gente ajudar ne a criar” (Quadro 29 – rede privada, EM). Esta função está alinhada às novas demandas do mundo globalizado, em que as mulheres adentraram ao mercado de trabalho, e muitas famílias não viram outra alternativa senão encaminhar seus filhos para as escolas, principalmente as que oferecem tempo integral. Está implícito nesse cenário a idealização da escola como uma extensão da casa, um espaço de cuidado:

Quadro 29 - Qual a função social (significado) da escola na educação dos filhos?

Pais da rede privada
<p>EM: É pra junto da gente ajudar né a criar, no meu caso, que a minha filha fica aqui o dia todo pra mim, então é mais importante ainda [...] há um amor do mesmo jeito lá de casa, todo mundo cuida muito bem dela aqui.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

O fato de os pais e as mães hoje terem que trabalhar o dia todo e as crianças chegarem a ficar em torno de dez horas na escola, faz com que a escola assuma papéis que não são dela. Assim, Reis (2006) argumenta que há:

uma redução do tempo possível para que os pais acompanhem a educação dos filhos. Além disso, muitos deles se sentem inseguros quanto ao tipo de educação que devem escolher. Envolvida num conflito de gerações, com a incerteza entre dar liberdade ou impor limites a todo custo, uma parte desses pais, passa a responsabilizar a escola pelo papel educativo que no passado era assumido pela família, especialmente as funções de transmissão de normas, limites e responsabilidades (p. 64).

Nesse contexto, Oliveira e Marinho-Araújo (2010) afirmam que,

[...] apesar de escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar (p. 102).

A partir dos dados desta pesquisa, observou-se que o papel atribuído à escola tem sofrido transformações sociais e hoje não está centrado no caráter pedagógico e na transmissão de conteúdo, mas vai além, pois existe um envolvimento maior. Os pais desta pesquisa consideram a escola como extensão da casa, como “segunda casa”, “segunda família” (Quadro 30 – rede pública municipal e W – rede privada, L.).

Quadro 30 - Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?

Pais da rede pública municipal	pais da rede privada
<p>D: Nossa é, não sei te falar é muito importante igual a família.</p> <p>L: [...] escola é a segunda casa porque ele passa a maioria do tempo aqui.</p>	<p>W: Uma segunda família pra pessoas, é trazer as pessoas pro sentido de um bem maior, de divisão, de aprender a lidar com as dificuldades e as dores dos outros.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

As famílias têm confundido de quem é a função de educar, ensinar valores, construir princípios para vida, pois, a partir do momento que entendem que a escola é a extensão da casa, transferem algumas funções essenciais para a escola. Segundo Szymanski (2007, p. 90), “a escola tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade”.

Compreender a escola a partir dessa concepção é designar funções que perpassam a responsabilidade da família. A escola exerce papéis que não são seus, entrando nos papéis das famílias, que é a educação moral e a ética, o dividir, o compartilhar, que deveriam ser constituídos no espaço de casa.

Apesar de alguns pais terem essa concepção, depara-se com algumas famílias que entendem que o espaço escolar é para confirmar o que se aprende em casa, ou seja, se eles aprendem a ser educados, respeitar as regras, dividir etc., na escola os professores confirmariam essa postura.

Infelizmente os pais ainda não trazem a concepção de que a escola ensina e a família tem que educar. Pensam que a escola é a extensão de casa como citado no próximo item.

3.3. “Eles estão no lugar de segundo pai e segunda mãe”¹⁷: simbiose entre o ofício de pais e o ofício de professores

Como já dito nesse trabalho, a família e escola, em contextos históricos diferentes, foram marcadas por imensas transformações que normatizam os fenômenos da sociedade por meio da regulação social. Na atualidade, estas duas instituições estão interligadas por papéis e funções que, não raro, causam divergências em sua função. Essa confusão de papéis, além de camuflarem as atribuições específicas de cada uma, produz sentidos e significados também contraditórios.

A família e a escola são instituições com papéis distintos, mas se complementam na educação das crianças:

tanto a família, quanto a escola, desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo: no entanto, a família tem suas particularidades que diferenciam da escola, e necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança; no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN, 2003, p. 99).

Nessa perspectiva, a pesquisadora perguntou aos pais qual a importância do professor no processo educativo das crianças. A partir dos dados, verificou-se que as famílias percebem a importância do professor no processo educativo e ressaltam que ele é a “pedra fundamental” (Quadro 31 - rede privada, A.) para o funcionamento da escola e para as crianças, pois, sem o

¹⁷ Fala de um entrevistado.

professor, a aprendizagem não acontece. Neste contexto, observou-se que os pais depositam grande responsabilidade no professor, conforme demonstram os dados a seguir:

Quadro 31 - O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
R: Nossa é muito importante porque eles que ensina né.	C: [...] não adianta ter uma escola e não ter bons professores, pra ensinar ela, pra conviver.	A: [...] o papel do professor é muito importante, dependendo da dedicação do professor do empenho dele, acho assim, até em ajudar a criança nas dificuldades dela. Professor é pedra fundamental...

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

É importante ressaltar que a fala do pai da escola da rede privada acredita na importância do papel do professor, porém, acha necessário que o professor tenha dedicação e empenho no trabalho. Deste modo, existe por parte da família um reconhecimento do profissional que norteia a aprendizagem dos seus filhos. Todavia, em vez de reafirmar esse reconhecimento no campo da luta profissional, o pai encaminha suas análises para o campo pessoal, transferindo esse reconhecimento para o lado da afetividade. Os professores são comparados como membros da família: segunda mãe, segunda família.

Essa relação escola-afetividade é considerada polêmica, pois:

a escola é um lugar de trabalho árduo, embora seja impregnada de afeto que brota na relação interpessoal. Entretanto, não se podem esquecer os seus limites, enquanto relação profissional, o que gera frequentemente ambivalências, com a equivocada inversão: a *pedagogização* da família e a *afetivação* da escola. Ou seja, existem hierarquias que essas instituições carregam em seu bojo, e a indefinição de papéis no desenvolvimento humano no espaço da família e da escola levando a uma situação de litígio e desgaste, pois se confundem afetos e papéis sociais (CRUZ; SANTOS, 2008, p. 453).

A pedagogização da família e a afetivação da escola não existiam no passado. Havia um distanciamento entre as famílias e a escola imposto pela instituição. Atualmente, com as redefinições de papéis dessas instituições, não existe uma delimitação clara da fronteira entre elas. Segundo Nogueira (2006), com as mudanças sofridas pelo sistema escola e pela instituição família, a escola “invadiu” o território da família, assumindo, além das suas

funções para com o desenvolvimento cognitivo dos alunos e alunas, a responsabilidade pelo bem-estar psicológico e pelo desenvolvimento emocional do educando.

Na contramão dessa lógica, que descaracteriza a profissão e a profissionalidade docente, Gatti (1996) reafirma que

a identidade do professor é fruto de interações complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história (p. 86).

Ao confundir os professores como membro da família, os pais esquecem de que o professor “[...] é um profissional cuja atividade principal é o ensino” (LIBÂNEO 2004, p. 63). Essa simbiose de papéis pode ser evidenciada nos dados do Quadro 32, a seguir:

Quadro 32 - O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
L: É importante porque são como se fosse da família.	C: A importância dos professores, deixa eu ver, acho que é tão importante quanto a escola em si, não adianta ter uma escola e não ter bons professores, pra ensinar ela, pra conviver, eu acho que é tão importante, professor faz parte mas eu acho que é tão importante quanto a escola, quanto a família.	EM: É uma amiga pra ela, tanto é que toda vez ela fala professora eu te amo. Pra ela é tipo uma segunda mãe [...].

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Considerando-se a escola a partir dessas concepções significadas pelos pais, a pesquisa procurou entender até que ponto os pais sabem diferenciar a função do professor e da escola, visto que, pelos relatos, nota-se a escola como extensão de casa e esquece-se o papel pedagógico de instituir conteúdos escolares e o aspecto cognitivo que o professor deve promover aos alunos.

Nos relatos dos pais não existe diferenciação entre o papel principal do professor, de ser o formador, aquele que transfere o conhecimento às crianças. O professor nas falas dos

pais é reconhecido mais na função parental do que profissional. Todas as falas ficaram no plano da convivência: entre os professores e as crianças e entre os professores e os pais. Uma convivência que tem a relação parental como pressuposto da ação educativa.

Os pais relatam que confiam nos professores, porque eles são companheiros, verdadeiros, devem ter postura firme de liderança, paciência e ser carinhosos. Em momento algum relataram-se as características que determinam a importância desse profissional. Isso pode ser observado nos dados a seguir:

Quadro 33 - O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
R: Porque eles passam é um exemplo, eles são muito carinhoso, eles têm cada um como se fosse um filho, um parente.	R: Eu acho importante porque eles ensinam, como ele é um menino muito levado, eles têm toda a paciência com ele.	G: O professor pra mim tem que ser o companheiro, verdadeiro, nunca mentir pra criança de forma nenhuma. Tem que ter postura de professora, saber dividir, ter voz firme, liderança.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Reconhece-se que o professor é importante para a sociedade. Todavia, se esquece que eles próprios fazem parte desse tecido social e acabam por empobrecer o lugar do professor ao colocá-lo na condição parental.

Ao produzir essa aparente identidade, a família delega ao professor a importância que se iguala à escola e à família. Ao remeter o papel do professor à tarefa de ensinar as crianças a conviverem com os outros, os pais endossam uma relação educativa pautada na afetividade e parentalidade, e não no ensino e na aprendizagem.

As famílias veem os professores como profissionais desvalorizados pela sociedade, mas elas também não consideram os professores como profissionais. Valorizam-nos pela dedicação, pelo carinho, pela paciência, e não como pessoas que se profissionalizaram para a função, que participam de formações continuadas e se aprimoram pessoal e profissionalmente para exercerem tal função. Isto pode ser compreendido no Quadro 34 a seguir:

Quadro 34 - O lugar do professor: qual a importância do professor no processo educativo dos seus filhos

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Ah, tem muitas pessoas que não dá valor né, sai falando, sai inventando, coisa que nem existe.</p> <p>L: Deveria receber mais né, pelo esforço que é, eu acho que deveria receber, o povo dá mais valor, né.</p>	<p>C: eu acho que a sociedade tipo meio que joga muita responsabilidade em cima dos professores.</p> <p>A: Eu vejo em vários locais que o professor ainda não tem o valor, não tem ainda esse reconhecimento.</p> <p>N: A sociedade não valoriza.</p>	<p>A: A sociedade, de forma geral, está cada vez valorizando dando menos importância, né, porque assim eu fui da geração que o professor agente respeitava, minha mãe ensinava que agente tipo tinha que respeitar o professor, e hoje muitas vezes a gente vê é pai batendo em professor [...].</p> <p>EL: [...] hoje os professores não têm uma valorização que possa ser levado pra todos os lugares.</p> <p>G: A sociedade hoje não valoriza nenhum professor [...] tenho visto que não é valorizado, infelizmente, o qual deveria ter o maior salário.</p> <p>F: [...]. Pensa em uma profissão desvalorizada é o professor, que tudo é o coitado do professor, professor tem que resolver tudo, tem que fazer a parte da família, a parte da escola, então eu acho que não está sendo bem visto não, tem que valorizar mais, a culpa cai tudo no coitado do professor.</p> <p>W: Infelizmente não tem valorização não tem nada. Professor não tem reconhecimento, não tem em lugar nenhum, impressionante.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os dados da pesquisa indicam que os pais entendem que a sociedade contemporânea desvaloriza os professores. Para os pais, isso é claro. Eles entendem que a sociedade como um todo não reconhece o valor que o professor deve ter e que eles precisam ser valorizados. Essa desvalorização social do professor, segundo Esteve (1999 *apud* XAVIER, 2014),

associa essa sensação de mal-estar a um conjunto de mudanças sociais que ocorreram nos últimos anos, tais como o advento da escola de massas, o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola, a mudança nas expectativas em relação ao sistema de ensino e o aumento das exigências em relação ao trabalho do professor, provocando a ruptura do consenso em

torno dos objetivos do ensino, do papel da escola e das funções do professor.(p. 837).

Essa situação agrava a situação do professor e reflete na sociedade. Os pais veem que o professor precisa de um salário melhor porque ele tem papel importante, e hoje os professores assumem responsabilidades que não são deles. Todavia, não somam esforços nessa valorização social quando não os reconhece como profissionais (Quadro 34).

Essa desvalorização do professor confirma a confusão das famílias ao entenderem o espaço escolar como a continuidade do lar. Quando os pais dizem que a escola é a “segunda casa”, confirmam uma postura que nossa sociedade tem como natural: chamar o(a) professor(a) de tio(a), designando-o(a) como parte da família. Segundo Xavier (2014, p. 831), isso é “consequência de uma percepção pouco fundamentada a respeito das potencialidades e dos limites da escola e do papel do professor na vida individual de seus alunos e na própria dinâmica social”.

Para os pais, o lugar que o professor deve realmente assumir na escola é o papel de respeito. Todavia, esse respeito não advém como profissional, e sim como um familiar, um pai, ou uma mãe, autoridade que a criança tem que obedecer. Essa nova concepção da escola e do professor pode ser explicada por Xavier (2014, p. 834), que afirma que “a maior parte das instituições escolares perdeu seu monopólio sobre a difusão de conhecimentos socialmente relevantes”, e “essa perda do monopólio cria um sentimento de diminuição da legitimidade e da influência da escola e dos professores”.

A partir do olhar que os pais têm do profissional que atua na escola, buscou-se ainda saber a importância da família para a escola. Os pais reconhecem que a escola reconhece os pais como parceiros, mas, para eles, essa parceria se detém na assertiva de que cada um deve fazer a sua parte. A escola ensina, e os pais, em casa, “ficam em cima” para que a criança cumpra o que foi proposto. Isto pode ser observado no Quadro 35:

Quadro 35 - O lugar da família na escola

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: [...] é muito importante a família tem que incentivar a estudar.</p> <p>D: [...] tem que ajudar a escola porque a gente coloca eles aqui, [...] e agente também tem que dá força em casa.</p> <p>J: [...] eu tenho que fazer a minha parte em casa e a professora na escola pra poder meu filho ir bem na escola e vice-versa.</p> <p>T: Aqui eles ensinam chega lá, agente também tem que ensinar.</p>	<p>A: Olha a família é onde a criança começa a aprendizagem dela, né.</p> <p>E: Bom, não só na escola ele tem que aprender, a gente tem que tá com ele também, ensinando.</p> <p>E: Então eu acho que a gente tem de ensinar também e o que a gente puder ensinar a criança né, a gente tem que tá em cima.</p> <p>R: [...] não deixa pra escola tudo né, porque ela não tem obrigação de tá de fazer tudo né.</p> <p>N: O pai que procura a saber a vida do filho na escola, o filho tem mais interesse de aprender.</p>	<p>A: Ah, enorme, igual a escola é o ponta pé, mas o reforço tudo mais vem da família, estudar junto, incentivar, incentivar a leitura.</p> <p>G: Ai agora inverte, tudo que a criança aprende na escola, em casa ele vai ser aplicado, ensinado novamente através de tarefas.</p> <p>F: Digo a família é um incentivador, é o exemplo, é a fonte de, como fala, a família é a principal.</p> <p>W: Eu acho que a educação da criança não é isolada da escola, isolada na escola, aliás, ela começa toda em casa.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os três segmentos concordaram que a escola precisa da família para incentivar a estudar e reafirmam o papel da família como parceira da escola. Assim, “as relações entre a escola e a família, além de supostos ideais comuns, baseiam-se na divisão do trabalho de educação de crianças e jovens, e envolvem expectativas recíprocas” (CARVALHO, 2004, p. 42).

Observou-se que os pais entrevistados entendem que o relacionamento/participação se resume a olhar a agenda, participar de eventos e reuniões, a momentos pontuais, comemorações, reuniões. Sentem-se preocupados em não incomodar os professores. Ao mesmo tempo, notam que, se tiverem bons relacionamentos, os filhos não terão problemas. Todas essas perspectivas podem ser reafirmadas nas falas a seguir, no quadro 36.

Quadro 36 - O lugar da família na escola: relacionamento família x escola

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Eu vejo que é muito bom. Eles são muito pontual, tudo eles mandam bilhetinho, manda recado, eles não faz nada sem nos procurar.</p> <p>J: Eu procuro ser amigo, e eu não quero que as professoras olhe pra mim como chato, um pai chato, então eu quero ser amigo da escola em que a escola precisar de mim.</p>	<p>A: Tranquilo eu procuro sempre dialogar, sempre conversar.</p> <p>E: Um relacionamento normal, quando tem reunião agente vem, tranquilo, entendeu?</p>	<p>EM: Aqui agente participa de tudo, qualquer comemoração que tem, vem.</p> <p>EL: Eu me considero muito presente, eu venho, trago todos os dias, venho na porta, busco, mesmo fora de reunião eu pergunto como está o andamento.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os pais entendem que a escola quer ouvi-los, saber o que sentem, o que esperam da escola. Sabem que a instituição está aberta para ouvir, conversar, mas que o envolvimento dessas duas instituições fica em ações rasas, apenas em eventos, reuniões e entrega de notas. Essa situação é relatada pelo pai da escola pública que tem interesse em participar das decisões e ações da escola, citando a disponibilidade e expressando um desejo de constituição de parceira. Porém, apresenta um certo receio de como pode ser interpretado e será aceito: “eu procuro ser amigo, e eu não quero que as professoras olhe pra mim como chato, um pai chato [...]” (Quadro 36 - rede pública municipal, J.).

Paro (2001) ainda afirma que:

a participação da comunidade na gestão da escola pública encontra um sem-número de obstáculos para concretizar-se, razão pela qual um dos requisitos básicos e preliminares para aquele que se disponha a promovê-la é estar convencido da relevância e da necessidade dessa participação, de modo a não desistir diante das primeiras dificuldades (p. 16).

As duas instituições reiteram, em vários momentos, a necessidade de uma compreensão mútua e uma relação mais próxima, mas, quando isso ocorre, as decisões da escola sobressaem às da família, sendo a escola detentora de uma ascendência em relação às decisões e avaliações.

A todo momento os pais pesquisados reafirmam a importância da participação na escola e confirmam a necessidade da presença da família na escola. Os pais da rede privada relatam que, além da participação em eventos, também se preocupam com o desenvolvimento intelectual do filho, tanto que, mesmo fora das reuniões, perguntam sobre o filho: “eu me

considero muito presente, eu venho, trago todos os dias, venho na porta, busco, mesmo fora de reunião eu pergunto como está o andamento” (Quadro 36 - rede privada, EL.)

Esse entendimento que as famílias têm de participação na escola diverge daquilo que apregoa a participação democrática que os teóricos propõem e reforça a postura autoritária que a escola apresenta: “ao mesmo tempo em que se culpam as famílias por não participarem, as formas de participação que estas de fato apresentam não são consideradas válidas” (CHAZANAS, 2011, p. 54).

Perguntados se a escola proporciona momentos que oportunizam a presença das famílias na escola, os pais confirmaram a existência desses momentos, porém, estes se resumem a eventos e reuniões, delimitando a participação da família e criando um discurso falso de que existe uma relação família-escola. Isso pode ser percebido no Quadro 37:

Quadro 37 - O lugar da família na escola: participação na escola

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Apresentações, Frozen, da Arca de Noé, da Emilia, três ou quatro não lembro. Eu nunca deixo de ir.</p> <p>D: Dia das mães, dia dos pais, vai ter a apresentação agora, “cê” entendeu, tem o dia da família.</p> <p>L: Esse ano teve três, o dia das mães, o dia dos pais, teve a quadrilha e agora vai ter essa festa do folclore. E eu participo, quando eu não posso peço o pai pra vir.</p> <p>T: Tem a festa da família, festa das mães, nem que seja pra um lanchinho tem. Tem essa festa de outubro, essa aí que eles faz, que é muito boa. Todas eu participo. Vai ter o musical que ela vai participar.</p>	<p>C: Proporciona, sempre tá proporcionando, tipo festa, festinha na escola, convida a família pra vir, faz reuniões.</p> <p>E: Proporciona, reunião, entrega de boletins e é isso, Tem eventos, quadrilha. Sempre quando tem eu participo.</p> <p>N: Proporciona, sempre. Tipo reunião de pais, sempre tem alguns eventos por exemplo, comemoração dos dias das mães, tem sempre as festas juninas, que eu sempre digo é um momento pro pai interagir com a escola, é pro pai ver como que está o andamento da escola.</p>	<p>A: Sim, aqui tem muitos eventos, assim, tem igual ela falou agora vai ter a feira cultural, tem muitas atividades, até as datas né, dia das mães, dos pais, tem escola que não “tá” tendo dia das mães e dos pais.</p> <p>EM: Sempre, dia dos pais, dia das mães, a mostra cultural, muitos eventos que tem aqui.</p> <p>EL: [...] as outras atividades de épocas festivas, né.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os eventos cumprem mais um papel de integração social do que uma forma de instituir uma relação de parceria com a família. Sobre a agenda de eventos escolares,

essas ações dizem respeito aos costumes escolares, às normas legítimas da sociabilidade e a uma determinada forma histórica de vida pública. Mas não tem relação com os fundamentos das diferenças culturais que estão na origem das dificuldades escolares entre uma parte das famílias populares e a escola (LAHIRE, 1997, p. 336).

Além da participação em eventos, os pais reconhecem a necessidade de uma participação efetiva nas atividades de casa e sentem que é uma forma de representação, participação e efetivação da relação com a escola. Portanto, a tarefa de casa ocupa um papel e lugar muitas vezes negado aos pais: conhecerem, por dentro da escola, aquilo que se ensina e aquilo que se aprende. Entretanto, os pais se contentam com o chamado da escola para o acompanhamento das tarefas de casa.

Quadro 38 - O lugar da família na escola: participação da família na escola

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>D: A participação tem que ser presente na escola, nas atividades, igual mesmo tarefa pra casa, tem que tá em cima, você tem que participar, não adianta você só colocar, tem que tá na escola presente.</p> <p>J: Acho demais, acho essencial, mas muita das vezes os pais talvez não ajuda né, decidir algumas coisas. Muitos pais as vezes não interessa.</p> <p>T: Eu acho muito importante, porque os pais que não é presente os filhos cobram.</p>	<p>A: A família é onde vai ajudar o aluno, vai ajudar o professor, vai ajudar a escola, é que a família é a força também né, sem a família não acontece também né.</p> <p>R: [...] porque a criança se sente mais seguro, né, acha que família participa de tudo, né. Acha que ele não se sente inseguro.</p>	<p>A [...] elo família e escola caminhando juntos pra educação, melhor resultado com a criança é importante.</p> <p>G: Demais, porque a escola não é responsável pelos filhos, pelas crianças. Ela é responsável apenas na parte de pedagogia e do cuidado pra que não aconteça nada que lesione a criança, nem o psicologicamente, nem fisicamente.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Quando se fala da relação família-escola e de como esta dever ser pautada, os pais mostram que a relação-participação na vida escolar do filho deve garantir o aprendizado dele. Todavia, eles divergem em seus pensamentos e nas atitudes, pois ora reforçam a importância da presença, ora falam que sua presença se resume a estar nos eventos e na entrega de notas.

Há nas falas dos pais a falta de clareza sobre em que consiste, de fato, a participação deles na escola. Se por um lado isso é evidente nos dados, por outro não se pode cobrar dos pais aquilo que historicamente lhes foi negado: acompanhar os processos de constituição da

própria escola. Ainda assim, a fala de uma mãe da escola privada consegue destacar a diferença que dever ter cada um dos segmentos: “a escola não é responsável pelos filhos, pelas crianças. Ela é responsável apenas na parte de pedagogia e do cuidado pra que não aconteça nada que lesione a criança, nem o psicologicamente, nem fisicamente” (Quadro 38 – rede privada, G.) Já a fala de uma mãe da rede pública municipal ressalta a importância de se participar das decisões na escola, mas que, infelizmente, a maioria dos pais não tem interesse: “acho [importante] demais, acho essencial [a participação dos pais], mas muita das vezes os pais talvez não ajuda né, decidir algumas coisas. Muitos pais às vezes não interessa” (Quadro 38– escola pública municipal, J.).

Os entrevistados divergem, de acordo com o segmento, sobre como deve ser a participação deles, embora fique claro entre eles que parceiras e acompanhamento são importantes. Os dados da pesquisa indicam ainda que, para os pais, não há são visíveis a função social e o papel que caberiam a cada um dos agentes na relação escola-família. Reafirmando o papel da escola, esta pesquisa defende que:

a escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem (COSTA, s/d).

Se por um lado a escola ou os pais ainda concebem a participação da família circunscrita ao ato de ajudar nas tarefas escolares, participar de eventos ou participar de reuniões para devolutiva das avaliações, por outro alguns esboçam outros entendimentos que norteiam essa participação, como pode ser visto no Quadro 39, a seguir:

Quadro 39 - O lugar da família na escola: importância da família na escola

Pais da rede pública municipal
J: [...] acho essencial, mas muita das vezes os pais talvez não ajuda né, decidir algumas coisas. Muitos pais às vezes não interessa.
J: Decidir algumas coisas, mais assim tipo votação com os pais.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

A fala que expressa “decidir algumas coisas, mais assim tipo votação com os pais” (Quadro 39 – rede pública municipal, J.) sugere formas de participação mais democráticas, com participação dos pais, indicando a necessidade de uma escola mais aberta à presença dos

pais, fato que muitas vezes não acontece. O pai entrevistado não entende que a participação da comunidade deva ser apenas “quando a escola chama”. Ele entende que a escola deve estar aberta para um diálogo, ouvindo as opiniões da comunidade. Porém, justifica que a escola não realiza esse tipo de momento porque os próprios pais “às vezes não interessa” (Quadro 39 – rede pública municipal, J.).

Quando questionados sobre o lugar que a família deve ocupar na aprendizagem da criança, eles se prendem ao papel de acompanhar o que foi ensinado: “não deixar pra escola tudo” (Quadro 40 – rede pública estadual, R.). Todavia, essa ação se resume ao acompanhamento da tarefa escolar.

Quadro 40 - O lugar da família na aprendizagem da criança

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Tem que incentivar a estudar.</p> <p>D: Ajudar a escola.</p> <p>L: Então, eu tenho que continuar o que ele aprende aqui em casa também.</p> <p>T: A gente tem que ensinar também.</p>	<p>E: Apoio, ensinando nas tarefas, uma parceria com a escola, com os professores.</p> <p>R: Não deixar pra escola tudo.</p> <p>N: Andar junto com o seu filho na escola.</p>	<p>A: A escola é o pontapé, mas o reforço tudo mais vem da família, estudar junto, incentivar, incentivar a leitura.</p> <p>EM: É importante, é o mais importante de todos, você não pode ficar esperando a escola educar seu filho.</p> <p>EL: Acompanhar, participando em conjunto com a escola.</p> <p>G: A criança aprende na escola, em casa ele vai ser aplicado, ensinado novamente através de tarefas em casa.</p> <p>F: É um incentivador.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Os pais entendem que o ofício que lhes cabe na escola é acompanhar o que foi ensinado, incentivando e ajudando a escola. Além da tarefa, os pais dizem que acompanham o que está sendo realizado através dos recados nas agendas. A família tem o entendimento de que, se ela “ajudar a escola” (Quadro 40 – rede pública municipal, D.), se “andar junto” (Quadro 40 – rede pública estadual, N.) dar continuidade à autoridade que a escola propõe, a criança alcançará o sucesso. Se por um lado as estratégias de acompanhamento dos alunos são importantes e refletem-se diretamente no sucesso escolar destes, por outro esta pesquisa entende que o lugar dos pais na escola deve se dar no sentido de uma participação mais crítica e propositiva no campo da gestão democrática. O princípio da gestão democrática permite parceria e participação conjunta da família e da escola nas decisões coletivas que envolvem a

escola e que refletem na formação integral da criança. A participação dos pais ou responsáveis juntamente com a equipe gestora colabora com o aprimoramento do processo educacional e na relação de parceria, gerando benefícios e desenvolvimento da escola junto à família.

Sobre o lugar que ocupa a tarefa de casa na relação família-escola, veja o Quadro 41 a seguir:

Quadro 41 - O lugar da família na aprendizagem da criança: acompanhamento dos estudos

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Sou aquela mãe coruja que olha o caderno, eu quero saber de tudo, se tem tarefa senão não tem, o que que ela fez na aula, se teve prova, senão teve, se ela acertou ou não acertou, eu não tenho muito de estudo, mas o que posso eu dou pra ela.</p> <p>J: Sim, toda noite nos vê as tarefas, vê os recados, se tiver tarefinha. Eu não deixo de vir sem fazer a tarefa não.</p>	<p>C: não todo dia, não tenho tempo, todo dia, eu não tenho.</p> <p>A: Reservo, todos os dias eu faço a tarefinha com ele, o dia que eu não posso eu até falo com a professora hoje não deu, mas você não faz que eu vou fazer.</p> <p>N: porque eu já falo se tiver tarefa e não me avisar, sabe que tem o castigo porque é função dos pais a escola passou atividade qual é a obrigação dos pais, olhar se o filho tem tarefa, tem atividade.</p>	<p>A: Assim acorda, toma o café da manhã e ai agente faz as atividades.</p> <p>EL: Todos os dias, tendo tarefa ou não, eu procuro um momento de ter essa atividade com ele.</p> <p>F: Todo dia de manhã eu tenho que ensinar eu fico por conta deles pra fazer a tarefa.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

O acompanhamento das tarefas é um mecanismo utilizado para avaliar a aprendizagem da criança e, por sua vez, a participação da família, por isso ele é entendido como uma janela para olhar as relações família-escola e abordá-las de vários ângulos (CARVALHO, 2004, p. 95).

Os aspectos da fala dos pais não divergem quando definem que a escola é importante porque tem tarefa, e a tarefa tem que ser realizada. Portanto, bastaria aos pais a função de acompanhar a aprendizagem dos filhos. Carvalho (2004, p. 94) afirma que “o dever de casa é uma prática cultural que há muito integra as relações família-escola e a divisão de trabalho entre estas instituições”.

Comparando as falas dos diferentes pais e suas instituições, chama a atenção desta pesquisa a rede privada, que apresenta o dever de casa como um ritual, com horários regulares

e que, mesmo que não tenha, a criança tem que fazer uma atividade: “todos os dias, tendo tarefa ou não, eu procuro um momento de ter essa atividade com ele” (Quadro 41 – rede privada, EL.). Esta fala se contrasta com outra que difere da realidade da criança da rede pública estadual, em que a família assume que não ajuda todos os dias porque não tem tempo: “não todo dia, não tenho tempo, todo dia, eu não tenho” (Quadro 41 – rede pública estadual, C.). Por outro lado, a pesquisa também confirma nas falas dos pais a ausência de um conhecimento maior que pode dificultar o desempenho escolar do aluno em seus percursos escolares: “eu não tenho muito de estudo, mas o que posso eu dou pra ela” (Quadro 41 – rede pública municipal, R.).

Outra situação que chamou a atenção é a relação dos pais da rede pública municipal com o dever de casa. Muitas falas expressam que essa prática é tratada de modo coercitivo, em uma perspectiva de disciplinamento: ou se faz ou fica de castigo: “eu já falo se tiver tarefa e não me avisar, sabe que tem o castigo porque é função dos pais a escola passou atividade qual é a obrigação dos pais, olhar se o filho tem tarefa, tem atividade” (Quadro 41 – rede pública estadual, N.).

Os dados do Quadro 42 mostram como os pais pesquisados percebem como a escola os vê:

Quadro 42 - Olhar dos pais: como você acha que a escola vê os pais

Pais da rede pública municipal	Pais da rede pública estadual	Pais da rede privada
<p>R: Tem que dá valor né, porque cada pai ali é uma família né, senão tivesse a família não existiria a escola. Tem que tratar bem com respeito, né.</p> <p>D: Se você não tiver continuidade em casa não dá.</p> <p>L: Eles pelo menos tenta ver bem, mas como tem alguns que não dá valor ai eles largam de mão.</p>	<p>C: A escola vê os pais como o papel principal na educação da criança.</p> <p>N: [...] pensa assim que o pai, não dá importância pro filho, acha que não tem importância, [...] os pais são muito desinteressado, muito desinteressado.</p>	<p>A: [...] vê os pais com bastante importância e eles tentam manter essa comunicação, esse elo pra fortalecer e conseguir um melhor resultado.</p> <p>EM: [...] eu acho que e a maioria dos pais deixam por conta da escola, deixa aqui é que eu tô pagando educa o meu filho ai.</p> <p>G: Eu acredito que eles veem como parceiros.</p> <p>W: [...] talvez a escola pudesse falar mais verdades eu acho que talvez mudasse um pouco, não sei eu tenho essa sensação, risos.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com a família (2017).

Levando-se em conta o conjunto das falas no Quadro 42, fica evidente à pesquisa que os pais entendem que precisam valorizar a parceria com a escola, uma vez que o desempenho da criança ou a postura delas depende de como a família se envolve. Eles entendem que a escola os vê como parceiros, todavia reforçam que existe um desinteresse dos pais em geral.

As três instituições entrevistadas trouxeram um “[...] discurso predominante reprodutor da visão hegemônica da escola” (RIBEIRO, 2004, p. 236), que rotula e acentua a crítica às famílias como desinteressadas e que não acompanham os filhos. Essa concepção é composta de equívocos, visto que, antes de determinar essa proposição, todos os envolvidos nessa relação deveriam olhar as configurações familiares às quais cada criança pertence. Justifica-se que essas afirmações existem pelo fato de os pais serem ausentes da instituição escolar e subentende-se que eles não se incomodam com os filhos. Todavia, não se deve tratar essa relação a partir de concepções globalizantes, e sim da realidade de cada família, pois tanto a escola quanto a família compartilham a importante tarefa de preparar as crianças para serem críticas, reflexivas, conscientes de seus direitos e deveres e produtivas para a sociedade.

A construção desse capítulo pautou-se em apreender aspectos fundamentais da relação família e escola pela ótica dos pais. Destarte, analisou-se a relação de afeto e pertencimento que os pais têm em relação às duas instituições e os aspectos relacionados à importância da escola para a família. O próximo capítulo pretende aprofundar os sentidos e significados da escola na relação com a família a partir do olhar da própria escola. Trata-se, sobretudo, de apreender as mediações que orientam os sentidos e significados desse debate a partir dos gestores escolares.

CAPÍTULO IV

“CRIANÇA NÃO TEM PROBLEMA, CRIANÇA TEM FAMÍLIA¹⁸”: O QUE DIZEM OS GESTORES, COORDENADORES E PROFESSORES

O presente capítulo discute os sentidos e significados da relação família e escola sob a ótica da equipe gestora das escolas (diretores, vice-diretora¹⁹, coordenadora e professores). A análise dos dados reporta o olhar desses profissionais para a família e a relação deles com a escola. Destacam-se as observações analisadas dos modelos de papéis familiares que são instituídos na sociedade contemporânea e como essa situação reflete no cotidiano escolar da criança.

4.1 Entre modelos e papéis familiares: a família na perspectiva da escola

A família, ao longo da história, tem abarcado tensões que fazem dela uma instituição com caráter plural e complexo: é “tomada tanto enquanto base da sociedade e a garantia de um mundo civilizado, como também pode ser apontada como produtora e reprodutora, em seu interior de problemas sociais, transformando-se num *lócus* de conflitos e dominação” (HORKHEIMER, 1999 *apud* MELLO, 2016, p.18).

A família apresenta configurações próprias na sociedade em cada momento histórico. Divórcio, métodos contraceptivos, crescimento das indústrias e entrada da mulher no mercado de trabalho resultaram nas alterações das famílias e na reflexão de que hoje não é possível considerar um modelo de família, e sim diversos arranjos familiares. Sarti (2003) corrobora com essa afirmação quando fala “que as famílias neste começo do século XXI, como alhures, implica a referência a mudanças e a padrões difusos de relacionamentos. Com seus laços esgarçados, torna-se cada vez mais difícil definir os contornos que a delimitam” (SARTI, 2003, p. 21).

Essas transformações não deixaram de refletir na instituição escola, que passa de uma relação onde existia uma fronteira entre família e escola, marcada por encontros esporádicos,

¹⁸ Fala da professora da rede privada.

¹⁹ O grupo gestor das unidades escolares estaduais é composto por diretor e vice-diretor/coordenador de turno e secretário geral. Segundo as diretrizes operacionais da SEDUCE 2016-2017, cabe a este profissional despender esforços para cuidar das questões administrativas e disciplinares (horário, portão, evasão, atendimento à comunidade, entre outras atribuições). É o profissional que está diretamente ligado à família.

para uma relação na contemporaneidade, de ausência de fronteiras, onde se confunde afetos e papéis sociais. Como afirma Szymanski (2007),

como instituição social, a família sempre esteve inserida na rede de inter-relações com outras instituições, em especial com a escola. No momento histórico (séc. XVII) em que a unidade escolar assumiu a educação formal, surge a preocupação da família com o acompanhamento mais próximo junto a seus filhos (p. 21).

Porém, com essa proximidade, as famílias passaram a exercer um papel importante no processo de aprendizagem do filho. Todavia, iniciam-se conflitos sobre o verdadeiro papel que cada um tem que exercer, e a relação torna-se permeada por afinidades e contradições sem funções delimitadas.

Romanelli (2013) explica bem essa nova relação: a família queixa-se da escola e dos profissionais, e, do outro lado, a escola e seus profissionais acusam os pais de negligência e desinteresse em relação à aprendizagem dos filhos. Esses conflitos, segundo a autora, são maiores quando as famílias pertencem às camadas populares.

Diante dessas novas relações, tanto a escola quanto a família têm que buscar caminhos para estabelecer diálogos que fortaleçam a relação e auxiliem na aprendizagem das crianças. Essa não é uma tarefa fácil porque a escola tem a tendência de ver os pais como “intrusos”, sentindo-se ameaçada, pois ele pode ter seu trabalho controlado e fiscalizado e ainda tirar sua autonomia profissional. Nesta perspectiva, a escola tende a buscar nas famílias a razão pelas dificuldades de aprendizagem, pela repetência, pela evasão etc.

4.1.1 “Estruturadas e desestruturadas” - rótulos marcando perfis

Segundo Calderon e Guimarães (1994, p. 24),

a família nuclear moderna surge como uma categoria interpretativa, como um tipo ideal que num determinado período permitiu a compreensão do real. Nessa concepção, todos os arranjos familiares que se encaixavam dentro deste modelo eram considerados como famílias “boas”, “certas”, “estruturadas”, sendo que todos os arranjos, que não se enquadravam constituíam-se em disfunções do sistema ou simplesmente em famílias desorganizadas e/ou **desestruturadas** (p. 24, grifos dos autores).

Nas últimas décadas, definições de família como essas reafirmam que o padrão ideal de família para as escolas e para a sociedade ainda está enraizada na família nuclear e, desta

forma, “qualquer formato familiar que não se assemelhasse a esse era visto como perigoso, produtor de degenerados” (ASBAHR; LOPES, 2006 *apud* LEITE, 2016, p. 57).

Essas concepções têm gerado intolerância aos novos modelos familiares, culpabilização e responsabilização por não atingirem os objetivos educacionais esperados para o desenvolvimento global da criança. Neste sentido, a escola recorre ao discurso de que “essa ‘nova’ família parece não ser capaz de cumprir algumas funções educacionais que são a base da educação escolar e delega essa tarefa para a escola” (FEVORONI; LOMÔNACO, 2009, p. 7).

A escola, então, “rotula” as famílias. É frequente ouvir depoimentos de professores ou membros da equipe de que o aluno ideal para o ensino procede de uma família estável do ponto de vista econômico, social e cultural e que “[...] fora desse contexto às famílias são consideradas ‘incompletas’ e desestruturadas” (SZYMANSKI, 2000, p. 24).

Para Cruz (2007 *apud* SILVA, 2014, p. 119), “esse rótulo indica o preconceito para com as famílias que não se enquadram no padrão tradicional da família nuclear, produzindo a tentativa de homogeneizar as famílias e os alunos. Isto expressa, ainda, uma certa resistência da escola em aceitar a realidade social como se apresenta”.

Quadro 43 - Concepções de família

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores professores da rede privada
<p>Diretora: A criança com uma família bem estruturada a gente sente porque ela, a criança é acompanhada, né, a criança tem um acompanhamento, a criança sai bem na escola, a criança tem um equilíbrio emocional melhor, então isso tudo interfere no desenvolvimento da criança na escola, se a criança vem de uma família bem estruturada ela, é bem assistida, porque eu não falo que é uma criança bem estruturada se a criança é só criada pela avó ou pela mãe, não é só isso, se ela é bem assistida, se ela tem atenção, se ela é acompanhada em casa, né então a criança que ela é bem acompanhada em casa, se ela tem uma família por perto a criança tem um bom desenvolvimento.</p>	<p>Vice-diretora: [...] não importa o tipo de família, desde que a criança tenha uma estrutura familiar, que seja duas mães, que seja dois pais, que seja os avós, que seja só a mãe, que essa estrutura seja concreta na vida da criança, porque muitas vezes eu percebo que as crianças que tem mais dificuldade de aprendizagem, as crianças que tem mais problemas de disciplina são crianças abandonadas pela família, apesar de morarem com a família elas são abandonadas pela famílias.</p>	<p>Professora: A família é tudo né na formação da criança.</p> <p>Meu lema é criança não tem problema criança tem família.</p> <p>Pais são separados, a criança tem problema de relacionamento com a família, tem problema de relacionamento em sala de aula. Os pais se separam ela tem dificuldade de aprendizagem, diferente daquelas crianças que tem o pai e a mãe presentes, que vem na escola, que acompanha.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

A fala da professora entrevistada da rede privada (Quadro 43) confirma essa visão que as escolas ainda trazem. Ela apresenta um lema: “criança não tem problema, criança tem família” (Quadro 43, rede privada). Nessa fala, a professora afirma claramente que, em toda e qualquer família que se difere do modelo ideal “nuclear”, as crianças apresentam falhas no processo de aprendizagem. É nítido que ela não considera os aspectos históricos e sociais que existem hoje na sociedade: “trata-se de um pensamento reducionista, em que ou se é ou não, ou se tem ou não, em clara e limitada oposição e em desprezo pela história social e cultural dos fatos, das pessoas e de suas circunstâncias” (ALVES, 2012, p. 83).

Segundo Fevorini e Lomônaco (2009),

os professores e educadores, alienados de todas as transformações sociais que acabaram por interferir na organização das famílias, quando se deparam com dificuldades de aprendizagem ou de disciplina de seus alunos, atribuem às famílias a causa do problema, uma explicação simplista que os exime de qualquer responsabilidade (p. 37).

Essa concepção generalizada por parte da escola é também preconceituosa, pois menospreza os demais arranjos familiares, uma vez que o que importa na estrutura familiar é sua funcionalidade. Assim, os professores devem, “em vez de tentar compreender a família com base na sua composição, tomando como referência-padrão a família nuclear, deve-se procurar compreendê-la pelas relações afetivas e os valores que estão impregnados na estrutura familiar” (CALDERON; GUIMARÃES, 1994, p. 32).

Enquanto isso, na escola, é preciso que haja uma adequada qualificação docente, para que preconceitos sejam ultrapassados e para que se perceba que, ao lado da família, também a escola, o professor e sua prática pedagógica são todos corresponsáveis pelas crianças em desenvolvimento e, portanto, por seus modos de pensar, sentir e agir.

Salienta-se, na fala da diretora da escola pública municipal (Quadro 42), que, independente do desenho de família vivido pela criança, desde que ela seja bem acompanhada, ela terá respaldo positivo na aprendizagem.

A vice-diretora da escola pública estadual também traz a concepção de família estruturada, relacionada ao conceito e ao funcionamento familiar, e não à sua configuração. Para ela, o arranjo familiar não é a justificativa para o problema de aprendizagem, mas sim o abandono afetivo (Quadro 42). Esse abandono afetivo está vinculado ao desinteresse em acompanhar a criança em todos os sentidos, mais especificamente no relacionado com a aprendizagem. Os dados da pesquisa indicam falas que estão permeadas de desejo de que as famílias realmente assumam a sua função diante da criança, independente do formato que ela tenha.

Diante dessas concepções, o que vem a ser uma família estruturada ou desestruturada para os professores? Inicialmente, temos que deixar claro que a concepção de família idealizada já não existe mais: “o modo caricaturado de se pensar e conceber as famílias por parte dos agentes escolares, revela uma família que pouco se assemelha às existentes no mundo real” (PATTO, 1996 *apud* LEITE, 2016, p. 129).

A ideia de família “desestruturada” tem aparecido diante de uma expectativa de família “estruturada”, com a qual as crianças e os jovens das classes populares deveriam se espelhar, um rótulo que a escola carrega em sua fala, com o intuito de justificar a não aprendizagem.

O rótulo de desestruturada aponta o preconceito que existe para com famílias que não se encaixam no padrão tradicional da família nuclear. Isto revela uma forma de homogeneizar as famílias e os alunos, o que se constitui uma resistência da escola em aceitar a realidade

social como se apresenta: “sejamos claros: esse clichê está histórica e filosoficamente errado” (FERRY, 2008, p. 77).

Segundo Alves (2012, p. 83), existe uma “oposição entre os conceitos de família estruturada e desestruturada que dificulta que se aceite e se leve em conta a diversidade dos arranjos familiares como sendo simétricos, de igual valor entre si”.

A família ideal para a escola é aquela que espera dos pais e da família que as crianças “tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 238), ou seja, que tenham tido uma socialização primária adequada que reflete nas suas atitudes na escola.

Então, nesse caso, a escola não aceita a família “real” contemporânea, culpabilizando-a pelo desinteresse do aluno que reflete no seu rendimento e na sua indisciplina: “[...] pelo prisma da anormalidade, o comportamento das famílias provoca, linearmente, a não aprendizagem” (COLLARES; MOYSÉS, 1996, p. 180).

Gomes (1994) indica que a escola tende a responsabilizar exclusivamente a família pelos problemas de aprendizagem e disciplina dos alunos, atribuindo-lhe o rótulo de desestruturada. Já Perez (2000 *apud* RIBEIRO, 2004, p. 72) observou que os professores normalmente transferem a responsabilidade da aprendizagem e da disciplina aos pais, acusando-os de falta de orientação e incentivo na escolaridade dos filhos. Todavia, nem sempre a escola tem entendido que as famílias mudaram nos últimos tempos, com novas configurações e estruturas. Neste ínterim, a escola fecha os olhos para as transformações sociais.

É evidente que a escola generaliza o problema, porém, é importante ressaltar que os problemas de aprendizagem não estão centralizados na família, e sim em múltiplos fatores que incluem a própria instituição escolar. Então é preciso entender que não é a estrutura familiar que importa, e sim a sua funcionalidade.

4.1.2 Expectativas marcando a confusão de papéis sociais destinados aos pais

Quando se pergunta aos gestores/professores sobre temas como a família, um dos aspectos mais marcantes nas falas dos entrevistados diz respeito às expectativas dos professores, marcando a confusão dos papéis sociais destinados aos pais (Quadro 44).

Nessa confusão está a crítica que os professores fazem em relação à visão que os pais têm sobre o seu papel. Esta crítica marca um posicionamento dos gestores/professores em

relação a uma cobrança daquilo que sentem em relação à ausência dos pais na educação das crianças. A fala do quadro 44 esclarece essa visão:

Quadro 44 - Papel dos pais na vida da criança

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal
Professora: Porque é importantíssimo o papel dos pais na vida das crianças, a gente sabe disso, eles sabem disso, mas eles não sabem ser pais.
Professora: Eu acho que hoje a gente está precisando a escola de pais, é um sonho aqui.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Mais contundente ainda é a crítica feita em relação ao “ofício de pais”, cabendo até a sugestão de uma “escola de pais” que os ensine como lidar com os filhos. Essa fala da professora expressa o que a escola pensa das famílias hoje.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 238), a sociedade atribui à família uma função social determinada pelas necessidades sociais, sendo que, entre suas funções, está, principalmente, o dever de garantir o provimento das crianças para que possam futuramente exercer atividades produtivas, “bem como o dever de educá-las para que tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem.”

No imaginário social, a família tem como papel social orientar o desenvolvimento e a aquisição de comportamentos considerados adequados, preparar os mais jovens da sociedade para enfrentarem o mundo que os cerca, porém, reafirma o que foi dito pela professora (Quadro 44): “os pais, em geral, têm grande dificuldade em bancar sua autoridade diante dos filhos, o que legitima ainda mais a diferença dos lugares geracionais” (MORICI, 2008 *apud* CACCICARRO, 2016, p.16).

A crítica feita pela professora tem origem na forma como a sociedade vê as mudanças sociais e como as famílias têm ou não exercido o papel social a ela determinado (Quadro 44). Segundo Teixeira (2013), nas últimas décadas as transformações sociais atingiram diretamente o núcleo familiar e originaram novas concepções de família, que não são mais equiparadas à tradicional família patriarcal (autoridade centrada no pai). Hoje a autoridade da família passou a ser compartilhada entre os pais e às vezes é compartilhada também com o filho.

Nesse contexto, pode-se verificar, segundo Corrêa (2000), que o:

pai e mãe sentem-se esmaecidos, confusos, ambivalentes quanto aos seus papéis e quanto aos valores a serem transmitidos aos filhos. A exposição a que estamos submetidos pela avalanche das transformações sociais, culturais

e econômicas acaba por alterar os códigos e valores que são usados na formulação que possamos fazer de nós mesmos e da família (p. 130).

O cenário de uma intensa modernização que ocorreu na sociedade nas últimas décadas, com a aceleração do capitalismo, o surgimento da globalização e a pluralização das relações afetivas, desencadeou na família um afrouxamento de sua função de controle e a perda do monopólio enquanto agência socializadora (CARNEIRO, 1987). Deste modo, passou a ser considerada “uma rede fraterna, sem hierarquia, nem autoridade” (ROUDINESCO, 2003 *apud* ZANETTI, 2008, p. 27). Segundo Berthoud (2003), “os pais e mães contemporâneos não querem ser pais do modo como seus pais foram, mas, paradoxalmente, não sabem exatamente que tipo de pais querem ser, isto é, não têm modelos claros a adotar.” Assim, os pais sentem-se perdidos. Essa situação é confirmada na fala da professora e está exposta no Quadro 45, na fala da coordenadora rede pública municipal e vice-diretora da rede pública estadual.

Quadro 45 - O que a família pensa sobre a escola

Gestores, coordenadores professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores professores da rede privada
<p>Professora: Se eu for pensar nos pais que a gente ta recebendo aqui eles não pensam na gente como tia, eles pensam como avó, naquele espaço que eles podem chegar largar a criança, eles não levam nada, quando digo nada é porque lá na casa da avó tem que ter alguma coisa que supri as necessidades da criança, que é isso que a gente faz né, quanto muito aqueles pais que pega a mamadeira do bebê e leva, uns já deixam lá, como se fosse a segunda casa.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que a família precisa voltar também a assumir o papel enquanto família mesmo.</p> <p>Diretora: [...] se ela é bem assistida, se ela tem atenção, se ela é acompanhada em casa, né então a criança que ela é bem acompanhada em casa, se ela tem uma família por perto a criança tem um bom desenvolvimento.</p>	<p>Coordenadora: A família está mais distante, muitas crianças não tem a convivência com a mãe, com o pai nem conhece. Tem criança que fala, “ah fiquei jogando até uma hora, duas horas da manhã, então onde está a família?”</p> <p>Vice-diretora: Parece clichê, mas ela é a base, ela é a base de formação de qualquer ser humano.</p> <p>[...] Os pais chegam aqui e falam eu não aguento mais o meu filho, eu não sei mais o que faço, mas se o professor coloca o filho dele sem recreio, o pai vem aqui e briga com o professor, então os pais estão perdidos na educação, nos próprios valores.</p>	<p>Professora: A família é tudo né na formação da criança.</p> <p>Professora: Eu acho que muitas vezes os pais jogam a responsabilidade de educar a criança para o professor. Muitas vezes a família joga a responsabilidade deles de educar, a responsabilidade da criança vir educada de casa pra escola</p> <p>Coordenadora: A família tem essa responsabilidade, mas que talvez essa dinâmica da vida de pai e mãe saírem pra trabalhar eles estão se perdendo em relação aos valores.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Segundo Prizskulnik (2002),

no final do século XX e início do século XXI, pode-se afirmar que a criança se torna ainda mais o centro das atenções e das preocupações dos adultos. A educação, a saúde, o bem-estar, as relações entre pais e filhos, etc. são assuntos constantes em periódicos científicos, em revistas semanais, em artigos de jornais, em reportagens na televisão e, nos dias de hoje, em sites na Internet. Esses especialistas, muitas vezes indicam como tratar a criança, como falar com ela, como agir com ela, etc., e essas indicações, frutos de pesquisas científicas, podem interferir de tal maneira no relacionamento entre adulto e criança que acabam levando muitos pais a desconfiarem de sua competência para educar um filho (p. 15).

Lasch (1991, p. 207) chama esse tipo de educação de “proletarização da paternidade” que, para ele, seria a mediação dos “especialistas” em como agir com os filhos, permitindo o enfraquecimento da “já vacilante confiança que os pais depositam em seu próprio julgamento” (LASCH, 1991, p. 220). Ao mesmo tempo, “solapa a confiança dos pais que alimenta uma noção largamente exagerada da importância das técnicas de criação dos filhos e da responsabilidade dos pais por seu fracasso” (LASCH, 1991, p. 220).

Esse fracasso da educação familiar reflete na escola, que assume para si o cargo de educadora e disciplinadora das crianças (STEWART; GLYNN, 1978). Existem inúmeras pesquisas (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; DESSEN; POLÔNIA, 2007) que discutem a dinâmica, a organização, a composição e o funcionamento das famílias na atualidade. Suas pesquisas indicam que as dinâmicas das famílias estão desestabilizadas em função de questões estruturais, instabilidade nos casamentos, contexto socioeconômico e relações do sujeito consigo, o que tem gerado reflexos diretos na escola (BEHRING, 2011).

Os dados dessa pesquisa concordam com os teóricos citados. Na fala da coordenadora da rede pública estadual (Quadro 45), ela cita o contexto familiar de crianças que vivem em famílias que não se preocupam em cuidar da criança, em função da estrutura familiar ou da ausência da família por causa do trabalho. Essas situações, juntamente com as dificuldades econômicas, são citadas por Silva e Cavalcante (2012) como situações que interferem no acompanhamento dos filhos pelos pais na escola, seja para ir à escola ou auxiliar no dever de casa e supervisão dos filhos fora ou dentro da instituição, por exemplo. Quando a coordenadora relata que “ele ficou jogando até uma hora, duas horas”, ou a vice-diretora cita a fala da mãe em relação ao filho, “eu não aguento mais o meu filho”, fica marcado no discurso da escola a postura de uma família que não está presente, que não consegue assumir a educação do filho.

Para os professores, a família precisa assumir as responsabilidades que são de sua incumbência, pois ela é a base. Corroborando com os professores, Ibrahim (2005, p. 72) salienta que “é preciso resgatar a competência dos pais”, a fim de resgatar a autoridade diante dos filhos e ajudá-los na emancipação e na autonomia das crianças.

Na visão da professora da rede pública municipal, os pais acham que a escola é a segunda casa, ou “casa da avó”, e pensam estar no direito de deixar os filhos e esperar que a escola assuma os cuidados (Quadro 45), esquecendo que o verdadeiro papel da escola é ensinar. Para os docentes, os pais não têm assumido suas responsabilidades principais (Quadro 45 - Coordenadora rede pública municipal), que seria acompanhar os filhos e assumir o seu papel de disciplinar, impor regras, valores e autoridade.

Essa fragilidade de autoridade dos pais perante os filhos gera um desconforto grande na escola, pois ela se sente corresponsável por funções que não lhe pertencem. Goulart (2008, p. 11) reafirma essa postura das famílias: “afeta tanto a família quanto as instituições educativas, as quais adquirem uma nova função legitimada pelos pais, a função de disciplinadora dos filhos e **propulsora de um futuro brilhante** a eles, retirando assim a responsabilidade da família nessa relação com os filhos” (grifos da autora).

Então, os discursos das famílias culpabilizando a escola se limita, a reproduzir julgamentos referentes ao modo de vida, aos formatos familiares, às práticas de acompanhamentos escolares e à capacidade cognitiva dos alunos (LEITE, 2016). Contudo é importante, problematizar o relacionamento entre elas e considerar a seguinte questão: “porque estratégia recorrente no manejo dos conflitos escolares é afetar o outro, como se ele é quem tivesse que mudar?” (MACHADO, 2012, p. 64).

4.1.3 Família boa é família que educa

No imaginário social, a família é um espaço privilegiado de transmissão de valores, o equilíbrio que a criança precisa ter para boa integração na sociedade e fundamentalmente para sua sobrevivência. A família é fonte de apoio, afeto, moral e formação de valores, necessários para a formação humana das pessoas e para sua socialização.

São várias as instituições que determinam a sociabilidade do sujeito (instituições religiosas, políticas ou governamentais e econômicas), porém, uma das principais é a família. Segundo Lasch (1991), ela é a principal fonte de socialização do sujeito ao ensinar-lhe quais os padrões e as normas culturais adequados que devem ser internalizados e reproduzidos em suas relações sociais.

A família legitima as normas e os papéis sociais que o sujeito internalizará no decorrer da sua formação, modificando e impactando ações, pensamentos e emoções diante da vida. Para Diogo (1998),

a família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria. Lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus

membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado (p. 37).

A partir desse contexto, os professores pesquisados entendem que a família tem que assumir e ter características que realmente proporcionarão às crianças um “espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Para os professores entrevistados, a família tradicional é que pode proporcionar isso. O quadro a seguir é elucidativo desta ideia:

Quadro 46 -Concepções de família

Gestores, coordenadores e professores da rede privada
Professora: os pais se separam também ela tem dificuldade de aprendizagem, diferente daquelas crianças que tem o pai e a mãe presentes, que vem na escola, que acompanha, que eu sei que tá ali, aquela família bem estruturadinha.
Professora: [...] Então raramente quando tem essa família tradicional a criança tem problema.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Segundo Kehl (2003, p. 189), o “engessamento provocado pela lógica que rege a sociedade, onde reinava a moderna família burguesa, acabou perpassando gerações e constituindo o ideário de um modelo de família supostamente ideal e perfeito”. Sendo assim, embora se reconheça que as entrevistadas entendem a importância da família na formação e no desenvolvimento integral da criança, elas ainda acreditam que isso só será possível com uma família “estruturadinha” (Quadro 46, professora rede privada), baseada na presença do pai, da mãe e dos filhos.

Essa concepção está arraigada porque, para os professores e para a sociedade, a família tradicional é a única que acreditam que zelam pela educação moral, cultural e religiosa de suas crianças e que isso reflete na escola.

Sarti (1994 *apud* CACCIACARRO, 2016, p.66) “discorre sobre a influência dos padrões patriarcais e dos valores tradicionais na constituição da família brasileira, afirmando que apesar das mudanças sociais esses padrões se mantêm como *força simbólica* na mentalidade dessas famílias”, pois consideram-se as famílias a partir do que se vivencia. Sendo assim, Cacciaccarro (2016, p. 66) “alerta que se consideramos esse formato de família como norma, corremos o risco de perder de vista as mudanças de valores e contextos que marcam as sociedades pós-modernas”. É necessário reconhecer que atualmente as famílias têm terceirizado alguns papéis e funções educativas, devido às mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas.

A sociedade contemporânea e, principalmente, a escola não se desvencilharam ainda dessa concepção patriarcal e tradicional, mesmo diante de tantas transformações vividas pela instituição família. Família que educa é a família sem problema! Nesse pressuposto, fica subentendido que se trata da família tradicional. Essa situação fica clara nos relatos abaixo:

Quadro 47 - Como você vê a importância da família na formação da criança?

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
Diretora: [...] a educação em termos que a gente sempre vê, a moral, isso vem da família, né, a criança que você vê que ela recebe a educação de berço, uma educação que ela vem da família, a escola complementa com a formação, né, nós tamos aqui pra ajudar a família e a família ser a parceira da escola [...].	Coordenadora: Eu acho muito importante, a família presente, assim a gente tem exemplo de crianças que são acompanhados pela família, elas têm outro rendimento.	Professora: A família é tudo né na formação da criança porque toda vez que tem uma criança que tem um problema de aprendizagem pode olhar que por trás tem algum problema na família.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Com características, práticas e significados culturais próprios, a família é o berço da aprendizagem humana, uma vez que as experiências propiciadas por ela contribuem para a formação de um arcabouço comportamental, refletidas na escola (DESSEN; POLÔNIA, 2007). Nesse sentido, o olhar da escola se volta para que a família consiga oferecer para as crianças a formação educacional básica e ela complemente com a educação formal. Existe por parte da escola uma queixa generalizado de que os pais não interessam pela educação dos filhos, para Enguita (2004) essa afirmação está equivocada, ele acredita que o ocorre é que as escolas necessitam observar em que contexto social essa família vive e os diversos fatores que fazem parte do cotidiano das crianças. A coordenadora relata que o problema das famílias hoje é a ausência de alguém que cuide, diante das dinâmicas de vida dos pais na contemporaneidade, como já citado anteriormente. Para ela, a família é essencial na vida criança, mas tenta justificar “os problemas da criança” pela ausência dos pais, reflexo do mundo capitalista em que vivemos. Isto pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 48 -Concepções de família

Gestores, coordenadores e professores da rede privada

Coordenadora: A família tem essa responsabilidade mas que talvez essa dinâmica da vida de pai e mãe saírem pra trabalhar eles estão se perdendo em relação aos valores.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

A escola entende a ausência da família na formação da criança, justificada na ausência de uma convivência ideal, refletindo em perdas de valores. Afinal, a família, sendo base para a formação da criança, teria que ser exemplo. Neste caso, “a família é responsável pelo modelo que a criança terá em termos de conduta, no desempenho de seus papéis sociais e das normas e valores que controlam tais papéis” (BOCK *et al.*, 1999, p. 239).

Desse modo, a família tem:

um dos seus papéis principais que é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola (POLÔNIA; DESSEN, 2005, p. 304).

4.2 Sentidos e significados atribuídos à escola

A escola exerce, por meio do seu saber historicamente elaborado e sistematicamente organizado, um papel importante na constituição-humanização do sujeito: a responsabilidade social da transmissão do conhecimento. Neste processo, a criança interage com as gerações precedentes, apropriando do que já existia, gerando novas necessidades e, a partir daí, se transformando.

Na perspectiva de Libâneo (2008),

a escola é lugar de compartilhamento de valores e de aprender conhecimentos, desenvolver capacidades intelectuais, sociais, afetivas, éticas, estéticas. Mas é também lugar de formação de competências para a participação na vida social, econômica e cultural. (p. 139-140).

A escola então vai humanizando o sujeito, revestindo-o de significados culturais apropriados, a partir da mediação com o outro, e atribuindo sentido e significado à função da escola. Neste sentido, diferentes sentidos e significados vão tecendo o modo como a escola se constitui na sociedade.

4.2.1 Uma escola do conhecimento ou do acolhimento?

A educação tem um papel importantíssimo na formação do sujeito. Ela “[...] abrange o conjunto de influência do meio natural e social que afeta o desenvolvimento do homem na sua relação ativa com o meio social” (LIBÂNEO, 2008, p. 87).

A concepção de função da escola perpassa muitas mediações. Logo é necessário situar alguns autores e suas definições. Para Sacristán e Gómez (1998), a escola é a instituição responsável pela formação dos sujeitos para viver em sociedade, praticando cidadania e executando trabalho.

Outro pesquisador que define a função social da escola é Young (2007). Para ele, a escola é o lugar do oferecimento do “conhecimento poderoso,” aquele que não se aprende em casa com os familiares, “o conhecimento especializado [...] conhecimento independente do contexto ou conhecimento teórico” (YOUNG, 2007, p. 1296).

Corroborando com essa definição, Saviani (2000) afirma que a função da educação escolar é garantir aos sujeitos o acesso ao mundo da cultura letrada, tendo como bases conteúdos científicos, ou seja, “um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria” (SAVIANI, 2000, p. 20).

Desse modo, a pesquisa confirmou o que os teóricos acima entendem como função da escola. Para as professoras, a função da escola é ser a “abertura da porta do mundo”, conforme expõe a professora da rede pública municipal no quadro a seguir:

Quadro 49 - O lugar da escola: a função social

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: A escola é como se fosse, deveria ser a abertura da porta do mundo, porque ela tem uma vida até limitada, não seria só a oportunidade de mostrar pra eles novas oportunidades, mas despertar a vontade de descobrir, de aprender de ir atrás.</p> <p>Diretora: Pra mim escola está diretamente relacionada na formação da criança. A educação em si, a gente fala de educação em um modo geral, né, a gente fala a educação, educação, mas a escola está diretamente ligada na formação da criança.</p>	<p>Professora: A escola é um lugar de crescimento.</p> <p>Vice-diretor: A escola é apenas para aprendizagem, nós não estamos aqui pra educar a criança no comportamento social, são coisas que devem vir da família. A escola está aqui pra ensinar o português, matemática, geografia e prepará-los para ter uma profissão.</p>	<p>Professora: A gente prepara essas crianças pra vida.</p> <p>Coordenadora: [...] na aprendizagem a responsabilidade é 100% da escola, mas juntamente com o reforço da família.</p> <p>Coordenadora: o conhecimento é muito importante, então temos que aliar o conhecimento que elas trazem e transformar isso em conhecimento científico. Pro aluno é a formação científica, ele traz o conhecimento informal, nos aqui temos o conhecimento formal e essa junção desses dois conhecimentos é que vai fazer com que ele cresça em aprendizado e na sua formação também convivendo com os outros.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Os três âmbitos pesquisados entendem que a escola é o local de transmissão do conhecimento. O conhecimento sistematizado, como diz a diretora da rede pública estadual (Quadro 49), irá preparar o sujeito para o mercado de trabalho. A transmissão do conhecimento sistematizado é a função primordial da educação escolar básica e refere-se: ao conhecimento científico; ao conhecimento elaborado, e não conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado, e não ao fragmentado; à cultura erudita, e não à cultura popular (SAVIANI, 2000, p. 19).

Da mesma forma, a fala a coordenadora da rede privada (Quadro 49) é elucidativa quanto à função da escola: a junção do conhecimento formal com o conhecimento informal proporciona, além de conhecimento, a possibilidade de formação para convivência.

Souza (2013, p. 42) corrobora com essa concepção de que a escola “tem a função de preparar as crianças e os jovens para fazerem parte da sociedade a partir da aquisição de

regras, normas e valores, bem como dos conhecimentos científicos, culturais, artísticos e filosóficos que em cada época são apresentados como necessários à formação do cidadão.”

Nesse ínterim, existe por parte da rede pública municipal uma confusão de funções: ora ela entende que a escola está relacionada à função de formadora, ora ela diz que a escola é responsável pela educação “modo geral”. Esta dicotomia aparece no Quadro 49, a partir da fala da diretora da rede pública estadual e é confirmando nos estudos de Libâneo (2012, p. 22) quando argumenta que “há uma distorção de objetivos da escola”. Para o autor, a sociedade “ênfatiza a função social da específica da escola como socialização e convivência colocando em segundo plano a aprendizagem dos conteúdos”.

Outro ponto que foi relatado na pesquisa diz respeito à socialização. No entendimento dos professores, a escola, para além da formação de conteúdos sistematizados, precisa ser vista como um espaço de socialização. Isto pode ser observado nos relatos que se seguem:

Quadro 50 - O lugar da escola

Gestores, coordenadores e Professores da Rede Pública Municipal	Gestores, coordenadores e Professores da Rede Pública Estadual	Gestores, coordenadores Professores da Rede Privada
<p>Professora: A escola pra mim sempre foi um lugar de prazer, de amigos, e isso eu tento passar pro meninos, mas eu sinto que não consigo.</p> <p>Diretora: A Escola é o lugar que a criança vem pra socializar, que a criança vem pra formar, pra ela ter conhecimentos, né, e a criança ter é, a parceria, né, uma vida social, uma vida com os outros, repartir, aprender. [...] eu acho importante a criança ter uma diversidade na sua formação e ai que entra a escola na socialização, no contato com as outras pessoas, diversidades de conhecimentos, acho que é ai que a escola entra.</p>	<p>Coordenadora: Eu acho que a escola é um lugar onde a gente se sente feliz, tanto agente como professores como os alunos. Aqui a gente faz amizade, aprende com o outro. A escola é tudo de bom.</p> <p>Coordenadora: É importante, assim porque onde a gente cresce, a gente aprende, onde a gente convive, é importantíssimo, é comunidade, é meio onde se troca.</p>	<p>Professora: é um lugar que tem que ser prazeroso, tanto pra quem trabalha quanto pra as crianças, pra quem estuda. Um lugar de aprendizagem, pra aprender os conteúdos que exigem, pra ele ser uma pessoa melhor.</p> <p>Professora: A escola é o lugar mais importante da vida da gente depois da casa, o lugar onde eu aprendo, onde eu ensino e tenho muito carinho.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

As professoras entendem que o espaço escolar é um espaço prazeroso, e que esse espaço de acolhimento proporciona as condições que promovem a formação integral do sujeito. Para Dayrell (1996, p. 159), há um leque de significados para essa lógica, uma vez que “os atores vivenciam o espaço escolar como uma unidade sócio-cultural complexa, cuja dimensão educativa encontra-se, também, nas experiências humanas e sociais ali existentes”, na socialização, no torna-se sujeito social.

O sujeito social é formado na relação com os outros em medições de valores, sentidos, símbolos e cultura. Durkheim (1974,) discorre que independentemente do lugar e da época em que acontece, a educação tem o mesmo papel da socialização, ou seja, formar o ser social em um sujeito socialmente ajustado.

É por meio da educação que o sujeito se torna um “ser social”, cumprindo regras e otimizando a integração social, garantindo o cumprimento dos valores socialmente compartilhados e visando a uniformização da conduta.

Durkheim (1974, p. 5) associou a educação ao processo de socialização, concebendo-a não somente como a ação repetida e sucessiva das gerações adultas sobre as crianças, mas, também, como um “esforço contínuo para impor às crianças maneiras de ver, de sentir e de agir às quais elas não chegariam espontaneamente”, diante disso a escola assume muito mais do que esse papel, ela assume a função de escola do acolhimento social, onde prioriza oferecer a convivência e a sociabilidade, em contraponto à formação cultural e científica, isto é, ao conhecimento e ao ensino.” (LIBÂNEO, 2012).

4.2.2 (Des)valorização do professor e novas formas de atuação

O papel do professor é essencial na promoção da qualidade do ensino e da aprendizagem. Sendo assim, defende-se aqui uma carreira valorizada e uma jornada de trabalho compatíveis com a sua formação e a sua responsabilidade no ensino-aprendizagem das crianças. Todavia, infelizmente essa não é a realidade. Existe nos relatos dos entrevistados a identificação da “[...] precarização do trabalho docente no âmbito da perda de identidade, proletarização, desvalorização e desprofissionalização do trabalho do professor” (ENS *et al.*, 2013, p. 39). Os professores se queixam que o papel do professor é fazer papel que não é seu, assumindo tarefas das famílias e recaindo no que Nóvoa (2009, p. 50) define como “transbordamento” de missões. Essa situação foi gerada por duas razões: a introdução do ensino obrigatório e a massificação do ensino (SECCO, 2002). O relato das entrevistadas confirma essa realidade:

Quadro 51 – O lugar do professor na sociedade, a importância para as famílias

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: não pensam na gente como tia, eles pensam como avó [...] como se fosse a segunda casa. [...] só deixa [...].</p> <p>Coordenadora: [...] o papel do professor pra sociedade acho que parece que tá meio perdido.</p> <p>[...] falta de tolerância, falta de respeito com a pessoa do professor.</p> <p>Diretora: [...] acham que hoje em dia quem tem que fazer o papel dos pais é a escola, acha que a escola além da formação tem que dar educação.</p>	<p>Professora: Eu vejo uma falta de interesse, porque eu também acredito que eles acham que a aprendizagem é função do professor, só do professor.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que nem vê, (risos) assim, a profissão professor está, é, sem valorização. Os professores é quem mesmo não se dão valor, não lutam, não tem união, não se preparam, não estudam, fazem uma aula de qualquer jeito.</p> <p>Vice-diretora: A educação não é tratada com seriedade, eles não querem investir, falta respeito, não existem leis que respaldam o professor. A sociedade (poder público-federal, estadual-municipal) trata a educação com desrespeito.</p>	<p>Professora: Eu acho que muitas vezes os pais jogam a responsabilidade de educar a criança para o professor. muitas vezes a família joga a responsabilidade deles de educar, a responsabilidade da criança vir educada de casa pra escola.</p> <p>Coordenadora: A gente percebe assim que nós temos que lutar muito pra mostrar que a escola é importante, que o professor é importante por mais que a tecnologia esteja avançada é preciso mediar esse conhecimento.</p> <p>Coordenadora: [...] o papel do professor pra sociedade acho que parece que tá meio perdido.</p> <p>[...] falta de tolerância, falta de respeito com a pessoa do professor.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

No quadro acima, as entrevistadas relatam a visão delas e da sociedade para o lugar do professor na sociedade e na família. As formações acadêmicas descaracterizadas pelas políticas educacionais, baseadas nos princípios neoliberais, “levam à desvalorização, não somente do saber científico, teórico, mas também do saber escolar e do trabalho docente” (VAZ; FAVARO, 2009, p. 516).

As grandes mudanças e cobranças oriundas dos setores sociais do mundo contemporâneo refletiram na organização educacional gerando momentos conflituosos e frustrantes na identidade do profissional da educação. Essa desvalorização afeta a qualidade do processo educacional e conseqüentemente causa uma crise na identidade do profissional. A coordenadora explana que a desvalorização vem do próprio professor, “os professores mesmo

não se dão valor, não lutam, não tem união, não se preparam, não estudam, fazem uma aula de qualquer jeito”. Essa fala demonstra a importância do professor romper com ações e atitudes de queixas e criar momentos de reflexão em busca de soluções para prepará-los a transformar e desenvolver habilidades e contribuições para o trabalho em equipe.

Além dessa visão, a sociedade como um todo, influenciada pela mídia, colabora para que a imagem da profissão de professor esteja à margem, visto que apresenta situações de baixos salários, falta de respeito com o professor etc.

Para Gomes (2009),

a forma pela qual a sociedade, em geral, vê a profissão colabora para conformá-la. E a forma pela qual a população usuária do serviço educacional trata a educadora também é indicativa dessa imagem externa produzida pela profissão: um ofício que requer paciência, amor e dedicação (, p. 150).

Outro fator que demonstra a desvalorização do professor são as confusões de papéis entre família-escola e a função exercida de cuidar e não ensinar. Segundo Kramer (2005, p. 57), “o ato de cuidar aparece relacionado a uma tarefa menor, sem prestígio ou reconhecimento”. Já para Arroyo (2000), existem diferentes formas e imagens do professor, determinadas pela atuação na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio ou no ensino superior. O autor afirma:

o que somos como docentes e educadores depende do reconhecimento social dos tempos de vida que formamos. Do valor dado a esses tempos. Como pedagogos nascemos historicamente colados à sorte da infância, a um projeto de seu acompanhamento, condução e formação. Temos os tempos da vida como nossos cúmplices. Nos afirmamos profissionalmente no mesmo movimento em que essas temporalidades vão se definindo, social e culturalmente. É menos a sorte dos recortes dos conhecimentos, das ciências e das técnicas, o que nos conforma, do que a sorte dos tempos-ciclos da formação humana. Estes são nossos cúmplices identitários (, p. 32).

De um ponto de vista crítico a respeito de como os professores veem sua profissão, é necessário que o reconhecimento da profissão envolva um olhar crítico, de clareza política, capacidade de desmitificar os “pacotes” propostos por governos autoritários. Todavia, para chegar a esse reconhecimento ainda falta muito, pois os professores ainda precisam conscientizar e acreditar no papel social que têm na sociedade e, através dessa consciência, enfrentar os obstáculos que a educação brasileira apresenta.

Para um dos entrevistados, o papel do professor é o “mecanismo” (Quadro 52) da educação. Já para o outro, é a “chave principal” (Quadro 52) para o desenvolvimento da

escola, pois é o responsável por mediar o conhecimento e os conteúdos com foco no mercado de trabalho. Todavia, ao mesmo tempo em que demonstra essas perspectivas, ainda sente que precisa de mais reconhecimento.

Quadro 52 - O lugar do professor: importância para as famílias

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: [...] olhando pra crianças e parece que não está funcionando, então aí eu tenho que rever, eu tenho que estudar, eu tenho que repensar.</p> <p>Coordenadora: É um mecanismo praticamente que fundamental (o professor) na escola, principal né, porque todos são importantes, mas o professor é a peça fundamental na escola e então nós temos que ter uma boa articulação com os professores.</p> <p>Diretora: [...] ter um carinho, uma atenção, porque são crianças carentes.</p>	<p>Professora: Mediar, eu estou ali, para mediar, ensinar eles a socialização, o respeito com o colega, o respeito ao próximo. Não estou ali só pra aprendizagem.</p> <p>Coordenadora: E muito importante o professor, saber ouvir, ajudar a criança, ter amor, eu acho principalmente ter amor [...] agente vê que as crianças precisam muito de ajuda, são muito carentes, principalmente de amor.</p> <p>Vice-diretora: Os professores hoje têm que ser o exemplo máximo, no sentido profissional, porque ele está preparando aquelas crianças pra o mercado de trabalho.</p>	<p>Professora: [...] o professor é a chave né. Quando ele gosta do professor é diferente, ele vem pra escola, ele quer, ele gosta de estudar, né.</p> <p>Esse carinho do professor com o aluno e também o professor sentir prazer no que ele faz, quando a gente tem amor as coisas tornam diferentes.</p> <p>Eu acho que professor tem um papel fundamental na vida de uma criança na escola.</p> <p>Coordenadora: É de grande importância né, sem os professores, risos [...]</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

A professora da rede pública estadual (Quadro 52) reconhece o seu papel como mediadora, mas, ao mesmo tempo, entende que não está na escola apenas para aprendizagem. Donatelli (2004) salienta que a escola também contribui com essa incerteza de papéis porque não reconhece as transformações sociais e culturais da sociedade, confundido a sua função política de preparar as novas gerações para o mundo, substituindo a condição familiar. A escola, segundo esse autor, esvaziou-se de princípios e, com o movimento de trazer autonomia às crianças, deixou envolver o lado afetivo e emocional, não conseguindo diferenciar qual é o seu papel da família.

A escola, como a família, é espaço de socialização, mas deve exercer posturas diferentes. Para Freire (2006), há uma

compreensão distorcida da tarefa profissional da professora. Identificar professora como tia [...] é quase como proclamar que professoras, como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se, não deve fazer greve. Quem já viu dez mil tias fazendo greve, sacrificando seus sobrinhos, prejudicando-os no seu aprendizado? (p. 11).

Um olhar atento às falas do Quadro 52, particularmente da diretora da rede pública estadual, demonstra a desvalorização do profissional quando ele diz que não tem obrigação de cuidar da área emotiva da criança. No entanto, ao mesmo tempo se vê como profissionais que se preocupam com o emocional da criança, afinal, “as crianças são carentes”. A escola, na ótica das professoras entrevistadas, assume papéis que não são seus, papéis sociais. Observa-se que ela própria não consegue reconhecer essa diferenciação quando assume a atividade pedagógica pelo carinho, pela atenção e acolhida, principalmente quando converte a identidade de docente no papel de “tia”.

Para Freire (2006),

a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais (p. 25).

Os dados da pesquisa reafirmam o que historicamente a sociedade vem repetindo: a desvalorização social da profissão de professor. Se por um lado as falas encaminham para uma compreensão da profissão marcada pela ausência da identidade profissional docente, por outro é explicável que essas compreensões encontrem lugar em uma sociedade que não investe na formação e valorização da carreira. As falas dos gestores apenas ecoam outras falas sociais, nas quais a identidade do professor vem sendo legitimada pela “vocação”, “doação” e “missão”. Acrescenta-se a isso, a parentalidade como forma de valorização e reconhecimento da profissão.

4.3 O lugar da família

A família passou por transformações inevitáveis nas últimas décadas. Seu formato, sua estrutura modificou em busca de adaptação aos avanços decorrentes da globalização, das questões de gêneros, das novas tecnológicas. Porém, a principal função de “preparar a criança para ser inserida na sociedade, por meio da herança de valores estabelecidos na família como cultura, afetividade, religião e educação” (TEIXEIRA, 2013, p. 52), ainda é efetivada na

família. Neste sentido, os gestores foram ouvidos sobre o que entendem ser o papel da família na relação com a escola. A discussão que segue aponta para a síntese dessa questão.

4.3.1 Para reforçar a aprendizagem

A família como mediadora entre a criança e a sociedade é também responsável pelo desenvolvimento cognitivo infantil, juntamente com a escola. As duas juntas produzem uma força para superarem as suas dificuldades, buscando construir uma identidade própria e coletiva para auxiliar na formação do sujeito.

Essas parcerias, segundo Sá (1997 *apud* SILVA, 2014), encontram-se em sua dimensão bastante instrumental esperada pela escola, pois os pais podem não estar sendo considerados como parceiros legítimos, limitando-se a dar continuidade ao trabalho da escola. Sendo assim, a continuidade do trabalho da escola centra-se no acompanhamento das tarefas de casa e no reforço da aprendizagem com foco no sucesso escolar do aluno.

Isso é confirmado nas falas dos professores-gestores entrevistados abaixo:

Quadro 53 - O lugar da família na aprendizagem das crianças

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
Diretora: [...] falamos pro pais nós estamos fazendo a nossa parte, além da aula ele está tendo atendimento individualizado e gostaria que você acompanhasse, né.	Vice-diretora: E de ensinar tarefa, de fazer um almoço, de brigar, de pôr de castigo mesmo.	Coordenadora: Eu acredito que seja de tá acompanhando, de tá reforçando.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Para Resende (2008 *apud* SILVA, 2014, p. 94), “o dever de casa, tem sido considerado, em algumas pesquisas, como instrumento fundamental para o sucesso escolar dos alunos” e uma forma de aproximação entre família e escola, afinal, nessa atividade, há o envolvimento dos pais, que consideram ser esta tarefa parte de seu papel educativo. Desta forma, os dados dessa pesquisa confirmam o que a escola anseia: o acompanhamento da tarefa, da aprendizagem das crianças e que isso faz parte do papel educativo que a família tem que ter (Quadro 53).

A escola cumpre a sua função de ensinar os componentes importantes do processo ensino-aprendizagem e do currículo escolar para a formação das novas gerações e, aos pais, resta a função de reforçar o que foi ensinado (Quadro 53, diretora da rede pública municipal).

Para a escola, esse reforço de ensino é realizado no acompanhamento das tarefas de casa pelos familiares. Carvalho (2000) afirma que o principal canal de envolvimento dos familiares na educação escolar em casa se dá por meio dos deveres escolares a serem realizados em casa. Essa concepção que o dever de casa é uma forma de a família estar participando da vida escolar do filho é também uma forma de a escola esperar que o aluno alcance o sucesso escolar. Assim, a escola acredita que uma parceria nesse sentido é um fator que irá colaborar na construção e na formação do “bom aluno” em sala de aula.

Porém, a escola não deve esquecer que existem algumas famílias que enfrentam obstáculos para acompanhar os filhos, visto que não apresentam escolaridade e redução de tempo para ficar com os filhos, como citado nessa pesquisa (Quadro 54), e outras razões justificáveis.

As entrevistadas justificam que a família tem um papel muito importante junto à escola, e esse papel inclui reforço ao que foi ensinado, como relatado abaixo:

Quadro 54 - O lugar da família na aprendizagem das crianças

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: [...] é importantíssimo o papel dos pais na vida das crianças, as crianças aprendem até mais do que com os professores.</p> <p>Coordenadora: [...] gente tá em contato com essa família pra ajudar nesse processo de aprendizagem</p> <p>Diretora: É fundamental nesse caso, a presença da família a criança se sente valorizada ela dá um bom resultado.</p>	<p>Professora: Muitos são presentes, mas muitos ficam aquém. Acho que família é muito importante junto com a escola. O pai tem que estar interessado.</p> <p>Coordenadora: Ela deveria de acompanhar, de estar junto, mas muitas crianças não têm a convivência com a mãe, com o pai nem conhece, tem uma mãe que sai antes das 6 horas e só chega as 7 horas da noite.</p>	<p>Professora: É fundamental a família, agora mesmo que eles estão aprendendo a ler e escrever. A família ajuda a gente vê que a criança desenvolve mais rápido.</p> <p>Coordenadora: [...] ajudar ali nas atividades de casa, ajudar nos trabalhos, acompanhar a agenda, tá junto a escola quando precisamos, mas é de reforçar mesmo aquilo que está sendo trabalhado.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

De acordo com os depoimentos, nota-se que a participação dos pais está relacionada ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças e que, quando a família está presente na criança, esta pode apresentar mais interesse (Quadro 54, professora rede pública municipal), sentir-se

valorizada e alcançar um bom resultado (Quadro 54, diretora rede pública municipal). Esse dado é confirmado nas pesquisas de Paro (2000), que indicavam que a presença dos familiares junto às atividades escolares de seus filhos influenciava o desempenho do aluno, conforme relato:

eu via que todo pai, mesmo aquele que não conseguisse ler, muitas vezes não sabia nem ler nem escrever, mas que ele olhava o caderno, ele se interessava, ele analisava o capricho, ele via que tinha alguma coisa colocada naquele caderno, nem que fosse um desenhinho, a criança se sentia amparada [...]. Faz muita falta. Eu noto que a criança se sai pior, tanto culturalmente quanto em termos de comportamento, quando não tem assessoria de ninguém. Eu tenho notado até, mesmo na ausência de pais, os avós; eles são muito importantes (PARO, 2000, p. 31-32).

Por isso, a escola busca o apoio das famílias, com o objetivo de dar uma continuidade nos trabalhos que a própria escola desenvolve. Para Paro (2000, p. 32), “[...] pretende-se que a família continue (e reforce) a educação dada na escola, especialmente com a ajuda dos pais nas tarefas dos alunos.”

O foco principal das instituições pesquisadas é que a família tem que ter um olhar diferenciado para a aprendizagem das crianças, e esse ponto central é aquilo que fundamenta a parceria na relação família-escola.

Os três segmentos pesquisados concordam que a presença-parceria entre escola-família é fundamental, porém, Pavani (2014) afirma que:

efetivar esse diálogo e estabelecer uma parceria que atinja o objetivo comum de ambas, o desenvolvimento da criança, prevê envolvimento, participação, e isso, apesar de ser própria do ser humano, demanda a superação de muitos obstáculos (PAVANI, 2014, p. 51).

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), entre os obstáculos mais gritantes está a questão que nem sempre a escola se abre para a participação efetiva dos pais, pois aos pais é proporcionada uma participação limitada ao controle do comportamento do filho e às atividades, caracterizando uma participação superficial.

Szymansky (2010) diz que a participação da família no processo de aprendizagem do filho depende de como ela entende o seu papel cuidador e como organiza suas práticas educativas. Essa afirmação é confirmada na fala da coordenadora da escola estadual (Quadro 54), que justifica que “tem mãe que sai antes das 6 horas e só chega às 7 horas da noite”.

Nessa lógica, Silva (2002) defende que,

A ‘invisibilidade’ de muitos pais dos meios populares na escola não significa necessariamente desinteresse pela escolarização dos filhos, nem ausência de incentivo e possíveis formas de apoio em casa, ao contrário da usual interpretação de muitos docentes (SILVA, 2002, p. 119).

Assim, a escola impõe aos pais exigências de participação que vão além do domínio de alguns, principalmente das classes trabalhadoras, que têm pouco ou nenhum domínio dos conhecimentos. Isso é reafirmado na fala da coordenadora, que admite que existe falta de tempo das famílias, ou não há presença, nem mesmo em casa. É óbvio que a família é parte essencial da aprendizagem da criança, mas a escola tem que saber lidar com as diversidades que existem nela.

4.3.2 Para participar dos eventos

Uma das práticas de aproximação da família-escola está relacionada aos eventos. Nos momentos como dia das mães, dos pais, dia da família, festa junina, eventos esportivos, gincanas, festivais musicais, as famílias têm oportunidade de participarem e se envolverem com a escola. É um espaço aberto para as famílias “participarem” como homenageados, ou apreciando o desempenho da escola.

São estratégias usadas pelas escolas entrevistadas como aproximação com a comunidade. Porém, elas não relatam se os pais são convidados para participarem da organização dos eventos. Entende-se que o papel da família é apenas de plateia.

Segundo dados da pesquisa, todas as instituições pesquisadas realizam eventos como estratégia para que os pais se façam presente na escola. A parceria é, portanto, centralizada nos eventos. Muitas atividades são desenvolvidas durante o ano, conforme quadro abaixo.

Quadro 55 - O lugar da família na escola

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: Sim, muitas festas, as reuniões, as festas dia dos pais, dia das mães, festa junina, algumas apresentações artísticas esporádicas.</p> <p>Diretora: Alguns eventos, fazemos festa de família, fazemos reuniões e às vezes fazemos gincana para ver se a gente trás o pai, a família pra escola e através de conversa mesmo, abrindo os portões da escola pra comunidade.</p>	<p>Vice-diretora: Eventos (festa junina, dia das mães, pais), mas esse não trabalhamos por causa do IDEB. Agora quando a gente faz a festa junina enche a escola, a quadra fica cheia.</p>	<p>Coordenadora: Além das reuniões pedagógicas temos festa das mães, festa dos pais, festa junina, o tríduo de na capela que finalizamos com uma missa, festival de dança, cantata de Natal, todos os eventos envolvem da educação infantil ao Ensino Médio.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Os momentos em que a família está presente na escola são as reuniões pedagógicas, de informações e de entrega de notas. Para apresentação da pesquisa e para convidar os pais para participarem, a pesquisadora foi convidada pelo grupo gestor para participar das reuniões pedagógicas da escola pública estadual e da rede privada. Na rede pública municipal, a participação se deu em uma reunião para decisões sobre um musical em que as crianças participariam.

Na reunião pedagógica para entrega de notas na rede pública estadual, infelizmente não houve uma possibilidade de trocas entre família e escola, uma vez que não existiu interação professor/pais. As crianças permaneceram na sala (não foram liberadas) e, ao mesmo tempo em que a professora cuidava da sala, falava e entregava o boletim para os pais. Neste caso, confirma o ponto de vista de Cavalcante (1998) de que na escola existem limitações de tempo para que possam se comunicar com os pais dos alunos. Essa é uma barreira para o maior envolvimento dos pais com a escola, visto que nesse ato os pais podem se sentir inibidos e não conseguirem uma interação efetiva com a escola.

A professora limitava-se a entregar o boletim e a relatar sobre a aprendizagem da criança, principalmente em torno de dificuldades. Esta postura confirma o que diz Lira (2008 *apud* SILVA, 2014, p.136), “os professores tendem a transferir responsabilidade para os pais pelo fracasso escolar dos estudantes.”

A reunião pedagógica da rede privada ocorreu em um sábado, com início às 8h, finalizando às 12h. Os pais tinham a oportunidade de reunir a qualquer momento. Aos pais que chegaram às 8h foram apresentadas algumas informações, e individualmente a professora atendia cada familiar. As poucas mães que estavam no início da reunião demonstraram um grande envolvimento com a escola e havia uma atmosfera positiva. A pequena quantidade de pais revela que:

os pais resistem em se envolver com a escola, havendo poucos pais que comparecem, mas por obrigação, porque a dinâmica das reuniões é marcada por críticas, reclamações e deslocamento das responsabilidades com a educação da criança, partindo da escola para a família e vice-versa (PEREZ, 2000; NOGUEIRA, 1998 *apud* SILVA, 2014, p. 137).

A reunião na escola da rede pública municipal foi para tomadas de decisões em relação a um festival de dança que aconteceria no mês de outubro. Foi realizada à noite, com o intuito de maior participação dos pais, porém, isso não ocorreu. Os pais foram comunicados do evento, e o grupo gestor solicitou sugestões, porém, como ressalta a diretora, nessas atividades “os pais participam pouco” e, quando são solicitados a emitir opiniões, eles se redimem e apenas concordam com o que a escola propõe. Swap (1992 *apud* CAVALCANTE, 1998, p. 156) identifica que essa falta de participação e sugestões se deve a algumas barreiras que a própria escola coloca. Uma delas está relacionada à tradição dos professores, que estão habituados a dar aos pais funções secundárias nas atividades escolares, e esta não consiste de uma real colaboração ou parceria.

As escolas pesquisadas centralizam a participação dos pais em eventos, e esse tipo de participação não assegura o estabelecimento de uma real parceria, pois, para que realmente possa efetivar a participação, é necessário muito mais em envolvimento em atividades escolares e em eventos. Caetano (2004), Reali e Tancredi (2002) e Tancredi e Reali (2001) consideram que a efetivação da parceria entre escola e família deve se iniciar pelos professores, que são a base do processo de aprendizagem.

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), os pais têm ciência do seu papel de acompanhar os filhos na realização das tarefas escolares e na participação das reuniões de pais. Contudo, acabam limitando sua participação para quando são convocados, ou nos eventos sociais e festivos. Isto tudo por que às vezes se sentem desconfortáveis pela maneira como as reuniões são conduzidas.

É importante entender que pode existir pais que tiveram experiências educacionais negativas; com baixa autoestima e normas culturais que estabelecem que professores são

superiores aos pais (PUGACH; JOHNSON, 1995 *apud* CAVALCANTE, 1998, p. 155), e pais que se sentem diminuídos. Talvez isso possa ser uma grande barreira na participação efetiva dos pais.

De acordo com a pesquisa, a escola diz que está aberta, mas, se questiona: quais as estratégias para efetivar a participação? Segundo o grupo gestor da escola pública municipal, elas “ficam no portão” para acolher e se aproximar dos pais, mas será que essas ações estão conseguindo realmente fazer com o que a família tenha consciência de que o espaço escolar é o espaço da comunidade.

Os dados mostram que as escolas estão abertas, apresentam proposições e desejo de se firmar parcerias, porém não demonstram ações que realmente façam as famílias se sentirem como parte do processo educacional dos seus filhos, e não apenas telespectadores das ações escolares, como podemos observar nos relatos a seguir..

Quadro 56 - O lugar da família na escola: estratégias para participação

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal

Coordenadora: Faz vários eventos envolvendo as famílias, a gente tem festa da família, a gente sabe que essa questão de pai e mãe, festa da mãe, momento de homenagem ao pai, a gente tem o musical, festa junina, exposições. A gente fica no portão pra poder receber essa família, pra poder acolher essa família, na entrada, na saída.

Diretora: Reuniões, eventos, portão. Eles participam muito pouco, (opinando), não sei se na hora os pais ficam inibidos, mas a gente quer sempre pedir muito sugestão, cobra dos pais mais parceria, mas ele acha que do jeito que a gente tá fazendo já tá bom e a gente quer ao contrário participação.

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

A presença dos pais na escola deve ser repensada, os “educadores devem também ter consciência de suas próprias atitudes com relação à participação dos pais na escola” (CAVALCANTE, 1998, p. 157). Entende-se que essa participação deve estar além dos eventos, é necessário haver um trabalho de diálogo e parceira que proporcione um estímulo, uma quebra na tensão entre essas duas instituições.

Szymansky (2010) assegura que é fundamental que a escola veja a família sem desconfiança. A família precisa aproximar-se da relação professor-aluno, a fim de conhecer as práticas pedagógicas e concepções que orientam a escola. Sendo assim, é mister que se “tenha um sistema de comunicação claro com os pais que promova parcerias” (SWAP, 1992 *apud* CAVALCANTE, 1998, p. 158).

A escola entende a participação dos pais hoje não como uma participação efetiva, pois a “sua existência e execução, por si só, não são suficientes para o estabelecimento da relação

entre família e escola, entendida como compartilhamento de significados que levam à cooperação entre as partes” (SILVA, 2014, p. 113). A escola tenta, assim, mostrar para os pais que está com espaço aberto, que eles precisam participar, todavia, não efetivam essa participação na prática.

4.3.3 Vista pela ótica da negatividade

Os sentidos que a escola atribui às famílias revelam fatores de uma relação centrada na negatividade, mas, para falar sobre essa relação, é importante diferenciar as suas funções. Perez (2007, p. 13) atribui “à escola o papel de ensinar os conteúdos historicamente construídos, valorizados e necessários às próximas gerações. Já com relação à família ela atribui a responsabilidade de transmitir orientações sociais, afetivas, morais e éticas.”

Diante desse contexto é importante ressaltar que as duas instituições são importantes no processo de transmissão cultural e que se complementam em suas funções e atuações (ROMANELLI, 2000 *apud* PADOVANI, 2016, p. 63).

Porém, pela ótica da escola, não é o que tem ocorrido. Ressaltam-se dois aspectos relatados pela escola e citados por Oliveira (2002): a incapacidade da família de educar os filhos e a entrada da escola para subsidiar essa tarefa, principalmente quando se trata do campo moral.

Além das queixas citadas acima, ouviram-se dos professores outras, como as do quadro abaixo:

Quadro 57 - O lugar da família na escola: o que eles pensam sobre a escola?

Gestores, coordenadores e professores da rede pública municipal	Gestores, coordenadores e professores da rede pública estadual	Gestores, coordenadores e professores da rede privada
<p>Professora: [...] aquele espaço que eles podem chegar largar a criança.</p> <p>Coordenadora: não está fácil não, ta difícil, ta fácil não, agente precisando melhorar muito essa visão da família na escola e em relação aos profissionais.</p> <p>Diretora: Alguns você vê que são bem acompanhados outros não, são realidades diferentes, você não pode falar, ficar julgando também porque você não conhece a fundo.</p> <p>Diretora: [...] às vezes tem mãe que você cobra muitas vezes, você sabe que a mãe tem tempo, ou a família tem tempo e não acompanha, outra trabalha o dia inteiro e consegue acompanhar, depende da família, também da formação que a família tem.</p>	<p>Professora: Elas jogam a responsabilidade pra cima do professor.</p> <p>Coordenadora: A escola é o lugar de deixar os filhos, a família não quer que tenha férias e feriado</p> <p>Vice-diretora: Os pais colocam na creche-escola porque querem uma baba pra cuidar, muitos pais confundem o verdadeira papel da escola.</p> <p>Professora: As histórias que as crianças contam, os que não trazem é a falta de interesse dos pais.</p>	<p>Professora: A família deixa pra escola pra educar, não são todos. Os pais jogam essa responsabilidade pra escola.</p> <p>Coordenadora: [...] tem família que pensam também que a escola é um local onde se vai trabalhar toda a educação, até os valores que não são trabalhados na família.</p> <p>Professora: Alguns pais ajudam sim os filhos, mas outros não, a criança às vezes de 1 ano vem de casa sem fazer, tem pai que então joga, a tarefa de casa, a responsabilidade pra professora.</p>

Fonte: Dados coletados na pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com gestores, coordenador, professores (2017).

Para a escola, as famílias estão perdidas. Os relatos dos três segmentos pesquisados trazem a perpetuação da ideia de que o lugar da família na escola é o lugar da culpabilização, da ausência, do desinteresse, da irresponsabilidade. Essas explicações são recorrentes: “espaço que eles podem chegar largar a criança” (Quadro 57, professora rede pública municipal); “jogam a responsabilidade para a escola” (Quadro 57, professora rede pública estadual); “querem uma babá pra cuidar” (Quadro 58, vice-diretora rede pública estadual); “os pais jogam essa responsabilidade pra escola” (Quadro 57, professora rede privada); e tornou-se um “jargão pedagógico”.

A postura negativa sobre a família está envolta em todas as falas dos gestores entrevistados, fato que demonstra uma situação de conflito existente na relação família-escola,

ou seja, “no senso comum e nas práticas comunicativas no universo escolar, parece que já foi naturalizado o sentido de que há uma debilidade da família atual no acompanhamento aos filhos que repercute no seu envolvimento com a escola e de modo geral na vida pessoal das novas gerações” (CRUZ; SANTOS, 2008, p. 444).

Porém, deve-se questionar qual o olhar que a escola está tendo diante das diferentes realidades familiares que existem hoje na escola, afinal, não são todos os pais que assumem a postura de deixar para a escola a função que foi instituída para a família.

Nos dados dessa pesquisa, nota-se que as instituições assumem os papéis que não são seus. Na fala da escola, a família é uma instituição que “abandona” os seus filhos, causando uma “erosão” nessa relação. Tedesco (2002, p. 36) afirma que essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar, mas também na formação básica e moral.

Os professores das redes públicas municipal e estadual relatam que a família vê a escola como uma creche, como um espaço de deixar as crianças (Quadro 58). Neste sentido, a escola se sente vulnerável e assume funções que não são dela, reconhecendo, também, que essa “situação relacional não pode ser analisada de modo unilateral, pois é permeada de incertezas, contradições e ambiguidades de ambas as partes” (CRUZ; SANTOS, 2008, p. 444).

Nesse caso, têm de ser analisados os processos de transformação política, econômica e social que essas instituições, família e escola têm sofrido e que, direta ou indiretamente, refletem na relação entre elas.

Considerando que a família tem passado por mudanças substanciais, deve-se entender que, na relação família-escola,

houve uma fratura das instituições em seus modelos tradicionais formais, produzindo profundas dificuldades, mas também criando diante do novo a pulverização dos núcleos familiares e, com estes, o esvaziamento da tradição, aliada à ausência de projetos de vida e de futuro (CRUZ; SANTOS, 2008, p. 450).

Nessa perspectiva, a escola tem sofrido impactos que refletem uma desigualdade de poderes entre as duas instituições. Nessa relação desigual, a escola conta com o maior poder, ou seja, dita e avalia as ações da família, e os pais “se tornam submissos, a gosto ou a contragosto, e muitas vezes assistem ao julgamento da sua intimidade doméstica na clássica pergunta do diálogo com a escola que questiona de modo unilateral: ‘seu filho(a) tem algum problema em casa?’” (CRUZ; SANTOS, 2008, p. 451).

Desse modo, a escola não vê a família em seu contexto particular e desconsidera que por trás de cada criança exista um contexto social. Tanto a família quanto a escola têm em comum a função de educar para a inserção social, no entanto, cada um tem suas particularidades, e estabelecer parcerias seria um caminho mais produtivo.

Segundo Silva (2014),

estudos reconhecem a necessidade e importância da aproximação entre família e escola para o rendimento acadêmico e o comportamento dos alunos. Porém, essa aproximação precisa ser vista como um processo de mudança que vise superar diferentes barreiras decorrentes da forma como historicamente escola e família têm interagido (ou não) (p. 26).

É nesse sentido que se deve considerar que “[...] de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família” (MONTANDON; PERRENOUD, 1987 *apud* FARIA FILHO, 2000, p. 44). Portanto, nenhuma relação família-escola pode ser construída sem a devida consideração de que tanto uma como a outra são produções históricas, sociais e culturais. É no conjunto de forças e nesse contexto dialético que reside a fertilidade dessa relação. Se por um lado não existe possibilidade de conciliação na relação família-escola, uma vez que essa relação não se resolve, mas desenvolve, então é necessário reafirmar os sentidos históricos que marcam as duas instituições.

SÍNTESES E PROBLEMATIZAÇÕES

Há um otimismo que consiste em dizer: de todo modo, isso não pode ser melhor. Meu otimismo consiste mais em dizer: tantas coisas podem ser mudadas, frágeis como são, ligadas a mais contingências do que necessidades, a mais arbitrariedades do que evidências, mais a contingências históricas complexas (porém passageiras) do que a constantes antropológicas inevitáveis. [...] Somos muito mais recentes do que cremos. Isto não é uma maneira de abater sobre nossas costas todo o peso de nossa história, é mais colocar à disposição do trabalho que podemos fazer sobre nós a maior parte possível do que nos é apresentado como inacessível (FOUCAULT, 2010, p. 358).

Durante a trajetória percorrida nessa pesquisa, surgiram muitos questionamentos e indagações sobre a temática família e escola. Baseado nessas indagações, tecemos aqui sínteses e reflexões com a perspectiva de uma análise crítica sobre alguns pontos marcantes e recorrentes da pesquisa.

Iniciemos por retomar as motivações iniciais que nortearam essa pesquisa: Qual a função social da escola nas vozes dos diferentes sujeitos que compõem a ação educativa? Que aspectos configuram a relação família e instituição a partir dos sentidos e significados?

A questão em pauta, ao mesmo tempo em que interrogava a função social da escola, também evocava a compreensão dos sentidos e significados desta função social. Neste sentido, Vigotski (2003, 2001) reafirma em seus estudos a importância de se compreender que, ao atribuímos sentidos a alguma coisa, estamos acessando uma realidade social do sujeito, que envolve questões pessoais, afetivas e sociais. Não podemos nos esquecer que esse sujeito está envolvido em uma cultura e em uma história própria, ou seja, nas interações que ele estabelece com o meio.

Os estudos de Vigotski (2003, 2001) revelam, ainda, que cada sujeito estabelece sentido e significado às suas experiências por meio das vivências dialéticas com as suas interações sociais, ou seja, que o sujeito não se constitui só, mas enquanto atua no mundo. Estas reflexões são importantes porque foi a partir da fala das crianças, dos pais, professores e gestores que se buscou apreender os sentidos e significados da função social da escola. Logo, para clareza da fala do outro, devemos observar não só suas palavras (significados), como também suas constituições sociais (sentidos) (VIGOTSKI, 2003).

Então, para compreendermos os dados da pesquisa, não podemos esquecer as dimensões em que as crianças, os pais e a escola estão inseridos: escola pública municipal,

escola pública estadual e escola privada. Nesta perspectiva é importante considerarmos as múltiplas dimensões que constituem a família contemporânea. Entre essas dimensões estão os elementos culturais presentes em diversas formas no interior da escola e em sua função como instituição. Esta última responde a determinados interesses e segue normas estipuladas social, política e economicamente (NUNES, 2011).

Frente ao exposto, destacam-se alguns apontamentos que contribuem para novas sínteses ou novas reflexões sobre o tema a partir dos dados apresentados.

Em relação às mudanças socioculturais da família, salienta-se a necessidade de que as pesquisas sobre família e escola conheçam melhor o contexto histórico da família. Não basta apenas tomá-la como informante da pesquisa. É preciso compreendê-la em seu movimento de transformações e suas relações com outras instituições, agências básicas no processo de formação humana e social dos indivíduos. Isto significa dizer que o estudo acadêmico que envolve o tema família não pode apontá-la como categoria abstrata, mas, acima de tudo, histórica e concreta.

Compreender essa dimensão histórica da família implica situá-la como constituinte e constituída das relações sociais. Como exemplo disso, basta analisarmos como o mundo contemporâneo tem sofrido transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que abalaram e continuam a abalar de modo radical a vida das sociedades humanas, em decorrência das transformações tanto da família quanto da escola.

A escola e a família não são instituições imparciais. Elas são marcadas por processos ideológicos de grupos hegemônicos da sociedade. Desta forma, esse trabalho apresentou um olhar para essas instituições, relacionando o momento histórico na qual elas estão inseridas.

Se por um lado é importante situar a família no contexto das transformações sociais, por outro é fundamental que se parta daquilo que a criança compreende do mundo e de suas transformações. Portanto, aquilo que emerge da forma de compreensão das crianças é, acima de tudo, produto e processo da relação desta criança com seus pares iguais ou diferentes. Logo, quando se pretendeu dar voz às crianças sobre a função social da escola, buscou-se conhecer outras vozes sociais reproduzidas ou ressignificadas pelas crianças. Sendo assim, as crianças envolvidas nessa pesquisa carregam o olhar do adulto na sua caracterização da função da escola. Isto se deve porque os sentidos e significados atribuídos pela criança foram determinados pela ótica do caráter cultural e geracional com o qual a criança convive. Sarmiento (2011) traz algumas contribuições neste sentido, demonstrando que:

os adultos assumem o papel decisivo na determinação das condições de vida das crianças, não apenas por ser nesta geração que se encontram os detentores do poder político e social, mas também porque eles marcam a infância pela adoção de processos de administração simbólica das crianças, através do exercício contínuo de um poder normativo, que se realiza tanto ao nível da produção de conteúdos significativos sobre o que é apropriado ou não para as crianças (por exemplo, a propósito das práticas de consumo, das horas de sair, das formas de saudação aos mais velhos, de hábitos legitimados ou proibidos), quanto na interação face a face e no desempenho dos seus papéis de pais, professores, formadores, funcionários das instituições que lidam com crianças (p. 584).

Desse modo, essa pesquisa soma-se aos estudos de Sarmento (2011), esclarecendo que os adultos marcam as características trazidas no olhar que a criança tem da escola e de todas as relações existentes nela. Esse olhar é carregado de sentido adultocêntrico, ou seja, as crianças reproduzem aquilo que os pais e a escola mostram em suas falas, marcando o tempo e a participação da criança.

A fala das crianças remete o tempo todo àquilo que os pais dizem: uma concepção da função da escola como espaço de transmissão de conhecimento para a ascensão social, ou seja, para o trabalho. Este discurso ideológico reafirma que “a importância da escola está no fato de que ela é vista como garantia de uma vida boa no futuro” (BIASOLI-ALVES, 2004, p. 93). Esta perspectiva adultocêntrica nas falas das crianças ecoa uma voz polifônica representativa do adulto, pois “a criança é o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e teme que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se” (CHARLOT, 2013, p. 168).

Diante dessa situação, a escola é vista como base para um retorno econômico, ou seja, para a um futuro profissional idealizado, que se resume para os pais como “vida melhor que a minha”, “preparação para o mundo”, “um degrau na carreira”, e que também é reiterado na fala dos professores: “abrir a porta do mundo”, “preparar para a vida”. Esse olhar fragiliza e limita o sentido determinante da escola, uma vez que não a percebem como um espaço: de atualização histórico-cultural; de aprendizagem e socialização do saber sistematizado e mais amplo para adquirir “conhecimentos, informações, valores, crenças, tecnologia, ciência, arte, filosofia, direito etc., ou seja, tudo aquilo que é criado pelos homens por contraposição à natureza, que existe independente de sua ação e vontade” (PARO, 2011, p. 128). Este discurso ideológico coloca o saber em segundo plano, priorizando as conquistas que refletirão, no futuro, ao saber sistematizado.

Sendo assim,

todos os investigados, qualquer que seja a situação escolar da criança, tem o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver seus filhos “sair-se” melhor do que eles. Aliás, é importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem, frequentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, “confessar” a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal remunerado, mais valorizador que o deles (LAHIRE, 1997, p. 334).

Frente a esse cenário, a criança, a família e a escola ainda não têm clareza sobre o sentido da escola, principalmente porque “a sociedade, o Estado, a educação e a escola, [...] não se preocupa com o sentido e a possibilidade de uma educação que articule as várias dimensões da existência humana” (CÔELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 311). Principalmente porque a escola encontra-se mergulhada nos princípios de um contexto neoliberal, capitalista e de revolução tecnológica, que se preocupa com as regulações do mercado, do consumo, do imediatismo, do individualismo e da formação profissional em detrimento da formação humana.

Porém é importante salientar que a lógica deveria ser outra: “formar seres racionais e livres que possam pensar e agir de modo diferente uns dos outros, à luz de um ‘pro-jeto’ de existência sociopolítica e pessoal fundado na liberdade, na criação de direitos, na igualdade, na justiça, na humanização de todos os homens e mulheres” (CÔELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 333).

Isso coaduna com as considerações de Charlot (2005), quando o mesmo afirma que:

a escola funciona quando aprender na escola permite compreender melhor a vida (e compreender melhor a si mesmo) e, simultaneamente, é uma maneira de viver, uma abertura a novos mundos onde também se encontram o sentido, o prazer e o outro, e onde se encontra a si mesmo (p. 151).

Outro destaque está relacionado aos papéis da escola e da família. É consenso entre as crianças, os pais e as escolas pesquisadas que a participação e a boa relação entre família-escola é muito importante. Entende-se que essa participação e orientação contribuem para a melhoria do desempenho.

As famílias investigadas afirmam que o acompanhamento centra-se nos deveres de casa e o consideram parte do papel educativo. Os eventos, reuniões que são proporcionados pelas escolas, também são considerados momentos de envolvimento e importantes na relação entre a família e a escola. As famílias reconhecem a importância social da escola na vida das crianças, admiram os professores dos filhos e não apresentam queixas em relação à instituição.

Contraditoriamente, a escola queixa-se das famílias. Vê a família perdida na sua função social de educar, de ajudar a constituir os cidadãos. Sendo assim, responsabiliza os pais pela não participação, pela não aprendizagem, por tudo que não é esperado pela escola. A escola traz um discurso idealizado de família padrão, ou seja, o tradicional (pai, mãe e filhos). Tudo que foge a esse padrão parental é tomado como desvio, uma “desestruturação”. Por isso as famílias são consideradas responsáveis pelas disparidades escolares: “ganha *status* natural a crença de que uma ‘boa’ dinâmica familiar é responsável pelo ‘bom’ desempenho do aluno” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 102).

Esse fato reafirma o descrédito da sociedade e da própria instituição família em relação à sua função educadora e socializadora. Diante dessa realidade, percebem-se concepções educativas equivocadas em relação à família, fato que acaba por institucionalizar uma barreira entre família e escola. Isso resulta na dificuldade em enfrentar as diferenças e as demandas individuais vividas pelos alunos e pelas famílias, considerando-se que:

a trajetória escolar não é completamente determinada pelo pertencimento a uma classe social [...] ela se encontra associada também a outros fatores, como as dinâmicas internas das famílias e as características “pessoais” dos sujeitos, ambas apresentando um certo grau de autonomia em relação ao meio social (NOGUEIRA, 2004, p. 4).

Nota-se, nessa pesquisa, que o envolvimento parental na escola é o cerne da tensão que envolve as especificidades e complementaridades entre essas instituições: família e escola. Destarte, mantém-se o antigo discurso descrito frequentemente pelos pesquisadores do tema família-escola: os pais são omissos em relação à vida na escola dos filhos. O que diverge dessas pesquisas é que essas queixas não vislumbram apenas as escolas públicas. Os professores da escola particular também imputam à família os problemas de aprendizagem e disciplina dos alunos. Esta visão estereotipada revela uma assimetria e hierarquização da escola para com a família. Sendo assim, é preciso

se relacionar com as famílias prioritariamente no sentido de uma exigência de complementaridade, com relação a suas expectativas e através da atribuição de responsabilidade aos alunos, por suas próprias dificuldades. Não parece haver um movimento sistemático no sentido de se buscar compreender a realidade vivida pelos alunos e suas famílias. Assim, a escola complementa, através da assunção de um papel social estereotipado, em que a hierarquização do saber é mantida, a postura submissa e não verdadeiramente participativa dos pais (RIBEIRO; ANDRADE, 2006, p. 09).

Ressalta-se, na fala da escola, a importância da presença e da participação dos pais, porém, os pais acham que cumprem o seu papel participando dos eventos e acompanhando as tarefas de casas. Em geral, a escola diz que aguarda parcerias, mas o que podemos observar é que a participação é assinalada pela superficialidade e é limitada, definida por pouca interação entre ambas. Visualizamos, ainda, que a escola tem o desejo de parceria, mas suas ações ainda não alcançam este objetivo. Existe, portanto, uma ausência de estratégias. O desejo de se manter a escola de “portas abertas” não se efetivou nas análises desta pesquisa. Assim,

é necessário que os pais tenham um espaço para expor suas ideias e ouvir os professores. Da mesma forma, os professores devem se expressar e respeitar os pensamentos dos pais. A cooperação consiste em que um se coloque no lugar do outro, em que família e escola se reconheçam como parceiras, como agentes de uma mesma ação: a educação (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 54).

É preciso somar esforços a fim de romper as barreiras que impedem um processo de gestão democrática nas escolas, principalmente quando se considera que os pais também podem contribuir com a dimensão do ensino. Ao contrário disso, esta pesquisa evidenciou, pela fala dos pais e dos próprios professores-gestores, que a participação só ocorre por meio de reuniões de pais para entrega de notas, comunicados em agendas, bilhetes, encontros no início e no final das aulas, tarefas escolares, participação em eventos em gerais e aqueles com datas comemorativas. É necessário buscar a configuração de novos elos entre família e escola, e essa tarefa compete à escola que, visando o desenvolvimento da consciência de quem são e o que querem, possibilitará condições necessárias para amenizar o “abismo” entre essas instituições (SOUZA; ANDRADE, 2013).

A escola precisa criar processos educativos, para conscientizar os alunos e as famílias, respectivamente, da necessidade de desenvolverem sentidos críticos e participativos que possibilitariam um engajamento diferente do que eles vivenciam. É preciso convidá-los também para participarem de planejamentos, reformulações de projetos pedagógicos, mas, pelo que foi citado nessas ações, as famílias não participam e existem limites para que elas entrem no campo escolar e na parceria. Parece que existe uma relação unilateral, ou seja, um caminho imaginário de mão única: da escola para a família (OLIVEIRA, 2002).

Outro aspecto a ser destacado a partir dos dados da pesquisa refere-se à assertiva de que a escola ainda é conceituada como um espaço para as crianças aprenderem a se comportar. As crianças e as famílias afirmaram que a escola, como espaço de socialização e formação da criança, deve operar por processos regulatórios, centralizada na construção de exercício e de formas de poder. Assim,

antes de tudo, é preciso destacar o fato de que a escola não é um simples lugar de aprendizagem de saberes, mas sim, e ao mesmo tempo, um lugar de aprendizagem de formas de exercício de poder e de relações com o poder. A escola, como um universo onde reina a regra impessoal “opõe-se a todas as formas de poder que repousam na vontade ou na inspiração de uma pessoa” (LAHIRE, 1997, p. 59).

As crianças pesquisadas afirmam que a função da escola é ensinar a “cultura legítima” e, acima de tudo, a cumprir as ordens, obedecer. Nessa lógica,

o adulto deve guiar a criança, isto é, domar sua natureza selvagem, impor-lhe regras que amenizam as falhas de sua razão e apresentar-lhe modelos ideais que formarão sua razão e sua personalidade. A pedagogia tradicional desvaloriza a criança e valoriza o adulto, concebido sob sua forma ideal de Sábio (CHARLOT, 2013, p. 32).

Essa concepção de escola disciplinadora que foi apreendida na fala das crianças e dos pais é emblema dos processos históricos vivenciados pela humanidade. Para Foucault (1999), as novas tecnologias políticas de poder se tornam parte do cotidiano das pessoas. Esse poder é denominado pelo autor de “disciplina”. Segundo Foucault (1999), o poder disciplinar, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’, ou seja, retirar-se e se apropriar ainda mais e melhor.

Esse tipo de visão transforma a escola em um espaço de formação de valores fundamentais de disciplinamento, se contrapondo ao verdadeiro papel que a escola deveria exercer: o desenvolvimento da pessoa humana e a construção de estruturas mais justas na sociedade.

Espera-se que o presente estudo possa contribuir para problematizar práticas e saberes relacionados à relação família e escola e às especificidades da sua função em um contexto sociopolítico dos tempos atuais, nos quais torna ainda fundamental um estudo a respeito do tema. Destaca-se, por fim, a importância da constante reflexão acerca dos modos de relação destas instituições tão importantes na vida das crianças.

A escolha por pesquisar esse tema ocorreu porque minha “base”, minha família, desde a infância, me fez acreditar que na escola temos oportunidades de mudanças sociais e de transformar-nos em novos sujeitos, cidadãos críticos que de forma consciente possam auxiliar e promover mudanças no meio em que vivem. Eu sempre acreditei nisso e tive algumas inquietações sobre essa verdade no mestrado. Respondi outras, reformulei algumas crenças e dúvidas, porém ainda carrego comigo que é a partir da escola e da família que

poderemos fazer a diferença na educação. Como? Muitas respostas vieram, porém, muito maiores foram as reflexões, as dúvidas, as indagações. Acredito que a construção de uma escola, tal qual a sociedade almeja, está longe de se efetivar. Ela depende de fatores invariáveis e do esforço coletivo em busca de uma educação não só para todos, mas, acima de tudo, de qualidade para todos.

A utopia que move este trabalho acredita que:

a escola sem pessoas seria um edifício sem vida. Quem a torna viva são as pessoas: os alunos, os professores, os funcionários e os pais, que, não estando lá permanentemente, com ela interagem. As pessoas são o sentido da sua existência. Para elas, existem espaços, com elas se vive o tempo. As pessoas socializam-se no contexto que elas próprias criam e recriam. É o recurso sem o qual todos os outros recursos seriam desperdícios. Têm o poder da palavra através da qual se exprimem, confrontam os seus pontos de vista, aprofundam os seus pensamentos, revelam os seus sentimentos, verbalizam iniciativas, assumem responsabilidades e organizam-se. As relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia (ALARCAO, 2001, p. 20).

Finalizando, ressaltamos que o presente estudo teve como objetivo contribuir para a ampliação de novas discussões sobre a função da escola, envolvendo duas grandes instituições: família e escola, tendo como ponto central o olhar das crianças. As críticas, as tensões aqui colocadas não apresentam proporções conclusivas, “verdades prontas e acabadas”. São pistas de caminhos para que outros pesquisadores possam trilhar. A trilha já está aberta, novos sujeitos podem retomar o tema por meio das crianças e, com elas, construir novos percursos que elucidem a complexa teia que envolve a relação família-escola.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Família. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (Org.). **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Cultrix. 1973.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia - Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, junho. 2006.
- AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK A.M.B. (Org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____, W. M. J. A. pesquisa junto a professores: fundamentos teóricos e metodológicos. In: AGUIAR, W. M. J. A. **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**. Relatos de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ALARCÃO, M. **Des(equilíbrios) familiares**. 3. ed. Coimbra: Quarteto, 2006.
- ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre. Artmed, 2001.
- ALVES, A. A. C. **Os sentidos e significados do educador da infância sobre a família**. 2012. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação - Psicologia da Educação) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALVES, M. G. F. **O lugar da escola**: as representações sociais de famílias em situação de vulnerabilidade social. 2014. 102f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.
- ARAÚJO, D. S. **Infância, família e creche**: um estudo dos significados atribuídos por pais e educadoras de uma instituição filantrópica, 2006, 267f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científico, 1981.
- ARROYO, M. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAKMAN, G. **Entre o roteiro e a viagem**: famílias e crianças pelo caminho, 2013, 94f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1059-1083, outubro. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313704020>>.. Acesso em: 23 jan. 2018.

BASTOS, A. C. S.; ALCÂNTARA, M. A. R.; SANTOS, J. E. F. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, E.R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER S. H. (Org.), **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador: Ed. UFBA, 2002.

BEHRING, E.R. **Política Social**: fundamentos e história. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade**: os desafios de ser pais na atualidade. São Paulo: Cabral, 2003.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M., MOREIRA, L. V. de C. Repensando as questões da tolerância e dos direitos humanos vinculados à família. In: CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. de C. (Org.). **Família, Subjetividade, Vínculos**, São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção família na sociedade contemporânea).

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Práticas de educação da criança e seu relacionamento com os adultos em famílias brasileiras, no século XX. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 38, n. 1, 2, 3, p. 85-102. 2004.

_____. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In: ALTHOFF, C. R.; ELSEN, I.; NITSCHKE, R. G. (Org.). **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**, Florianópolis: Papa-livro, 2004.

_____. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000.

BOCK, A. M. B., FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva. 1999.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2002.

_____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 07 maio 2018.

BROUGERE, G. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, julho, 1998.

BRUSCHINI, M. C. **Mulher, Casa e Família**: cotidiano das camadas médias paulistanas. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CABRAL, P. C. P. **A cultura da infância pelas lentes da representação cinematográfica**. 2014. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

CACCIACARRO, M. F. **Educar para crescer: valores para a vida. O papel da família na transmissão de valores na primeira infância.** 2016. 125f. Dissertação (Mestrado Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

CAETANO, L. M. Relação escola e família: uma proposta de parceria. **Dialógica**, v. 1 n.1, p. 51-60, 2004.

CALDERÓN, A. I; GUIMARÃES, R. F. **Família: a crise do modelo hegemônico.** São Paulo: Cortez, 1994.

CANEVACCI, M. **A dialética da família.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARDOSO, A. R. **Ser avó para “estragar” ou para “educar”?** um estudo com grupos de avós que cuidam de netos, 2010, 250 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARNEIRO, M. J. A desagradável família de Nelson Rodrigues. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

CARVALHO, M. do C. B.; PEREIRA, R. Serviço e Proteção Familiar. **Cadernos de ação.** São Paulo: IEE-PUC e CBIA, n. 5, dez. 1994.

CARVALHO, M. E. P. de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 94-104, abril, 2004a.

_____. Modos de educação, gênero, e relação escola-família. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.34, n.121, p.41-58, jan/abr. 2004b.

_____. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n.110, p.143-155, 2000.

CARVALHO, R. L. S.; PESSANHA, L. D. R., Relação entre famílias, animais de estimação afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, p. 622 – 637, set/dez, 2013.

CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385571998000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 jan. 2018.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica: Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**, São Paulo: Editora Cortez, 2013.

_____. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 47-63, 1996.

CHAZANAS, M. C. **Participação na Escola**: a voz das famílias. 2011. 124p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

COÊLHO, I. M. (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

COÊLHO, I. M.; GUIMARÃES, G. Educação, escola e formação. **Revista Inter Ação**, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 323-340, out. 2012.. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br>> Acesso em: 20 de fev. 2018.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceito no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

CORRÊA, A. I. G. O adolescente e seus pais. In: CORRÊA, A. I. G. **o adolescente e a modernidade**. CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANALISE E SUAS CONEXÕES. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 125-132.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSINO, P. (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

COSTA, V. L. P. [on-line] **Função social da escola**. Disponível em:<www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf>. Acesso em 10 jan. 2018.

CRUZ, F. M. L.; SANTOS, M. de F. de S. A relação família-escola: fronteiras e possibilidades. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, MT, v. 17, n. 35, p. 443-454, setembro. 2008. ISSN 2238-2097. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/500>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CRUZ, P. A. S.; FREITAS, S. A. de. Disciplina, Controle Social e Educação Escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência**, Marília, n. 7, p. 36-49, jun. 2011.

CUNHA, M. V. da. A escola contra a família. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.) **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CUPOLILLO, M. V.; COSTA, A. de O. B.; PAULA, J. T. S. de Os avós como suporte na criação dos netos. In: SOUSA, S. M. G.; RIZZINI, I. (Coord.). **Desenhos de família criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais**. Goiânia: Cãnone Editorial. 2001.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DELMOND, G. V. S. **Educação e Família**. 2015. 90p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. spe, p. 202-219, dez. 2010.

DESSEN, M. A., POLÔNIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 11 dez 2017.

DIOGO, A. M. **Famílias escolaridade, representações parentais da escolaridade, classe social e dinâmica familiar**. Lisboa: Colibri, 1998.

DONATELLI, D. **Quem me educa: a família e a escola diante da (in)disciplina**. São Paulo: ARX, 2004.

DONENCIO, M. C. B. **Educação e família: o sucesso escolar no discurso da educação como investimento financeiro**, 2014. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque, 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DUARTE, L. F. D.; GOMES, E. de C. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Educação e sociologia**. Tradução de Lorenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. Introduction à la sociologie de la famille. In: E. DURKHEIM, E. **Textes III**. Paris: Minuit, 1975.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1974.

ENGELS, F. A Família Monogâmica. In: CANEVACCI, M. **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ENGUITA, M. F. Encontros e desencontros família-escola. In: **Educar em tempos modernos**, Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

ENS, R. T. et. al. Políticas educacionais, regulação educativa e trabalho docente: representações sociais de professores iniciantes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 10, n. 21, p. 24-43, dez. 2013.

FARIA FILHO, L. M. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 44-50, Junho. 2000.

FÁVERO, E. T. **Questão social e perda do poder familiar**. São Paulo: Veras, 2007.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERRY, L. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FEVORINI, L. B; LOMÔNACO, J. F. B. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 73-89, jun. 2009.

FOUCAULT, M. “É Importante Pensar?”. In: MOTTA, M. B. de (org). **Repensar a Política / Ditos e Escritos VI**. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 354-358. 2010.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 17. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2006.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

GAITÁN, A. Protagonismo infantil. In: GAITÁN, A. **La participación de niños y adolescentes em el contexto de la Convención sobre lo derechos de niño: visiones y perspectivas**. Bogotá: Actas del seminário, 1997.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 98, p. 85-90. 1996.

GARBÓ, M. J. C. Quién reprueba realmente, la escuela o la familia? **Revista Educarnos**, v. 2, n. 8, p. 11-35, mar. 2013.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GILLY, M. As representações sociais no campo educativo. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 18, n. 19, p. p. 231-252, jun. 2001.

GOMES, A. O. C. **A função social da escola: uma análise das significações constituídas pelos gestores, professores, pais e alunos de uma escola pública paulista.** 2014. 505 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOMES, M. O. **Formação de professores na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. da R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, ago. 2004.

GOMES, H. S. Educação para a família: Uma proposta de trabalho preventivo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.4, n. 1, p. 34-39. 1994.

GOULART, T. C. **Autoridade e Educação: limites e possibilidades de emancipação.** 2008. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

GRACIANI, G. S. **A função social da escola pública brasileira: um estudo exploratório,** 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

HAECHT, A. V. **Sociologia da educação: a escola posta à prova.** Tradução de Sandra Loguercio. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HORKHEIMER, M. Autoridade e Família. In: HORKHEIMER, T. **Teoria crítica: uma documentação,** São Paulo: Perspectiva, 1999.

IBRAHIM, C. M. Família, jovem e constituição da subjetividade. **Revista Nuevaamérica,** Rio de Janeiro, n° 107, p.70-75, Set, 2005

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Censo demográfico 2010. Famílias e domicílios. Resultados da amostra.** Rio de Janeiro, 1– 203, (2012). Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 13 abr.2018.

IRELAND, V. E. (Coord.). **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever.** Brasília, DF: UNESCO, MEC/INEP, jun. 2007.

JOSÉ FILHO, M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania.** 1998. 295 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

KALOUSTIAN, S.M. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo.** Brasília, DF: UNICEF, 1988.

KANT, I. A religião dentro dos limites da simples razão. In: **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. **Artigos e Ensaios**, 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KRAMER, S (Org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** Tradução de Ramon A. Vasques e Sônia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Ática, 1995.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração - a família: santuário ou instituição sitiada?** Tradução de Ítalo Tronca e Lúcia Szmerecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** 1. ed. Londrina: Planta, 2004.

LIBÂNIO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** Goiânia: Alternativa, 2004.

_____. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, Junho, 2001.

LEITE, L. F. **A escola pensada e a escola vivida: discursos sobre a relação família escola.** 2016. 148f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

LOBO, C. Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 59, p. 45-74, jan. 2009. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292009000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M.A.F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez: PUC/SP, 2003.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, A. M. Formas de pensar e agir nos acontecimentos escolares: criando brechas com a psicologia. In: FACCI, M. G. D.; MEIRA, M. E. M.; TULESKI, S. C. A (Org.). **Exclusão dos Incluídos: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2012.

MARCASSA, L. Friedrich Engels - A origem da família, da propriedade privada e do Estado: **Revista de Educação**, Londrina. vol. 9, nº 9. p.85-90, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCHI, R. C. O "ofício de aluno" e o "ofício de criança": articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 1, p. 183-202, 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872010000100009&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MELO, J. R., **Autoridade e família: algumas considerações sobre o Pai**. 2016, 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Goiânia, 2016.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares, 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIRANDA, M. G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MIOTO, R. C. T. Família: trabalho com família e Serviço Social. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v.12, n.2, p.163-176, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7584/683>, Acesso em: 17 abr. 2018.

MIOTO, R. C. T. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. In: **Serviço Social e Sociedade**. n. 55, São Paulo: Cortez, 1997.

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 112, Mar.2001.

MORAES, E. M. A. **Infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação**. 2010.168p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MORAGAS, R. M. As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. **Revista A Terceira Idade**, São Paulo, v.15, n.29, p.7-27, jan. 2004.

MOREIRA, E. M., VASCONCELLOS, K. E. L. Infância, infâncias: o ser criança em espaços socialmente distintos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 24, n.76, p.165-80, nov. 2003.

MORENO, G.L. **A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina**. 2012, 343 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN S. M. **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez; p. 28-35. 2004.

NOGUEIRA, M. A. Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 155-170, jul. 2006. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a10.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2018. Acesso: 10 nov. 2017.

_____. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 133-184, maio /ago. 2004.

NORONHA, E. L. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância**. 2011, 365p. Tese (Doutorado em Estudos da Criança- Especialidade Sociologia da Infância) - Universidade do Minho, Braga, 2011.

NÓVOA. A. (Org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

NÓVOA. A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, L. M. **A relação família-escola nos periódicos científicos brasileiros (2000-2013)**. 2015, 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

OLIVEIRA, H. C. Família: mudanças e permanências. In: **Rev. Mediações**, v. 4, n.1, p.47-52. Londrina: 1999.

OLIVEIRA, L. de C. F. **Escola e família numa rede de (des)encontros**. Um estudo das representações de pais e professores. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

OLIVEIRA, J. L. C.; MUNIZ, F. J. F. **Curso de direito de família**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2002.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios** [online]. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org.>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 1, p.99-108, Mar. 2010.

PADOVINI, B. R. S. **Contribuições da família no processo de escolarização na infância: limites e possibilidades.** 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

PARO, V. H. **Exercício do poder: crítica ao senso comum em educação.** São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino.** São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Gestão democrática da escola pública.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Escritos sobre educação.** São Paulo: Xamã, 2001.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

_____. Participação da Comunidade na Gestão Democrática da Escola Pública. IN: **Gestão Democrática da Escola Pública.** São Paulo: Ática, 1997.

PAROLIN, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares.** Fortaleza: Anais, 2003. (5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste).

PARREIRA, L. A. **Famílias e Educação: parceiras?,** 2013, 127 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca. 2013.

PAVANI, M. V. **Um estudo sobre a relação família escola em contextos diversos: a ótica dos pais,** 2014. 185p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2014.

PEREIRA, P. A. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: SALES, M. A.; MATOS, M. C.; LEAL, M. C. (Org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PERELSON, S. A parentalidade homossexual: Uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês atual. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v.14, n.3, p.709-730, 2006.

PEREZ, M. C. A. **Infância, Família e Escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares.** São Carlos: Suprema, 2007.

PEREZ, M. C. A. Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola, **Práxis Educacional,** Vitória da Conquista, BA, v. 8, n. 12, p. 11-25 jan./jun. 2012.

PEREZ GOMEZ, A. I. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SÁCRISTÁN, J. G.; PEREZ GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Porto Editora, 1995.

PETRINI, J. C. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum-Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte:, v. 8, p. 20-37, 2005.

PETRINI, J. C. Notas para uma nova antropologia da família In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L.V. C.; ALCÂNTARA, M. A. R. **Família XXI: entre pós-modernidade e cristianismo**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1. São Paulo: USP. 2007.

PIRES, F. O que as crianças podem fazer pela antropologia? **Horiz. antropol.** Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 37-157, dez. 2010.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 9, n. 2, p.303-312, 2005.

PÔSTER, M. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRISZKULNIK, L. A criança que a psicanálise descortina: considerações. In: ROSE JR, D. (Org.), **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

QVORTRUP, J. A infância na Europa: novo campo de pesquisa social. In: **Textos de Trabalho nº1**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, 1999.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. Interação escola-famílias: concepções de professores e práticas pedagógicas. In: MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (Org.), **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

REIS, J. R.T. Família, Emoção e Ideologia in: In: LANE, S.; CODO, W. **Psicologia Social o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

REIS, R. **Os professores da escola pública e a educação escolar de seus filhos: uma contribuição ao estudo da profissão docente**. São Paulo: Paulinas, 2006.

RELVAS, A. Família com filhos na escola, In: **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica**, 2. ed., Porto: Afrontamento, 2000.

RESENDE, A. C. A. Da relação indivíduo e sociedade. **Educativa**. Goiânia, v.10, n. 18, p. 29-46, 2007.

RIBEIRO, D. F. **Os bastidores da relação família e escola**. 2004. 266f. Tese (Doutorado em Ciências – Área Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP–Departamento de Psicologia. Ribeirão Preto, 2004.

RIBEIRO, D. F.; ANDRADE, A. S. **A assimetria na relação entre família e escola pública**.

Paidéia, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a09.pdf>>

RIZZINI, I.; PILOTTI, F. (Org.). **A Arte de Governar Crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMANELLI, G. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família & Escola: novas perspectivas para análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.29-59.

_____. Famílias de classes populares: socialização, e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa NEP**, São Paulo, v.1-2, p. 25-34, 1997.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, L. P. **As experiências estéticas da criança: um estudo a partir do *habitus* do professor e do trabalho com a arte na educação infantil**, 2015, 241f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO M. J. (Coord.). **As crianças contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997. (Coleção Infans – Centro de estudos da criança.)

SARMENTO, M. J. A Reinvenção do Ofício de Criança e Aluno. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.

_____. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). *Estudos da Infância. Educação e Práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in) visível**. Araraquara: J&M Martins, 2007.

_____. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 17-40, jan. 2005a.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, ago. 2005b. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 04 abr. 2018.

_____. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

_____. Os ofícios da criança. In: Congresso Internacional – Os mundos sociais e culturais da infância. **Atas**. v. II. Braga: IEC/Uminho, 2000.

SARMENTO, T. (Org.). **Infância, família e comunidade**: As crianças como actores sociais, Porto: Porto Editora, 2009.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

_____. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. (Org.). **Família**: redes laços e políticas públicas. 5. ed. São Paulo: Cortez/PUC-SP, 2003.

_____. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007.

_____. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal- Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, dez. 2014.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Educação**: do senso comum à consciência. São Paulo: Cortez, 1991.

SAMPAIO, D. **A razão dos avós**. 3. ed. Lisboa: Caminho, 2008.

SAWAIA, B. B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família**: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez/ PUC/SP, 2003.

SAYÃO, R. A.; AQUINO, G. J. **Família**: modos de usar. 2. ed., Campina, SP: Papyrus, 2006.

SEGALEN, M. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1996.

SECCO, L. **Gramsci e o Brasil**: recepção e difusão de suas ideias. São Paulo: Cortez, 2002.

SETTON, M. da G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 90, p.77-105, jan./abr. 2005.

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 296.2009.

SILVA, P. Escola-Família: tensões e potencialidades de uma relação. In: LIMA, J. Á. (Org.). **Pais e professores**: um desafio à cooperação, Porto: Asa, 2002.

SILVA, D. N. da. **Significações de pais e professores sobre a relação família-escola: as armadilhas de um (des)encontro.** 2014. 198f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SILVA, M. L. G.; CAVALCANTE, L. M. Relação família/escola: As contribuições da família no processo pedagógico vivido na educação infantil. **IV-Fórum Internacional de Pedagogia.** Paraíba, PB. 2012.

SILVA, T. T. (Org.). **Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SILVEIRA, C. V. S. S. **Educação Infantil: Lições de quem estuda psicologia.** (Org.) MOREIRA, L.V.C. 1. ed. Salvador, v. 1, 2002.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SIQUEIRA, R. M. **Do Silêncio ao Protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança.** 2011. 222p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 112, p. 7-37, mar. 2001.

SOUZA, E. R. de. **A escola como instituição social: revisitando a função social da escola** 2013, 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação. Londrina, 2013.

SOUZA, V. L. T.; ANDRADA, P. C. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia,**n. 30, p. 355-365. 2013.

STEWART, E. W.; GLYNN, J. A. **Sociologia: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1978.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Liber, 2010.

_____. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Liber Livro, 2007.

_____. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. **A família contemporânea em debate.** 6. ed. São Paulo: Educ/Cortez, 2005.

_____. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Revista Serviço Social e Sociedade,** São Paulo, ano 21, n. 71, p. 9-25, set.2002.

_____. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M.C.B (Org.). **A família contemporânea em debate.** 3. ed. São Paulo: 2000.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A M. M.; Visões de professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da educação infantil. **Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPED.** p.1-16. Caxambu. 2001. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br>>. Acesso em: 04 maio 2018.

TAVARES, C. M. M.; NOGUEIRA, M. de O. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria, **Revista Formação@Docente** . Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p.43-57, jan/jun 2013.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.

TEIXEIRA, S. M. Família e proteção social: uma relação continuamente (re)atualizada. **Emancipação** [On-line], Ponta Grossa, v. 13, p. 75-86, 2013.

TEPEDINO, G. Novas formas de entidades familiares: efeitos do casamento e da família não fundada no matrimônio. **Temas de direito civil**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

TOLEDO, L. R. Di M. C. A família contemporânea e a interface com as políticas públicas. **Ser Social**, Brasília, n. 21, p. 13-44, jul./dez. 2007.

TOLEDO, C. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TFOUNI, L. V. *et al.* Afinal, para que serve a escola? representação feita por adultos alfabetizados e analfabetos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, n.4, p. 31-36, jul. 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, J. D.; FAVARO, N. A. L. G. Os desafios do trabalho docente na sociedade capitalista. **Travessias**, Cascavel, v. 4, p. 504-525, 2009.

VEIGA, I. P. A. A profissionalização docente: uma construção histórica e ética. In: VEIGA, I. P. A.; ARAÚJO, J. C. S.; KAPUZINIÁK, C. **Docência**: uma construção ético-profissional. Campinas, SP: Papirus, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família, Redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, dez. 2007.

YUNES, M. A. M. *et al.* Família vivida e família pensada na percepção de crianças em situação de rua. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 11, n. 21, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2001000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de jan 2018.

XAVIER, L. N. A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 827-849, dez. 2014.

ZAGO, N. Processo de escolarização nos meios populares: as contribuições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A. ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escolas: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (Org.). **Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZAMBERLAM, C. de O. **Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ZANETTI, S. A. **Os efeitos da fragilização dos papéis parentais em determinados comportamentos de crianças no ambiente escolar, na contemporaneidade**. 2008. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2008.

ZAPAROLI S. C; GRACIANO, C. S. M. Apontamentos sobre a ética e sua importância no contexto familiar, religioso, empresarial e escolar. **Ciência ET Praxis**, [S.l.], v. 4, n. 08, p. 35-44, abr. 2011.

ZAPAROLI, S. C.; MATTAR, J. B. L. Repensando a família como espelho para a sociedade através dos seus valores. **Revista Libertas**. Juiz de Fora, 1. ed. v. 11. Juiz de Fora: Libertas, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A:Entrevista semiestruturada gestor, coordenador, professor

1- IDENTIFICAÇÃO:

1.1- Nome: _____

1.2- Idade:_____

1.3- Sexo: () Feminino () Masculino

1.4 - Estado Civil.

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() Separado(a)/ Divorciado(a)

() Viúvo(a)

Outro: _____

2 – DADOS PROFISSIONAIS:

2.1- Escolaridade do(a) responsável pela criança.

() Não frequentou escola.

() Ensino fundamental incompleto.

() Ensino fundamental completo.

() Ensino médio incompleto.

() Ensino médio completo.

() Ensino superior incompleto.

() Ensino superior completo. Qual? _____

() Pós graduação incompleto. Qual? _____

() Pós graduação completo. Qual ? _____

2.2 - Há quanto tempo atua na escola?

() Menos de 1 ano.

() De 1 a 5 anos.

() De 5 a 10 anos.

() De 10 a 15 anos.

() De 15 a 20 anos.

() De 20 a 25 anos.

() Mais de 25 anos.

3 -DESENHOS DE FAMÍLIA

3.1-Que tipo de desenhos de família você encontra nos grupos de crianças?

() famílias tradicionais (pai, mãe e filhos biológicos).

() famílias constituídas com o auxílio da medicina, muitas vezes, resultando na gestação múltipla – gêmeos, trigêmeos, quadrigêmeos etc.

() famílias constituídas por meio da adoção etc.

() famílias monoparentais.

() famílias unidas e reconstituídas.

() famílias constituídas por uniões homossexuais

3.2 – Como você vê a importância da família na formação da criança?

4 – SIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA

- 4.1 Qual a função da escola na educação das crianças ?
- 4.2 O que significa escola para você?
- 4.3 Por quê a escola é importante para você? E para o seu aluno?
- 4.4 Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo do aluno?
- 4.5 Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?

5: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

- 5.1 Qual o significado do papel da família no processo de aprendizagem da criança ?
- 5.2 O que você acha que as famílias pensam sobre a escola?
- 5.3 O que você pensa sobre a relação família-escola?
- 5.4 O que a escola deve esperar da família?
- 5.5 Qual o significado do papel da família no processo de aprendizagem da criança?
- 5.6 Qual o significado você acha que a família tem para a escola?
- 5.7 Na sua opinião quais as responsabilidades de cada um desses sistemas: escola e família?
- 5.8 Como os alunos poderiam participar na relação família-escola?
- 5.9 Esta instituição utiliza alguma estratégia para aproximar a família da escola?
- 5.10 Qual o significado você acha que a família tem para a escola?
- 5.11 Você acha que os pais reservam um tempo para acompanhar os estudos de seu filho?
Caso sim, qual a rotina? Caso não, por quê?
- 5.12 A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Como você enquanto professora participa?
- 5.13 Você acha importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família?
- 5.14 Para você, como a escola/professores veem os pais?

6: LIVRE

O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma informação para finalizar:

APÊNDICE B: Entrevista semiestrutura pais/responsáveis

1: IDENTIFICAÇÃO:

1.1- Nome: _____

1.2- Idade: _____

1.3- Sexo: () Feminino () Masculino

1.4- Grau de Parentesco com o educando.

() Mãe

() Pai

() Avô/Avó

() Irmão/Irmã

() Tio/Tia

() Outro: _____

1.5 - Estado Civil.

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() Separado(a)/ Divorciado(a)

() Viúvo(a)

Outro: _____

1.6-Possui filhos?

() Não () Sim - Quantos? _____

1.7- Quem é o responsável direto pela criança? _____

2: QUESTÕES SÓCIO-ECONÔMICAS

2.1 - Habitação

() própria () alugada () cedida () financiada

2.2 – Renda Familiar

() menos de 1 salário mínimo

() 1 salário mínimo

() 2 salários mínimos

() 3 salários mínimos

() 4 salários mínimos

() acima de 5 salários mínimos

3: ESCOLARIDADE

3.1 - Escolaridade do(a) responsável pela criança.

() Não frequentou escola.

() Ensino fundamental incompleto.

() Ensino fundamental completo.

() Ensino médio incompleto.

() Ensino médio completo.

() Ensino superior incompleto.

() Ensino superior completo.

4: DESENHOS DE FAMÍLIA

4.1- O que é família para você?

4.2 - Quantos moram na casa?

- () 2 pessoas
 () 3 a 5 pessoas
 () acima de 6 pessoas

4.3 - Como é constituída a sua família?

- () pais e filhos
 () padrasto/mãe e filhos
 () madrasta/pai e filhos
 () mãe e filhos
 () pai e filhos
 () pais/ filhos/ avós
 () outro. Qual: _____

4.4 - Idade e Número de Filhos:

- () Até 5 anos () De 5 a 8 anos () De 9 a 11 anos
 () De 12 a 14 anos () Acima de 14 anos

4.5- Como você vê a importância da família na formação da criança?

5: SIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA

- 5.1 -Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos ?
 5.2 - O que significa escola para você?
 5.3 - Por quê a escola é importante para você? E para o seu filho?
 5.4 - Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo do seu filho?
 5.5 - Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?

6: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

- 6.1- Qual o significado do papel da família no processo de aprendizagem da criança?
 6.2 - Qual o significado você acha que a família tem para a escola?
 6.3 - Como é o relacionamento entre a sua família e a escola da criança?
 6.4 - Você reserva um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, por quê?
 6.5 - A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Você participa?
 6.6 - Você acha importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família?
 6.7 - Para você, como a escola/professores veem os pais?

7: LIVRE

O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma informação para finalizar

APÊNDICE C: Roteiro de condução para roda de conversa com as crianças

1: DESENHOS DE FAMILIA

- 2.1 - Como é constituída a sua família?
- 2.2 - Quantos moram na casa?
- 2.3 -- O que é família para você?

2: SIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA

- 3.1 - Para você, para que serve a escola?
- 3.2 - Por quê você acha importante vir pra escola?
- 3.3 - Quais as coisas mais importantes para fazer na escola? Por que?
- 3.4 - Conte-me 3 coisas que você mais gosta na escola e 3 coisas que você menos gosta.

3: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

- 4.1 - O que seus pais falam para você sobre a escola?
- 4.2 – Para você, o que significa aprender? Como se aprende?
- 4.3 - Se você pudesse escolher, você estudaria ou não? Por que?
- 4.4 - Como você vê a presença de seus pais ou responsáveis na escola?
- 4.5 - Qual o tipo de relação dos seus pais ou responsáveis com seus professores?
- 4.6 - O que você acha que seus pais ou responsáveis pensam sobre sua escola?
- 4.7 - O que você acha que seus pais ou responsáveis pensam sobre seus professores?
- 4.8 - Você acha importante seus pais participarem das reuniões na escola? Por que?
- 4.9 - Seus pais lhe ajudam nas atividades da escola? Como?
- 4.10 - Quando você aprende algo novo na escola, como você se sente? Você mostra aos seus pais o que aprendeu? O que eles dizem sobre isso?
- 4.11 - Pra você, quem é a professora? Conte-me coisas interessantes que você vê no trabalho dela.

APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais/Responsáveis



PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Pais/Responsáveis

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA INSTITUIÇÃO E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**

Meu nome é **Fabiane de Oliveira Cordeiro**, sou a **pesquisadora responsável deste projeto**, mestranda em **Educação**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o (a) **com a pesquisadora responsável Fabiane de Oliveira Cordeiro**, ou com o (a) orientador (a) da pesquisa **Professor (a) Dr. Romilson Martins Siqueira**, nos telefones: **(62) 3229 0335 / (62) 9636 9418**, ou através do e-mail **fafacordeiro@hotmail.com**. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira. O Comitê de Ética em Pesquisa é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Sua aceitação significa que concorda em responder uma entrevista que será marcado de acordo com a sua disponibilidade. Faremos uma entrevista semiestruturada com a senhor (senhora) com duração de aproximadamente 50 minutos. A entrevista objetiva busca compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família e a escola.

A entrevista objetiva compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família e a escola.

Justifica-se a realização da pesquisa, uma vez que, nas instituições educacionais, as famílias são parceiros dos educadores e estão diretamente interessados na função que ela exerce na vida de cada

um e na forma que contribuem no processo de apropriação do conhecimento de si, do outro e do mundo que as cerca. Desse modo, o processo como essa relação acontece e é permeado por tudo aquilo que cada um traz de seu contexto sociocultural e também pelas mediações recebidas ao longo deste processo, ou seja, pelas formas como cada um traz de sentido e significado do que é realmente a relação família-escola e do que é a escola na vida de seus filhos e na sua própria. Assim, é objetivo da pesquisa **compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família-escola.**

O estudo será feito da seguinte maneira a escola enviará um questionário para os pais de alunos da sala do 1ª ano do ensino fundamental da escola pesquisada, nele constará questões voltadas para entendermos os sentidos e **significados da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família-escola a partir das concepções que as famílias demonstram com relação à escola e da escola com relação à família, ou seja, sobre os diferentes olhares: a escola, a família e a criança.**

A presente pesquisa é de risco mínimo para os participantes, pois não visa em nenhum momento o constrangimento ou violação do direito ou privacidade das crianças e do professor participantes. Mas você pode eventualmente sentir-se constrangido (a) por estar sendo observado (a) ou por ser solicitado (a) a responder alguma questão da pesquisa. Se isso ocorrer, você poderá desistir a qualquer momento, bem como poderá deixar de responder qualquer pergunta que não se sinta confortável em responder, sem qualquer constrangimento ou prejuízo de sua função na instituição em que trabalha. A pesquisadora também estará atenta para essas questões e poderá suspender suas atividades quando perceber que está provocando qualquer tipo de sentimento adverso. E se mesmo assim a senhora se sentir de alguma forma prejudicada em participar da pesquisa, terá assegurado o direito à indenização por quaisquer danos eventualmente causados. Não cabe ressarcimento na presente pesquisa, uma vez que os participantes não terão qualquer tipo de gasto ou prejuízo. Caso os participantes sintam-se prejudicados de alguma forma ao participar deste estudo, poderá requerer indenização em termos legais, e eu, enquanto pesquisadora, fico passível de decisão judicial.

Os benefícios desta pesquisa estão em oportunizar meios para a emancipação e reflexão dos participantes acerca de sua participação na relação família e escola e na formação de nossas crianças. Serão apresentados resultados parciais da pesquisa no curso da mesma, e em qualquer etapa ou momento, você poderá retirar seu consentimento e não mais participar.

Os resultados da pesquisa serão comunicados à comunidade acadêmica e órgãos legitimados para que possam vir a contribuir para a melhoria da relação família e escola, contudo preservando a imagem do participante da pesquisa, assegurando que o mesmo não seja estigmatizado e que receba a assistência devida em todo o processo de pesquisa, caso seja necessário.

O pesquisadora responsável por este estudo declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será

absolutamente confidencial e sigilosa, que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Declaro para os devidos fins que cumprirei com legitimidade os itens IV. 3 (letra a, b, c, d, e, f, g, e h) da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 510/16.

Eu _____, abaixo assinado, discuti com a **Fabiane de Oliveira Cordeiro** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Goiânia, ____, de _____, de 2017.

_____	___/___/___
Assinatura do participante	Data
_____	___/___/___
Assinatura do pesquisadora	Data

**APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e esclarecido-
Gestor/Coordenador/Professor**



**PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gestor/Coordenador/Professor

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA INSTITUIÇÃO E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**

Meu nome é **Fabiane de Oliveira Cordeiro**, sou a **pesquisadora responsável deste projeto**, mestranda em **Educação**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o (a) **com a pesquisadora responsável Fabiane de Oliveira Cordeiro**, ou com o (a) orientador (a) da pesquisa **Professor (a) Dr. Romilson Martins Siqueira**, nos telefones: **(62) 3229 0335 / (62) 9636 9418**, ou através do e-mail **fafacordeiro@hotmail.com**. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira. O Comitê de Ética em Pesquisa é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

A pesquisa acontecerá na própria instituição em um momento agendado previamente. O local será conforme a disponibilidade da escola (sala dos professores, pátio, sala da coordenação). Faremos uma entrevista semiestruturada com a senhor (senhora) com duração de aproximadamente 50 minutos. A entrevista objetiva busca compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família e a escola. Justifica-se a realização da pesquisa, uma vez que, nas instituições educacionais, as famílias são parceiros dos educadores e estão diretamente interessados na função que ela exerce na vida de

cada um e na forma que contribuem no processo de apropriação do conhecimento de si, do outro e do mundo que as cerca. Desse modo, o processo como essa relação acontece permeado por tudo aquilo que cada um traz de seu contexto sociocultural e também pelas mediações recebidas ao longo deste processo, ou seja, pelas formas como cada um traz de sentido e significado do que é realmente a relação família-escola e do que é a escola na vida de seus filhos e na sua própria. Assim, é objetivo da pesquisa compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família-escola.

Sua aceitação significa que concorda em responder a uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora, que será gravada em áudio e vídeo, de modo que possam ser transcritas e analisadas. Essa entrevista semiestruturada será agendada previamente, na própria instituição, e com duração de aproximadamente 50 minutos. A entrevista objetiva evidenciar qual a visão da senhora (senhor) quanto ao sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família-escola.

A presente pesquisa traz o mínimo de risco ao participante. O risco possível é um certo desconforto ou constrangimento por se tratar de exposição de fatos dialogados referentes a seu lado profissional. Por isso, será respeitado o tempo necessário que os participantes necessitam para responder às questões propostas no momento da entrevista, e a pesquisadora não conduzirá a atividade, de forma que os constrangimentos sejam minimizados. Caso a senhora (senhor) se sinta lesado de alguma forma com a participação fica garantida a assistência integral e gratuita por danos diretos ou indiretos, imediatos ou tardios, advindos desta participação. Não cabe ressarcimento na presente pesquisa, uma vez que os participantes não terão qualquer tipo de gasto ou prejuízo. Caso os participantes sintam-se prejudicados de alguma forma ao participar deste estudo, poderá requerer indenização em termos legais, e eu, enquanto pesquisadora, fico passível de decisão judicial.

Os benefícios desta pesquisa estão em oportunizar meios para a emancipação e reflexão dos participantes acerca de sua participação na relação família e escola e na formação de nossas crianças. Serão apresentados resultados parciais da pesquisa no curso da mesma, e em qualquer etapa ou momento, você poderá retirar seu consentimento e não mais participar.

Os resultados da pesquisa serão comunicados à comunidade acadêmica e órgãos legitimados para que possam vir a contribuir para a melhoria da relação família e escola, contudo preservando a imagem do participante da pesquisa, assegurando que o mesmo não seja estigmatizado e que receba a assistência devida em todo o processo de pesquisa, caso seja necessário.

O pesquisadora responsável por este estudo declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa, que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

APÊNDICE F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais/Responsáveis



PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Pais/Responsáveis

Você está sendo convidado(a) *a autorizar seu(ua) filho(a) a participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa “ A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA INSTITUIÇÃO E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA*

Meu nome é **Fabiane de Oliveira Cordeiro**, sou a pesquisadora responsável, mestranda em educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar que seu filho(a) faça parte do estudo, este documento deverá a ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade da Pesquisadora responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em *caso de recusa, o Senhor(a) e nem seu(ua) filho(a) não serão penalizados(as) de forma alguma*. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato **com a pesquisadora responsável Fabiane de Oliveira Cordeiro**, ou com o orientador da pesquisa **Professor (a) Dr. Romilson Martins Siqueira**, nos telefones: **(62) 3229 0335 / (62) 9636 9418**, ou através do e-mail **fafacordeiro@hotmail.com**. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

A pesquisa *acontecerá no momento disponibilizado pela instituição escolar* do qual seu(ua) filho(a) participa. *Ocorrerá pela para o processo de escuta das crianças onde serão utilizadas: roda de conversa, grupos focais, desenhos, bricolagem, desenhos, atividades dirigidas em pequenos grupos*. Portanto, *eu registrarei através de fotos e filmagens as falas das crianças*. Isto deve durar aproximadamente quarenta minutos.

Justifica-se a realização da pesquisa, uma vez que, que entende que tomar a criança como sujeito é refletir na sua relação com a sociedade e no modo como a criança e a sociedade se constituem mutuamente e que elas podem contribuir no entendimento da relação *família-escola e do que é a escola para a família e para si*.

Meu *objetivo compreender qual o sentido e significado da escola na formação/socialização das crianças a partir da relação família-escola*.

A presente pesquisa é de risco mínimo para seu(sua) filho(a), pois não visa em nenhum momento o constrangimento ou violação do direito ou privacidade das crianças. Mas eventualmente seu(sua) filho(a) pode se sentir constrangido (a) com a presença da pesquisadora. Se isso ocorrer, eu saberei administrar com cuidado essa questão e, se necessário, posso suspender a observação das atividades, bem como a criança poderá desistir a qualquer momento e ficar sob a supervisão de outra professora da instituição

Quero apenas ouvir das crianças o que elas entendem sobre o sentido e o significado da escola na vida dela e entender o trabalho das professoras e ver como elas conduzem estas atividades. Se por algum motivo o senhor(a) sentir que esta pesquisa não cumpra com os objetivos que aqui apresentados, seu (sua) filho(a) terá assegurado o direito de assistência integral e gratuita.

Caso o senhor(a) se sinta lesado(a) de alguma forma com a participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa, ***terá assegurado o direito a ressarcimento ou indenização por quaisquer danos ou prejuízos eventualmente causados pela pesquisa.*** A princípio, não cabe ressarcimento na presente pesquisa, uma vez que os participantes não terão qualquer tipo de gasto ou prejuízo. Caso os participantes sintam-se prejudicados de alguma forma ao participar deste estudo, poderá requerer indenização em termos legais, e eu enquanto pesquisadora, ficarei passível de decisão judicial.

As informações obtidas serão utilizadas unicamente para atender aos objetivos fins da pesquisa. A identidade do seu (sua) filho (a) será mantida em sigilo. Também haverá o devido cuidado no manuseio dos instrumentos utilizados na coleta de dados, os quais ficarão seguramente arquivados e, após cinco anos, serão queimados e destruídos.

Serão apresentados resultados parciais da pesquisa no curso da mesma, ***e em qualquer etapa ou momento, o(a) senhor(a) poderá retirar o consentimento de seu(a) filho(a) e não ele mais participará.*** Os resultados da pesquisa serão comunicados à comunidade acadêmica e e órgãos legitimados para que possam vir a contribuir para a melhoria da relação família e escola.

Eu _____, abaixo assinado, discuti com o Mestranda Fabiane de Oliveira Cordeiro sobre a minha decisão em relação ao meu filho/responsável participar nessa pesquisa. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Goiânia, ____, de _____, de 2017.

Assinatura dos pais/responsável

Assinatura da pesquisadora

__/__/____

Data

__/__/____

Data

APÊNDICE G: Autorização de uso de imagens das crianças



PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
MESTRADO E DOUTORADO

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS DAS CRIANÇAS NA PESQUISA: "A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA-INSTITUIÇÃO E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA"

Data: ___/___/___

Instituição: _____

Série: _____

Pesquisadora: Fabiane de Oliveira Cordeiro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os Pais e/ou Responsáveis

Eu, _____ na qualidade de responsável legal da criança _____, brasileiro(a), com _____ anos de idade, nascida em ___/___/_____, regularmente matriculada no _____, autorizo a participação desta criança na pesquisa intitulada "**A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: RELAÇÃO FAMÍLIA-INSTITUIÇÃO E SUAS TENSÕES NA AÇÃO COMPARTILHADA**", realizada pela mestrandia Fabiane de Oliveira Cordeiro, estudante do Programa de Pós-graduação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob orientação do Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira.

Autorizo também a divulgação de imagens da referida criança bem como sua fala transcrita pela pesquisadora para **fins exclusivamente acadêmicos** e para a promoção de discussão sobre a educação de crianças pequenas.

Por ser expressão da verdade, firmo o presente para todos os fins de direito

Goiânia, ___ de _____ de 2017.

Assinatura dos pais/responsáveis

Atenciosamente,

Fabiane de Oliveira Cordeiro
Pesquisadora



APÊNDICE H: Termo de Assentimento

PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PONTIFÍCIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
MESTRADO E DOUTORADO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Olá criança!

Sou a Fabiane quero lhe fazer um convite: você quer, como voluntário/a para participar de uma pesquisa **"A função social da educação: relação família-escola e suas tensões na ação compartilhada"** O que é esse projeto de pesquisa? Essa pesquisa quer entender a função que a escola exerce na sua vida e o papel que tem na família. Onde vai acontecer? Aqui na sua escola. Como vai ser? Vamos nos reunir, fazer algumas atividades de desenhos, rodas de conversar e neste momento vou filmá-las e fotografá-las, para depois rever com calma as cenas e assim, conhecer mais sobre conhecer mais sobre como você aprendeu e socializou suas atividades.

Se você quiser participar da atividade, ficará com uma folha igual a essa e vai deixar sua assinatura. Mas se você **não quiser participar, não terá nenhum problema tudo vai ficar do mesmo jeito. Basta pedir para sair da pesquisa a qualquer momento.**

Para você poder participar, **a pessoa que cuida de você terá que deixar também uma autorização por escrito.** A pessoa que cuida de você não vai pagar nada para você participar. **Tudo o que você quiser perguntar a gente vai responder. A pessoa que cuida de você também pode pedir para você não participar mais, a hora que ela quiser.**

Goiânia, ___ de _____ de 2017

Auto-Retrato

A minha assinatura pela reescrita
do meu nome

Eu dono (a) desse desenho e dessa assinatura, **entendi o que a Fabiane vai fazer nessa atividade de pesquisa.** Tudo o que eu não entender posso perguntar e sei que eu e a pessoa que cuida de mim poderemos mudar de ideia e não mais participar. Peguei uma folha igual a essa, sendo que a Fabiane e meus responsáveis leram pra mim.

APÊNDICE I: SÍNTESE DA PESQUISA: A ÓTICA DAS CRIANÇAS

QUADRO SÍNTESE 1: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Concepções de Família		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Hoje nós vamos falar sobre a família, e o que eu quero nesse papel aqui que vocês desenhem a família.</p> <p>Liz: Pode desenhar dos dois lados? Eu quero fazer a minha família aqui em Goiânia, eu tenho outra família lá no Pará e uma lá da Bahia. Porque a da minha mãe é lá de Bahia e o do meu pai é de Pará é eu tenho outra aqui. Depois você me dá mais papel pra eu desenhar a minha família do Pará e da Bahia?</p> <p>Pesquisadora: Vamos desenhar, vamos ver a família de vocês. Como é sua família.</p> <p>Pedro: Minha irmã, minha mãe e eu. Pronto.</p> <p>Pesquisadora: E?</p> <p>Pedro: Mas eu não vou desenhar só ela, eu vou desenhar meu pai, minha irmã, minha outra irmã que é mais velha.</p> <p>Pesquisadora: Mas seu pai não mora na sua casa não?</p> <p>Liz: Separados?</p> <p>Pedro: É porque eles ‘tavam’ namorando aí se separou.</p> <p>Pesquisadora: Liz quem mora na sua casa?</p> <p>Liz: Eu, meu pai e minha mãe e meu cachorro.</p> <p>Pesquisadora : E você Lara como é constituída a sua família?</p> <p>Lara: Ihhh tem muitoooo</p> <p>Pesquisadora: Tem muita gente na sua família</p> <p>Liz: é porque é assim a casa da mãe aí, lá tem um portão que pode passar pra casa da avó dela.</p>	<p>Pesquisadora: Quem aqui que mora com a família? Quem é a família?</p> <p>Paula: Eu moro com o meu pai, com a minha mãe e com a minha irmã.</p> <p>Marcos: Eu não moro com a minha família toda não, eu só moro com a minha mãe, meu pai, meu irmão mora em outro lugar</p> <p>Pesquisadora: Você tem um irmão? Ele é que tamanho?</p> <p>Marcos: Ele tem 21 anos</p> <p>Pesquisadora: E ele é filho de quem?</p> <p>Marcos: Ele é filho da Andréia que é minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: Terminou de desenhar Marcos?</p> <p>Marcos: Tia, mais tem muita família pra eu fazer.</p> <p>Pesquisadora: É quem que tá faltando ai pra fazer?</p> <p>Marcos: Ehh ta faltando minha vó.</p> <p>Marcos: Meu tio que eu tenho uns 40 tio também, ta faltando meu outro tio.</p> <p>Pesquisadora: é você vai desenhar todos os tios, você quer desenhar todinha a sua família ou só a que mora mais pertinho de você.</p> <p>Marcos: Só a que mora mais perto de mim.</p> <p>Pesquisadora: Quem é sua família me conta[...]</p> <p>Marcos: Meu tio, peraí, eu, minha mãe, meu pai, meu avô, meu tio. Meu irmão não mora</p>	<p>Pesquisadora: Vocês vão desenhar a família de vocês. A família é importante?</p> <p>Crianças: Sim</p> <p>Pesquisadora: Que tanto?</p> <p>Yara: Muito</p> <p>Ricardo: Muito, muito, muito</p> <p>Yara: Mas que tudo no mundo</p> <p>Pesquisadora: Vamos desenhar, vamos ver a família de vocês. como é sua família</p> <p>Yara: A minha família é eu, meu irmão, minha irmã, meu pai e minha mãe. Meu irmão é um bebê e minha irmã e uma adulta jovem. Risos</p> <p>Ricardo: Minha família é meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã. Meu irmão é o mais maior.</p> <p>Pesquisadora: Quantos anos ele tem?</p> <p>Ricardo: Ele tem 8 e eu tenho 6 e minha irmãzinha tem 5.</p> <p>Igor: Eu quero falar.</p> <p>Pesquisadora: Fala Igor quem é a sua família?</p> <p>Igor: Minha avó, eu, minha mãe.</p> <p>Ricardo: É só</p> <p>Igor: É só, eu minha mãe.</p> <p>Obs.: A mãe do Igor cria ele sozinha, e o pai vem visitá-lo de vez em quando, mas ela relata que o desejo dela era tentar uma doação de espermatozoide, mas que aconteceu e não tem como deixar de aceitar a realidade. Mauro é o irmão da mãe.</p>

<p>E lá tem um monte de irmão.</p> <p>Lara: Minha mãe, meu pai, eu o Thiago, o Gabriel, minha avó, meu avô, meu primo, meu outro primo. Risos. 10 pessoas.</p> <p>Pesquisadora: Mora tudo próximo.</p> <p>Lara: Ahhh e dois cachorros</p> <p>Pesquisadora: Você mora na mesma casa que o vovô e a vovó? Como é que é?</p> <p>Lara: Eu tenho duas casas, porque a casa minha é aqui e a casa do meu avô é aqui. (uma casa na frente – da avó e outra casa no fundo – dela)</p> <p>Obs: Lara no desenho fez apenas pai, mãe, irmãos e ela. E ao questionamento da colega onde estavam os avós, ela disse que a família dela não era de 10 pessoas.</p> <p>Pedro: O cachorro não faz parte da família</p> <p>Liz: Eu acho</p> <p>Pesquisadora: Você acha que o cachorro não faz parte da família?</p> <p>Pedro: Porque não.</p> <p>Pesquisadora: E vocês meninas acham que o cachorro faz parte da família?</p> <p>Lara: Simm, eles protegem a gente</p> <p>Liz: Eu sim, aliás se eles não ser. Ele não pode ser um ser humano, mas muito bem ele pode se a gente pensa que ele não é nosso amigo, mas ele vai ser nosso amigo pra sempre até nossa vida acabar.</p> <p>Pesquisadora: O que é a família pra você?</p> <p>Pedro: Minha vida.</p> <p>Lara: é minha vida também.</p> <p>Liz: é minha vida também porque foi minha mãe que me deu a vida.</p> <p>Pedro: Não foi Jesus.</p> <p>Lara: E Jeová.</p> <p>Liz: Foi Jesus, mas Jesus deu</p>	<p>perto, mas eu desenhei ele.</p> <p>Pesquisadora: E você Lucas com quem você mora? Quem é a sua família?</p> <p>Lucas: A minha irmã, minha avó, meu tio que tá pra São Paulo, minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: Todo mundo mora na sua casa?</p> <p>Lucas: Essas todas que eu te falei. Ahhh, eu não moro com o meu pai.</p> <p>Pesquisadora: Lucas onde seu pai mora?</p> <p>Lucas: É no Tocantins, eu acho.</p> <p>Pesquisadora: Você já viu ele?</p> <p>Lucas: Eu já fui pra casa dele.</p> <p>Pesquisadora: De vez em quando ele vem te ver?</p> <p>Lucas: Ele só fica lá, eu só fui lá uma vez.</p> <p>Pesquisadora: Gostou de lá?</p> <p>Lucas: A ‘ma’ ou ‘meno’, ‘ma’ ou ‘meno’.</p> <p>Pesquisadora: João escreve sua família então. Ele então fez ANA, mamãe, JOSE, papai, e escreve o nome dele. JOÃO.</p> <p>Obs.: A criança acima é diagnosticada com síndrome de espectro autista. Tivemos dificuldade em realizar algumas atividades, mas quando pedi pra ele desenhar a família, ele escreveu o nome dos pais e dele.</p> <p>Pesquisadora: E o que é família pra vocês?</p> <p>Lucas: Rapidamente responde CORAÇÃO.</p> <p>Joaquim: Mamãe e papai. (criança autista)</p> <p>Paula: Muito</p> <p>Pesquisadora: Muito o que?</p> <p>Paula: Muito pra mim.</p>	<p>Pesquisadora: E pra você o que é família Igor?</p> <p>Igor: A minha família é bonzinha, oh de vez em quando meu outro papai busca eu.</p> <p>Yara: Você tem dois pais?</p> <p>Igor: Sim, o Mauro e o Dolli.</p> <p>Yara: Sua mãe é casada com dois homens.</p> <p>Igor: Eles são meus amigos eles amam eu.</p> <p>Yara: Então sua mãe é casada com dois homens, é isso?</p> <p>Ítalo: é</p> <p>Ricardo: Nossa Igor nunca tive dois pais.</p> <p>Pesquisadora: Quem são essas pessoas Igor?</p> <p>Igor: elas são três, elas são bonzinhas.</p> <p>Pesquisadora: Quem é essa aqui, essa aqui e essa aqui</p> <p>Igor: Esse sou eu,</p> <p>Pesquisadora: o cabelo é igualzinho hein, e essa aqui é a mãe?</p> <p>Igor: Não é o meu pai, essa é que é a minha mãe.</p> <p>Pesquisadora: E tá faltando alguém aí da sua família?</p> <p>Igor: Ah não!! (expressão de esquecimento) é minha vó.</p> <p>Pesquisadora: Porque você não quer desenhar o pai e a mãe.</p> <p>Yara: Porque não vai cabe.</p> <p>Pesquisadora: Você quer desenhar em outra folha e a gente emenda aqui. Ou você não quer mesmo de jeito nenhum. Porque é pra desenhar a família, quem é a família pra você?</p> <p>Yara: A minha irmã.</p> <p>Pesquisadora: A sua irmã e seu irmão?</p> <p>Yara: Não só a minha irmã</p> <p>Pesquisadora: Seu irmão também não é sua família não?</p> <p>Yara: todo mundo</p> <p>Pesquisadora: Quem é todo</p>
--	--	--

<p>vida pra nossa mãe nascer pra fazer a gente nascer, porque se Deus não colocasse a gente na barriga da nossa mãe, a gente não tinha nascido nem permanecido na terra.</p> <p>Lara: Deus fez a nossa mãe pra gente nascer, a gente ficar uma família muito grande e ser de Deus</p> <p>Pesquisadora: Vocês acham que a família é importante na vida de vocês</p> <p>Liz: Com a família agente é muito feliz, porque a família que nos protege, ela que nos deu educação. É a família, porque se a família não desse educação pra gente, se ela não gostasse da gente nós não ‘tava’ aqui na escola, não ‘tava’ estudando, nós não sabia de nada, nós ficava burro</p> <p>Pesquisadora: E você Lara, acha que a família é importante?</p> <p>Lara: Ela é importante porque ela que Deus mandou.</p> <p>Pedro: Ela é importantíssima. Olha eu vou contar uma coisa aqui e eu acho muito importante, uma coisa menos importante, nem é importante. Qual é mais importante o celular ou a família?</p> <p>Lara: A família</p> <p>Liz: A família</p> <p>Pesquisadora: Porque você tá falando isso Alex?</p> <p>Pedro: é pra saber se elas concorda que a família é melhor que o celular.</p> <p>Pesquisadora: O que fica em primeiro lugar o amor pela família ou celular?</p> <p>Liz: Eu acho que é a família.</p> <p>Pedro: É o amor.</p> <p>Pesquisadora: É o amor que fica em primeiro lugar?</p> <p>Liz:Eu acho que Deus fica em primeiro lugar da minha vida.</p>		<p>mundo na sua família?</p> <p>Yara: A mamãe, o papai, a minha irmã e meu irmão</p> <p>Pesquisadora: Você acha bom ter irmã grande?</p> <p>Yara: porque ela compra as coisas e ela sempre faz uma surpresa quando ela volta de viagem como o namorado dela. Ela sempre trás uma surpresa.</p> <p>Igor: O meu pai todo dia fica é na casa dele, só tem uns dias que o meu pai vem pra minha casa e volta pra casa dele.</p> <p>Pesquisadora: Seu pai vai pra casa dele e ver te ver lá na sua casa e volta pra casa dele?</p> <p>Igor: é.</p> <p>Pesquisadora: isso são os tipos de família que tem né.</p> <p>Igor: Eu tenho dois pais o Mauro e o Dolly.</p> <p>Pesquisadora: Qual mora mais perto de você?</p> <p>Igor: O Mauro, o Dolly é muito longe.</p> <p>Pesquisadora: O Dolly vem quantas vezes?</p> <p>Igor: Só julho</p>
---	--	--

Pesquisadora: E depois? Pedro: (gritando) A família Liz: O amor e depois a minha família		
---	--	--

QUADRO SÍNTESE 2: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Desenhos de Família: como é constituída a sua família?					
Crianças da Rede Pública Municipal	%	Crianças da Rede Pública Estadual	%	Crianças da Rede Privada	%
Família Tradicional	60	Família Tradicional	80	Família Tradicional	80
Família Reconstituída	20	Família Reconstituída	10	Família Monoparental	20
Família Monoparental	20	Família Monoparental	10		

QUADRO SÍNTESE 3: A ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Para você, para que serve a Escola?		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Pra que serve a escola Lara: Aprender</p> <p>Pesquisadora: Aprender e o que mais? Lara: Eu? É aprender a ler e Pedro: escrever</p> <p>Pesquisadora: E pra você? Liz pra que serve a escola? Liz: Pra aprender a ler, escrever e escrever cursiva. Luis Felipe: Pra estudar Lara: E aprender Luis Felipe: E aprender Liz: E aprender a se comportar</p> <p>Pesquisadora: Como a escola ensina a gente a comportar? Pedro: Ela vai lá (a professora) e faz shiiiiiii, shiiii Lara: Ela vai lá no quadro, vai lá e faz a gente ler. Pedro: E vai ensinando a gente, e vai ajudando a gente a ler até a gente conhecer e conseguir Luis Felipe: e dando tarefa Pedro: é é claro né, a gente não vem pra escola pra ficar de boca aberta Liz: A minha mãe fala que é</p>	<p>Pesquisadora: Pra que que serve a escola? Crianças: Pra estudar</p> <p>Pesquisadora: E o que mais? Crianças: Brincar</p> <p>Pesquisadora: Brincar, o que mais que serve a escola. Estudar, brincar e o que mais. Isabela: Educação física Paula: Filme</p> <p>Pesquisadora: Pra que mais serve a escola? Paula: Pra estudar.</p> <p>Pesquisadora: Por que o Lucas acha importante ir pra escola? Lucas: Ah, pra gente ser alguém na vida.</p> <p>Pesquisadora: E você Paula? Paula: Pra aprender a ler</p> <p>Pesquisadora: Que mais? Isadora: Ai, dá pra aprender a estudar. Marcos: Pra ficar mais inteligente. Pesquisadora: E estudar vai</p>	<p>Pesquisadora: Pra que que serve a escola? Yara: Pra aprender matemática Pedro Henrique: pra aprender Igor: Estudar muito Pedro Henrique: Eu vou estudar até ir pra faculdade Ricardo: Pra fazer tarefa e brincar.</p> <p>Yara: Pra tirar nota boa,</p> <p>Pesquisadora: Porque a nota é importante? Yara: Pra você passar e ser muito inteligente.</p> <p>Pesquisadora: Nossa Vitor que tanto de coração no seu desenho, você acha que a escola tem muito amor? Ricardo: Sim, porque ela faz a gente ficar muito inteligente</p>

<p>importante pra nos arrumar serviço, ela que nos ensina a ler e escrever.</p> <p>Pesquisadora: E a sua Lara?</p> <p>Lara: Que ela é muito boa que ela faz a gente aprender a ler e escrever cursivo também. A aprender a escrever o nome completo.</p> <p>Pedro: E escrever completo.</p>	<p>servir pra que?</p> <p>Marcos: Praaa, vai se formar.</p> <p>Isabela: Vai ser adulto.</p> <p>Lucas: E pra ser alguém na vida também.</p>	
--	---	--

QUADRO SÍNTESE 4: A ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Por que você acha importante vir para a Escola?		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
<p>Liz: Pra nos arrumar serviço, ela que nos ensina a ler e escrever.</p> <p>Lara: Que ela é muito boa que ela faz a gente aprender a ler e escrever cursivo também. A aprender a escrever o nome completo. Você aprende muito, estuda e brinca.</p> <p>Luis Felipe: Tia o que eu gosto mais de fazer na escola e de fazer tarefa pra mim aprender.</p> <p>Gabriel: Com o estudo eu fico mais inspirado, a escola é importante. É importante, mas é chata porque a gente tem que ficar esperando a nossa vez. Com ela chega na faculdade.</p> <p>Liz: Estudar e aprender a ler e escrever.</p>	<p>Lucas: Ah pra gente ser alguém na vida. Pra gente saber, pra ser um nerd.</p> <p>Paula: Pra aprender a ler.</p> <p>Isadora: Oh tia sabia que é muito importante é estudar. Ai dá pra aprender a estudar. Porque a gente tem que fazer a tarefa pra gente crescer, estudar, presta atenção muito bem na professora. Pra crescer, ser adulto pra sempre.</p> <p>Marcos: Pra ficar mais inteligente. Praaa, se formar. Ser inteligente, aprender, mas também brincar.</p> <p>Paula: Aprender a ler, aprender a ler os livros. Pra trabalhar e ver as coisas</p>	<p>Pedro Henrique: pra aprender.</p> <p>Igor: Estudar muito, brincar também.</p> <p>Yara: A pro ensina português, ciências, história, geografia e matemática e ela ensina que tem que aprender muito senão não sai bem nas provas e tira 0.</p> <p>Ricardo: ela faz a gente ficar muito inteligente</p> <p>Vitor:</p>

QUADRO SÍNTESE 5: A ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Coisas importantes para se fazer na Escola		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
Brincar	Brincar	Brincar
Estudar	Estudar	Estudar
Ler e escrever	Ler e escrever	Ler e escrever
Escrever cursivo	Educação física	Informática
educação física	Ver filme	Parque
comer	recreio	

Destaques importantes dados pelas crianças	Destaques importantes dados pelas crianças	Destaques importantes dados pelas crianças
<p>Gabriel: Brinca pouco e estuda.</p> <p>Pedro: é porque eu gosto de estudar, escola é muito bom. E também porque é legal e tem muita diversão: tem educação física, tem o recreio e também é bom porque não passa fome.</p> <p>Lara: Que ela é muito boa que ela faz a gente aprender a ler e escrever cursivo também. A aprender a escrever o nome completo.</p>	<p>Isabela: Oh tia sabia que é muito importante é estudar.</p> <p>Lucas: O recreio, a educação física, ahhhh, o dia especial (a gente assistiu um monte de coisas, a gente fez só uma tarefa).</p> <p>Isabela: Eu gosto do recreio, eu gosto de estudar e ainda mais eu gosto de fazer tarefa.</p> <p>Paula: Aprender a ler, aprender a ler os livros.</p>	<p>Ricardo: Porque é muito divertido porque a gente pode brincar também.</p> <p>Igor: Estudar muito.</p> <p>Pedro Henrique: A informática.</p> <p>Ricardo: Brincar no parque, estudar um pouco.</p>

QUADRO SÍNTESE 6: A ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

O que você gosta e o que você não gosta de fazer na Escola?					
Crianças da Rede Pública Municipal		Crianças da Rede Pública Estadual		Crianças da Rede Privada	
Gosta	Não Gosta	Gosta	Não Gosta	Gosta	Não Gosta
Descrição	Descrição	Descrição	Descrição	Descrição	Descrição
educação física	castigo	Brincar	Leitura porque eu não sei ler não	estudar	Eu não gosto quando o Ricardo fica falando que eu demoro nas tarefas
tarefas	Ficar esperando a vez	estudar	Quando o sinal bate pra começar a aula	eu gosto desenhar	Eu menos gosto do parquinho porque as vezes eu ficou suado quando eu brinco lá
recreio		recreio	Ficar sem recreio	fazer animais	eu não gosto só de quando o Hiago bate em mim
O lanche		Educação física	>Não ficar brincando.	estudar com a pro Sonia	Eu não gosto que o Jose pegue a minha borracha, e também não gosto que o Jose derruba a minha mochila e joga ela fora ai eu vou ter que buscar lá fora, mas o Jose vai soltar e vai rasgar.
estudar		O dia especial – sem fazer tarefa	É não ficar conversando com o outro	brincar no parque	Eu menos gosto das provas de matemática porque na prova de matemática no meu boletim eu tirei 9,8. Então eu não gosto de matemática
brincar		Fazer tarefa	É ficar sem filme	educação física	Não gosto do parque
Prova, adoro fazer prova		Fazer tarefa no livro de matemática e de português		Informática	
Eu gosto de fazer tarefa, tarefa é bom.		Passeio		Eu prefiro prova de português é mais fácil	

QUADRO SÍNTESE 7: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Contexto: Roda de conversa com as crianças		
<p>Dimensões abordadas: o lugar dos pais na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que seus pais falam para você sobre a escola? • Como você vê a presença dos pais ou responsáveis na escola? • O que você acha que seus pais pensam sobre a escola? • Você acha importante seus pais participarem das reuniões na escola? 		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
<p>Pesquisadora: O que seus pais falam-pensam para você sobre a escola?</p> <p>Pedro: Ela pensa que é muito bom pros filho. Porque se precisar já tá lendo.</p> <p>Liz: Ela acha que é muito legal e que é muito bom</p> <p>Luis Felipe: Bom pra mim estudar e fazer tarefa também</p> <p>Enzo: A minha mãe acha que a escola é bom pra mim estudar, aprender a ler e escrever.</p> <p>Liz: Porque se a gente não aprender a ler e nem escrever no trabalho, se a gente quiser arrumar um bom emprego como é que a gente, poode, se a gente quiser trabalhar de secretaria. Se a gente não faltar de ir pra escola, prestar atenção, não conversar com o colega, se ele conversar, deixa ele de lado. Prestando muita atenção. E ser educado com a professora</p> <p>Gabriel: Meu pai só fala que a escola é importante.</p> <p>Pesquisadora: E como você vê a presença do pai aqui na escola, você fica feliz quando o pai de vocês vem na escola?</p> <p>Liz: Eu fico feliz.</p> <p>Lara: Eu fico feliz.</p> <p>Pedro: Eu fico feliz</p> <p>Liz: A minha só não vem quando não dá.</p> <p>Lara: A minha mãe vem sempre.</p> <p>Luis Felipe: Eu ganhei 25.</p> <p>Lara: Na prova tia</p> <p>Pesquisadora: Ah na nota?</p>	<p>Pesquisadora: O que seus pais falam-pensam para você sobre a escola?</p> <p>Paula: Meu pai não fala nada, a minha mãe fala pra não faltar a aula.</p> <p>Marcos: a minha também</p> <p>Isabela: Pra estudar.</p> <p>Marcos: Pra ler. Ele fala essas coisas aí. Se eu tô aprendendo a ler.</p> <p>Pesquisadora: E como você vê a presença do pai aqui na escola, você fica feliz quando o pai de vocês vem na escola?</p> <p>Isabela: A minha mãe só vem me buscar quando ela está de folga.</p> <p>Pesquisadora: A sua avó Lucas, quando vem na escola ela faz o que?</p> <p>Lucas: Ah só em levar e ir embora</p> <p>Pesquisadora: Ela conversa com a professora:</p>	<p>Pesquisadora: O que seus pais falam-pensam para você sobre a escola?</p> <p>Pedro Henrique: A minha fala pra mim ficar comportado.</p> <p>Igor: a minha fala pra eu estudar muito.</p> <p>Ricardo: Que tem que ir bonitinho.</p> <p>Yara: Que tem que fazer as tarefas direitinho.</p> <p>Pedro Henrique: que aqui é legal! Que eu aprendo muito.</p> <p>Yara: Eles falam pra mim que é muito legal estudar na escola porque tem coisas pra brincar e aprende muito e ai a cabecinha fica cheia de coisas.</p> <p>Pesquisadora: Pra que sua mãe quer que você estude muito?</p> <p>Crianças: Pra ficar inteligente.</p> <p>Yara: A minha mãe fala pra eu estudar muito, pra eu sair bem nas provas, e eu sempre tiro 10 porque eu sou a mais inteligente da sala</p> <p>Ricardo: Uhhhh, eu tiro 9 e 10</p> <p>Vitor: Eu tiro só 9</p> <p>Pesquisadora: Vocês acham importante a mãe, o pai vir na escola? Buscar as notas, o que mais é importante pra mamãe e o papai vir na escola, participar dos eventos.</p> <p>Crianças: Sim.</p> <p>Pesquisadora: E o papai, a mamãe, o responsável de vocês sempre vem na escola?</p> <p>Ricardo: Nem sempre.</p> <p>Yara: Não.</p> <p>Ricardo: Só minha mãe que vem</p>

<p>Foi? Mas sua mãe veio buscar sua nota?</p> <p>Luis Felipe: Balança a cabeça.</p> <p>Pesquisadora: Ela veio na reunião?</p> <p>Luis Felipe: Veio</p> <p>Pesquisadora: Ela ficou feliz ou triste porque você tirou 25?</p> <p>Luis Felipe: Ficou feliz, claro tem que ficar feliz.</p> <p>Liz: 10 levaram 100 na matemática e na educação física</p> <p>Pesquisadora: Porque é importante o pai e mãe vir na reunião do filho?</p> <p>Lara: Pra eles vê como a filha está se comportando</p> <p>Luis Felipe: a minha mãe não conta nada pra mim.</p> <p>Enzo: a minha mãe conta que eu tirei nota boa na prova.</p> <p>Pesquisadora: Sua mãe que fala que é importante ir pra escola pra ler e escrever Lara?</p> <p>Lara: É e também aprender a obedecer.</p>	<p>Lucas: Não.</p> <p>Marcos: De vez em quando, né.</p> <p>Lucas: De vez em quando.</p> <p>Pesquisadora: O que será que a professora fala.</p> <p>Lucas: Se eu tô bem né</p> <p>Pesquisadora: Vocês acham importante o pai vir na escola falar com a professora?</p> <p>Isabela: Eu acho. Por que vai que a professora quer falar uma coisa que uma professora teimou. Algo importante.</p> <p>Pesquisadora: E o que mais o pai pode fazer na escola?</p> <p>Isabela: Pode falar o que a criança fez de bom hoje, o que ela fez de errado e aí o pai pode brigar. Brigar e bater de cinto porque ela não estudou direito.</p>	<p>sempre e às vezes meu pai vem também.</p> <p>Vitor: Meu pai e minha mãe.</p> <p>Yara: Mas eu vejo mais a sua mãe.</p> <p>Ricardo: Eu também.</p> <p>Vitor: Minha mãe me busca muito, meu pai me trás muito.</p>
---	--	--

QUADRO SÍNTESE 8: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

<p>Contexto: Roda de conversa com as crianças</p>		
<p>Dimensões abordadas: o lugar da aprendizagem na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para você, o que significa aprender? Como se aprende? • Se você pudesse escolher, você estudaria ou não? Por que? • Seus pais ajudam nas atividades da escola? Por que? • Quando você aprende algo novo na escola, como você se sente? Você mostra aos seus pais o que você aprendeu? O que eles dizem sobre isso? 		
<p>Crianças da Rede Pública Municipal</p>	<p>Crianças da Rede Pública Estadual</p>	<p>Crianças da Rede Privada</p>
<p>Pesquisadora: O que é aprender pra você?</p> <p>Gabriel: Aprender é conhecer coisas novas.: Eu aprendi a ler e escrever, eu também aprendi o que é réptil, eu não sabia o que era réptil, mamífero.</p>	<p>Pesquisadora: O que é aprender pra você?</p> <p>Lucas: Tudo.</p> <p>Pesquisadora: Como você aprende tudo?</p> <p>Lucas: Como nerd que sabe tudo do espaço.</p>	<p>Pesquisadora: O que é aprender pra você?</p> <p>Yara: É importante aprender porque a gente tem que sair bem nas provas e a gente tem que ser muito inteligente.</p> <p>Pedro Henrique: Estudar,</p>

<p>Pesquisadora: Gabriel se você pudesse você na estudaria, você ficar sem estudar?</p> <p>Gabriel: Não</p> <p>Pesquisadora: Por que?</p> <p>Gabriel: Porque estudar é bom.</p> <p>Pedro: Estudar é boooooommmmm.</p> <p>Pesquisadora: Quem te ajuda na tarefa da escola</p> <p>Pedro: Minha mãe e meu pai, né.</p> <p>Lara: A minha é eu, meu pai e minha mãe.</p> <p>Pedro: Tem vez que meu pai já começa a ler eu já sei o que é, aí eu vou lá e faço.</p> <p>Luis Felipe: Eu também faço a tarefa sozinho.</p> <p>Pesquisadora: Mas vocês acham importante o pai ajudar ou é melhor a criança fazer sozinha.</p> <p>Lara: O pai,</p> <p>Pedro: não é a criança fazer sozinha</p> <p>Lara: Não a criança</p> <p>Pedro: Pra ela aprender mais</p> <p>Liz: Porque na hora da prova o meu pai não vai tá nem a mãe</p>	<p>Paula: Aprender é tudo,</p> <p>Pesquisadora: Como aprende tudo?</p> <p>Paula: Prestando atenção na aula.</p> <p>Pesquisadora: Quando a gente aprende algo na escola novo, chega em casa vocês contam pro pais?</p> <p>Paula: Não.</p> <p>Lucas: Não, eu só falei um dia que a professora falou que eu ‘tava’ quase a aprender a ler.</p> <p>Marcos: Não. Pensou depois e disse, eu mostro mais pra minha mãe, tia. E ela fala que é bom!</p> <p>Pesquisadora: se você pudesse você na estudaria, você ficar sem estudar</p> <p>Crianças: Sim</p> <p>Pesquisadora: Por que?</p> <p>Marcos: Porque é muito importante.</p> <p>Isadora: É mesmo a gente tem que estudar bastante pra crescer.</p> <p>Marcos: Formar.</p> <p>Isabela: Pra ser adulto.</p> <p>Paula: Pra ser alguém na vida né.</p> <p>Lucas: Minha irmã não formou, acho que a minha mãe formou.</p> <p>Pesquisadora: Sua mãe formou Paula?</p> <p>Paula: Como assim, formar o que?</p> <p>Pesquisadora: O que é formar?</p> <p>Isabela: Ser alguém na vida.</p> <p>Marcos: É bom, pra ser alguém na vida. E ir pra faculdade.</p>	<p>aprender muito.</p> <p>Pesquisadora: E pro Vitor o que é aprender, o papai e a mamãe ensina você, onde você aprende?</p> <p>Vitor: Aqui na escola.</p> <p>Pesquisadora: Agora se vocês pudessem escolhessem estudar, ou vocês queriam ficar em casa?</p> <p>Yara: Não</p> <p>Ricardo: Estudar. Antes eu chorava e falava assim eu quero estudar pra mim ficar junto do meu irmão, por causa que eu tô sozinho.</p> <p>Yara: Eu detesto feriados e dias de fim de semana, porque eu prefiro ficar na escola brincando com as minhas amigas.</p> <p>Pedro Henrique: Eu queria estudar, mas de vez em quando queria ficar em casa</p> <p>Pesquisadora: Quando vocês aprendem uma coisa nova na escola como vocês se sentem?</p> <p>Crianças: Bom</p> <p>Pesquisadora: Vocês mostram pra alguém?</p> <p>Pedro Henrique: Eu mostro pra minha mãe.</p> <p>Yara: Eu também</p> <p>Igor: Eu também</p> <p>Ricardo: Eu também</p> <p>Pesquisadora: E o que a mamãe diz sobre isso que você aprendeu?</p> <p>Pedro Henrique: uhhh, ela fala que é legal!</p> <p>Yara: Ela fala, oh, Yara você tem que estudar muito porque você tem que crescer e ser uma menina inteligente e essas coisas que você aprendeu foi muito legal!</p> <p>Pesquisadora: Quem te ajuda na tarefa da escola?</p> <p>Pedro Henrique: Minha mãe e</p>
--	--	---

		<p>meu pai de vez em quando Igor: Minha mãe e meu Mauro. Os dois só faz tarefa quando tem tarefa. Vitor: Às vezes só tem leitura.</p> <p>Pesquisadora: E com você Vitor quem faz? Vitor: Às vezes minha mãe, as vezes meu pai Yara: Com a minha mãe, minha irmã e meu pai. Toda vez que eu faço só uma pergunta pra minha mãe, meu pai grita comigo, eu só faço uma pergunta pra saber o que é a tarefa, ai meu pai já grita: Yara faz a tarefa logo, ele faz desse jeito. Ricardo: Só meu irmão, minha irmã e eu.</p>
--	--	---

QUADRO SÍNTESE 8: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Contexto: Roda de conversa com as crianças		
Dimensões abordadas: o lugar dos professores na escola		
<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de relação dos seus pais ou responsáveis com seus professores? • O que você acha que seus pais ou responsáveis pensam sobre seus professores? • Pra você, quem é a professora? Conte-me coisas interessantes que você vê no trabalho dela. 		
Crianças da Rede Pública Municipal	Crianças da Rede Pública Estadual	Crianças da Rede Privada
<p>Pesquisadora: O que você acha da sua mãe, seu pai pensa da professora? Lara: Muito boa. Liz: Ela pensa que ela é muito boa. Pedro: Que ela é muito boa, que e ela nos ajuda a estudar e aprender. Enzo: Do mesmo do Alex Luis Felipe: Do mesmo do Enzo.</p> <p>Pesquisadora: Me fala coisas que vocês pensam da professora. Você desenhou a professora deixa eu ver sua professora, hum e esse coração o que significa? Lara: Que ela ama eu. A proooooofessora é minha vida Luis Felipe: A professora é</p>	<p>Pesquisadora: O que vocês acham os papais, as mães, os responsáveis pensam dos professores? Marcos: Que ele é bom Pesquisadora: Por que? Marcos: Porque ele ensina</p> <p>Pesquisadora: Pra você quem é a professora? Paula: É tudo, ela ensina, ela chama a atenção de quem tá conversando, mostra tipo quando tá conversando muito, ela põe sem recreio Lucas: É minha segunda mãe. Humm, deixar a gente ir pro</p>	<p>Pesquisadora: O que vocês acham os papais, as mães, os responsáveis pensam dos professores? Yara: Elas pensam que a pro é muito legal e que ensina a gente muito, e eles pensa que a pro ensina muito pra mim porque eu sempre tiro 10. Igor: Ela pensa que a pro Sonia é boazinha, legal, deixa a gente brincar no recreio.</p> <p>Pesquisadora: Me fala coisas que vocês pensam da professora Pedro Henrique: Que ela é legal! Yara: que ela é legal, muito bonita e muito inteligente. Igor: Todo dia quando ela peça pra abrir a agenda a gente tem fazer a agenda.</p>

<p>bom pra nos fazer tarefa. Ela ensina a nos a escrever cursiva.</p> <p>Liz: que a gente também de vez em quando fica conversando com ela põe a gente de castigo pra gente aprender.</p> <p>Pedro: Que não pode conversar na hora de tarefa.</p> <p>Liz: De tarefa, de prova, ninguém pode falar do outro.</p>	<p>recreio.</p> <p>Marcos: Que ensina a gente ler, que ensina a gente estudar e só.</p> <p>Isabela: Eu gosto de conversar com a tia Núbia.</p> <p>Pesquisadora: E na aprendizagem do que você gosta? Quando ela vai ensinar o que você acha mais interessante, quando ela tá na sala.</p> <p>Isabela: Eu acho importante, sabe o que eu acho importante, ter vergonha porque não estudar, quer dizer que não estuda é malcriado e não tem vergonha.</p>	<p>Ricardo: E ela é muito educada com a gente.</p> <p>Igor: Ela põe menos 10 pontos senão fazer a prova direito.</p>
--	---	--

APÊNDICE J: SÍNTESE DA PESQUISA: A ÓTICA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

PERFIL DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS – ESCOLA MUNICIPAL

ENTREVISTADO	RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA NA ESCOLA	ESTADO CIVIL	RENDA FAMILIAR - N DE FILHOS	TIPO DE MORADIA	ESCOLARIDADE
Família 1- Mãe 24 anos	Mãe	Casada	1 salário e meio 1 filho	Alugada	Ensino fundamental incompleto
Família 2 -Mãe 34 anos	Os dois- pai e mãe	União Estável	3 salários e meio 3 filhos -2 do primeiro casamento	Alugada	Ensino Médio
Família 3 – Pai 39 anos	Os dois- pai e mãe	Casado	4 salários 2 filhos	Alugada	Ensino Médio
Família 4 -Mãe 42 anos	Mãe	Solteira	1 salário e meio 2 filhos	Cedida	Fundamental incompleto
Família 5 - Mãe 33 anos	Os dois- pai e mãe	Casada	2 salários 3 filhos	Cedida	Fundamental incompleto

PERFIL DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS – ESCOLA ESTADUAL

ENTREVISTADO	RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA NA ESCOLA	ESTADO CIVIL	RENDA FAMILIAR - N DE FILHOS	TIPO DE MORADIA	ESCOLARIDADE
Família 1 – Mãe – 24 anos	Mãe e pai	Casada	3 salários 1 filho	Alugada	Ensino Médio
Família 2 Mãe – 34 anos	Mãe	Casada	4 salários 1 filhos	Própria	Superior incompleto
Família 3 – Pai – 28 anos	Pai	Casado	2 salários 1 filho	Alugada	Ensino Médio
Família 4 Avó – 56 anos	Avó	Solteira	1 salário 4 filhos	Alugada	Fundamental incompleto
Família 5 Mãe – 40 anos	Mãe e pai	Casada	3 salários 2 filhos	Alugada	Superior incompleto

PERFIL DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS – ESCOLA PARTICULAR

ENTREVISTADO	RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA NA ESCOLA	ESTADO CIVIL	RENDA FAMILIAR - N DE FILHOS	TIPO DE MORADIA	ESCOLARIDADE
Família 1 – Mãe 43 anos	Mãe	Casada	5 salários 1 filho	Própria	Superior Completo
Família 2 -Mãe 45 anos	Mãe	Casada	5 salários 3 filhos	Própria	Superior Completo
Família 3 - Mãe 39 anos	Mãe	Casada	2 salários 1 filho	Própria	Superior Completo
Família 4 - Mãe 40 anos	Mãe	Divorciada	5 salários 2 filhos	Alugada	Superior Completo
Família 5 -Mãe 37 anos	Mãe	Casada	3 salários 3 filhos	Alugada	Superior Completo
Família 6 -Mãe 41 anos	Mãe	Solteira	5 salários 1 filho	Própria	Superior Completo

QUADRO SÍNTESE 9: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Concepções de Família: O que é família pra você?		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>R: Família é tudo, sem explicação, assim tem né, mas tem e não tem. Sem palavras. Tudo né, porque tem os filhos, não falo marido porque hoje você tá amanhã cê não tá né.</p> <p>D: Eu acho a única coisa que eu tenho de bom mesmo.</p> <p>J: A família pra mim é tudo, porque desde quando eu era pequeno meu pai saiu de casa eu tinha 5 anos, então eu sempre quis ter uma família talvez pra tratar melhor do que meu pai tratou de nós, entendeu, assim que eu tento tratar meus meninos, meu pai abandonou minha mãe, eu e mais quatro irmãs. minha mãe foi guerreira. Eu sempre trabalhei pra ter família.</p> <p>L: Família é a base de tudo, se</p>	<p>C: Família pra mim, ai deixa eu pensar, é tão importante que é até difícil de falar. Mas família pra mim é a base de tudo na vida da gente, de tudo mesmo do amor, de tudo, acho que é um bem muito importante, eu acho que é o bem mais importante que agente tem aqui na terra.</p> <p>A: Eu acho que é a construção de um sonho de toda mulher, família pra mim, é a minha base, é onde eu me fortaleço mesmo. É onde eu tenho amor carinho e é meu porto seguro. Eu já vivi sem família, eu sei o antes e o agora, então eu prefiro o agora, é. Sinônimo de força</p> <p>E: Bom família pra mim é tudo, família é a base de tudo, pra mim é, né.</p>	<p>A: Que difícil hein? Família pra mim é um ambiente onde um cuida do outro, cuida, ajuda, protege, ensina, engrandece o outro.</p> <p>EM: É união, é amor é o descanso da gente, porque a gente trabalha o dia todo e quando chega em casa, é tipo a pilha, você recarrega a sua pilha, as energias quando você chega em casa e encontra com seus filhos e tudo.</p> <p>EL: Família pra mim é a base de tudo</p> <p>G: Porto seguro, segurança</p> <p>F: Uai família é a vida, eu já passei por dois momentos quase de morrer, já tive câncer, ai eu tive uma doença que eu já fiquei um tempo na UTI, então eu</p>

<p>família é você constrói pra ter por toda a vida toda. eu não tive pra te falar a verdade, então estou tentando passar isso por meus filhos</p> <p>T: Família é tudo né, é o começo né, o que a família tem que apoiar, acho que é tudo a família né? Lá em casa é o apoio em tudo. Tem que ser reunida né? Sempre unida.</p>	<p>R: Eu acho que é uma coisa muito importante, significa tudo pra mim</p> <p>N: Família pra mim é a base de tudo, porque sem a família agente não é nada né? É a família um lugar de aconchego, de paz e assim a família é tudo eu sempre digo é tudo</p>	<p>sobrevivi por causa dessa família, porque senão fosse isso eu acho que eu nem tinha[...] Deus me deu esses meninos depois do câncer né. Então eu acho que família é vida hoje pra mim.</p> <p>W: Família é base, base de tudo, eu acho que é o porto seguro, é confiança, é respeito, é amor, é fraternidade, é perdão, paciência, é tudo um grupo de coisas boas, e difíceis e ruins também, né, é onde agente, é o melhor e o pior também, mas pra mim acima de tudo é base, é o fundamental pra vida.</p>
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 10: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Desenhos de Família: como é constituída a sua família?					
Pais da Rede Pública Municipal	%	Pais da Rede Pública Estadual	%	Pais da Rede Privada	%
Pai, mãe e filhos	3	Pai, mãe e filhos	4	Pai, mãe e filhos	4
Família reconstituída	1	Família, mãe, filhos, avó	1	Monoparental	2
Monoparental	1	-	-	-	-

QUADRO SÍNTESE 11: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Como você vê a importância da família na formação da criança?		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>R: muito importante, um exemplo de pai e mae, mas assim tem pai e mae que não dá exemplo também né, mas quando eles dá exemplo é tudo eles tá ali observando quando eles crescer eles já sonha com aquilo ter uma família, ter filhos, estudar principalmente, estudar tem uma profissão.</p> <p>D: É importante, é porque questão de caráter agente tem que passar pro filhos da gente família é importante nisso. A formação começa em casa a escola ajuda, mas em casa.</p> <p>J: é fundamental a família, mas também e a família que faz o caráter. O caráter da criança é</p>	<p>C: Eu acho além de ser muito importante, acho que é tudo também, exemplo uma boa formação dela, nossa, eu acho que é a base dela</p> <p>A: Nossa de toda importância porque a família que vai instruir, ela que vai tipo ensinar tudo que a criança necessita, ela que vai conduzir, porque nem tudo você ensina né e nem tudo você dá conta de ensinar então você dá o caminho pra criança seguir</p> <p>E: Bom sempre está ajudando né, o que ele está pensando o que ele quer né quer pra ele, né?</p> <p>R: Eu acho uma coisa muito importante né? Sem a família não tem como né, formar uma</p>	<p>A: Eu acho que a família é a base da formação da criança, a escola tem um papel coadjuvante, embora hoje está ficando trocado os papeis, porque as vezes os pais por falta de tempo e vai delegando essa função pra escola, mas nós que temos que passar os limites, os princípios, os valores e ai através disso formar uma boa pessoa.</p> <p>EM: É tudo eu acho, porque não importa se é com pai, se com pai e mãe, se é só com mãe, se é só pai, não importa dando amor e tudo educação, explicando o que é certo, o que é errado, isso que é mais importante.</p> <p>EL: Tirando base da minha, ai é fundamental pra mim.</p> <p>G: A estrutura, é o início de</p>

<p>formado em casa.</p> <p>L: Ah é muito importante, antes de ter ele eu sempre pedia oh Deus me dê dinheiro, hoje não, eu peço saúde e sabedoria, o resto eu corro atrás. Se eu tiver sabedoria pra criar eles, o resto vai dar tudo certo, eu tenho fé em Deus que eu vou criar eles melhor do que eu fui criada. (mãe foi adotada)</p> <p>T: Família é tudo né, é o começo né, o que a família tem que apoiar, acho que é tudo a família né? Lá em casa é o apoio em tudo.</p>	<p>criança.</p> <p>N: A família na formação da criança é muito importante. Se você vê uma família que ela é desestruturada, que digamos assim pais separados ou uma convivência na família que há brigas. Você pode ver que a criança não é bem estruturada, você vê que ela é uma criança, um pouco assim revoltada ou até mesmo, digamos assim ela não é aquela criança, o comportamento dela é outro, é totalmente diferente o comportamento de uma criança com uma família estruturada quanto uma outra família que não tem uma estrutura boa.</p>	<p>tudo, se for uma família desestruturada a criança tem que ter uma cabecinha bem boa, mas como ela acaba vendo aquilo como certo e se a família for desestruturada aquilo ela carrega como certo pro resto da vida.</p> <p>F: Uai eu acho que também é tudo, né, porque se a família não participar com o mundo ela vai aprender né. A família é que tem que dar o bom exemplo, que influencia, que mostra, que leva, acho que sem a família não tem a educação porque você pode ver, não sei como me expressar, criança que não se dá bem, porque não teve uma boa formação, não teve a família pra ajudar pra incentivar né.</p> <p>W: Ah, eu acho que é tudo, eu acho que sem a família não dá pra criança seguir sozinha, porque eu acho que a criança precisa especialmente de limite e direcionamento, essas coisas ela não tem, eu percebo que as crianças que não tem isso, não tem regras, não tem limites elas ficam perdidas, eu sinto no olhar das crianças, assim, eu sinto porque eu acabo chamando a atenção das crianças que não tem limite, eu acabo perdendo a paciência, eu sei que o filho é dos outros, que eu não tinha que fazer isso.</p>
---	---	---

QUADRO SÍNTESE 12: A ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

<p>Questões abordadas: o lugar da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos? • O que significa escola para você? • Por que a escola é importante para você? E para seu filho? 		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?</p> <p>R: Muito importante, tantas crianças quer uma vaga e não tem e ela tem, por isso eu falo dá valor, estuda, faz as provas, as tarefinhas, porque tanta criança chora pra ter uma vaga e não tem e ela tem né.</p> <p>D: Nossa é, não sei te falar é muito importante igual a família</p> <p>J: Nossa, fundamental, quando eu o trouxe já sabia ler e escrever, entendeu, a professora queria colocar ele no segundo ano, aí eu não quis. quando ele chegou na escola, ele já conhecia letra a, b, c, ele já sabia contar, ele só não sabia juntar, ai foi mais fácil pra professora, entendeu. Quando ele foi pra escola ele já conhecia as letras tudo porque eu ensinava.</p> <p>L: É muito importante é a herança que a gente deixa pra eles, são os estudos. Eu acho que a escola é tudo, escola é a segunda casa porque eles passa a maioria do tempo aqui.</p> <p>T: A escola pra mim e pros meus filhos é muito importante, é igual eu falo pra eles se eles não estudar o futuro deles é nenhum. Porque eu até brinco com eles porque hoje até pra barrer rua cê tem que ter estudo.</p>	<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?</p> <p>C: A função da escola é ajudar no dia a dia, na educação no aprendizado, eu acho que é ajudar ela junto comigo, junto com o pai dela a aprender a se socializar.</p> <p>A: Nossa, tudo, porque a partir do momento que ele veio pra escola foi onde eu vi que ele cresceu que ele amadureceu e foi um aprendizado que está sendo muito significativo na vida dele, a socialização que foi de suma importância também. O aprendizado está sendo muito importante na vida do J. se não fosse isso eu acho que ele estaria bem atrasado no desenvolvimento dele.</p> <p>E: Pro desempenho dele, escola é formação dele, porque a escola é a base também pra criança, é a base de tudo pra ele começar, pra ele se identificar, é isso.</p> <p>R: Significa uma coisa muito maravilhosa, aqui sempre, essa escola, a gente não tem o que dizer nada da escola. Ela significa muita coisa.</p> <p>N: A escola na educação dos meus filhos é muito importante porque eu como mãe que tem filho na escola pra mim, a escola ensina algo que eu não posso ensinar, a escola prepara o meu filho para o mundo. Ela vai ensinar a criança, como é o mundo, você entendeu, e a escola, as vezes tem coisas que</p>	<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus filhos?</p> <p>A: É um ambiente em que ele vai ter contato com pessoas diferentes, até eu falei como ele é mais tímido, assim, a questão de aprender a tá com pessoas diferentes, a conversar, aprender a respeita as diferenças, é, eu acho assim que até a professora, através da atividades das brincadeiras eles vão aprendendo tudo isso.</p> <p>EM: É pra junto da gente ajudar né a criar, no meu caso, que a minha filha fica aqui o dia todo pra mim, então é mais importante ainda, risos, e aqui nessa escola é família né, aqui desde a Samara (a moça que fica na portaria), a menina que faz a comida, a diretora, todo mundo conhece todo mundo, então é a continuação da educação dela. Dá um amor do mesmo jeito lá de casa, todo mundo cuida muito bem dela aqui.</p> <p>EL: Pra mim é uma continuidade da educação que eu dou em casa, pra mim eu acho que tem de seguir dessa maneira, é afirmação que ele já tem um aprendizado em casa, é continuidade.</p> <p>G: Somente ensinar, a educação é dos pais dentro de casa. Aprendizado continuar o de casa, no caso respeito, focar a comunhão, a partilhar, que tudo isso tem né dentro de casa, então na escola tem que ter, mas educação mesmo, de educar, fora a parte pedagógica é dentro de casa.</p> <p>F: Uai, da escola eu acho que é mostrar o aprendizado, facilitar o conhecimento porque tem muita coisa que a escola abre e que depois eles vão praticando e aprendendo</p>

<p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>R: Escola é muito importante, porque escola é onde começa tudo, você aprende ler e escrever, vai aprendendo, aprendendo até chegar na faculdade</p> <p>D: Pra mim a escola não foi muito bom não, na minha escola o bullying era demais, mas eu não tenho memória boa na escola não. Apesar de não ter trazido boas lembranças é importante.</p> <p>J: A escola posso dizer é um degrau muito importante, né na carreira dele na vida dele, no aprendizado dele e é um arma muito poderosa que agente os pais tem, é uma arma muito poderosa que agente não pode deixar de usar</p> <p>L: Pra mim significa muita coisa, né. Mas pra mim eu não tive muita paciência, já que eu não tive paciência e cabeça pra estudar, eu quero</p>	<p>eu não posso ensinar e que a escola tem que fazer sua parte, que é ensinar a ter uma boa educação porque um filho que estuda, ele adquire conhecimento é uma criança instruída, “cê”, entendeu, a escola pra mim na vida dos meus filhos é muito importante.</p> <p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>C: Nossa hoje pra falar a verdade a escola significa, é porque depois de mim é a escola porque quando ela não está em casa ela está aqui, e é local onde eu confio em deixar ela e quando eu vou trabalhar e na minha cabeça é assim se eu não estou ensinando a escola está ensinando, então o papel da escola é isso, depois de mim, la de casa é aqui a escola o segundo lar dela</p> <p>A: Onde você aprende né, onde você vai estudar, onde você vai aprender pra ter aquela base pra enxergar o futuro a sua vida, a sua vida profissional, porque a escola te dá essa base porque você sozinha não tem essa visão.</p> <p>E: Risos, eu não tenho muito estudo não, mas pra mim a escola é tudo, sem a escola agente não é nada, né? Segundo</p>	<p>mais, a escola favorece o aprendizado, faz eles querem aprender, abre a mente deles.</p> <p>W: Conteúdo, eu considero, informação, socialização, desenvolvimento intelectual eu acho que é essa função da escola e parceria, eu acho que essencial parceria escola-família, porque eu acho que sem isso a criança também não flui.</p> <p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>A: então eu acho que a escola é uma base importante, assim onde a criança passa muito tempo da vida dela na escola e até por isso a gente tem que tá atento ao que acontece, aos princípios a educação também que ela acaba recebendo da escola, educação não só educação, educação aprendizagem, mas as outras coisas também.</p> <p>EM: A educação pra mim é a educação e ética, ensinar a dividir a compartilhar as coisas</p> <p>EL: Eu acho que é isso é dar pro filho aquela confirmação que você já ensina em casa, né como ser e como agir?</p> <p>G: é a parte que vai contribuir pra criança desenvolver pro mundo, em relação a sociedade, então é algo pra poder dar um foco, um norte pra ver aonde ele vai.</p> <p>F: A escola hoje significa tudo, hoje através da escola eles começam a dar os primeiros interesses ai eles chegam lá perguntando, o que é isso? Ai você tem que (risos) porque através da escola que eles despertam, desperta eles, as vezes você não dá conta, você nem tem tempo né, de ficar ensinando tudo né, e ai com colega, com professor, com todo mundo da escola eles vão aprendendo e ai chegam lá ficam o que que é isso, pra que isso, então a escola desperta o conhecimento, né.</p>
--	--	--

<p>uma vida melhor pros filhos, até pros pais da gente.</p> <p>J: É a ferramenta muito importante pro desenvolvimento dele. Por causa da escola ele vai ter mais oportunidade e mais facilidade na vida quando ele for crescendo.</p> <p>L: Porque eu não dei valor e hoje esta fazendo falta pra mim. Pro meu filho pra não fazer falta que ta fazendo pra mim.</p> <p>T: Risos, pra você aprender, pra ficar mais inteligente. E pro meu filho a mesma coisa, risos</p>	<p>acho que ele</p> <p>E: Pro aprendizado, ué é pra criança aprender.</p> <p>R: Também é a mesma coisa, sempre agente escolheu aqui</p> <p>N: Pra mim a escola é importante porque , vou voltar o mesmo que eu falei porque ele está ensinando o mundo pro meu filho. Ele está mostrando pro meu filho como é o mundo, o que é o mundo. É importante porque nela ele está aprendendo a viver, a enfrentar desafio, se entendeu, está aprendendo a romper barreiras. a escola ensina ele a enfrentar desafios, romper barreiras, a lutar pelos seus objetivos, a ser alguém</p>	<p>bem complicadinha. Ela é muito inteligente, então ela não se dobra por qualquer coisa e então ela não é daquelas que você engana não. Ela é muito inteligente então tem que ter o esforço conjunto com a família, com a escola com tudo pra ajudar</p> <p>EL: É basicamente aquilo que eu já respondi, eu acho que ela ajuda a continuar na educação que eu venho dando dentro de casa né?</p> <p>G: Além da socialização, também do aprendizado, da parte pedagógica, pra eles saberem, porque mesmo estando em casa mãe e pai não tem esse, antigamente até tinha o tempo de ensinar em casa, mas hoje é diferente, hoje os pais saem pra trabalhar ,no meu caso eu trabalho o dia inteiro</p> <p>F: É importante na formação deles ne, em adquirir conhecimento. agora pra eles, eles reclamam muito,risos, pra que que eu tenho que estudar. Ai você tem que falar porque você tem que aprender, se você não aprender você não vai conseguir arrumar um trabalho, não vai conseguir nada, você tem que passar por aquela escola lá. Pra adquirir conhecimento porque sozinho você não vai conseguir adquirir, isso em relação ao conhecimento.</p> <p>W: Acho que por todas essas condições que em casa a gente acaba não conseguindo fornecer, né, esse conceito de estar junto a outras tantas crianças, de espaço comuns com outras tantas crianças, ainda que você tenha 2 ou 3 filhos, não é a mesma coisa, eles vão ter idades diferentes, a não ser que sejam gêmeos, ou trigêmeos como eu tenho caso de amigos, mas porque ela vai trazer isso pra você, esse conceito de não andar sozinho, de não caminhar sozinho.</p>
--	---	--

QUADRO SÍNTESE 13: A ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Questões abordadas: o lugar do professor <ul style="list-style-type: none"> • Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus filhos? • Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças? 		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus filhos?</p> <p>R: Muito importante, porque cada professor tem uma etapa né, o que um ensina o outro não vai ensinar assim igual você aprendeu no ano passado. Porque eles passam é um exemplo, eles são muito carinhoso, eles tem cada um como se fosse um filho, um parente</p> <p>D: Nossa é muito importante porque eles que ensina né, eles que praticamente</p> <p>Eles que ensina os filhos da gente a dar o primeiro passo, aprender, a ler e escrever.</p> <p>J: É assim a importância é fundamental, né, é a confiança, eu procuro, fazer, ter um bom relacionamento com os professores, porque agente só tem eles pra contar com eles.</p> <p>L: É importante porque são como se fosse da família né, porque passa bendizer a parte do dia com eles, então eu acho que a escola faz parte da educação, a escola faz parte da educação, passa um tempo com eles um pouco em casa, então faz parte de como se fosse</p>	<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus filhos</p> <p>C: A importância dos professores, deixa eu ver, acho que é tão importante quanto a escola em si, não adianta ter uma escola e não ter bons professores, pra ensinar ela, pra conviver, eu acho que é tão importante, professor faz parte mas eu acho que é tão importante quanto a escola, quanto a família, até porque a criança tem um amor pela tia N, la em casa é tia N, tia N, eu acho que aqui na escola as crianças falam muito dos pais, la em casa ela fala muito da tia N, e eu acho que é tão importante quanto a família, quanto a escola em si.</p> <p>A: Quando o professor é bom, risos, é fundamental porque o professor, o que que acontece ele vai dar aquela direção também né, que ele ensinar, vai instruir, igual por exemplo a professora N ela passa muita coisa interessante Pedro (nome fictício), a tia L e o Pedro tem desenvolvido muito com elas nessa questão, né. É isso né. já tive muitos professores limi que não me incentivaram a</p>	<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus filhos</p> <p>A: Bem grande, tanto que esse ano tinha essa sala e a outra de primeiro ano e sempre quando eu estou esperando eu fico conversando com as mães, e eu já tinha notícias positivas da professora da turma A, porque acaba que alfabetização é um período que a gente fica ansioso, com medo porque eu acho aqui começa a base de um monte de coisas[...] eu fui fazer matricula e falei queria tanto que ele ficasse na turma da professora da turma A. o papel do professor é muito importante, dependendo da dedicação do professor do empenho dele, acho assim ate em ajudar a criança nas dificuldades dela. Professor é pedra fundamental.</p> <p>EM: Ela é muito importante, nossa ela muito importante pra minha filha, ela conversa muito com ela, não só questão de explicar a matéria e tudo, mas é uma amiga pra ela, tanto é que toda vez ela fala professora eu te amo. Pra ela é tipo uma segunda mãe.</p> <p>EL: É além do ensinamento a mais que a escola pode dar (português, matemática), eu ainda insisto que continue seguindo os meus ensinamentos também.</p> <p>G: O professor pra mim tem que ser o companheiro, verdadeiro, nunca mentir pra criança de forma nenhuma. Tem que ter postura de professora, saber dividir, ter voz firme, liderança, no caso do meu filho (diagnosticado com Transtorno Opositor Desafiador), senão não dá conta. E ser companheiro e verdadeiro, e demonstrar aquele carinho verdadeiro com a profissão que ele tá tendo.</p> <p>F: É importante pra facilitar, porque o</p>

<p>uma casa.</p> <p>T: É muito importante. Mais na educação, a escola é muito boa, tudo que precisa é só chegar aqui conversar, se tiver algum problema eles chamam a gente.</p>	<p>leitura que não me incentivaram a gostar da escola eu na verdade estou aprendendo isso na faculdade, com essa visão de mãe mesmo, esse outro olhar da escola que eu tenho, mas antes[...]</p> <p>E: Bom o professor é o mais importante, né? Porque ele tá ali pra ajudar, tirar as dúvidas, né, pra ensinar. Então sem o professor eu acho que não teria aluno né?</p> <p>R: Acho que são ótimos também, na aprendizagem deles. São maravilhosos, né, não tenho também o que falar. Eu acho importante porque eles ensinam, como ele é um menino muito levado, eles têm toda a paciência com ele. Antes ele dava trabalho na escola. Na primeira escola que ele foi ele teve medo de tudo, então ele era muito difícil e era mais longe, não tinha como eu acompanhar direto e ir sempre né, ia, mas era mais difícil, agora aqui eu venho frequente. Eu venho todos os dias, né. E antes ele ia na van aí não tinha como eu acompanhar diretamente, né.</p> <p>N: Muito importante, muito importante, eu sempre falo assim, o que seria de nós senão fosse os professores, como seria a minha vida, a vida dos meus filhos. Eu sempre digo, oh o advogado formou em advocacia foi a mérito de quem, quem ensinou ele, que levou ele até o topo da vida. Então um professor é muito importante na vida de uma pessoa, de</p>	<p>professor tem o dom da paciência pra explicar né, porque as vezes a gente não tem a paciência necessária, pra fazer a tarefa eles não conseguem logo você perde a paciência. O professor não facilita esse aprendizado, essa paciência</p> <p>W: É gigantesco, pra mim é enorme, é o que eu te disse àquela hora aqui, que as vezes com o profissional a criança se porta e reporta coisas pro profissional diferente do que ela reporta pra você enquanto pai e mãe. O professor é fundamental, por isso que pra mim é parceria, pra mim é total parceria, aliás eu estou me lascando porque eu estou carregando parceiras pra vida toda, risos</p> <p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>A: Hum difícil, né infelizmente eu acho que a sociedade, de forma geral, está cada vez valorizando, dando menos importância, né, porquê assim eu fui da geração que o professor agente respeitava, agente ensinava, minha mãe ensinava que agente tipo tinha que respeitar o professor, e hoje muitas vezes a gente vê é pai batendo em professor, infelizmente agente vê que muitos não estão dando o valor necessário, e assim e as vezes isso assim repercute nas crianças né, então a forma como muitas crianças lida com o</p>
---	---	---

<p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>R: Ah, tem muitas pessoas que não dá valor né, sai falando, sai inventando, coisa que nem existe, porque o povo é triste você sabe. Mas assim, eles é muito importante sim.</p> <p>D: Nossa eu estou horrorizada, eu vi na televisão, a professora apanhou do aluno. Nossa eu acho que o professor é muito importante, mas de hoje em dia tá tão difícil respeito. Eles estão no lugar de segundo pai, segunda mãe.</p> <p>J: Eu vejo amigos meus que tem filhos aqui na escola e observo o jeito que eles agem parecem que eles cumprem apenas um protocolo, alguns importa e outros não importa não, outros usa a escola como creche.</p> <p>L: Eu acho que o professor não é, não é, deveria receber mais né, pelo esforço que é, eu acho que deveria receber, o povo dá mais valor, né. Fala, mas é meio dividido, um pouco dá muito valor luta pra melhorar e outro não estão nem ai. Não vê o professor como deveria ver.</p> <p>T: Eu acho que a sociedade tem muitas pessoas que não dá valor pro professor. Tem muitos que não dá, mas eu</p>	<p>uma criança, independente de quem seja.</p> <p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>C: Acho que a sociedade vê o papel do professor, assim mais aprofundando, eu sei que eles têm ali uma responsabilidade sobre a criança até porque formou pra isso. Mas eu acho que a sociedade tipo meio que joga muita responsabilidade em cima dos professores, tipo que o professor tem que ensinar isso, tem professor ta indo pra escola é pra isso, e se não sabe isso, e isso é porque o professor não ensinou.</p> <p>A: Olha infelizmente a maioria vê só como uma pessoa que tem que educar o seu filho porque eu percebo isso, né que o professor é que educa, mas não é quem educa é o pai e a mãe, professor ele ensina né. Eu vejo em vários locais que o professor ainda não tem o valor, não tem ainda esse reconhecimento. No meu modo de ver ainda não tem, né, tanto é que a gente tá vendo na televisão ai, né. Professor sendo espancado e a mãe ainda dá preferência pro filho, “meu filho você está certo, tem que espancar a professora”, infelizmente.</p> <p>E: Muitos acham um papel bom, outros acham um papel ruim né? Eles não dão muito valor, muitos não dá valor, fala que o professor não tem capacidade, muitos falam</p>	<p>professor tem essa relação de como a família a sociedade vê.</p> <p>EM: Ah agora mudou muito né, da época minha, professor era muito respeitado e tudo agora já ta, nossa uma bagunça. Você não vê (pausa), aqui até o pessoal é mais tranquilo, mas nas outras escolas que você vê ai o pessoal é muito, não ta nem ai pra professor. Acha que o Professor tem que fazer o que o filho quer , tem que continuar, os pais estão fazendo tudo que os filhos querem e querem que a professora continue do mesmo jeito.</p> <p>EL: Hoje nos dias de hoje esta muito carente, precisaria ter um estudo melhor com os professores, uma apresentação melhor dos professores diante da sociedade, hoje os professor não tem uma valorização que possa ser levado pra todos os lugares.</p> <p>G: A sociedade hoje não valoriza nenhum professor, digo pelo salário, pela falta de oportunidades de reciclagem. O professor hoje no Brasil, eu tenho visto, todo mundo tem visto que não é valorizado, infelizmente, o qual deveria ter o maior salário, porque através do professor que se tem médicos, engenheiros, advogados, diplomatas, então ele é o primeiro, tá lá em cima, infelizmente não é. É algo que poderia ser revisto que o nosso governo tá esquecendo, agora eles estão preocupados resolver os problemas dele internos.</p> <p>F: A sociedade não tem valorizado muito né? Pensa em uma profissão desvalorizada é o professor, que tudo é o coitado do professor, professor tem que resolver tudo, tem que fazer a parte da família, a parte da escola, então eu acho que não esta sendo bem visto não, tem que valorizar mais, a culpa cai tudo no coitado do professor</p> <p>W: Eu tenho uma admiração muito grande por elas, aliás eu sempre falo o profissional de educação devia ser o mais valorizado que existe no mundo, ele forma todos. Sem o professor nós não teríamos</p>
---	--	---

<p>acho que a escola sem professor não existe, a escola é começo de tudo, a escola é muito importante.</p>	<p>isso, mas pra mim, eu acho que professor é o começo de tudo.</p> <p>R: Eu por exemplo acho que seja fundamental, né, não sei os outros porque hoje em dia é muito difícil, ninguém é igual né?</p> <p>N: o professor pra sociedade, não toda. Mas a maioria vê um professor, como as vezes eu digo assim, muitos falam mal do professor, começando que eu sempre digo assim, um aluno, que ele maltrata o professor com certeza, os pais não deva falar bem de um professor porque eu sempre digo assim, a educação primeiro vem de casa. A sociedade não valoriza.</p>	<p>ninguém, não teríamos o médico, o advogado o engenheiro, dentista não teríamos nada, né, o profissional de educação ele é o mais sofrido é o da ponta o mais execrado e que sofre todas as maneiras. Infelizmente, não tem valorização não tem nada. Professor não tem reconhecimento, não tem em lugar nenhum, impressionante.</p>
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 14: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

<p>Questões abordadas: O lugar da família na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual o significado que você acha que a família tem pra escola? • Como é o relacionamento entre a sua família e a escola da criança? • A escola reserva momentos para que a família esteja presente? Quais? Você participa? • Você acha importante a participação da família na escola, por que? • Na sua opinião, como deve ser a participação da família na escola? 		
<p>Pais da Rede Pública Municipal</p>	<p>Pais da Rede Pública Estadual</p>	<p>Pais da Rede Privada</p>
<p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>R: É muito importante a família tem que incentivar a estudar.</p> <p>D: [...] tem que ajudar a escola porque a gente coloca eles aqui, e agente também tem que dá força em casa.</p> <p>J: [...] eu tenho que fazer a minha parte em casa e a professora na escola pra poder</p>	<p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>C: O meu papel é ajudar ela, é ensinar ela o que ela não sabe, o que ela está aprendendo, o meu papel é ensinar ela a caminhar a aprender.</p> <p>A: Olha a família é onde a criança começa a aprendizagem dela, né.</p>	<p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>A: Ah, enorme, igual a escola é o ponta pé, mas o reforço tudo mais vem da família, estudar junto, incentivar, incentivar a leitura, principalmente assim esse começo aqui assim a gente vai traçar daqui pra frente.</p> <p>EM: É importante, é o mais importante de todos, você não pode ficar esperando que a escola educar</p>

<p>meu filho ir bem na escola e vice-versa.</p> <p>L: Eu tenho que continuar em casa pra dar força pra eles, porque se eu deixar só na mão de professor, né.</p> <p>T: Aqui eles ensinam chega lá, agente também tem que ensinar. Porque ele sozinho não dá conta. Por isso tem que ser os dois unidos os dois juntos.</p>	<p>Porque antes dela ir pra creche ou pra escola, os primeiros ensinamentos, quando as mães ensina os primeiros métodos de higiene, escovação e tudo, tudo é ali é onde você começa tudo. É na sua casa é nesse fortalecimento.</p> <p>E: Bom, não só na escola ele tem que aprender, a gente tem que tá com ele também, ensinando. A escola não tem esse tempo todo né, é muito aluno. A gente tem que tá em cima, né. Sempre ali dando apoio, ensinando nas tarefas, porque é muita crianças pro professor, né, tá ensinando. Então eu acho que a gente tem ensinar também e o que a gente puder ensinar a criança né, a gente tem que tá em cima.</p> <p>R: Como ela pode participar de tudo né, por exemplo, quando marca uma reunião eu posso participar, posso deixar tudo, pra tudo eu tá rente com a escola, não deixa pra escola tudo né, porque ela não tem obrigação de fazer tudo né.</p> <p>N: O pai que procura a saber a vida do filho na escola, o filho tem mais interesse de aprender ele se sente mais amado protegido</p>	<p>seu filho e só, eu acho que a base mesmo é em casa.</p> <p>EL: Bom o significado que a família tem na escola é isso, é a participação juntamente com a ideologia que a escola tem pra oferecer</p> <p>G: Ai agora inverte, tudo que a criança aprende na escola, em casa ele vai ser aplicado, ensinado novamente através de tarefas, por exemplo, o J. aprendeu a ler e escrever você vai fazer a lista de compras, então seria mais ou menos isso.</p> <p>F: Como eu já havia dito a família é um incentivador, é o exemplo, é a fonte de , como fala, a família é a principal, como é a palavra que eu queria colocar, é o principal exemplo da criança, é no pai, na mãe, nos avos que ele vai procurar o principal incentivo pra querer aprender, pra querer ser alguém, pra querer fazer alguma coisa, né.</p> <p>W: É fundamental, eu acho que é isso tá ali no dia a dia, é laboroso, é difícil, é complicado, requer muita paciência, muito jogo de cintura, mas se você tem essa parceria com o seu filho também nesses momentos fica tudo mais fácil. Eu acho que a educação da criança não é isolada da escola, isolada na escola, aliás, ela começa toda em casa ,né, é em casa que você tem os cuidados ou seja, vamos lavar a mão pra fazer a tarefinha porque não pode fazer a tarefinha com a mão suja, né, vamos organizar as coisas deixar tudo arrumadinho e bonitinho, então assim é todo um zelo que eu acho que você imprime em casa que eu acho que a criança consegue trazer pra casa.</p> <p>Pesquisadora: Como é o relacionamento entre a sua família e a escola da criança?</p> <p>A: É ótimo, assim meu filho ele é bem quietinho, não é aquele que eu tenho que puxar, eu tenho que empurrar e ai assim sempre com as</p>
--	--	--

<p>Pesquisadora: Como é o relacionamento entre a sua família e a escola da criança?</p> <p>R: Eu vejo que é muito bom. Eles são muito pontual, tudo eles mandam bilhetinho, manda recado, eles não faz nada sem nos procurar.</p> <p>D: É ótimo, o tratamento deles é totalmente diferente de tudo que eu já vi, e olha que eu tenho 34 anos, já passei por varias escolas. . Eles são muito bom.</p> <p>J: Eu procuro ser amigo, e eu não quero que as professoras olhe pra mim como chato, um pai chato, então eu quero ser amigo da escola e o que a escola precisar de mim.</p> <p>L: Por enquanto eu não tenho nada a reclamar, muito pelo contrário quando eu coloquei ele o primeiro ano, não sei se é porque eu nunca tinha colocado menino em escola, então eu achava nossa senhora ele está muito devagar. Então eu falava nossa professora vamos dar uma olhada, meu filho não ta sabendo ler, mas isso era com três meses que ele tava aqui.</p> <p>T: E boa, risos, nunca tive reclamação não, nem como mãe, nem pelos filhos.</p>	<p>Pesquisadora: Como é o relacionamento entre a sua família e a escola da criança?</p> <p>C: Eu acho que é bom, eu tenho um bom relacionamento com ela, quando fala família é eu, meu marido e ela. É bom nosso relacionamente, eu gosto, eu me dou bem com os professores, com o pessoal da secretaria, com tudo</p> <p>A: Tranquilo eu procuro sempre dialogar, sempre conversar, no início a outra professora(apoio) nós não falamos a mesma língua, né pelo fato que ela mesmo falou que tinha uma pedagogia tradicional que eu já vi que não ia adiantar no caso do J., realmente não resolveu, ele não queria vir pra escola, então foi onde eu tentei conversar com a coordenadora. Mas ai aconteceu dela sair eu até dei graças Deus , ela saiu ai veio essa outra e então eu falo pra ela o que você precisar você pode chegar em mim, se for material pedagógico eu estou disposta a qualquer coisa, se for pra ajudar ele . Então eu estou sem sempre aberta. Se a escola precisar de qualquer coisa que me pedi venho na hora, ajudo.</p> <p>E: Um relacionamento normal, quando tem reunião agente vem, tranquilo, entendeu? Te passa toda confiança. tudo que tem aqui na escola agente participa, reunião, essas coisas, a gente tá, quando não é a mãe eu tou.</p>	<p>professoras eu procuro conversar sobre isso e assim e elas tentam ajudar , assim elas falam a cada ano ele está cada vez melhor porque isso é da personalidade.</p> <p>EM: Aqui agente participa de tudo, qualquer comemoração que tem, vem meu marido, vem meus filhos, a gente adora ver ela apresentando e tudo.</p> <p>EL: Eu me considero muito presente, eu venho, trago todos os dias, venho na porta, busco, mesmo fora de reunião eu pergunto como está o andamento e busco estar sempre presente.</p> <p>G: Bom, bem bom, graça a Deus muito bom.</p> <p>F: Uai eu procuro ter um relacionamento assim, ideal mas devia participar mais, né. Tudo que a escola promove eu procuro fazer, essas ações de arrecadações, tudo isso eu tento fazer, os eventos eu tento participar as vezes você não consegue por causa de horário, por causa de coisa.</p> <p>W: Eu tenho uma admiração muito grande por elas (professora), eu acho que o essencial. As vezes a gente pensa que é chato, ai nossa eu já to enjoada, enchendo o saco da professora , que não sei o que, muito o contrário o que eu escuto de feedback delas é exatamente o contrário: é muito bom você não tem noção do tanto que é bom ter mãe do jeito que você é.</p>
---	--	--

<p>Pesquisadora: A escola reserva momentos para que a família esteja presente? Quais? Você participa?</p> <p>R: Apresentações, Frozen, da Arca de noé, da Emilia, três ou quatro não lembro. Eu nunca deixo de ir.</p> <p>D: Dia das mães ,dia dos pais, vai ter a apresentação agora, ce entendeu, tem o dia da família, todo o ano tem um evento aqui que eles colocam o pessoal pra cantar, coloca as crianças pra ensaiar, pra cantar, pra família interagir sabe o pessoal que estuda aqui das crianças.</p> <p>J: Esse ano eu vim no dia das mães, porque a minha mulher tava trabalhando ai pra não deixar ele fazer a apresentação pra ninguém, eu vim, e no dia dos pais eu também vim.</p> <p>L: Esse ano teve três, o dia</p>	<p>R: Muito bom,não tenho nada o que falar , sempre a gente se dá bem. Sempre eu estou rente, desde a M. E., do A. (outros netos) que eu vinha do outro neto também. Que a mãe dele trabalha, as vezes eu vinha. Dos meninos que eu olho eu que pego também, que as mães não pode vir é que participo de tudo.</p> <p>N: Ótima, muito boa, tanto é que eu sempre falo muito bem dessa escola, porque sempre que eu precisei, eu sou aquela mãe assim presente que tudo que tem, se tem reunião, eu faço possível de vir. Eu tenho duas ne, sempre procuro como está a minha filha na escola, não é porque ela está no sétimo ano que eu não venho em saber.</p> <p>Pesquisadora: A escola reserva momentos para que a família esteja presente? Quais? Você participa?</p> <p>C: Proporciona, sempre tá proporcionando, tipo festa, festinha na escola, convida a família pra vir, faz reuniões. Eu participo sempre eu dou um jeito de vir.</p> <p>A: Não, porque o máximo que eu já vim foi em reunião aqui, só. Em evento alguma coisa assim não. Essas festinhas eu também não venho muito porque igual por exemplo festa junina, o J. não curte, tem a questão do barulho e eu evito isso porque eu sei que ele não gosta, né. Igual eu vim com ele um pouco e ai ele ficou mamãe vamos pra casa, quando começou a aumentar</p>	<p>Pesquisadora: A escola reserva momentos para que a família esteja presente? Quais? Você participa?</p> <p>A: Sim, aqui tem muitos eventos, assim, tem igual ela falou agora vai ter a feira cultural, tem muitas atividades, até as datas né, dia das mães ,dos pais, tem escola que não ta tendo dia das mães e dos pais, aqui ainda ta tendo , até por causa daquele aspecto que te falei, porque tem família com outros perfis hoje, [...] tem o lanche tem brincadeiras.</p> <p>EM: Sempre, dia dos pais, dia das mães, a mostra cultural,muitos eventos que tem aqui. O pai dela viaja muito, mas eu venho em todos.</p> <p>EL: Proporciona, toda semana tem leitura que a gente acompanha, faz com ela, fora as outras atividades de épocas festivas, né? E faço questão que ele participe de todas, só quando não dá mesmo, eu gosto que ele participa mesmo.</p> <p>G: Demais. Todas as atividades que tem quando é mãe, eu venho quando é pai o pai que vem, pra eu não atrapalhar o momento deles eu deixo.</p> <p>F: Sim, evento dia das mães, dia dos pais, dias das crianças , sempre tem algum evento,campanha da fraternidade,tem mês de maio que é o mês das mães,sempre tem alguma coisa. E eu tento participar de todos.</p> <p>W: Muitas, ixe eu participo de tudo, da festa junina , da mostra literária, da mostra cultural, feira de ciências,[...] agora no final do ano tem o festival de dança que eu te falei, tem a formatura no final do ano, dia dos pais, dia das mães, que são sempre atividades muita acolhedoras,né, tem as campanhas que a escola faz. As professoras fazem isso pra vê se os pais participam mais, ai acaba que é claro que os que participam muito acabam sendo um pouquinho penalizados,mas eu gosto. Essas atividades são essenciais porque acaba mesmo que seja forçado, vamos dizer assim pra algumas pessoas, acaba tendo a participação, acaba tendo o dedinho</p>
---	---	--

<p>das mães, o dia dos pais, teve a quadrilha e agora vai ter essa festa do folclore. E eu participo, quando eu não posso peço o pai pra vir.</p> <p>T: Tem a festa da família, festa das mães, nem que seja pra um lanchinho tem. Tem essa festa de outubro, essa aí que eles faz, que é muito boa. Todas eu participo. Vai ter o musical que ela vai participar.</p> <p>Pesquisadora: Você acha importante a participação da família na escola, por que?</p> <p>R: Tem que participar da vida do aluno, tem mãe que acha que a obrigação é do aluno e da escola, “<i>prende, prende</i>”, não mas a gente tem que preocupar o que eles</p>	<p>o barulho eu já fui pra casa, então eu procuro respeitar esse espaço dele, esse tempo dele também.</p> <p>E: Proporciona, reunião, entrega de boletins e é isso, Tem eventos, quadrilha. Sempre quando tem eu participo.</p> <p>R: Sim as vezes quadrilha, né, vem a família participa, passeio sempre teve passeio. Participa, vem todo mundo. Vem a família inteira. Eu tenho uma filha que ele como filho, ela é mais enjoada que a própria mãe, que adora</p> <p>N: Proporciona, sempre. Tipo reunião de pais, sempre tem alguns eventos por exemplo, comemoração dos dias das mães, tem sempre as festas juninas, que eu sempre digo é um momento pro pai interagir com a escola, né pro pai ver como que está o andamento da escola.</p> <p>Pesquisadora: Você acha importante a participação da família na escola, por que?</p> <p>C: É muito importante. Mas eu acho que as vezes pro pai participar mais tem que ter gincana com os pais e alunos, eu acho que a escola devia promover.</p>	<p>do pai e da mãe, de uma forma ou de outra, se eles não enxergam muito a escola, nessas horas eles tem que enxergar, risos,</p> <p>Pesquisadora: Você acha importante a participação da família na escola, por que?</p> <p>A: E então por tudo que eu disse antes e importante esse elo família e escola caminhando juntos pra educação, melhor resultado com a criança é importante</p> <p>EM: Ah eu acho porque a criança tem vontade de mostrar a família pro colegas, tem vontade de mostrar como é a vida dela, fora daqui, então eu acho que a gente tem que participar de tudo.</p> <p>EL: Nossa, pra melhorar tem que partir mesmo das pessoas, partindo delas seria bem mais fácil porque além de ser fundamental a presença do professor na vida da família e da família na escola.</p> <p>G: Demais, porque a escola não é responsável pelos filhos, pelas crianças. Ela é responsável apenas na parte de pedagogia e do cuidado pra que não aconteça nada que lesione a criança, nem o psicologicamente, nem fisicamente.</p> <p>F: É importante porque você está acompanhando o que a escola está passando né, porque se você ficar distante, você não vai saber o que a escola está querendo mostrar pro seus filhos.</p> <p>W: Essencial, senão a criança fica perdida, não tem jeito eu acho que é essencial a participação da família, é um compromisso difícil porque a gente já tem uma série de atribuições, uma série de coisa pro dia a dia, mas desde que você assume ter um filho, você tem que assumir a responsabilidade, você tem que assumir que aquilo ali é você que é responsável, aquela criaturinha é</p>
---	--	---

<p>não tao entendendo agente pode dar uma ajudinha em casa.</p> <p>D: Ah é, muito importante, tem que ter né. A participação tem que ser tá presente na escola, nas atividades, igual mesmo tarefa pra casa , tem que ta em cima,você tem que participar, não adianta você só colocar, tem que ta na escola presente, igual aqui na escola mesmo vira e mexe eles pedem alguam coisa, é bom também agente tem que tá aqui poder ajudar porque elas fazem tudo pros filhos da gente. Escola e família tem que ter parceria</p> <p>J: Acho demais, acho essencial, mas muita das vezes os pais talvez não ajuda né,decidir algumas coisas. Muitos pais as vezes não interessa.</p> <p>L: Acho, porque é como fala, ajuda ele.</p> <p>T: Eu acho muito importante, porque os pais que não é presente os filhos cobra, igual, pelo menos a minha, tudo que vai acontecer ela fica uma semana antes falando.</p>	<p>A: È porque é igual eu falei naquela outra , a família é onde vai ajudar o aluno, vai ajudar o professor, vai ajudar a escola,né que a família é a força também ne', sem a família não acontece também né.</p> <p>E: Acho importante, tem que tem a participação da família, né. Se o aluno ta estudando ali, ele tem que ter a participação.</p> <p>R: Sim, porque a criança se sente mais seguro, né, acha que família participa de tudo, né. Acha que ele não se sente inseguro.</p> <p>N: Eu acho assim, primeiro saber como está o seu filho na escola, como está sendo o relacionamente do seu filho com o professor e do professor com o seu filho, porque isso também é muito importante.</p>	<p>você que tem que dar a condição pra ela viver nesse mundo difícil que ta, né?</p> <p>Pesquisadora: Na sua opinião, como deve ser a participação da família na escola?</p> <p>A: a família que participa ajuda na educação, na criação com limites, com princípios.</p> <p>EM: Eu acho que aqui a gente já participa muito, é muita coisa a escola incentiva bastante essa união de família com escola, sempre tem , quase todo mês, tem uma coisinha de comemoração pra família vir aqui participar.</p> <p>EL: Eu acho que tinha que partir das pessoa mesmo, conscientizar que é necessário esse andamento em conjunto, né, escola e família.</p> <p>G: Trocando experiências, então uma parceria.</p> <p>F: Sempre presente conversando com o professor, com o pessoal da escola, ce vai inteirando de tudo aquilo que ele ta passando naquele período que ele fica aqui</p> <p>W: Efetiva, risos, efetiva nos mínimos detalhes, todos os dias, todo o tempo, é uma observação constante, é uma observação rotineira, frequente, cotidiana,né, eu acho que só assim é que a gente ajuda de verdade a criança.</p>
---	--	--

<p>Pesquisadora: Na sua opinião, como deve ser a participação da família na escola?</p> <p>R: Ajudar ensinar oque ele não aprendeu</p> <p>D: Tá presente na escola, nas atividades, igual mesmo tarefa pra casa , tem que ta em cima tem que ta na escola presente, agente tem que tá aqui poder ajudar, vira e mexe eles pedem alguma coisa</p> <p>J:Decidir algumas coisas, mais assim tipo votação com os pais.</p> <p>L: Eu acho que tem que vir a reunião, se o professor chama vem também, põe menino pra fazer tarefa, pergunta a professora o que está acontecendo.</p> <p>T: Eu acho que deve ser em tudo da criança, não só nas festas, na reunião, sempre vir aqui pra tá sabendo o que tá acontecendo com a criança.</p>	<p>Pesquisadora: Na sua opinião, como deve ser a participação da família na escola?</p> <p>C: A escola promove mais. Eu acho que deveria ter mais porque eu acho que é nesse momento, tipo eu, quando tem eu tiro um tempo que eu não posso, coloco alguém pra me substituir, ou eu faço hora, eu dou um jeito de vir, ai senão tem, não tem, eu acho que devia ter mais com certeza.</p> <p>A: A participação deve ser nessa questão na escola, na vida do aluno com o professor, com a direção da escola porque muitas vezes eles tem problemas com alunos é onde os pais tem que entrar, pode acontecer de ter enes problemas, então a conversa da família com a escola ele vai resolver tudo né, tem que ter um acordo, tem que ter uma conversa, enfim enes coisas que se essa família não tiver presente não acontece né.</p> <p>E: Não eu acho que a escola tem que ver o que que tem pra gente fazer também né,não é só com reuniões, assim. Se a escola precisar de alguma coisa né agente ta ali pra[...]</p> <p>R: Tudo que me chamam. Eu vinha sempre torrente, mas as vezes a mae precisaria vir mais né, mas não dá tempo pra vir né.</p> <p>N:Todo início de aula eu venho na escola pra conhecer o professor. porque as vezes tem pai que não sabe nem a cor do olho professor, do seu filho, então assim eu procuro conhecer quem o professor do meu , como ela esta na escola, porque eu acho que</p>	
--	---	--

	<p>assim , essa parte a escola não pode fazer por você, essa parte só cabe a você. Porque tem pais que pensam assim ah meu filho está ali na escola e ela é obrigada a tudo não, não, essa é minha obrigação como pai de procurar.</p>	
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 15: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

<p>Questões abordadas: O lugar da família na aprendizagem das crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança? • Você reserva um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque? 		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p> <p>R: Tem que incentivar a estudar</p> <p>D: Ajudar a escola</p> <p>J: Eu procuro ensinar, ele vai perguntando, ai essas coisas que eu vou ensinando pra ele. Eu quero acompanhar pra ele sempre estar na frente, é como diz pra estar sempre preparado.</p> <p>L: Então, eu tenho que continuar o que ele aprende aqui em casa também</p> <p>T: A gente tem que ensinar também.</p>	<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p> <p>C: Eu cobro muito, as vezes eu acho que eu cobro até demais, porque eu trabalho muito, eu tenho pouco tempo pra ela. tem que prestar atenção, tem que se comportar, tem que sentar na frente (a cadeira dela é colada na mesa da professora) parar de conversar, prestar atenção.</p> <p>A: Eu voltei estudar por causa do meu filho (Autista), para conhecer os métodos, o que eu poderia fazer pra ajudar ele né, porque eu achava só a Pestalozzi, só a escola, no caso a creche achava muito pouco, então eu como mãe eu tenho que contribuir porque não é só lá a instituição é em casa. Ai se em casa você não tem o que você precisa também que é aquela base forte e sempre bem instruída aí você não vai dar conta.</p> <p>E: Apoio, ensinando nas tarefas, uma parceria com a escola, com os professores</p>	<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p> <p>A: A escola é o ponta pé, mas o reforço tudo mais vem da família, estudar junto, incentivar, incentivar a leitura.</p> <p>EM: É importante, é o mais importante de todos, você não pode ficar esperando que a escola educar seu filho e só, eu acho que a base mesmo é em casa.</p> <p>EL: Acompanhar, participando em conjunto com a escola.</p> <p>G: A criança aprende na escola, em casa ele vai ser aplicado, ensinado novamente através de tarefas em casa.</p> <p>F: É um incentivador, é o exemplo, é o principal incentivo pra querer aprender, pra querer ser alguém, pra querer fazer alguma coisa, né.</p> <p>W: Então, eu sempre gosto de prestar atenção nos detalhes, gosto de estar junto em tudo. eu acho que é fundamental da parte da gente, enaltecer as qualidades, não depreciar,</p>

<p>Pesquisadora: Você reserva um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>R: Sou aquela mãe coruja que olha o caderno, eu quero saber de tudo, se tem tarefa senão não tem, o que que ela fez na aula, se teve prova, senão teve, se ela acertou ou não acertou, eu não tenho muito de estudo, mas o que posso eu dou pra ela.</p> <p>D: Eles chegam eu verifico a agenda. Todos os dias, duas horas, eles chegam eu dou o lanche, eles trocam de roupa e vai pra mesa e eu coloco.</p> <p>J: Sim, toda noite nos vê as tarefas, vê os recados, se tiver tarefinha. Eu não deixo de vir sem fazer a tarefa não.</p> <p>L: Não, pra te falar a verdade, é um erro meu, mas não, eu não ensino tarefa, mas falo eu vou tirar meia hora pra estudar, eu falo mas não faço. Isso aí, se eu falar que eu tiro, eu vou tá mentindo. Quando o pai tá em casa com ele o pai ajuda a fazer tarefa, cobra muito dele. Uma vez eu mandei ele entregar sem ler, ele falou mamãe tá errado, tem que ler, eu tava cansada.</p> <p>T: Reservo, tanto é que a minha filha está tendo prova,</p>	<p>R: Não deixar pra escola tudo.</p> <p>N: Andar junto com o seu filho na escola, procurar saber como é que tá, como está as notas dele, como está o comportamento dele. Pai que procura a saber a vida do filho na escola, o filho tem mais interesse de aprender. [...] o pai faz muita importância sim na escola.</p> <p>Pesquisadora: Você reserva um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>C: Às vezes no período que eu estou de folga e as vezes quando da tempo naquele período corrido, entre meio-dia e o período dela vir pra escola eu dou uma acompanhada, não todo dia, não tenho tempo, todo dia, eu não tenho, mas sempre quando eu posso eu procuro tirar um tempo, tanto que eu falei pro meu marido, eu vou procurar a tia Núbia, toda quinta-feira ela vem pro reforço. E a Sofia vem também, eu faço questão dela vir porque justamente eu não tenho tanto tempo pra ela e eu fico com medo de prejudicar. Eu estava falando com o meu esposo que eu vou procurar um reforço perto da minha casa pra que ela vá, assim um dia sim outro não, pra ajudar pra complementar o que eu não faço por ela.</p> <p>A: Reservo, todos os dias eu faço a tarefinha com ele, o dia que eu não posso eu até falo com a professora, hoje não deu, mas você não faz que eu vou fazer. Eu gosto desse tempo com ele pra pintar as vezes ele está com preguiça eu pinto junto com ele. Joaquim aonde você vai? Ai ele pra escola, ai eu falo você vai fazer o que lá? Ai ele estudar.</p>	<p>Pesquisadora: Você reserva um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>A: Ah sim, então ele geralmente assim acorda, toma o café da manhã e aí a gente faz as atividades.</p> <p>EM: Ela é do integral, mas eu já chego em casa, já vejo, primeira coisa que eu faço, já pegou a mochila dela e vejo o que tem e faço algumas perguntas pra ver o que ela tá entendendo, e é assim é o tempinho que eu tenho, mas eu acho que eu estou acompanhando direitinho.</p> <p>EL: Todos os dias, tendo tarefa ou não, eu procuro um momento de ter essa atividade com ele.</p> <p>G: No fim de semana, ou durante a semana o que acontece, como nós temos atividades, muitas atividades, eu chego em casa e vejo as agendas se tem alguma coisa que tem que levar, se tem que fazer alguma pesquisa, etc, a gente faz juntos. Porque as tarefas são feitas aqui no dia seguinte com exceção de segunda que é feita no final de semana em casa, mas eu acompanho. (Estuda no tempo integral)</p> <p>F: Todo dia de manhã eu tenho que ensinar (meio que gaguejou) eu fico por conta deles pra fazer a tarefa. Durante a semana é uma hora, duas horas pra fazer as tarefas.</p> <p>W: É quando chego do trabalho sempre por volta de 8:30 e 9:00 da noite. E se eu vejo que ele também não está muito cansado, porque também eu tento respeitar né. Gosto de ler um livro pra ele, uma duas vezes por semana, além dos que são enviados pela escola.</p>
---	---	--

<p>risos. Ela fica em uma ansiedade, aí fala, vamos mãe estudar e desde anteontem que eu estou estudando o alfabeto com ela, ai eu faço como se fosse uma provinha pra ela. Eu tenho uma dificuldade enooooorme pra ensinar o meu da 5ª série, que é tudo diferente.</p>	<p>Então eu procuro mostrar esse lado, porque a escola também é legal não é só brincar. Ele gostava de vir brincar, né, então ele entendeu que a escola é pra estudar, pra brincar, então eu sempre tive esse tempo pra poder ficar ensinando, estimulando ele.</p> <p>E: Sim, bom é assim a rotina, ele chega da escola, primeira coisa que ele faz é comer (risos), lancha né, e depois a gente vai ler o que que tem nos cadernos, não é muita coisa, mas.</p> <p>R: Eu que coloco os meninos pra fazer a tarefa, às vezes minha filha pode ela ajuda, mas é mais eu, assim coloca ele pra fazer. Igual ontem à noite ele fez um pouco, deixou um pouco pra hoje, ai hoje ele fez terminou de almoçar e ai ele foi fazer pra trazer, porque ele fica preocupado.</p> <p>N: No momento eu só estou estudando. Com as crianças eu sempre pergunto tem atividade, tem, então vai fazer porque uma minha estuda de manhã, então levanta muito cedo. Então primeiro o que ela faz, tem tarefa, e na verdade que por eu pegar no pé, por eu ser sempre assim, às vezes não precisa nem de falar, porque eu já falo se tiver tarefa e não me avisar, sabe que tem o castigo porque é função dos pais a escola passou atividade qual é a obrigação dos pais, olhar se o filho tem tarefa, tem atividade.</p>	
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 16: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Questões abordadas: O lugar dos professores • para você, como a escola/professores veem os pais?		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>R: Tem que dá valor ne, porque cada pai ali é uma família né, senão tivesse a família não existiria a escola. tem que tratar bem com respeito, né.</p> <p>D: Eu não tenho ideia, mas [...] é que a gente é base né, importante, porque é em casa que começa tudo porque eles ensinam, mas só que se você não tiver continuidade em casa não dá.</p> <p>J: Pergunta difícil, né? Eles veem com bons olhos.</p> <p>L: Eles pelo menos tenta ver bem, mas como tem alguns que não dá valor ai eles largam de mão, porque eles como diz a minha mãe eles não vão ficar enxugando gelo, é. Eu acho que não tem escola ruim, eu acho que tem aluno desinteressado.</p> <p>T: Ela vê agente com um olhar importante, de família, porque toda vez que a gente chega aqui pra conversar ou muitos pra reclamar nunca elas maltratam, sempre elas conversa, sempre elas fala.</p>	<p>C: A escola vê os pais como o papel principal na educação da criança. Até porque a tia N me cobra quando ela está com dificuldade. Ela chega em mim e fala: mãe está acontecendo isso e isso, pega junto com ela então eu acho que os professores. Por exemplo eu falo assim por mim entre eu e a professora, eu acho que ela vê assim, tão importante quanto o próprio aluno.</p> <p>A: Muitas vezes, tipo, ah, só traz o filho né, risos, né? eu não sei essa resposta eu não sei te falar como a escola vê o pai e a mãe porque eu ainda não percebi isso ainda sabe, mas eu acredito que deva, tipo assim, como o condutor do filho até a escola, não sei assim.</p> <p>E: É uma pergunta boa viu? (risos)</p> <p>R: Como diz eu acho que vê como pessoa normal mesmo</p> <p>N: fica pensando, nossa será que é difícil tirar um minutinho pra ir ali prestigiar o meu filho, então a gente pensa assim que o pai, não dá importância pro filho, acha que não tem importância, só que pra um aluno, pra criança tem importância sim ,então assim , eu acho assim que os pais em relação aos filhos na escola, os pais são muito desinteressado, muitos desinteressado. Por exemplo, na escola tem uns 300 alunos, se faz uma reunião de pais não vem 100, ai eu te pergunto o pai não tem interesse pela vida do seu filho, porque é claro que tem aqueles trabalham e não tem como vir, mas tem aquele que tem como vir e não vem porque não tem interesse, não querem.</p>	<p>A: Eu acho que os pais é a peça fundamental, porque dependendo dos pais a criança vai ter uma criação e aquilo ele vai refletir, então eu acho que a escola vê os pais com bastante importância e eles tentam manter essa comunicação, esse elo pra fortalecer e conseguir um melhor resultado</p> <p>EM: ah eu acho que mais responsável pela educação, eu acho que as pessoas esperam que a escola que faça isso, né dê educação, ensino e dê tudo pra criança, mas não a escola. Penso que os pais tem que ter mais responsabilidade pra cuidar dos filhos e não deixar tudo nas costas deles, risos, eu concordo plenamente, eu acho que tem que ter parceria, só que eu acho que e a maioria dos pais deixam por conta da escola, deixa aqui é que eu tô pagando educa o meu filho ai, eu penso assim, risos, mas não é o meu caso, risos eu não penso, mas eu acho que a maioria pensa assim.</p> <p>EL: A escola tenta com que os pais sejam participativos, estejam sempre a frente com o seu filho</p> <p>G: Eu acredito que eles veem como parceiros, não como um atrapalho, mas sim como parceiro, eu acho que é só.</p> <p>F: Ah boa pergunta, risos, não sei te responder agora assim como veem os pais. Eu penso que como auxiliar né, como ajudante, risos, como auxiliar um a mais auxiliando na educação dos filhos, né. Eles também esperam o melhor da gente, que ajudem eles né, principalmente a professora, igual sábado mesmo naquela reunião de pais, as professoras</p>

		<p>só fizeram elogios, mas o meu menino mais velho a professora falou, ah tá conversando demais, conversa com ele pra ele pra ele conversar menos, então e acho que a escola também espera muito da gente, o apoio, a colaboração. Acho que não tem que abandonar, só deixar na porta e pegar de volta, a gente tem que estar presente porque a escola sozinha não dá conta, esperar que a escola sozinha dá conta, vai fazer um milagre, mostrar que tá interessado pra ver o rendimento deles e ver o sucesso.</p> <p>W: A escola vê exatamente aquilo que tá acontecendo , vê direitinho, aquele pai que é presente, aquele pai que é ausente, aquele pai que participa, aquele que não tá nem ai. A escola vê exatamente isso, só que a escola enquanto instituição, as vezes não tem como interferir nesse processo. Em uma reunião de pais eu percebo nitidamente que a professora fica aflita porque ela queria poder falar de verdade o que que ocorre, mas as vezes exatamente por ética, exatamente por profissionalismo ela sabe o limite que ela pode chegar, ela sabe até onde ela pode ir né, infelizmente, porque se talvez a escola pudesse falar mais verdades eu acho que talvez mudasse um pouco, não sei eu tenho essa sensação , risos.</p>
--	--	---

QUADRO SÍNTESE 17: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS PAIS

Questões livres e destacadas pelos pais		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>R: O que eu tenho que falar é igual eu te falei , os dois é importante, não sei qual é mais importante, é lógico que é família, mas assim os dois tem que unir mais né. Igual o que eu achei legal o ano passado eu tava desempregada e meu esposo também estava apertado minha menina ia fazer a apresentação da foca eu falei pra a coordenadora que eu não tenho condições porque eu to apertada . E ela falou assim: mas sua filha tá dançando muito lindo, ela vai participar nem que <i>nois</i> faz vaquinha, <i>ce</i> não vai ficar sem. Não sei o que eles fez mas no dia ela apresentou, achei isso muito importante.</p> <p>D: Pra mim escola e família tem que andar junto porque senão não vai pra frente.</p> <p>J: Não relatou nada L: Não relatou nada T: A família precisa ajudar a escola. A escola é o futuro das nossas crianças. A escola é tudo, a educação é o futuro deles</p>	<p>C: A escola podia promover mais atividades com os pais e com os alunos, acho isso mais importante tirar mais, não so datas comemorativas como fazer atividade entre pais e filho com certeza isso é muito importante.</p> <p>A: Eu procuro sempre dialogar com a escola que eu acho importante também, não é só você por culpa na escola, não é só a escola é todo o sistema né, mas eu procuro fazer o máximo possível pra me dar bem com ele e ajudar também né. eu quero ajudar a escola e quero que eles ajudem o meu filho também (risos). Uma via de mão dupla eu te ajudo você me ajuda.</p> <p>E: Não relatou nada R: Não relatou nada N: Porque se a criança esta na escola o professor ensina muitas coisas, igual eu te falei no início, a escola ensina o aluno a enfrentar desafios, a lutar por aquilo que ele sonha. na escola ela faz o aluno acreditar que ele é capaz, porque só do aluno estar na sala de aula, ele é capaz de tudo. Porque as vezes a pessoa fala assim a minha mãe não me ajuda ou o meu pai não me ajuda, ou o meu irmão, mas lá na escola tem alguém que acredita em mim, que acredita que eu sou capaz que eu consiga. A escola é a extensão da família, porque talvez o pai não incentiva ele, mas na escola ele sabe que alguém acredita nele.</p>	<p>A: Não relatou nada</p> <p>EM: Eu acho que das escolas que eu deixei meus filhos essa aqui puxa muito, de participação do meus filhos, eu acho que foi a melhor .</p> <p>EL: que é isso mesmo foi falado tudo que engloba pais e filhos na escola.</p> <p>G: Não relatou nada</p> <p>F: Não relatou nada</p> <p>W: eu queria muito que tivesse que a família tivesse mais comprometimento dos pais, eu fico muito decepcionada, porque eu sou pai e mae e eu assumi essa responsabilidade com muito amor</p>

APÊNDICE K: SÍNTESE DA PESQUISA: A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

QUADRO SÍNTESE 18: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

Concepções de Família		
Gestores e Professores da Rede Pública Municipal	Gestores e Professores da Rede Pública Estadual	Gestores e Professores da Rede Privada
<p>Professora: Se eu for pensar nos pais que a gente tá recebendo aqui eles não pensam na gente como tia, eles pensam como avó, naquele espaço que eles podem chegar largar a criança, eles não levam nada, quando digo nada é porque lá na casa da avó tem que ter alguma coisa que supri as necessidades da criança, que é isso que a gente faz né, quanto muito aqueles pais que pega a mamadeira do bebê e leva, uns já deixam lá, como se fosse a segunda casa.</p> <p>Professora: Porque é importantíssimo o papel dos pais na vida das crianças, a gente sabe disso, eles sabem disso, mas eles não sabem ser pais. Eu acho que hoje a gente está precisando a escola de pais, é um sonho aqui, tinha que ter um certo envolvimento, emocional também, porque é difícil pro pai, pra mãe que fica o dia inteiro fora.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que a família precisa voltar também a assumir o papel enquanto família mesmo. A acolhida dos pais, não são de todos como eu disse não pode generalizar, mas até mesmo quando a gente chama a família pra conversar com a gente procura ter todo cuidado possível na hora de chamar na hora de conversar, e em alguns casos agente não é tão acolhido assim. A gente não tem aquela liberdade, aquela abertura com a família de chegar de colocar, a gente coloca né, mas a gente vê que a família não fica muito confortável naquela situação. Eu acho que a família precisa ser parceira.</p>	<p>Professora: O que eu mais vejo é a que a mãe. É mãe mesmo, mas eu conheço também aquelas que as mães caíram tiveram os filhos, né, e teve a separação e constituiu outra família também.</p> <p>Coordenadora: A família está mais distante, muitas crianças não tem a convivência com a mãe, com o pai nem conhece. Tem criança que fala, “ah fiquei jogando até uma hora, duas horas da manhã, então onde está a família?”</p> <p>Vice-diretora: Na nossa escola as famílias são bem variáveis, a maioria das nossas crianças vivem com os avós, é nós temos também algumas crianças, mas são poucos, que os pais são homo afetivos, mas alguns só, a maioria só com a mãe, poucos são aquela família tradicional, pai, mãe, irmãos. A maioria são as mães, os avós, alguns homoafetivos, alguns com a família bem tradicional. Parece clichê, mas ela é a base, ela é a base de formação de qualquer ser humano.</p>	<p>Professora: A família é tudo né na formação da criança. Meu lema é criança não tem problema criança tem família. Pais são separados, a criança tem problema de relacionamento com a família, tem problema de relacionamento em sala de aula, diferente daquelas crianças que tem o pai e a mãe presentes, que vem na escola, que acompanha.</p> <p>Coordenadora: A família tem essa responsabilidade, mas que talvez essa dinâmica da vida de pai e mãe saírem pra trabalhar eles estão se perdendo em relação aos valores</p>

<p>Diretora: Olha aqui é bem diversificado, nos vemos todos os tipos de família, sabe tanto de crianças criadas só pelas mães, só por avós, né, família tradicionais aqui a gente é uma escola bem diversificada mesmo, já foi um tempo que era, assim as crianças tinha, assim, nem sei te dizer , desestruturada ou não, mais cada ano eu acho que vai mudando mas as crianças vão se adaptando, né, então é muito difícil nesse ponto as famílias são bem diversificadas, tem todo tipo de família. A criança com uma família bem estruturada a gente sente porque ela, a criança é acompanhada, né, a criança tem uma acompanhamento, a criança sai bem na escola, a criança tem um equilíbrio emocional melhor, então isso tudo interfere no desenvolvimento da criança na escola, se a criança vem de uma família bem estruturada ela, e bem assistida, porque eu não falo que é uma criança bem estruturada se a criança é só criada pela avó ou pela mãe, não é só isso, se ela é bem assistida, se ela tem atenção, se ela é acompanhada em casa, né então a criança que ela é bem acompanhada em casa, se ela tem uma família por perto a criança tem um bom desenvolvimento.</p>		
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 19: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

Desenhos de Família: como é constituída a sua família?

Crianças da Rede Pública Municipal	
Professora	Eu sei que esse ano eu não tenho nenhuma família constituída por união de homossexuais, já tive nos três últimos anos sim, mais tradicional, ou aquelas que a criança vive mais ou com a mãe ou com o pai
Coordenadora	De todas as formas um pouco de cada tipo, referente a família tradicionais, famílias monoparentais, famílias unidas e reconstituídas, famílias constituídas por meio da adoção etc.
Diretora	Olha aqui é bem diversificado, nos vemos todos os tipos de família, sabe tanto de crianças criadas só pelas mães, só por avós, é, família tradicionais aqui a gente é uma escola bem diversificada mesmo, já foi um tempo que era, assim as crianças tinha, assim, nem sei te dizer, desestruturada ou não, mais cada ano eu acho que vai mudando mas as crianças vão se adaptando, é, então é muito difícil nesse ponto as famílias são bem diversificadas, tem todo tipo de família.

Crianças da Rede Pública Estadual	
Professora	O que eu mais vejo é a que a mãe.
Coordenadora	A escola tem todas, desses que você fala. Tem criança que nem o pai conhece.
Vice diretora	Olha são bem variáveis, a maioria das nossas crianças vivem com os avós, é nós temos também algumas crianças, mas são poucos, que os pais são homoafetivos, mas alguns só, a maioria só com a mãe, poucos são aquela família tradicional, pai, mãe, irmãos. A maioria são as mães, os avós, alguns homoafetivos, alguns com a família bem tradicional.

Crianças da Rede Privada	
Professora	Um número maior de famílias tradicionais (pai, mãe e filhos biológicos) e as famílias monoparentais, tem as reconstituídas.
Coordenadora	Assim dentro da nossa escola há famílias tradicionais (pai, mãe e filhos biológicos), mas também temos os outros desenhos né? Assim dos novos modelos de família, mas o que predomina é família tradicional.

QUADRO SÍNTESE 20: A FAMÍLIA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

Como você vê a importância da família na formação da criança?		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Professora: A família tem que dá importância, a família tem que gostar de ver o filho aprender, a família, como eu falo, pra ela a educação tem que ter um objetivo, não é um coisa de levar o menino pra escola pra ele passar a tarde. A família, a família teria que ajudar [...] porque as tarefas de casa é pra ver se o que a criança sabe ou não. Só que eu volto a dizer pelo tempo que a gente tem é, as atividades de criação são menos, tanto só pra criança quanto pra aquilo que envolve família e criança.</p> <p>Professora: [...]olhando para trás parece que essa crianças estão ficando esquecidas pela família, porque volta os tempos não tem como, é aquela questão, mudou o ritmo de vida, a família precisa de ganhar um valor X pra poder sobreviver e ainda mais em uma época de crise como essa e não tem emprego, então as pessoas já ficam mais ansiosas, mais nervosas, menos paciente e não tem emprego e quando tem as vezes existe o emprego de exploração, olha eu tenho que fazer tudo pra ficar lá, e as vezes fazem tudo mesmo, inclusive esquecer os filhos em casa.</p> <p>Coordenadora: É fundamental pra mim, porque eu acho que família e escola precisa caminhar juntas, mais a escola complementando a família. Eu acho que a família precisa voltar também a assumir o papel enquanto família mesmo.</p> <p>Diretora: A criança com uma família bem estruturada a</p>	<p>Professora: Eu acho que é tudo, o acompanhamento da família na aprendizagem é tudo. Eu não vejo tanta importância pra eles, a educação fica em segundo plano.</p> <p>Coordenadora: Eu acho muito importante, a família presente, assim a gente tem exemplo de crianças que são acompanhados pela família, elas têm outro rendimento. Como eles sentem bem, quando a família vem na escola perguntar e tudo. É outra, sem comparação.</p> <p>Vice-diretora: Eu ainda acredito que uma família independente da formação que ela tenha, se ela tem uma boa estrutura, conversar com as crianças, ter um bom momento, ter aquela conversar aquele carinho, sentar pra comer, pra tomar um café, pra almoçar, no domingo sair pra passear, ainda é a melhor formação de uma criança.</p>	<p>Professora: A família é tudo né na formação da criança porque toda vez que tem uma criança que tem um problema de aprendizagem pode olhar que por trás tem algum problema na família. Os pais se separam também ela tem dificuldade de aprendizagem, diferente daquelas crianças que tem o pai e a mãe presentes, que vem na escola, que acompanha, que eu sei que tá ali, aquela família bem estruturadinha. Então raramente quando tem essa família tradicional a criança tem problema</p> <p>Coordenadora: é muito importante. A gente acredita que essa parceria de escola e família é fundamental pro desenvolvimento integral da criança. Muitas famílias estão se perdendo em relação aos valores, em relação ao que é da família o que é da escola e transferindo isso pra escola</p>

<p>gente sente porque ela, a criança é acompanhada, né, a criança tem uma acompanhamento, a criança sai bem na escola, a criança tem um equilíbrio emocional melhor, então isso tudo interfere no desenvolvimento da criança na escola, se a criança vem de uma família bem estruturada ela, e bem assistida, porque eu não falo que é uma criança bem estruturada se a criança é só criada pela avó ou pela mãe, não é só isso, se ela é bem assistida, se ela tem atenção, se ela é acompanhada em casa, né então a criança que ela é bem acompanhada em casa, se ela tem uma família por perto a criança tem um bom desenvolvimento.</p> <p>Diretora: Na criança a educação em termos que a gente sempre vê, a moral, isso vem da família, né, a criança que você vê que ela recebe a educação de berço, uma educação que ela vem da família, a escola complementa com a formação, né, nos ‘tamos’ aqui pra ajudar a família e a família ser a parceira da escola, então se a gente tem o acompanhamento da criança com a família, né, uma educação bem dada, a criança acompanhada, a escola vai seguindo a formação, né, eu acho que a parte da escola é a formação da criança.</p>		
---	--	--

QUADRO SÍNTESE 21: A ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

<p>Questões abordadas: o lugar da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual a função social (significado) da escola na educação dos seus alunos? • O que significa escola para você? • Por que a escola é importante para você? E para seu filho? 		
<p>Pais da Rede Pública Municipal</p>	<p>Pais da Rede Pública Estadual</p>	<p>Pais da Rede Privada</p>
<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação das crianças?</p> <p>Professora: Nas nossas crianças a escola é como se fosse, deveria ser a abertura da porta do mundo, porque ela tem uma vida até limitada, não seria só a oportunidade de mostrar pra eles novas oportunidades, mas despertar a vontade de descobrir, de aprender de ir atrás.</p> <p>Coordenadora: A escola procura, articular tudo, assim acolher as famílias naquilo que elas precisam, a gente procura estar próximo a elas e tentar, né, adequar aquilo que elas necessitam, é a questão de estar mesmo reforçando essa questão da parceria.</p> <p>Diretora: Pra mim escola ela esta diretamente relacionada na formação da criança. A criança, a educação em si, a gente fala de educação em um modo geral, né, a gente fala ah educação, educação, mas a escola está diretamente ligada na formação da criança.</p> <p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>Professora: A escola pra mim sempre foi um lugar de prazer, de amigos, e isso eu tento passar pro meninos, mas eu sinto que não consigo.</p> <p>Coordenadora: A escola é fundamental na vida do ser humano.</p> <p>Diretora: A Escola é o lugar</p>	<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação das crianças?</p> <p>Professora: Hoje o professor chega na sala de aula, na escola, ele vai ser pai, ser mãe, vai ser um enfermeiro pra cuidar da feridinha da criança, dá um colinho pra ele, dá um pouquinho de atenção pra ele e o nosso tempo de passar o conteúdo, agente já não tem mais né.</p> <p>Coordenadora: Risos, educação a gente pensa que vem de casa, mas nós estamos fazendo o papel de tudo de educar, de cuidar, tudo até pra ir ao médico a gente tem que falar, pra ir pro psicólogo.</p> <p>Vice-diretor: A escola é apenas para aprendizagem, nós não estamos aqui pra educar a criança no comportamento social, são coisas que devem vir da família. A escola está aqui pra ensinar o português, matemática, geografia e prepara-los para ter uma profissão.</p> <p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>Professora: A escola é um lugar de crescimento.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que a escola é um lugar onde a gente se sente feliz, tanto agente como professores como os alunos. Aqui a gente faz amizade, aprende com o outro. A escola é tudo de bom.</p>	<p>Pesquisadora: Qual a função social (significado) da escola na educação das crianças?</p> <p>Professora: A gente prepara essas crianças pra vida</p> <p>Coordenadora: Enquanto aprendizagem a responsabilidade é 100% também, mas juntamente com o reforço da família.</p> <p>Pesquisadora: O que significa escola para você?</p> <p>Professora: é um lugar que tem que ser prazeroso, tanto pra quem trabalha quanto pra as crianças, pra quem estuda. Um lugar de aprendizagem, pra aprender os conteúdos que exigem, pra ele ser uma pessoa melhor</p> <p>Coordenadora: onde nós vamos trabalhar o ensino formal e reforçar os valores</p>

<p>que a criança vem pra socializar, que a criança vem pra formar, pra ela ter conhecimentos, né, e a criança ter é, a parceria, né, uma vida social, uma vida com os outros, repartir, aprender.</p> <p>[...] eu acho importante a criança ter uma diversidade na sua formação e ai que entra a escola na socialização, no contato com as outras pessoas, diversidades de conhecimentos, acho que é ai que a escola entra.</p> <p>Pesquisadora: Por que a escola é importante para você? E para seu aluno?</p> <p>Professora: Ela abre as portas, e tanto pra criança que tem recurso quanto pra aquela que não tem, ou pelo menos ela deveria abrir. Pro meu aluno também porque abre portas do conhecimento.</p> <p>Coordenadora: No mundo de hoje é fundamental, com toda as dificuldades que a gente tem, com todas as deficiências que a gente tem, a escola é fundamental na vida do ser humano.</p> <p>Diretora: Conhecimento e na socialização.</p>	<p>Vice-diretora: No meu tempo realmente era um ambiente de aprendizagem hoje não, hoje eu vejo, alunos, a escola é parte integrante da vida deles, é o porto seguro da vida deles.</p> <p>Pesquisadora: Por que a escola é importante para você? E para seu aluno?</p> <p>Professora: Eu entrei na escola eu cresci muito. A escola é um lugar de crescimento, tanto pra professora, quanto para os alunos.</p> <p>Coordenadora: É importante, assim porque onde a gente cresce, a gente aprende, onde agente convive, é importantíssimo, é comunidade, é meio onde se troca.</p> <p>Vice-diretora: As crianças estão sem identidade de família, então a escola, não é o papel dela, mas ela acaba sendo essa identidade.</p> <p>A escola está ajudando na formação, eles antes não tinham sonhos, hoje eles têm sonhos de ser alguém. A escola é referência.</p>	<p>Pesquisadora: Por que a escola é importante para você? E para seu aluno?</p> <p>Professora: A escola é o lugar mais importante da vida da gente depois da casa, o lugar onde eu aprendo, onde eu ensino e tenho muito carinho. Pro meu aluno é importante porque é o lugar onde ele vem pra aprender pra ser alguém no futuro, pra ele ser melhor</p> <p>Coordenadora: o conhecimento é muito importante, então temos que aliar o conhecimento que elas trazem e transformar isso em conhecimento científico. Pro aluno é a formação científica, ele traz o conhecimento informal, nos aqui temos o conhecimento formal e essa junção desses dois conhecimentos é que vai fazer com que ele cresça em aprendizado e na sua formação também convivendo com os outros.</p>
--	---	--

QUADRO SÍNTESE 22: A ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

Questões abordadas: o lugar do professor <ul style="list-style-type: none"> • Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus alunos? • Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças? 		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus alunos?</p> <p>Professora: só falar é fácil, mas fazer no dia a dia, fazer acontecer, gente é difícil[...] [...]O professor proporciona ao aluno o aprender a respeitar o outro, a respeitar o tempo do outro, a dividir. [...]olhando pra crianças e parece que não está funcionando, então ai eu tenho que rever, eu tenho que estudar, eu tenho que repensar. [...]o máximo é aqui[...] [...]mostrar, que isso é importante pra criança ela se sente valorizada.</p> <p>Coordenadora: É um mecanismo praticamente que fundamental, principal né, porque todos são importantes, mas o professor é a peça fundamental na escola e então nós temos que ter uma boa articulação com os professores.</p> <p>Diretora: Acho que é fundamental profissionais bem dedicados, profissionais que estudam, que continuam a sua formação. [...] ter um carinho, uma atenção, porque são crianças carentes.</p> <p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>Professora: não pensam na gente como tia, eles pensam como avó[...], como se fosse a segunda casa [...] só deixa[...]</p> <p>Coordenadora: [...] o papel do professor pra sociedade acho</p>	<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus alunos?</p> <p>Professora: Mediar, eu estou ali, pra mediar, ensinar eles a socialização, o respeito com o colega, o respeito ao próximo. Não estou ali só pra aprendizagem</p> <p>Coordenadora: E muito importante o professor, saber ouvir, ajudar a criança, ter amor, eu acho principalmente ter amor [...] agente vê que as crianças precisam muito de ajuda, são muito carentes, principalmente de amor.</p> <p>Vice-diretora: Os professores hoje têm que ser o exemplo máximo, no sentido profissional, porque ele esta preparando aquelas crianças pra o mercado de trabalho. O professor tem que acreditar no potencial dos seus alunos, e fazer com os alunos acreditem no potencial deles.</p> <p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>Professora: Eu vejo uma falta de interesse, porque eu também acredito que eles acham que a aprendizagem é função do professor, só do professor.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que nem vê, (risos) assim, a profissão professora está, é,</p>	<p>Pesquisadora: Pra você, qual a importância dos professores no processo educativo dos seus alunos?</p> <p>Professora: assim que o professor é a chave né. Quando ele gosta do professor é diferente, ele vem pra escola, ele quer, ele gosta de estudar, né. Esse carinho do professor com o aluno e também o professor sentir prazer no que ele faz, quando a gente tem amor as coisas tornam diferentes. Eu acho que professor tem um papel fundamental na vida de uma criança na escola.</p> <p>Coordenadora: É de grande importância né, sem os professores, risos</p> <p>Pesquisadora: Pra você, como a sociedade vê o papel do professor na educação das crianças?</p> <p>Professora: Eu acho que muitas vezes os pais jogam a responsabilidade de educar a criança para o professor. muitas vezes a família joga a responsabilidade deles de educar, a responsabilidade da criança vir educada de casa pra escola.</p>

<p>que parece que tá meio perdido. [...] falta de tolerância, falta de respeito com a pessoa do professor.</p> <p>Diretora: [...] acham que hoje em dia quem tem que fazer o papel dos pais é a escola, acha que a escola além da formação tem que dar educação.</p>	<p>sem valorização. Os professores é quem mesmo não se dão valor, não lutam, não tem união, não se preparam, não estudam, fazem uma aula de qualquer jeito.</p> <p>Vice-diretora: A educação não é tratada com seriedade, eles não querem investir, falta respeito, não existe leis que respaldam o professor. A sociedade (poder público-federal, estadual-municipal) trata a educação com desrespeito.</p>	<p>Coordenadora: A gente percebe assim que nos temos que lutar muito pra mostrar que a escola é importante, que o professor é importante por mais que a tecnologia esteja avançada é preciso mediar esse conhecimento.</p>
---	---	---

QUADRO SÍNTESE 23: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

<p>Questões abordadas: O lugar da família na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que você acha que as famílias pensam sobre a escola? • O que você pensa sobre a relação família e escola? • O que a escola deve esperar da família? • Qual o significado que você acha que a família tem para a escola? • Na sua opinião, quais responsabilidades de cada um desses sistemas: escola e família? • Como os pais poderiam participar na relação família-escola? • Sua instituição utiliza alguma estratégia para aproximar a família da escola? • A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Como você, enquanto professora, participa? • Você acha importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família? 		
<p>Pais da Rede Pública Municipal</p>	<p>Pais da Rede Pública Estadual</p>	<p>Pais da Rede Privada</p>
<p>Pesquisadora: O que você acha que as famílias pensam sobre a escola?</p> <p>Professora: Naquele espaço que eles podem chegar largar a criança</p> <p>Coordenadora: Eles confiam na escola.</p> <p>Diretora: Eu não sei falar, acho que a família é muito importante na vida de uma criança, é fundamental pra escola a família tá junto.</p>	<p>Pesquisadora: O que você acha que as famílias pensam sobre a escola?</p> <p>Professora: Elas jogam a responsabilidade pra cima do professor.</p> <p>Coordenadora: A escola é o lugar de deixar os filhos, a família não quer que tenha férias e feriado</p> <p>Vice-diretora: Os pais colocam na creche-escola porque querem uma baba pra cuidar, muitos pais confundem o verdadeiro papel do da escola. Os pais chegam</p>	<p>Pesquisadora: O que você acha que as famílias pensam sobre a escola?</p> <p>Professora: A família deixa pra escola pra educar, não são todos. Os pais jogam essa responsabilidade pra escola.</p> <p>Coordenadora: a família pensa que aqui é o lugar onde a criança vai vir vai trabalhar as aprendizagens formais, vai adquirir conhecimentos nas diversas áreas e tem família que pensam também que a escola é um local onde se vai trabalhar toda a educação, até os valores que não são trabalhados na família.</p>

<p>Pesquisadora: O que você pensa sobre a relação família e escola?</p> <p>Professora: O conhecimento que a gente tem de família é de porta de sala. Não tem reuniões onde a gente faz alguma coisa onde é possível ter uma interação maior, como eu te falei nas reuniões que é para eles saberem como estão as crianças eu entregar o relatório ... porque praticamente você não sabe nada, exceto quando acontece alguma coisa, você manda um bilhete e vem a família.</p> <p>Coordenadora: não está fácil não, tá difícil, tá fácil não agente precisando melhorar muito essa visão da família da escola e em relação aos profissionais. ...deveria ter parceria: a família deveria estar presente nos vários momentos da escola, não só naqueles momentos que a gente convoca pra uma reunião, pra um evento, mas também do dia a dia, é, vir na escola, procurar a gente pra gente conversar né pra saber como está o filho, pra saber das atividades daquele dia, é pra gente trocar mais ideias.</p> <p>Diretora: é fundamental. Se ela chega em casa os pais ou alguém da família pergunta o que ela aprendeu, o que ela precisa, se ela acompanha a criança na tarefa o resultado é</p>	<p>aqui e falam eu não aguento mais o meu filho, eu não sei mais o que faço, mas se o professor coloca o filho dele sem recreio, o pai vem aqui e briga com o professor, então os pais estão perdidos na educação, nos próprios valores.</p> <p>Pesquisadora: O que você pensa sobre a relação família e escola?</p> <p>Professora: Fica muito...né... no déficit, não acompanhar seu filho na escola. A escola não tem muitas coisas a oferecer para a questão da família.</p> <p>Coordenadora: [...] a gente até que tenta trazer a família, convida pra entrega de boletim, eles não dão importância sabe.</p> <p>Vice-diretora: Na nossa escola nós estamos conseguindo uma relação até de parceira, foi difícil. Já me xingaram de tudo. Já chutaram o portão, enfiaram o dedo na minha cara [...] Mas hoje os pais entenderam que a criança tem que ter responsabilidade de horário e ele também, que nós estamos preparando a criança pro mundo. Pra que ele possa enfrentar o mundo e competir. Hoje eles estão mais interessados, mas foi um trabalho duro, árduo, muita persistência.</p>	<p>Pesquisadora: O que você pensa sobre a relação família e escola?</p> <p>Professora: A família precisa andar juntinho com a escola, participar de tudo, saber dos eventos, das reuniões, participar da vida da criança em casa, ver o que você aprendeu todo dia.</p> <p>Coordenadora: Nós acreditamos que essa junção de escola e família que vai favorecer um melhor aprendizado. é importante a família trazer como ela está trabalhando em casa com a criança, o que tem acontecido com a criança em casa e o que a criança está levando daqui pra casa. Isso ajuda gente avaliar o nosso trabalho e melhorar.</p>
---	---	---

<p>outro.</p> <p>Pesquisadora: O que a escola deve esperar da família?</p> <p>Professora: Maior participação na vida escolar do filho, interesse principalmente que é o que eu sinto que hoje está faltando, talvez por tempo, mas tá faltando.</p> <p>Coordenadora: Parceria</p> <p>Diretora: A parceria da família com a escola, o acompanhamento sempre acompanhar o filho, saber sempre estar interagindo com a escola, saber sempre o que se está se passando, acompanhar a criança no desenvolvimento.</p> <p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>Professora: Ela deveria ser uma boa relação, não deveria ser uma complementação ou suplementação, eu diria de trabalho conjunto.</p> <p>Coordenadora: Parceria</p> <p>Diretora: Ai, eu acho que eu não sei falar, família é muito importante na vida de uma criança, é fundamental pra escola a família tá junto.</p> <p>Pesquisadora: Na sua opinião, quais responsabilidades de cada um desses sistemas: escola e família?</p> <p>Professora: A escola é fácil abrir as portas pro mundo, propiciar conhecimento. A família ela precisa estar mais presente, ela precisa</p>	<p>Pesquisadora: O que a escola deve esperar da família?</p> <p>Professora: Eu espero compreensão, (risos) respeito, o cuidado, né, a questão da escola o respeito com os funcionários, com os professores, com todos da escola.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que a gente tem que fazer o nosso papel, a nossa parte e sempre não desistir da família, sempre chamando pra escola, mas a escola não é atrativa.</p> <p>Vice-diretora: Responsabilidade, comprometimento, ajuda, parceria.</p> <p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>Professora: Muito, se a família anda junto com a escola, eu acho que tudo vai, tudo flui. A família é muito importante junto com a escola. Eu vejo que eles ficam felizes quando veem os pais dentro da escola.</p> <p>Coordenadora: A escola é o lugar de deixar os filhos.</p> <p>Vice-diretora: Importante, é sentar mesmo, é falar eu não sei te ensinar, mas eu tô aqui pode ir fazendo a sua tarefa, mesmo que ela não saiba ensinar, a criança vai sentir confiança, vai querer fazer todos os dias. Pegar o caderno do seu filho, elogiar a letra, elogia gostei do seu caderno, mamãe está orgulhosa de você.</p> <p>Pesquisadora: Na sua opinião, quais responsabilidades de cada um desses sistemas: escola e família?</p> <p>Professora: Minha</p>	<p>Pesquisadora: O que a escola deve esperar da família?</p> <p>Professora: Que a família esteja presente no dia a dia da criança e que a família esteja aqui na escola em tudo que acontece na escola, ou , participar da vida escolar da criança</p> <p>Coordenadora: [...] de ver a escola como parceira.</p> <p>Pesquisadora: Qual o significado que você acha que a família tem para a escola?</p> <p>Professora: A família é muito importante pra escola porque sem família não tem escola, risos.</p> <p>Coordenadora: nós estamos buscando as famílias pra escola, porque nós acreditamos que essa junção de escola e família que vai favorecer um melhor aprendizado</p> <p>Pesquisadora: Na sua opinião, quais responsabilidades de cada um desses sistemas: escola e família?</p> <p>Professora: A escola cabe ensinar os conteúdos e preparar a criança pra vida. E a família tem que estar presente o tempo inteiro, em tudo.</p> <p>Coordenadora: que é a escola trabalha o ensino formal, ne nas</p>
---	--	--

<p>valorizar, porque o papel dela é fazer com que aquela criança se torne um adulto apto pro mundo.</p> <p>Tem papéis diferentes, mas que se complementam.</p> <p>Coordenadora: A escola teria a responsabilidade da aprendizagem e a família como parceira nesse processo.</p> <p>Diretora: A escola tem que estar sempre atualizada. Os professores sempre em formação pra dar o melhor pra cada criança. A escola tem que mostrar pro pais que ela tem um objetivo a cumprir. A família tem que saber que a escola tem um projeto (PPP). Os pais estar sempre cobrando da escola.</p> <p>Pesquisadora: Como os pais (crianças) poderiam participar na relação família-escola?</p> <p>Professora: Quando a criança se interessa pela escola, você consegue cativar ele busca a família, ela puxa a família.</p> <p>Coordenadora: As diretrizes do ciclo trazem isso agora. Através de assembleia e com os alunos pra trazer dela o olhar daquilo que acontece na escola e ai norteando o trabalho pra alcançar a família.</p> <p>Diretora: através do diálogo porque eu acho que é o melhor jeito dos pais conhecerem a escola através da criança.</p> <p>Pesquisadora: Sua instituição utiliza alguma estratégia para aproximar a família da escola?</p> <p>Professora: A minha resposta é não, porque só temos reunião, nós fazemos todo o possível pra trazer-los, para envolve-los com os professores, mas eu já te expliquei nós temos as reuniões pra falar com os pais,</p>	<p>responsabilidade é de tremenda importância como alfabetizadora. Família e escola tem que andar junto.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que deveria ser meio a meio, mas a escola está fazendo mais que a família.</p> <p>Vice-diretora: Quando a família coloca o filho na escola ele tem que conhecer, tem que ser parceiro dele, ver como aquela escola trabalha, se ele vai concordar, se ele está disposto a concordar com aquelas normas que a escola tem. Tem que ser cúmplice</p> <p>Pesquisadora: Como os pais (crianças) poderiam participar na relação família-escola?</p> <p>Professora: Acho que teriam que trazer os pais, mais pra escola, dentro da sala de aula</p> <p>Coordenadora: O que eles querem mesmo é brincar, não tem muita responsabilidade com o ensino.</p> <p>Vice-diretora: Eu acho que as crianças têm que falar a verdade, encontra aluno que conta uma pequena mentirinha la em casa, ai o pai chega aqui bravo, você vai contar não é aquilo.</p> <p>Pesquisadora: Sua instituição utiliza alguma estratégia para aproximar a família da escola?</p> <p>Professora: Tem são mais as reuniões, festinhas, datas comemorativas</p> <p>Coordenadora: A gente faz reuniões, até esse ano nos estamos proibidos de fazer festinha de pais e de mães porque esse não de IDEB</p>	<p>diferentes áreas do conhecimento, e a família de educar a criança, trabalhar alguns valores outro nós vamos reforçar, e reforçar aqui que está sendo ensinado na escola</p> <p>Pesquisadora: Como os pais (crianças) poderiam participar na relação família-escola?</p> <p>Professora: Eu acho que eles já participam quando há eventos, né? Porque que na escola eles vem os pais vem, é isso que você quer saber?</p> <p>Coordenadora: Eu acredito que ele participa, porque não tem como essa relação ser desvinculada da criança. A criança está ali no meio, escola de um lado, família de outro e a criança ali no meio e nós trabalhando, assim com o mesmo objetivo.</p> <p>Pesquisadora: Sua instituição utiliza alguma estratégia para aproximar a família da escola?</p> <p>Professora: Os eventos durante o ano. Começa desde o JISCI, depois tem dia das mães, tem pascoa, missa de Santa Clara, missa de São Francisco, Festival de Dança, Festa Junina, a formatura das crianças do 1º ano.</p> <p>Coordenadora: Sim, são as nossas reuniões de pais, os comunicados, então os meios de comunicação, acredito</p>
--	---	---

<p>nós temos a porta da sala pra falar com os pais, tem festas, veja as festas dia dos pais, dia das mães, as festas junina, mas não e culpa da escola isso eu gostaria que deixasse bem claro, é a própria, é onde essa escola está inserida, ela está inserida num sistema que não possibilita muito disso. Então o sistema faz a escola, a escola faz o ensino, o grupo de professores faz a escola.</p> <p>Coordenadora: Faz vários eventos envolvendo as famílias, a gente tem festa da família, a gente sabe que essa questão de pai e mãe, festa da mãe, momento de homenagem ao pai, a gente tem o musical, festa junina, exposições. A gente fica no portão pra poder receber essa família, pra poder acolher essa família, na entrada, na saída.</p> <p>Diretora: Alguns eventos, fazemos festa de família, fazemos reuniões e às vezes fazemos gincana para ver se a gente trás o pai, a família pra escola e através de conversa mesmo, abrindo os portões da escola pra comunidade.</p> <p>Pesquisadora: A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Como você, enquanto professora, participa?</p> <p>Professora: Sim, muitas festas, são as reuniões, as festas dia dos pais, dia das mães, festa junina, algumas apresentações esporádicas.</p> <p>Coordenadora: A gente procura fazer vários eventos envolvendo as famílias, a gente tem festa da família, procura fazer momentos de homenagens, a mãe, momento de homenagem ao pai, tem o musical, festa junina. agente ta sempre acessível na visão deles pra se alguém quiser</p>	<p>temos que focar muito só em estudo</p> <p>Vice-diretora: Tem as reuniões, e tem essa questão se os pais quiserem vir assistir as aulas pode. Parceria, assistir aula, jogos internos, se o pai quiser vir participar, a gente não proíbe o pai de estar na escola.</p> <p>Pesquisadora: A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Como você, enquanto professora, participa?</p> <p>Professora: Por conta do ano do IDEB, até ser realizada a prova nós não realizamos nada. O ano passado foi trabalhado o dia das mães foi lindo.</p> <p>Coordenadora: Sim, mas esse ano nós não estamos fazendo, estamos proibidos. O ano passado teve festa da família, festa junina também e festa dos pais.</p> <p>Vice-diretora: Eventos (festa junina, dia das mães, pais), mas esse ano não trabalhamos por causa do IDEB. Agora quando a gente faz a festa junina enche a escola, a</p>	<p>também que o site do colégio, aproxima também, os eventos que a escola promove que é pra essa aproximação da família, reuniões individualizadas. A escola é aberta e a gente deixa isso muito claro nas entrevistas.</p> <p>Pesquisadora: A escola proporciona momentos para que a família esteja presente? Quais? Como você, enquanto professora, participa?</p> <p>Professora: Os eventos durante o ano. Agente faz as apresentações, porque eles gostam de vir ver o filho apresentar.</p> <p>Coordenadora: Além das reuniões pedagógicas temos festa das mães, festa dos pais, festa junina, o tríduo de Santa Clara que finalizamos com uma missa, festival de dança, cantata de Natal, todos os eventos envolvem da educação infantil ao Ensino Médio.</p> <p>Pesquisadora: Você acha</p>
---	--	--

<p>conversar.</p> <p>Diretora: Reuniões, eventos, portão. Eles participam muito pouco, (opinando), não sei se na hora os pais ficam inibidos, mas a gente quer sempre pedir muito sugestão, cobra dos pais mais parceria, mas ele acham que do jeito que agente ‘tá’ fazendo já ‘tá’ bom e a gente quer ao contrário participação.</p> <p>Pesquisadora: Você acha importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família?</p> <p>Professora: Sim, fundamental. família ela precisa estar mais presente. eu sempre falo pra eles, vocês não têm um tempo de segunda a sexta, ou de segunda a sábado, pega no domingo, a abre o caderno fala uma coisa que você gostou.</p> <p>Coordenadora: Sim, fundamental. eles são participativos, só que a gente, eu, o que eu queria era 100%, risos, eu quero 100%.</p> <p>Diretora: Se a família tivesse um tempo a mais com seus filhos, tivesse consciência que com pouco eles podem fazer muito por eles, as vezes um carinho, uma atenção a criança rende dobrado.</p>	<p>quadra fica cheia.</p> <p>Pesquisadora: Você acha importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família?</p> <p>Professora: Eu acho, deveria que ter umas dinâmicas, eu penso, assim, questão assim, não precisa ter uma data. na sexta-feira, 15 minutos os pais, abriria o portão, o pai entra senta ali ajuda o seu filho, sabe.</p> <p>Coordenadora: Risos, assim as famílias não têm tempo pros filhos, tem trabalho né? A maioria é só mãe né, e então tem que cuidar tem que trabalhar. Tem que trabalhar, deixa o filho até sozinho, criança pequena, um toma conta do outro.</p> <p>Vice-diretora: É essencial até pra que a criança queira aprender, entender que a escola é um lugar importante, não só uma obrigação.</p>	<p>importante a participação da família na escola, por que? Na sua opinião, como deve ser a participação da família?</p> <p>Professora: Eu falo pra eles a gente vem pra escola pra estudar, seu pai está investindo em você, então eu acho que o pai, a família esta investindo no estudo da criança, ela precisa participar também, porque eu acho que é muito caro pra ficar alheio, deixar de lado a criança, igual muitos fazem.</p> <p>As crianças têm mais facilidade pra aprender quando elas têm a família presente que ajuda. Eu acho que é importante esse vínculo da família com a criança, na hora de fazer as atividades, na hora de fazer a tarefa e em sala reflete tudo, é o reflexo.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que já falei de uma forma ampla que nós temos essas participações em reuniões em eventos, feedback e temos também as participações em reuniões individuais quando solicitamos.</p>
--	---	--

QUADRO SÍNTESE 24: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

<p>Questões abordadas: O lugar da família na aprendizagem das crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança? • Você acha que os pais reservam um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque? 		
<p>Pais da Rede Pública Municipal</p>	<p>Pais da Rede Pública Estadual</p>	<p>Pais da Rede Privada</p>
<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p>	<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p>	<p>Pesquisadora: Qual o papel da família no processo de aprendizagem da criança?</p>
<p>Professora: é importantíssimo</p>	<p>Professora: Muitos são</p>	<p>Professora: É fundamental a</p>

<p>o papel dos pais na vida das crianças, as crianças aprendem até mais do que com os professores, mas é porque eles veem pra escola e você percebe que eles aprenderam com os pais e se aquilo que eles aprenderam com os pais, não é aquilo que a sociedade pede que a escola ensine, a gente tenta e nem sempre a gente consegue.</p> <p>Coordenadora: apoio mesmo, a gente procura orientar né pra acompanhar o filho, pra vir na escola, pra gente tá em contato com essa família pra ajudar nesse processo de aprendizagem.</p> <p>Diretora: É fundamental nesse caso, a presença da família, a criança sabendo que os pais, eu digo, pai, avó ou mae quem for responsável por ele se sente importante. A criança se sente valorizada ela dá um bom resultado.</p> <p>Pesquisadora: Você acha que os pais reservam um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>Professora: Está cada vez mais raro, na minha sala são poucos os pais cada ano estou vendo menos disso, esse ano eu estou assustada, como eu disse muitos pais preferem fazer a tarefa que acompanhar.</p> <p>Coordenadora: Nem todos, a gente tem dificuldade com alguns, inclusive antes das férias de julho a gente precisou de chamar uns pra justamente ver essa questão. Uns 60% acompanham, a gente tá percebendo esse ano e tá procurando buscar isso, inclusive mais proximidade é com os pais da educação infantil. Eles estão distantes. [...]agente ve que aqueles pais que os filhos vêm de CMEI ou de uma outra escola os pais são</p>	<p>presentes, mas muitos ficam aquém. Acho que família é muito importante junto com a escola. O pai tem que estar interessado.</p> <p>Coordenadora: A família que educa, mas a gente acaba fazendo o papel da família. A deveria de acompanhar de estar junto, mas muitas crianças não tem a convivência com a mãe, com o pai nem conhece., tem uma mãe que sai antes das 6 horas e só chega as 7 horas da noite.</p> <p>Vice-diretora: E de ensinar tarefa, de fazer um almoço, de brigar, de pôr de castigo mesmo. A mãe não faz isso porque quando chega 10 horas da noite o menino tem que dormir pra vir pra escola</p> <p>Pesquisadora: Você acha que os pais reservam um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>Professora: Não, muitos deles não. Dos 26 alunos 18 fazem. Esses que são participativos sempre trazem feitinha, você vê que o pai acompanhou. As histórias que as crianças contam, os que não trazem é a falta de interesse dos pais, eu tenho duas que eu tenho certeza que os pais não são alfabetizados, e os outros é porque realmente os pais não tem interesse.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que não, tem dez por cento, né. Alguns pra não ter o trabalho responde a tarefa todinha pros filhos.</p> <p>Vice-diretora: Nãooooo, eles têm tempo pra passear. Então a gente percebe assim que pra</p>	<p>família, agora mesmo que eles estão aprendendo a ler e escrever. A família ajuda a gente vê que a criança desenvolve mais rápido.</p> <p>Coordenadora: Eu acredito que seja de tá acompanhando, de tá reforçando. [...] ajudar ali nas atividades de casa, ajudar nos trabalhos, acompanhar a agenda, ta junto a escola quando precisamos, mas é de reforçar mesmo aquilo que está sendo trabalhado.</p> <p>Pesquisadora: Você acha que os pais reservam um tempo para acompanhar os estudos de seu filho? Caso sim, qual a rotina? Caso não, porque?</p> <p>Professora: Alguns pais ajudam sim os filhos, mas outros não, a criança as vezes do 1 ano vem de casa sem fazer, tem pai que então joga, a tarefa de casa, a responsabilidade pra professora. Esse ano, por exemplo, não são muitos alunos que a gente vê que vem sem orientação nenhuma da família.</p> <p>Coordenadora: eu posso dizer que uma grande maioria tira esse tempo, mas não é assim que é algo dele [...]é de nos estarmos sempre levando sempre pra eles que isso é importante, que nós precisamos disso, a maioria do pais a gente conta. Uma minoria, graças a Deus, que não tem esse acompanhamento, é</p>
--	---	---

<p>mais acessíveis do que aqueles pais que os filhos não frequentaram nada.</p> <p>Diretora: Alguns você vê que são bem acompanhados outros não, são realidades diferentes, você não pode falar, ficar julgando também porque você não conhece a fundo.</p> <p>[...] as vezes tem mãe, que você cobra muitas vezes, você sabe que a mãe tem tempo, ou a família tem tempo e não acompanha, outra trabalha o dia inteiro e consegue acompanhar, depende da família, também da formação que a família tem.</p>	<p>passoio, pra algum material, um tênis, pra ir ao dentista, mas pra escola é muito pouco, só em reunião, e quando é fora é reunião extra eles falam a minha não pode vir porque ela tem que trabalhar.</p>	<p>nítido no desenvolvimento das crianças.</p>
---	--	--

QUADRO SÍNTESE 25: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

<p>Questões abordadas: O lugar dos professores</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para você, como a escola/professores veem os pais? 		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Professora: eu posso falar por mim: eu vejo que hoje eles estão menos presentes, menos participativos. Até que coordenadora e a diretora buscam.</p> <p>[...]o fato dela chamar a família, se a família não vier ela insistir levar pra frente e querer fazer alguma coisa, quando acontece isso as pessoas veem que a escola tem interesse.</p> <p>Coordenadora: Como parceiro, de estar presente nos vários momentos da escola, não só naqueles momentos que a gente convoca pra uma reunião, pra um evento, mas também do dia a dia, né, vir na escola, procurar a gente pra gente conversar né pra saber como está o filho, pra saber das atividades daquele dia, né pra gente trocar mais ideias.</p> <p>Diretora: [...] os professores sempre ficam cobrando bastante dos pais [...] sempre querem que os pais estejam acompanhando os filhos.[...] A criança que o</p>	<p>Professora: Os pais não têm interesse, acham que a escola tem responsabilidade por tudo.</p> <p>Coordenadora: Os pais, a gente vê que eles estão distantes, não conhece a professora do filho, deixa o filho aí de carro, um carrão, deixa aí na porta e vai embora, não tem tempo, tem que chegar no trabalho, tudo é assim, sem tempo, distante.</p> <p>Vice-diretora: Relapso, é o que a gente mais ouve dos professores. Mas a gente que está diretamente ligada a eles a gente sabe que não é essa a verdade, porque existem tantos problemas, tantas coisas, a gente sabe que tem alguns relapsos, mas a gente sabe também que tem pais não dão conta e eles não sabem como fazer pra criança estudar.</p>	<p>Professora: Eu gosto deles próximo de mim, como amigos, eu cumprimento os pais dos meus alunos com beijo no rosto, acho que no dia da reunião deu pra você ver, com um beijo no rosto, eu abraço, tudo bem, como vai. Eu sou amiga deles e eles são meus amigos. Aqui eles (escola) gostam que a gente tenha esse vínculo com a família, que a gente seja unido.</p> <p>Coordenadora: Há pais parceiros, participativos, que estão presentes, e há pais aqueles ausentes, e pais que as vezes não vê com bons olhos quando a gente chama para tá pontuando alguns pontos que a gente viu que o filho tá precisando melhorar, as vezes questões de comportamento, então tem isso, tem que pais gostam que o professor chama, que o professor conversa e outros que gostam menos.</p>

<p>pai trás, a criança que é frequente, tudo tem. O pai que não traz a criança com frequência, a culpa não é da criança.[...] cada professor vai conhecendo ao longo do tempo cada criança e cada família para saber como lidar com aquela criança e com aquela família.</p>		
--	--	--

QUADRO SÍNTESE 26: A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA SOB A ÓTICA DOS GESTORES E PROFESSORES

Questões livres e destacadas pelos Gestores e Professores		
Pais da Rede Pública Municipal	Pais da Rede Pública Estadual	Pais da Rede Privada
<p>Professora: não teve comentário.</p> <p>Coordenadora: Vontade que a gente conseguisse abranger e acolher todas as necessidades que surge. [...] A educação tá meio complicado, é muito boa eu gosto muito, mas tá muito difícil.</p> <p>Pesquisadora: Você tá falando é o burocrático, o aprendizado, as relações com as famílias?</p> <p>Coordenadora tudo, [...] a gente perde muito tempo preenchendo papel, não tem a resposta [...] muitas coisas ficam meio perdido [...] é um tempo que a gente tinha que ficar ali no corpo a corpo com aluno, num atendimento.</p> <p>Diretora: [...]criança tem que saber que desde pequena ela tem obrigação a cumprir e isso cabe aos adultos mostrar pra elas, tem que ter autoridade, [...]então cada professor vai conhecendo ao longo do tempo cada criança e cada família para saber como lidar com aquela criança e com aquela família. [...] sonho da gente aqui é que a gente pudesse atender todas as crianças que não tem esse acompanhamento[...] dá um</p>	<p>Professora: Da vontade de gritar, sacudir a família, acompanha o seu filho. A criança que tem a dificuldade na aprendizagem é uma falta em alguma coisa em casa, principalmente na questão da afetividade.</p> <p>Coordenadora: Eu gostaria que a escola fosse mais atrativa, que a escola não fosse tão quente, as crianças ficam suando, o ventilador não dá conta. E assim a gente vê ali também só quadro-giz, boca, uma escola dessa falida. Mas como posso exigir alguma coisa se eu não posso oferecer, uma xerox por exemplo.</p> <p>Vice-diretora: Eu não queria ser professora. Só que quando eu comecei a trabalhar com crianças, eu percebi de que alguma maneira eu podia enriquecer a vida de alguém. Então eu acho que não escolhi, eu acho que eu nasci pra ser professora, pra ser vice-diretora, pra lidar com eles, pra cuidar deles. E eu amo eles demais, e brigo muito com eles e por eles. Eu brigo</p>	<p>Professora: quando a criança tem a família tradicional pai, mãe, filho eu acho que a criança aprende com mais facilidade. A família tradicional é o que eu concordo, mas tem casos e casos.</p> <p>Coordenadora: Eu acho que se a gente for resumir, é assim eu valorizo muito a família dentro da escola, é assim uma participação constante mesmo, de todo processo, do início ao final do ano, porque sem ela realmente não vai ter um aprendizado. Mas se a família não participa conosco a chance de ser menos, a porcentagem de ser menos é maior.</p>

<p>amparo maior. (aprendizagem-reforço) [...] falamos pro pais nós estamos fazendo a nossa parte, além da aula ele tá tendo atendimento individualizado e gostaria que você acompanhasse, né. [...]a gente tem que ir lutando pra conseguir cada vez melhor.</p>	<p>até com os pais, não é que eu tenho vocação é pra isso que eu nasci.</p>	
--	---	--